

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DE MESTRADO

JOSÉ EDIMAR DE SOUZA

**TRAJETÓRIAS DE PROFESSORES DE CLASSES MULTISSERIADAS:
Memórias do Ensino Rural em Novo Hamburgo/RS (1940 a 2009)**

SÃO LEOPOLDO

2011

JOSÉ EDIMAR DE SOUZA

**TRAJETÓRIAS DE PROFESSORES DE CLASSES MULTISSERIADAS:
Memórias do Ensino Rural em Novo Hamburgo/RS (1940 a 2009)**

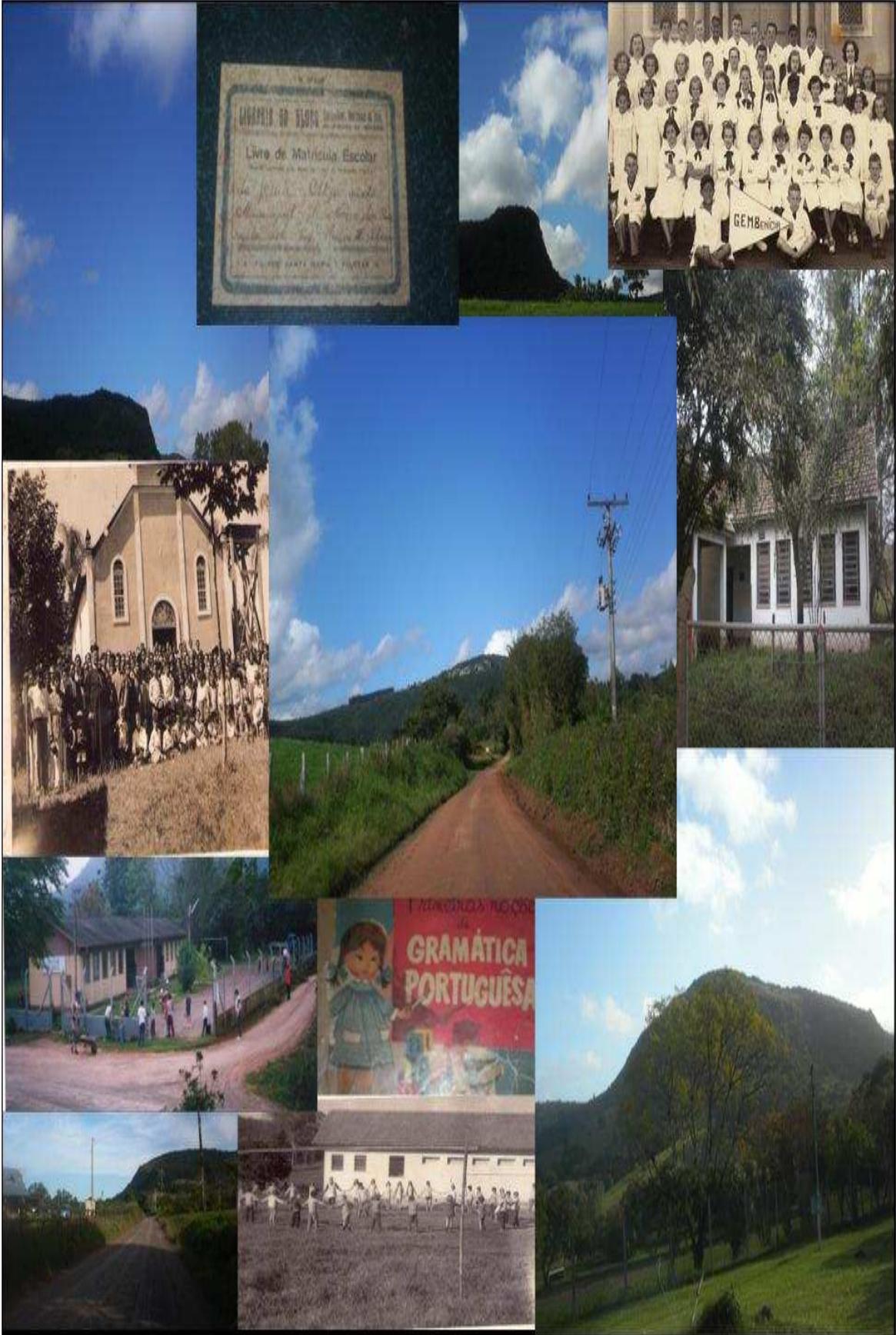
Dissertação de Mestrado apresentada como parte do requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luciane Sgarbi Santos
Grazziotin

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Beatriz Terezinha Daudt
Fischer

SÃO LEOPOLDO

2011



S729t	<p>Souza, José Edimar de</p> <p>Trajetórias de professores de classes multisseriadas: memórias do Ensino Rural em Novo Hamburgo/RS (1940 a 2009) / por José Edimar de Souza. – São Leopoldo, 2011.</p> <p>344 f. : il. color. ; 30 cm.</p> <p>Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, RS, 2011.</p> <p>Orientação: Prof^a. Dr^a. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin, Ciências Humanas; Co-orientação: Prof^a. Dr^a. Beatriz Terezinha Daudt Fischer, Ciências Humanas.</p> <p>1.Professores – Formação. 2.Prática de ensino. 3.Prática de ensino – Educação rural. 4.Escolas rurais – Novo Hamburgo(RS). 5.Memória coletiva – Professores. I.Grazziotin, Luciane Sgarbi Santos. II.Fischer, Beatriz Terezinha Daudt. III.Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 371.13 371.3 371.3(816.5-22) 37.018.51(816.5)</p>
-------	---

Catalogação na publicação:
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

José Edimar de Souza

**TRAJETÓRIAS DE PROFESSORES DE CLASSES MULTISSERIADAS:
Memórias do Ensino Rural em Novo Hamburgo/RS (1940 a 2009)**

Dissertação de Mestrado apresentada como parte do requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Doris Bittencourt Almeida – UFRGS

Prof^a. Dr^a. Flávia Obino Corrêa Werle – UNISINOS

Prof^a. Dr^a. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin – UNISINOS (orientadora)

*Aos professores das comunidades rurais
pela autenticidade das suas práticas.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao Fundo de Pesquisa Padre Milton Valente sem o qual não seria possível a realização desse curso, num país em que a formação acadêmica encontra-se ainda em prospecção, desejo que outros alunos possam se beneficiar de programas de incentivo a ensino e pesquisa desta natureza.

À Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, na pessoa do Secretário de Educação e Desporto Professor Ademar Alberto Carabajal, por ter possibilitado a formação continuada em serviço – mediante a compensação de horas. Por ter também possibilitado o convívio e aprendizagem em outro setor da educação, com o convite para integrar o grupo de Assessores Pedagógicos.

Aos colegas de Assessoria Pedagógica da SMED – Secretaria de Educação e Desporto de Novo Hamburgo, em especial, aqueles que colaboraram nas discussões iniciais dessa pesquisa.

A Roseli Thiesen, por repartir comigo as emoções de algumas entrevistas, desbravando os caminhos de Lomba Grande, apresentando as professoras Élia e Gersy.

À professora Nélia Köetz, pela sugestão de nomes e por me acompanhar na entrevista com sua mãe professora Hélio Köetz.

À Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão, principalmente ao Recursos Humanos e Diretoria de Patrimônio, por possibilitar acesso às portarias, decretos, demais documentos oficiais da Prefeitura Municipal.

À Câmara Municipal de Vereadores de Novo Hamburgo, Biblioteca Pública e ao Arquivo Público Municipal.

À amiga, professora Beatriz, com quem tive a oportunidade de aprender sobre a pesquisa, pela partilha de conhecimentos em algumas escritas, por sempre “adivinhar” quando estava precisando de uma palavra de carinho e incentivo. Obrigado pela sensibilidade, por me permitir viver esse momento inesquecível na minha trajetória de vida e profissional.

À professora Luciane pela acolhida na metade do caminho, sempre atenciosa e possibilitando que “outros” caminhos fossem construídos com essa investigação.

Ao carinho e acolhida dos professores da banca de qualificação, em especial da professora Dóris, que através de todas as indicações feitas, permitiram-me compreender a relevância dessa pesquisa.

À professora Flávia, que também em suas aulas, possibilitou escuta de nossas mais diferentes dúvidas, sugerindo leituras, fontes, documentos...

Aos colegas desse Curso, principalmente, ao Rodrigo e a Ester, pelas experiências também de escritas.

Aos professores do PPG em Educação da Unisinos, pela possibilidade da construção em formação, pela indicação de leituras e pela atenção dedicada ao meu jeito idiossincrático de ter idéias, em especial à professora Berenice e Rosane, que também nas reuniões de Linha de Pesquisa contribuíram na condução da problematização.

À Lói e a Saionara pela paciência e disponibilidade sobre os assuntos da minha vida acadêmica, principalmente quanto aos relatórios de bolsa!

Aos alunos, à comunidade de Lomba Grande, aos moradores do Loteamento Integração, a minha gratidão pela paciência de todos.

Aos colegas da Escola Luterana São Mateus, principalmente à Gilda Gerusa pelas primeiras trocas sobre a idéia dessa pesquisa.

As colegas Tatiana Wendorff e Cheron Moretti, pela leitura do rascunho da proposta de pesquisa apresentada no processo de seleção.

Aos amigos da UFRGS, da linha de pesquisa Trabalho, Educação e Movimentos Sociais, em especial ao incondicional professor Augusto Triviños, com quem aprendi a disciplina da pesquisa, o que possibilitou um amadurecimento sobre as teorias sociais.

Aos professores sujeitos dessa pesquisa, que protagonizaram comigo esta escrita, em especial à Márcia e a Eloísa.

Aos diretores das escolas rurais de Lomba Grande, que contribuíram imensamente, abrindo arquivos, possibilitando que documentos aflorassem e constituíssem esse estudo. Em especial à Fabiane Bauer, Maura, Fabiane Silva, Maria Gorete, Cleunir e Beatriz que destinaram inúmeras vezes, momento importante de seu tempo para comigo consultar arquivos das escolas.

A todos os meus alunos, pelos momentos que me possibilitaram constituir como sujeito, como professor e como “aspirante” a pesquisador. Agradeço ainda, pelos desafios postos, que me instigaram a buscar constantemente a formação e a atualização, no desejo de acertar, de fazer “direito”. Desculpem-me pelas minhas “incompletudes”, sempre ficamos “devendo algo”, mas dessa forma aprendemos e podemos aproximar uma certeza.

A minha família, principalmente aos meus pais Itamar e Ceir, aos meus irmãos Emerson e Eloana, à Cristina e à minha jóia preciosa o Arthur – que mesmo sem compreender porque eu lia e escrevia, disse certa vez: “- Pai eu quero ser cientista [...] para escrever e estudar assim também”. Arthur, filho querido, desculpe-me pela falta de tempo/espço, agradeço os momentos que me fizeste parar, para contigo cantar A Pequena Sereira – Aqui no

Mar (Sebastião Disney) “O fruto do meu vizinho/ Parece melhor que o meu/Seu sonho de ir lá em cima/Eu creio que é engano seu/Você tem aqui no fundo/Conforto até demais/É tão belo o nosso mundo/O que é que você quer mais?”

Ao artista Moisés Braun pelas imagens, interesse e dedicação com a arte e cultura em nosso país, principalmente, com Novo Hamburgo.

A Thais Hoffmann e Mônica Reichert pela leitura atenciosa dessa dissertação.

A Carla, bibliotecária do setor de referência da Unisinos pelo carinho e atenção quanto a formatação desse trabalho.

Ao amigo, professor Dr. Martin Dreher, pela disponibilidade na tradução dos documentos em alemão gótico.

A todos aqueles que compartilharam comigo reflexões, durante as bancas de apresentação de fragmentos dessa pesquisa, nos mais diferentes lugares, pelas sugestões e questionamentos, produzindo movimento de desacomodação constante do problema.

*“Ensinar é um exercício de imortalidade.
De alguma forma continuamos
a viver naqueles cujos olhos aprenderam
a ver o mundo pela magia da nossa palavra.
Professor, assim, não morre jamais [...]”*

(ALVES, 2001, p.15).

RESUMO

Este estudo trata da história do ensino rural no período de 1940 a 2009, a partir da memória de oito professoras e dois professores que atuaram em classes multisseriadas da rede pública municipal, na região de Lomba Grande, município de Novo Hamburgo/RS. Memórias são analisadas sob a perspectiva do “tempo social”, no sentido que trata Halbwachs, envolvendo recordações coletivas desse grupo de sujeitos: quando a memória permite aos sujeitos assumir o seu lugar na rede das relações sociais inscritas no contexto, a prática social torna-se decisiva para compreensão da prática de um grupo. A pesquisa, de natureza qualitativa, utiliza a metodologia da História Oral, valendo-se de entrevistas semi-estruturadas, além da análise documental a partir de documentos escritos (documentos oficiais, leis, decretos, imagens e demais documentos impressos e manuscritos), encontrados ao longo do percurso investigativo. Sob o referencial da História Cultural, a análise está estruturada em duas dimensões: as memórias de formação e as memórias da prática pedagógica. Assim, a partir das trajetórias deste grupo de professores, complementada por demais dados empíricos, foi possível compreender um significativo percurso da história da educação pública municipal rural, constatando-se três fases distintas: os primeiros tempos, quando se processa a constituição das Escolas Isoladas; uma segunda fase, aqui caracterizada como a consolidação da escola pública em Lomba Grande; e a terceira, aqui considerada como a fase de reestruturação da escola pública rural. Quanto às memórias de formação, constatou-se a influência da representação docente acerca dos tempos de alunos de “mestre-único”. Sobre as memórias de prática, evidenciaram-se aspectos referentes a estratégias construídas pelos professores para darem continuidade a sua escolarização, construindo formas próprias de qualificar seu trabalho em classes multisseriadas.

Palavras-chave: Professores rurais. Memórias de professores. Prática docente multisseriada. Ensino rural.

ABSTRACT

This study approach around multigrade classes teacher's memories, building history of rural education (1940-2009), at the region of Lomba Grande, the city of New Hamburg/RS/Brazil. Memories are analyzed from the "social time" Halbwachs perspective: when memory allows individuals to take his place in the network of social relations inscribed within the social practice, is crucial to understanding the practice of a group. The research was qualitative, with the methodology of oral history, by semi-structured interviews, and also documentary analysis from written documents (official documents, laws, decrees, images and other printed and manuscripts documents), founded along the course of investigation. Under the frame of Cultural History, the analysis is structured in two dimensions: teaching formation's memories and the teaching practice's memories. Thus, from the trajectories of this group of teachers, complemented by other empirical data, it's possible to understand a significant route of the history of rural local public education, there being three distinct phases: the first time, when processing the constitution of Isolated Schools and a second phase, characterized as the consolidation of Lomba Grande public school, and the third, regarded here as the phase of restructuring rural public school in that place. The formation's memories allowed visualize the "single master" representation attaching student's time. On the other hand, teaching practice's memories brings up strategies built by the teachers for their own education, creating forms to qualify the multigrade classes work.

Keywords: rural teachers. rural education. teacher's memories. multigrade teaching practices.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Novo Hamburgo no Estado do Rio Grande do Sul	18
Figura 2 - Mapa do município de Novo Hamburgo e localidades do bairro rural Lomba Grande	19
Figura 3 - Análise do tempo social X contexto	36
Figura 4 – Esquema de indicações dos sujeitos da pesquisa	70
Figura 5 – Relação das memórias de Ensino Rural e o Legado Familiar.....	84

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Prof ^a . Márcia S. Nunes.....	33
Fotografia 2 - Prof ^a . Maria Gersy H. Thiesen.....	33
Fotografia 3– Prof ^a . Hélia Köetz	34
Fotografia 4- Prof ^a Élia M. Thiesen	34
Fotografia 5 – Prof ^a Eloísa M. P. de Mello	34
Fotografia 6 - Prof ^a . Arlete Timm	34
Fotografia 7 -Prof ^a . Telga Bohrer	35
Fotografia 8 - Prof ^a . Lúcia Plentz	35
Fotografia 9- Prof. Paulo Plentz	35
Fotografia 10 – Prof. Sérgio J. Scherer	35
Fotografia 11 - Escola Municipal de Ensino Fundamental Tiradentes, Morro dos Bois	38
Fotografia 12 - Escola Municipal de Ensino Fundamental Bento Gonçalves, Taimbé.....	39
Fotografia 13 - Área central do bairro Lomba Grande, provavelmente final do século XIX ..	51
Fotografia 14 - EMEF Tiradentes, Igreja Santo Antônio, Cemitério Católico em 2000.....	53
Fotografia 15 - Aula comunitária da Paróquia Evangélica de Lomba Grande, início do século XX	54
Fotografia 16 - Aula Pública “Mixta” Federal, 1920. Em destaque, sentado, professor José Höher	56
Fotografia 17 - Aula da Comunidade Evangélica de Lomba Grande, início do século XX. ...	89
Fotografia 18 - Aula da Comunidade Católica de Lomba Grande, início do século XX.....	90
Fotografia 19 - Aulas Públicas Reunidas de Lomba Grande, alunos e prof. José A. Höher em 1932	91
Fotografia 20- Um dia de Educação Religiosa, em 1949. Feitoria, São Leopoldo	93
Fotografia 21 - Um dia de catequese, padre, Élia e a professora da escola, década de 1950...	94
Fotografia 22 - Alunos da Escola Municipal Expedicionário João Moreira e a prof ^a . Gersy, 1950	95
Fotografia 23 - Formatura do Ginásio, em 1967, Prof ^a Telga	99
Fotografia 24 - Formatura do Curso Normal, Colégio São José, São Leopoldo, em 1960...	100
Fotografia 25 - Reunião de professores da RMENH, aproximadamente em 1953, Colégio São Luiz.....	109
Fotografia 26 - Reunião de professores da EMEF Tiradentes, direção e professores, em 1999	110
Fotografia 27 - Alunos e professor Paulo, 1º e 2º ano da EMEF Bento Gonçalves, entre 1990/1993	117
Fotografia 28 - Alunos e professores da EMEF Bento Gonçalves, década de 1980.....	118
Fotografia 29 - Alunos e professores da EMEF Tiradentes, década de 1980	119
Fotografia 30 - Alunos e professor da EMEF Tiradentes, outubro de 1972	124
Fotografia 31 - Alunos e professora da EMEF Bento Gonçalves, maio de 1974.....	125
Fotografia 32 - Tradicional desfile cívico na rua João A. Algayer, Lomba Grande,década de 1980	126
Fotografia 33- Um dia de práticas artísticas/artesanais, maio de 1974, EMEF Bento Gonçalves	129

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação dos sujeitos da pesquisa.....	32
Quadro 2 - Matrículas do Censo RMENH 2007/2008	41
Quadro 3 - Demonstrativo de Entrevistas	74

LISTA DE SIGLAS

- APEMEM** - Associação de Pais e Mestres das Escolas Municipais
- APMNH** – Arquivo Público Municipal de Novo Hamburgo
- ANPED** - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
- CEA** - Centro de Educação Ambiental Ernest Sarlet
- CEP** - Centro de Educação Permanente
- CEPIC** - Centro de Preparação e Iniciação à Ciência da Informática
- CRE** - Coordenaria Regional de Educação
- CLT** – Consolidação das Leis do Trabalho
- DE** – Delegacia de Ensino
- DEE** - Departamento de Educação e Ensino
- DIMEP** - Divisão de Municipalização do Ensino Primário
- EMEF** – Escola Municipal de Ensino Fundamental
- FENAC** – Festa Nacional do Calçado
- EMEIS** – Escolas Municipais de Educação Infantil
- FEEVALE**- Universidade Feevale
- INEP** – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
- LDB** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- MEC**- Ministério da Educação
- NTE/VALE DO SINOS** - Núcleo de Tecnologia Educacional
- POEVALE** – Casa do Poeta do Vale
- POEBOM** – Casa Literária do Poeta de Campo Bom
- PET/CAPES/CNPq** – Programa de Ensino e Treinamento/Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- RMENH** – Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo
- RS** – Rio Grande do Sul
- SEDEP** - Serviço de Expansão Descentralizada do Ensino Primário
- SESI** – Serviço Social da Indústria
- SEMEC** - Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto de Novo Hamburgo
- SMED** - Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Novo Hamburgo
- UERGS** – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
- UFRGS** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- UNCA** – Um Computador por Aluno

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 MEMÓRIAS REVISITADAS	25
2.1 Memórias que Desvelam uma Trajetória.....	25
2.2 Lomba Grande: Sujeitos, Tempos e Espaços	31
3 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO RURAL: RELAÇÕES DE CONTEXTO	43
4 FUNDAMENTAÇÃO E CAMINHOS METODOLÓGICOS	63
4.1 A Memória e História Cultural: suas Implicações na Pesquisa.....	64
4.2 A Entrevista como Documento.....	71
5 FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE EM CLASSES MULTISSERIIDAS	81
5.1 O Magistério como “Dom” ou Tradição de Família?.....	81
5.2 Primeiros Tempos de Escola e Ofício Docente	87
5.3 Ser Professor: Formação para o Exercício da Docência.....	96
5.4 As Práticas Docentes em Classes Multisseriadas	111
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
REFERÊNCIAS	144
APÊNDICE A – Quadro de formação dos professores participantes da pesquisa.....	153
APÊNDICE B – Quadro de informações recorrentes a partir das entrevistas.....	154
APÊNDICE C - Proposta de questões para roteiro das entrevistas semi-estruturadas.....	180
ANEXO A – Decreto Nº 43 de 02/06/1951. Denomina escolas do 3º distrito (Lomba Grande)	181
ANEXO B – Lei Municipal Nº 16/52 – Acordo – Plano de Construção- Escola Rural	182
ANEXO C– Termo de consentimento de pesquisa informado	186
ANEXO D – Of. Nº 11A/042/2006 – Suspensão do Funcionamento - EMEF Humberto de Campos, 2006.....	196
ANEXO E – Imagem da Capa – Livro de Matrícula Escolar Aula Pública Mixta Municipal de Morro dos Bois, 1933	197
ANEXO F – Decreto S/Nº - Nomeia professora “Hilda Maria Scherer”, 1º/02/1943	198
ANEXO G – Decreto S/Nº Aposenta à professora Maria Hilda Scherer, 1º/9/1958	199
ANEXO H – Folha avulsa. Livro Ponto EMEF Bento Gonçalves, 1953.....	200
ANEXO I – Recorte de Jornal – novembro de 1976.....	201
ANEXO J – Folha 7- Documento Unificação das Escolas Rurais/NH 2007	202
ANEXO K – Proposta de Matrículas para 2008 - Escolas Unificadas do Interior.....	203
ANEXO L – Decreto Nº 6 de 1º/06/1939 – Denomina escola domiciliar Nº 1	204
ANEXO M– Decreto Nº 4, de 28/02/1939 – Crêa um Jardim de Infância	206
ANEXO N– Decreto Nº 9, de 19/04/1941 – Crêa Aulas e dá outras providências.....	208
ANEXO O– Folhas 69 e 70 do Livro Ponto Nº 1 das Aulas Públicas Federais, 1937 (Grupo Escolar Madre Benícia)	209
ANEXO P – Decreto Nº 4, de 16/10/1952 – Regimenta as Escolas Municipais	211
ANEXO Q – Lei Municipal Nº 15/66 – Plano Municipalização do Ensino Primário(SEC/DIMEP/DEE).....	220
ANEXO R– Certificado Curso Atualização Técnico-Pedagógica, 1970, DIMEP/DEE.....	226
ANEXO S– Curso de Aperfeiçoamento para Educadores Municipais, CEP FEEVALE, 1976	227
ANEXO T– Decreto Nº 36/61 de 30/06/1961 – Ingresso Concurso no Magistério para o SEDEP.....	228
ANEXO U– Cópia E-mail secretaria@colegiosantanh, pesquisa Ginásio São Luiz	229

ANEXO V– Decreto S/Nº 23/07/1945 Preenche vaga do magistério estadual com uma professora Municipal	230
ANEXO W– Decreto Nº 5 - Municipalisa um instituto de Ensino, 28/02/1939	232
ANEXO X– Relação de Alunos que frequentam a “Aula Pública”, mês de maio de 1931	233
ANEXO Y– Decreto Nº 5 – Aprova Programa do Ensino Primário Municipal 26/11/1952.	235
ANEXO Z– Decreto Nº 16a/5 Dispõe sobre o Magistério Municipal	257
ANEXO AA– Decreto Nº 16/48 – Nomeia uma professora de 2ª categoria, 1º/09/1942	258
ANEXO AB– Decreto Nº 37 – Aumenta os vencimentos do professorado municipal e altera o número de professores de 2ª entrância - 10/09/1945	259
ANEXO AC– Lei Municipal Nº 45/53 – Dispõe sobre a classificação de cargos e fixação de vencimentos dos funcionários municipais, e dá outras providências- 1º/09/1953	260
ANEXO AD– Decreto S/Nº - Concede gratificação adicional, 7/01/1958	263
ANEXO AE– Decreto S/Nº - Nomeia professora estagiária Hélia Gomes Pereira, 26/03/1953	264
ANEXO AF– Decreto Nº 3 de 02/03/1940 – Crea o cargo de Fiscal do Ensino	265
ANEXO AG– Decreto Nº 16/47 – Nomeia uma Inspetora Escolar Municipal.....	266
ANEXO AH– Decreto S/Nº - Nomeia o Bacharel Parahim Pinheiro Machado Lustosa Orientador do Ensino, 29/11/1951	267
ANEXO AI– Decreto S/Nº - Nomeia senhorinha Ercilia Lorita Pereira, professora municipal, 30/04/1945.....	268
ANEXO AJ– Decreto Municipal Nº 26 de 27/12/1954 - Regulamenta as promoções dos funcionários públicos civis do município.....	269
ANEXO AK– Decreto Nº 35/61 – Decreto Nº 35/61 – Institui curso de Férias obrigatório..	282
ANEXO AL– Decreto Nº 29/64 – Institui curso obrigatório de férias escolares.....	283
ANEXO AM– Decreto Nº 40/65 – Institui curso de férias ao magistério municipal	284
ANEXO AN– Decreto S/Nº - promove por antiguidade, de 2ª para 3ª entrância a professora Maria Gersy Höher, 8/04/1947	286
ANEXO AO– Decreto S/Nº -nomea interinamente uma professora, 8/04/1939.....	287
ANEXO AP– Decreto Nº 21/78 – Cria Escolas Municipais já em funcionamento e dá outras providências.....	288
ANEXO AQ– Quadro demonstrativo – Pesquisa em periódicos 2005 a 2010	292
ANEXO AR– Quadro demonstrativo –GT Educação – ANPEd - 2005 a 2009	293
ANEXO AS– Quadro demonstrativo - Pesquisa em eventos – 2009 e 2010.....	294
ANEXO AT– Quadro demonstrativo - Pesquisa em Teses e Dissertações – 2005 a 2010..	295
ANEXO AU– Comunicado Nº 4/60, de 9/09/1960 – DEE	296
ANEXO AV – Minha Despedida – Maria Gersy H. Thiesen, 1969	298
ANEXO AW – Cópia de e-mail - Transcrição de documento localizado. Aula Pública de Lomba Grande em alemão gótico, 16/12/1963	300
ANEXO AX– Aula Pública de Lomba Grande (Alemão Gótico), 16/12/1863	301
ANEXO AY– Boletim Mensal da Escola Castro Alves, maio de 1969.....	302
ANEXO AZ– Carteira do curso de Corte Costura - Novo Hamburgo, em 1958.....	304
ANEXO BA– Comprovante do Exame de Madureza, 1967	305
ANEXO BB– Curso Ginásial, artigo 99, boletim, 1967	306
ANEXO BC– Diploma Curso de Magistério	307
ANEXO BD– Decreto Nº 16/24 e).....	308
ANEXO BE– Decreto Nº 16/24 d).....	309
ANEXO BF– Decreto Nº 50/69 – concede gratificação adicional de 25%.....	310
ANEXO BG– Decreto Nº 51/69 – Aposenta professora	311

ANEXO BH– Livro ponto N° 1 – Grupo Escolar de Lomba Grande, 1940	312
ANEXO BI– Decreto N° 105/81 – aposenta professora municipal de quadro, Lúcia Plentz, 16/09/1981	313
ANEXO BJ– Lei Municipal N° 11/64	315
ANEXO BK– Decreto S/N° Promove uma professora a 2ª entrância, 3/11/1958.....	318
ANEXO BL– Decreto S/N° Nomeia, em estágio probatório, professora municipal, 9/9/1959	319
ANEXO BM– Decreto N° 59/61 – Declara efetiva uma professora estagiária, 16/08/1961	320
ANEXO BN– Decreto N° 71/75 – aposenta professora municipal de quadro, 9/06/1975	321
ANEXO BO– Decreto N° 81/83 – aposenta professora municipal de quadro, Élia Maria Thiesen, 26/04/1983	323
ANEXO BP– Cópia do Termo de Contrato, 1961, Telga Bohrer	325
ANEXO BQ– Lei Complementar N° 89/87- Intitui o Plano de Carreira do Magistério Público Municipal de Novo Hamburgo	326
ANEXO BR– Imagem capa – cartilha Caminho Suave	339
ANEXO BS– Imagem capa – cartilha ABC da Terra e Livro Aritmética	340
ANEXO BT– Imagem capa – cartilhas Meu Coração e Estrada Iluminada	341
ANEXO BU– Imagem capa – Admissão ao Ginásio	342
ANEXO BV– Lista de alunos EMEF Conde D’Eu 1961	343

1 INTRODUÇÃO

Saber um pouco sobre o espaço dessa investigação auxilia na compreensão da pesquisa. A investigação que desenvolvo ocorreu no município gaúcho de Novo Hamburgo, em destaque no mapa da figura 1.

Novo Hamburgo¹ é um município gaúcho do Estado brasileiro do Rio Grande do Sul (R.S.). Localiza-se na micro-região geográfica do Vale dos Sinos distando aproximadamente 50 quilômetros da capital Porto Alegre, tem sua estrutura político-econômica desenvolvida, principalmente, no século XIX, com a chegada dos imigrantes alemães na região.

Figura 1 – Mapa de Novo Hamburgo no Estado do Rio Grande do Sul



Fonte: 280px-RioGrandedoSul_Municip_NovoHamburgo.svg (2011)

¹ Ocupa uma Área 222,35 km² e tem uma população de aproximadamente 258.000 habitantes. Limita-se com Campo Bom, Dois Irmãos, Estância Velha Gravataí, Ivoti, São Leopoldo, Sapiranga, Sapucaia do Sul e Taquara. Suas principais vias de acesso são as Rodovias BR 116, RS 239 e a Estrada da Integração, que interliga a cidade de Novo Hamburgo a área rural de Lomba Grande.

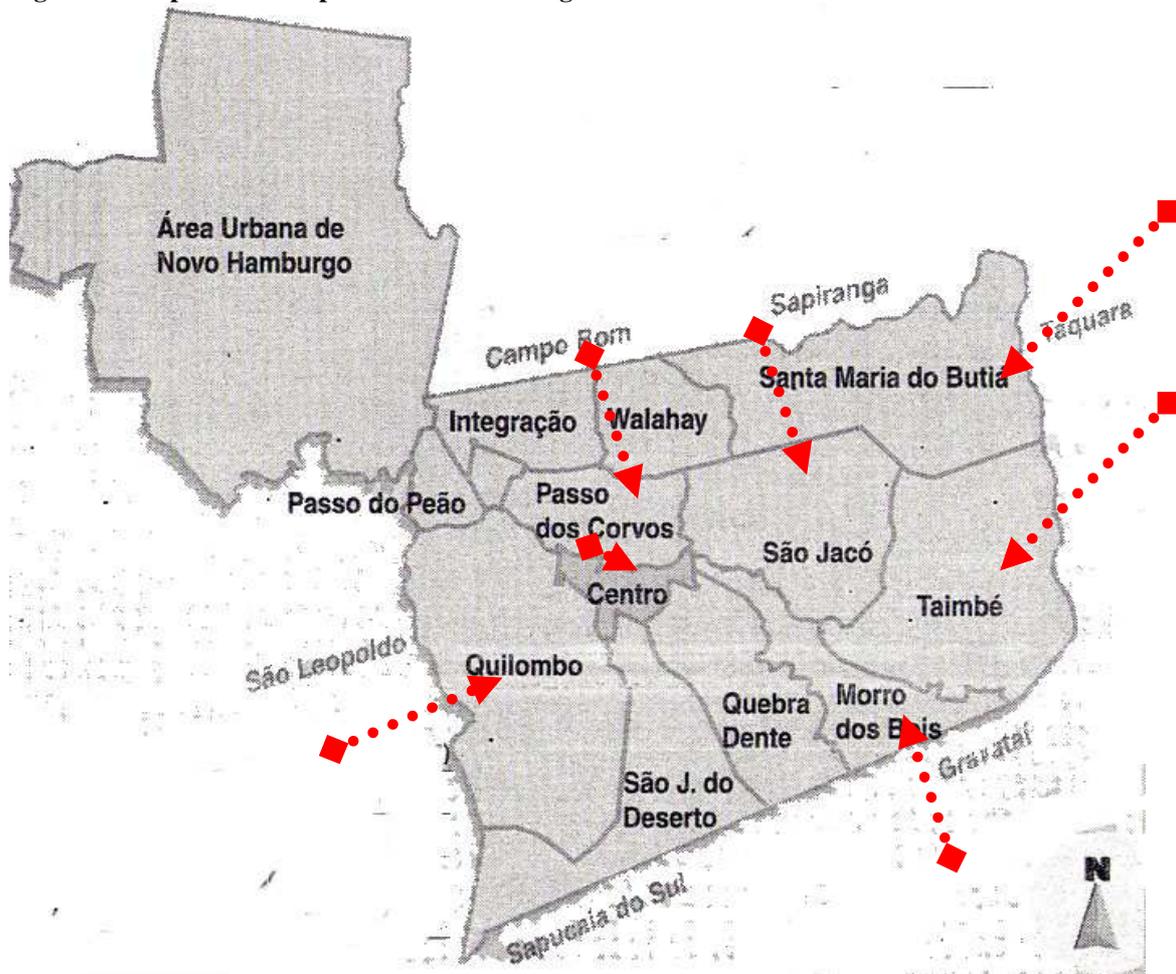
O período áureo da educação no município ocorreu na década de 1970 cuja referência na indústria coureiro/calçadista projetou o lugar no contexto econômico nacional/mundial a partir da Festa Nacional do Calçado (FENAC), sendo responsável pelo crescente progresso e êxodo populacional (MARTINS, 2011).

O presente estudo investiga, através das memórias de professores rurais, as trajetórias profissionais desses que tiveram a zona rural como cenário de suas práticas.

As memórias evocadas aproximaram os sujeitos a partir das relações de contexto que se estabeleceram com as instituições escolares nas quais exerceram a docência e também na convivência com os moradores de cada localidade.

A figura 2 evidencia o bairro rural de Lomba Grande² em suas localidades.

Figura 2 - Mapa do município de Novo Hamburgo e localidades do bairro rural Lomba Grande



Fonte: JORNAL NH... (2005) adaptado pelo autor..

² A origem do nome, segundo informação de antigos moradores, está ligada ao seu relevo que é ondulado, com muitos morros, diversas altitudes, onde se realizavam carreiras de cavalos. Como especificidade desse lugar em 1985 o Plano Diretor Municipal definiu um perímetro urbano para Lomba Grande de 3,5 km², localizado na região central, em destaque na figura 2 e uma área rural de 148,3 km². Sua área geográfica total compreende 156,31 km² (SCHÜTZ, 2001).

Certau (2011) argumenta que o bairro é um espaço dinâmico em que se constroem progressivas aprendizagens estabelecidas nas relações de convivência que cada sujeito desenvolve. Dessa forma, a história de vida e profissional dos sujeitos da pesquisa se relaciona com o bairro rural de Lomba Grande, bem como às suas distintas localidades.

As localidades assinaladas em destaque na figura 2 correspondem às localidades em que os sujeitos, nessa investigação, construíram suas trajetórias profissionais, como rememoraram a seguir.

A professora Maria Gersy que desenvolveu sua trajetória em diferentes localidades: região central do bairro, nas Aulas Reunidas do Grupo Escolar de Lomba Grande e no Jardim da Infância Getúlio Vargas; São Jacó, na Escola Municipal Humberto de Campos; localidade de Santa Maria³ na Escola Municipal Expedicionário João Moreira⁴ e no Passo dos Corvos, na Escola Municipal Castro Alves.

A professora Hélia iniciou sua trajetória de professora na localidade de São Jacó, na Escola Municipal Humberto de Campos e depois foi transferida para a Escola Municipal Rui Barbosa que se situava na localidade de Santa Maria, onde se aposentou.

A professora Élia foi docente na Escola Humberto de Campos na localidade de São Jacó, onde desenvolveu toda a sua vida de professora.

O professor Sérgio e a professora Márcia foram professores na Escola Municipal Tiradentes, na localidade do Morro dos Bois.

A professora Arlete também foi professora na Escola Municipal Tiradentes. Ela ainda trabalhou na Escola Bento Gonçalves, na localidade de Taimbé.

A professora Lúcia, o professor Paulo e a professora Eloísa desenvolveram toda sua trajetória na localidade de Taimbé, na EMEF Bento Gonçalves.

A professora Telga⁵ recordou que iniciou sua trajetória docente na Escola Municipal Conde D'Eu, na localidade de Quilombo.

³ A localidade, situada à margem esquerda do Rio dos Sinos, está distante 22 Km da cidade de Novo Hamburgo. A origem do nome de acordo com Gomes ([2000]), deve-se ao grande número de butiazeiros no lugar. Chamou-se também Santa Maria dos Caboclos. Gersy e Telga durante suas entrevistas, se referem a localidade como “Rosenthal”, Roseiral, ou Vale das Rosas.

⁴ Inicialmente, esta escola foi confundida como “Escola de Santa Maria”, como de fato, também foi chamada por algumas pessoas da comunidade. A escola pública municipal funcionava na residência senhor Avelino (Lino) Beck. Não existem registros na SMEDNH sobre esta escola. Até a década de 1960 muitas escolas rurais funcionavam na residência do professor ou na casa de algum líder comunitário, uma parte dessa casa servia de escola e também de Igreja. Essa escola chamada, Expedicionário João Moreira foi desativada ainda na década de 1950. Durante as entrevistas, as memórias dessa escola permaneceram apenas nas lembranças da professora Maria Gersy, até que se localizou o Decreto Nº 43, de 1951 (ANEXO A).

⁵ A professora Telga também foi professora na Escola Rural de Lomba Grande (ANEXO B).

Ao remexer nas memórias desses professores as histórias desses lugares se corporificam, recriaram cenários e telas como se o tempo parasse e fosse possível viver de novo o acontecimento vivido. Essa pesquisa reúne memórias de sujeitos que se construíram docentes no espaço rural, em outros tempos e no tempo presente, histórias que traduzem um conhecimento quanto à cultura local, quanto ao ser professor, principalmente em classes multisseriadas.

As trajetórias dos professores investigados, revisitadas durante as entrevistas, representam construção da história como produção coletiva que se elabora na convivência com os outros e em cada sociedade. Dessa forma, os sujeitos é que tornam o tempo um componente humano, nesse exercício uma tessitura se elabora em rede de significados que traduz formas possíveis de representar o mundo e compartilhar a realidade social.

Esse processo de reflexão da realidade com a História pretende “[...] validar, no presente, determinadas leituras da realidade passada, uma vez que o conhecimento histórico é uma operação intelectual que se esforça por produzir determinadas inteligibilidades do passado [...]” (STEPHANOU; BASTOS, 2009, p. 417). Nesse sentido, entende-se que a História é um campo de produção do conhecimento que se nutre de teorias explicativas e de diferentes fontes para a compreensão das muitas ações humanas no tempo e no espaço.

A perspectiva do tempo das trajetórias dos professores investigados são compreendidas a partir do sentido que cada sujeito expressa para sua prática, independente da preocupação com a linearidade dos fatos no tempo, sendo às memórias, “[...] narração de uma vida [...] conectada com a narração de outras vidas, numa dinâmica que supõem ir além da sucessão cronológica” (FISCHER, 2004, p. 159). Às trajetórias se entrelaçam e constituem posições, codificadas e relacionadas à densidade das memórias. Portanto, utiliza-se a perspectiva do “Tempo Social” de Halbwachs (2006) ao considerar a convivência social e em grupo como definidora de uma representação coletiva sobre o tempo.

A Memória, não sendo a História é um dos indícios, documentos de que se serve o historiador para produzir leituras do passado, do vivido pelos indivíduos daquilo de que se lembram e esquecem, a um só tempo. A memória exerce um trabalho sobre o tempo, mas, sobretudo o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo e, esse tempo não figura uniformemente, segue a lógica das heranças e tradições (VILAS BOAS, 2008).

Essa investigação reúne um conjunto de memórias sobre a construção de um lugar de prática, no contexto rural do município gaúcho de Novo Hamburgo – R.S. As narrativas possibilitaram elaboração da estrutura de um tempo social comum de experiência profissional, considerando o entrecruzamento de lembranças da prática em classes multisseriadas, como

representação docente legada pela tradição, bem como influenciada pelo apostolado da “vocação”.

As configurações sociais que representam esses sujeitos, oito professoras e dois professores, cujas práticas docentes se desenvolveram em classes multisseriadas, no bairro rural de Lomba Grande (1940 a 2009), expressam-se pela “definição do contorno” como o processo de apropriação dessa prática foi construído. Nesse sentido, as memórias revisitadas reconstruíram trajetórias evidenciando a formação e a prática que se caracterizou pelas especificidades culturais dos jeitos e modos de fazer em classes de “mestre-único”. A compreensão de práticas preocupou-se na aceção de entender como as pessoas deram sentido às suas experiências, suas vidas, seus mundos. (CHARTIER, 2002a).

As práticas são criadoras de “usos ou de representações” que não são de forma alguma redutíveis à vontade dos problemas de discursos e de normas, encontram-se na construção de uma cultura (CHARTIER, 2002a). O modo como os professores desenvolveram suas práticas sociais figuraram como “[...] modos de viver, trabalhar, morar [...] Assim, a cultura é sempre tomada como expressão de todas as dimensões da vida, incluindo valores, sentimentos, emoções, hábitos [...]” (OLIVEIRA, 2004, p. 272).

A cultura local revelou uma forma de organização coletiva que “incluiu” o rural como lugar de pertencimento frente às representações postas pelo “mundo social” urbano. Para esses professores pertencer ao campo representou “[...] identidade construída [...] mostrada e reconhecida [...]” pela força da oralidade, dos discursos que denunciaram à margem imposta por uma organização baseada na cidade (CHARTIER, 2002a, p. 11). A imposição do mundo social urbano contribuiu para fortalecer a representação construída de que no espaço rural se desenvolveram os “ofícios de valor menor”, ou seja, a agricultura em contraste com o progresso impresso pela modernidade (BURKE, 2005, p. 50).

As memórias do trabalho em classes multisseriadas representaram como o ensino se desenvolveu em uma “parte” do município, o que configurou um conjunto de significações, historicamente inscritas e que se expressaram de forma simbólica em um “saber-fazer”, capaz de perpetuar e desenvolver a cultura, a instrução e o conhecimento. Dessa forma, a cultura, aqui entendida como campo particular de práticas e produções sociais que constituíram um conjunto de sentidos que se materializaram pelos diferentes enunciados e condutas nessa investigação; desvelando apropriações culturais que se forjaram nas trajetórias profissionais (CHARTIER, 2002b).

Dessa forma, o objetivo percorrido, a partir das memórias, foi reconstruir as trajetórias desses professores considerando, as relações entre as representações narradas e as práticas

sociais analisadas. Além disso, o contexto das práticas permitiu reconhecer os traços culturais distintos, que são regulados pela cultura, no sentido que os conceitos e as categorias de uma cultura particular determinam os modos pelos quais seus membros perceberam e interpretaram o que lhe aconteceu em sua época (BURKE, 1992).

É com intuito de compor os cenários de um fragmento do ensino rural em Novo Hamburgo, construindo uma forma possível de ordenar as memórias contadas e doravante analisadas, que essa dissertação estrutura-se em seis partes sendo que o primeiro capítulo apresenta o espaço investigado e apresenta a delimitação dos demais aspectos da pesquisa. O segundo capítulo reúne memórias do pesquisador em uma proposta de dar a ver o lugar do sujeito que investiga relacionando aspectos da trajetória pessoal com o ensino rural, bem como a opção metodológica e a definição dos sujeitos, espaços e tempos.

O terceiro capítulo, a partir da análise de documento, reconstrói fragmentos do ensino rural em Novo Hamburgo, bem como “os contornos” que se construíram em relação ao contexto.

As memórias, imagens e entrevistas-orais são analisadas, pelo referencial teórico da “História Cultural”, no quarto capítulo, encontra-se a fundamentação como documento possível no processo de reconstrução da história “das sociedades humanas”. A memória, portanto é compreendida como documento (HOBSBAWM, 2000).

No quinto capítulo realiza-se a discussão dos resultados, organizados a partir de dois grandes campos de análise: “as memórias da formação docente” como aspecto que contribuiu para configuração de uma prática docente e, “as memórias da prática docente” como forma de recompor a trajetória do ensino rural em classes multisseriadas.

Formação e prática entendidas como “invenção/reinvenção” de uma tradição percebida na maneira como os professores se apropriaram dos conhecimentos do ofício ao longo do tempo, utilizando e recriando ações pedagógicas em classes multisseriadas (BURKE, 2005).

A prática como “apropriação” construída pelo modo de fazer docente de cada professor representa o sentido que cada sujeito lhe atribuiu significado (CHARTIER, 2002a). Por exemplo, a forma interpretativa que o professor processou no momento do planejamento da pesquisa para suas aulas; na escolha e invenção de recursos didáticos, permitiu compreender o valor da tradição e sua influência nessas escolhas.

O conjunto de documentos constituído de memórias orais, imagens e registros escritos revelam uma relação “local/global” entre um micro contexto com outro mais amplo que a estrutura da educação no município (BURKE, 2005).

As memórias, imagens e entrevistas-orais são analisadas, pelo referencial teórico da História Cultural como uma forma possível de se reconstruir e conhecer a escolarização rural em Lomba Grande.

Ao pesquisar trajetórias de professores rurais, utilizando memória como documento, pretende-se assim compor os cenários em que a história se desenvolveu percebendo os processos culturais de escolarização construídos pelos sujeitos do espaço rural.

Tal procedimento permitiu desdobrar as reflexões sobre o tempo vivido nesse espaço produzindo uma historicidade possível dos indícios encontrados nos diferentes documentos. A História Oral como metodologia, permite, entre outros aspectos, a compreensão dos modos de ser e atuar de um conjunto de professores, concatenando algumas marcas singulares, outras nem tanto, que se materializaram na cultura local e, principalmente, no saber-fazer pedagógico das pessoas do lugar.

2 MEMÓRIAS REVISITADAS

*“Contar é tão dificultoso.
Não pelos anos que já se passaram.
Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se
remexerem dos lugares [...]”.*
(ROSA, 2001, p. 26).

Este capítulo reúne memórias e práticas que expressam o processo de construção da pesquisa sobre trajetórias docentes⁶ em classes multisseriadas. Considerando a memória como “ato de lembrar e de esquecer”, como teia que trama narrativa no percurso estabelecido para se atingir o conhecimento daquilo que se propõe a investigar. Nesse sentido, Guimarães Rosa traz a reflexão sobre a árdua tarefa de organizar as memórias que são revisitadas no intuito de contá-las (BOSI, 2004).

2.1 Memórias que Desvelam uma Trajetória

*“Caminhante, é teu rasto
o caminho, e nada mais;
caminhante, não há caminho,
faz-se caminho ao andar.
Ao andar faz-se o caminho,
e ao olhar-se para trás
vê-se a pegadas que jamais
se há-de voltar a pisar.
Caminhante, não há caminho,
somente sulcos no mar”.*
(MACHADO, 1999).

Ao buscar as memórias atualizamos nosso saber sobre nossa história. E como um “fio” que precisa ser tramado para constituir uma “forma/figura” na realidade, a agregação de diferentes fios foram tecendo os caminhos que constituíram minha trajetória acadêmica até o mestrado. No percurso da trajetória de vida, efetiva-se o ser sujeito e, enquanto escreve-se, percebe-se o protagonismo no tempo presente. Dessa forma, se evidenciam os motivos que conduziram interesse pela zona rural, principalmente, a questão referente às classes multisseriadas.

⁶ Para buscar as origens do magistério como profissão docente, da forma mais próxima da qual conhecemos na atualidade, remota-se à segunda metade do século XIX período em que os professores passaram a formar um “corpo profissional”, ou seja, é construída a representação docente “[...] calcada em atributos, responsabilidades, posturas comuns determinantes das suas identidades”; caracterizando a forma como os professores construíam suas práticas. A docência nessa investigação é compreendida no sentido que se constrói a partir de suas práticas pedagógicas (NÓVOA, 1992, p.18).

As marcas que nos constituem sujeito perpassam também a trajetória profissional, destacando-se o contexto de prática, enquanto Assessor Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Novo Hamburgo (SMEDNH) junto às escolas rurais, durante o ano de 2009, contribuindo na delimitação da problemática. A contextualização do pesquisador é relevante considerando que as análises interpretativas são feitas a partir do lugar sócio-histórico no qual se situa e dependem das relações intersubjetivas que estabelecem com os seus sujeitos de pesquisa. Para Bakhtin (1988), cada pessoa possui horizonte social que orienta a sua compreensão e que o coloca diante de seu interlocutor com uma forma própria de relacionamento. A partir desta situação social, do lugar em que se situa, é que se constroem as motivações da pesquisa.

Reunir as memórias de um percurso, transforma-se na tentativa de buscar eco aos questionamentos e projetos cujos objetivos se diluem as lembranças, localizando-as no espaço-tempo dessa narrativa. “Es contando nuestras propias historias que nos damos a nosotros mismos una identidad⁷ [...]” (LARROSA, 2004a, p. 17). Delineando essa trajetória é que se compõem as marcas que alinham a trajetória, costurando as memórias que dizem dos caminhos percorridos, “[...] talvez, nessa história em que um homem narra a si mesmo, nessa história que talvez não seja senão a repetição de outras histórias, possamos adivinhar algo daquilo que somos” (LARROSA, 2004b, p. 21).

Recordando, surgem inúmeros momentos que aproximam memórias e justificam a inquietação com a temática do espaço rural. Desde pequeno, escutava meus avós paternos e maternos contarem histórias sobre o meio rural. Meus avós maternos eram agricultores e viviam no interior de São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul (R.S). As origens da minha família, ligada às lidas do campo - mesmo na cidade, meu avô insistentemente ainda reproduz o hábito vivido e aprendido em “São Chico”, singularizam a vida do homem camponês, “perdido”, na cidade.

Quando criança, lembro que acordava de madrugada, para acompanhar meu avô, que perto do fogão a lenha cevava o mate e aguardava o cantar do galo. O arvoredo era o espaço mais emocionante para minhas brincadeiras e bem cedo podia sentir o cheiro gostoso que vinha do forno de barro da minha avó. A música, também marca de uma tradição familiar, embala memórias que recordam melodias falando do homem sertanejo, nativista, religioso. Porém, o pouquíssimo estudo não impediu a leitura bíblica, que sempre esteve presente nas práticas cotidianas.

⁷ É contando nossas próprias histórias que damos por nós mesmos uma identidade (LARROSA, 2004b, p.17, tradução nossa).

A história do Seu “Zeca” e da D. Celina, meus avós paternos, não é diferente, meu avô, nascido no “Morro das Pedras”, muito próximo de Lomba Grande, talvez provoque ainda mais o interesse por essa pesquisa e a compreensão desse lugar. A memória mais bonita que tenho é do meu avô, aos domingos pela manhã, escutando seus discos de vinil. Com ele aprendi o silêncio de quem espera e a melodia de quem canta. Os ensinamentos dessa época, que hoje consigo compreender, foram indispensáveis para que aprendesse o respeito por quem já tem avançada idade; sempre curioso, adorava escutar histórias, “mexer” nas caixas de fotografias e “incomodar” questionando-os (quem eram aquelas pessoas dos retratos). De modo geral, com eles aprendi muito e comecei a conhecer sobre a vida e o mundo que eu passo a desvelar.

As histórias que costumava escutar da minha avó, após os almoços de domingo sobre Pedro Malazarte⁸ e tantas outras anedotas narradas ensinaram a importância de escutar e interpretar as histórias que dizem das trajetórias de cada sujeito.

Cada um colhe os frutos que merecem suas histórias, dizia. Nem sempre as que se vivem, mas as que se contam, sobretudo são o que consta dessa justiça. Para as crianças do lugar tinha reserva de histórias as mais bonitas. De bilboquês a circos de cavalinhos e engenhosidades outras de ajuste a cordéis, tudo se criou das histórias dela. O vento que passa me disse - o ritual que de ordinário repassava tantas vezes a mesma história, o mundo mental se varria de vendavais de palavras, crianças e imaginários da Terra. diziam os Homens de Inteligência Bastante do Lugar que foi exatamente dessa forma que a Terra se arredondara. E se deliciosas com uma história as crianças a queriam muitas vezes repetida, pediam na linguagem de Vina: Faz o vento passar novamente [...] E ela fazia (ADRIANO, 2010, p. 17).

As palavras de Adriano (2010) permitem que o mesmo vento que suscita nostalgias da infância me leve a muitos lugares. As estradas que hoje levam à área rural de Lomba Grande, foram percorridas, muitas vezes, por mim na infância, junto com meus avós paternos, que frequentemente visitavam meus “tios avós”, no interior do “Morro das Pedras”. Quando chegávamos à área de terra que pertenceu ao meu bisavô, eram como se estivessem vivas àquelas memórias que contavam. A oralidade que permeava as rodas de conversas fazia com que as histórias sempre estivessem atualizadas naquele tempo e a memória era tão presente da realidade.

Quando reflito sobre os motivos que contribuíram para minha constituição docente, emergem as narrativas da minha mãe contando sobre as dificuldades que

⁸ Pedro Malasartes, Malazartes, ou das Malasartes é um personagem tradicional da cultura portuguesa e da cultura brasileira. "Pedro Malasartes" é figura tradicional nos contos populares da Península Ibérica, como exemplo de burlão invencível, astucioso, cínico, inesgotável de expedientes e de enganos, sem escrúpulos e sem remorsos (CASCUDO, 1988).

passou para estudar, indo para escola, sem calçados, enfrentando todo frio da serra gaúcha. Ela conta que ajudava a professora, o que sonhava ser. Quando optei pelo curso de História⁹, muito influenciado pelo contato com a cultura gaúcha, meu pai disse que era o curso que ele teria feito se tivesse estudado. Mesmo com o ensino primário, meus pais sempre enfatizaram a importância do estudo como aspecto indispensável para “nossa formação”, a minha e a dos meus irmãos.

O exercício da escrita e o envolvimento com elementos artísticos figuram na trajetória que vou compondo com minhas memórias revisitadas. A musicalidade experimentada no Coral Misto da Sociedade Atiradores de Novo Hamburgo; as aulas de teatro na Unisinus; o contato com a cultura gaúcha tradicionalista; a Pastoral da Juventude, contribuíram de forma ímpar para encorajar a escrita dos primeiros poemas, participando em 1998 da Coletânea Poética: “Essências da Alma”, publicada pela POEVALE (Casa do Poeta do Vale).

No curso do tempo a literatura¹⁰ foi minha maior companheira, pois os cadernos e agendas, na adolescência, sempre estiveram de prontidão para me escutar e compreender. Em 1998 recebi o prêmio de melhor “Criatividade e Desempenho de Equipe” defendendo o poema “A Romanceira e o Fogão”, na 1ª Vivenda Lítero-Cultural de Taquara. Em 2000 foi fundada a Casa Literária do Poeta de Campo Bom (POEBOM), entidade que ocupei o cargo de presidente, na qual, se realizavam recitais poéticos, arrastões e atividades nas escolas do município.

Escutar as muitas trajetórias sobre ensino no meio rural levou-me a refletir sobre o percurso e as experiências que marcaram minha história com a docência. Minha prática pedagógica começou mesmo antes de me constituir como professor. Com quinze anos já era catequista na comunidade católica do bairro em que morava e ainda

⁹ Na faculdade de História tive a oportunidade de participar do Programa de Ensino e Treinamento (PET-História - CAPES/CNPq) como bolsista da iniciação científica, discutíamos e estudávamos sobre a teoria da história. Participando de pesquisas comecei a aprender como se estabelecem os processos científicos.

¹⁰ Dentre a participação em coletâneas poéticas destacam-se: O Gravatá II. Gravatá: Editora Stévia, 1999; Retratos e Alma: coletânea poética, pela POEBOM. São Leopoldo: Oikos, 2003; I Prêmio literário A Gazeta. São Leopoldo: Oikos, 2004; II Prêmio literário A Gazeta. São Leopoldo: Oikos, 2005. Dentre as obras publicadas de minha autoria: O pastor Klingelhoefter e a Revolução Farroupilha: uma contribuição ao cinquentenário de emancipação política de Campo Bom. São Leopoldo: Oikos, 2009; A história do Pastor Farrapo. Rio de Janeiro: Litteris, Ed.: Quártica, 2010; SOUZA, José Edimar de; MARIANO, Rosângela. A Linha Vando Pensamentos: sobre educação e outros mais... Porto Alegre: Pradense, 2011. Dentre as obras organizadas: SOUZA, José Edimar de. Campo Bom: um lugar para ser feliz. Palloti: São Leopoldo, 2009. Dentre as obras em co-autoria: Nós e o 20 de setembro. ATNH, Sapiranga: Pearis, 2009; Leituras de Paulo Freire na partilha de experiências. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

como aluno do curso secundário de Magistério, atuava como professor particular e voluntário.

De forma efetiva, a prática como professor começou em 1999, quando fiz meu estágio curricular na Escola Estadual Ildefonso Pinto¹¹ (instituição em que cursei toda minha educação fundamental) em Campo Bom, nessa escola aprendi as primeiras letras e nela me percebi professor pela primeira vez.

Em continuidade, após prestar concurso público para o magistério municipal de Campo Bom, em 2000, assumi como regente do 3º Ano do 1º Ciclo na Escola Adriano Dias. A filosofia desta escola se particulariza por constituir um projeto piloto da “escola ciclada” que se pretendia construir. Nesse mesmo ano comecei a atuar como estagiário no ensino supletivo da Educação de Jovens e Adultos do Serviço Social da Indústria em Sapiranga (SESI), nas disciplinas de História e Geografia. Nessa instituição também conheci a experiência dos pequenos da Educação Infantil, quando assumi a turma de maternal 4/5 anos, no período de seis meses.

Em 2002, passei a trabalhar no Colégio Santa Teresinha, de Campo Bom, uma das três escolas privadas do município. Nesta instituição trabalhei até dezembro de 2006 nas disciplinas de História e Geografia, da 5ª série do Ensino Fundamental até o 3º Ano do Ensino Médio, bem como trabalhei com uma turma de Magistério na disciplina de Geografia voltada à formação de professores que atuariam no ensino fundamental. Em 2002 e 2003 realizamos o Seminário Farroupilha, em que se discutiram assuntos relativos à história do Rio Grande do Sul, memória e patrimônio cultural. Em 2003, como palestrante, durante o 1º Fórum do Magistério abordou-se fragmento da pesquisa que estava desenvolvendo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sobre os conselhos de classe participativos.

Ainda em 2002 tive minha primeira experiência em outro setor da educação: na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), criada em 2001, onde trabalhei como Secretário de Unidade Acadêmica até 2003.

Minha história com a Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo (RMENH) iniciou em 2006, atuando no Serviço de Orientação Educacional, Educação de Jovens e

¹¹ Escola pública pioneira em Campo Bom. Em 1927, funcionava a 15ª Aula Pública Estadual, junto à residência da professora Ida Guilhermina Knieling de Souza. Criando-se o Grupo Escolar de Campo Bom, pelo Decreto Estadual Nº 5412, de 22/08/1933. Passando a se chamar Grupo Escolar Ildefonso Pinto, pelo Decreto Nº 3391, de 03/10/1951 (ZERWES, 2004). Em recente publicação Souza (2011) retoma quanto aos destaques pioneiros do município, o fato da pujança econômica-industrial, o município foi pioneiro na realização da 1ª Festa Nacional do Calçado, 1961, aspecto que contribuiu para que um Grupo Escolar, fosse instalado em Campo Bom, na época distrito. – Vivi dez anos nessa escola do Jardim da Infância até a 8ª série.

Adultos e com o 2º ano do Ensino Fundamental – Séries Iniciais¹², na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Francisco Xavier Kunst (uma das poucas escolas da Rede Municipal com atendimento até a 8ª série, atual 9º Ano).

Até então, os saberes pedagógicos que me acompanhavam eram, em grande parte, resultados das experiências que tive nesta rede e nas redes: particular; estadual; municipal de Campo Bom; municipal e particular de Sapiranga e na UERGS. Em 2009, atuando na SMEDNH, como Assessor Pedagógico das escolas rurais, um novo cenário de experiência profissional se estrutura. Quando me deparei com a paisagem das escolas rurais de Lomba Grande, escutando as histórias desse lugar, surgiram inúmeras interrogações que foram importantes para o desenvolvimento dessa dissertação.

Entendendo que a construção do conhecimento representa uma possibilidade explicativa sobre a realidade estudada, dados os referenciais teóricos e metodológicos, porque “[...] a ciência atual não busca mais uma visão do mundo total explicativa, o que produz é parcial e provisório. [...] confronta-se com uma realidade incerta, de fronteiras imprecisas e mutáveis, [...]” (BALANDIER, 1997, p. 10). Dessa forma, o conhecimento expressa a comunhão do saber entre as pessoas, através da inquietação do não saber, síntese das experiências e práticas construídas em um percurso de vida produzindo questionamentos e novos campos conceituais.

A reflexão teórica que o lugar da prática cotidiana exercida como professor/assessor possibilitou à construção de um percurso investigativo levando em conta que o trabalho sobre memórias é uma tarefa complexa que exige, entre outras coisas, disciplina e vigia para não se radicalizar a defesa de princípios “essencialistas e identitários”. Portanto, as trajetórias docentes representaram uma forma possível de reconstruir o cenário das práticas e apropriações em classes multisseriadas (STEPHANOU, 1998).

Ao longo desses anos, como professor, tive a oportunidade de conhecer diferentes realidades, desde a graciosidade da Educação Infantil até a generosidade dos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Acredito que essas possibilidades de estar em formação, atuando em contextos distintos, colaboraram para que ampliasse minha percepção da escola e da aprendizagem. Mas em 2009, como Assessor Pedagógico da SMEDNH fui apresentado às escolas rurais de Novo Hamburgo e tive contato com o cotidiano escolar de Lomba Grande.

¹² Em 2008, recebi o prêmio “Professor Destaque” desenvolvendo o projeto “Calendário Temático do Loteamento dos Eucaliptos” recuperando com a turma do 4º ano as memórias e histórias do lugar.

2.2 Lomba Grande: Sujeitos, Tempos e Espaços

“[...] somos a continuação de um fio que nasceu há muito tempo atrás, vindo de outros lugares, iniciado por outras pessoas; remendado, costurado e continuado por nós. Somos seres inconclusos e com muito a aprender”.
(Nativo de uma tribo indígena gaúcha)

Essa pesquisa expressa “fios” de memórias que são tecidas no cenário¹³ rural de Lomba Grande, um bairro do município gaúcho de Novo Hamburgo. Os “fios” representam a singularidade do grupo de sujeitos que constituem este estudo, que em trama tecem características de uma coletividade. Sendo a “memória social/coletiva” responsável pela reconstrução do espaço e tempo vivido pelos professores em classes multisseriadas, recompõem-se fragmentos do ensino rural a partir de evocações singulares (HALBWACHS, 2006). Dessa forma, as “marcas da memória” na possibilidade de se narrarem, desvelam o percurso de trajetórias, suas práticas e relações com o lugar (PEREZ, 2003). Considerando que “[...] recuperar las prácticas cotidianas que tejen la trama de las relaciones entre los hombres, ayuda indudablemente a pensar historicamente”¹⁴ (SCHWARZSTEIN, 2000, p. 25).

A definição do tempo, construída no percurso dessa investigação, deu-se em função das práticas pedagógicas em classes multisseriadas de dez professores cujas evidências do trabalho na área rural teceram os trajetos desse grupo. O vínculo espaço-temporal aproxima-se do proposto por Bosi (2004) a partir da noção “[...] do trabalho e das relações sociais, que aos poucos, configuram [...]” um grupo específico (BOSI, 2004, p. 12).

O grupo de sujeitos foi definido a partir do esquema de indicação que será detalhado no capítulo quatro dessa dissertação. Figuraram a “arrancada” de indicações, às professoras Márcia e Eloísa, que eram docente, no ano de 2009, nas Escolas Isoladas Tiradentes e Bento Gonçalves.

A partir das indicações das professoras Márcia e Eloísa localizaram-se outros professores, dispostos no quadro 1 seguindo a lógica do início das trajetórias profissionais. O período de 1940 a 2009 definiu-se em função do início da docência da professora Maria Gersy (1940) e o meu encontro com as Escolas Isoladas (2009).

¹³ O contexto, aqui entendido no sentido que alerta Schemes (2006), sendo a análise do meio, fundamental para compreensão “dos contornos” como produção da cultura.

¹⁴ Recuperar as práticas cotidianas que tecem a trama das relações entre os homens, ajuda a se pensar historicamente (SCHWARZSTEIN, 2000, p.25, tradução nossa).

Quadro 1 - Relação dos sujeitos da pesquisa

Nº	PROFESSOR(A) DE CLASSE MULTISSERIADA	DATA DE NASCIMENTO	TRAJETÓRIA DOCENTE NO MUNICÍPIO	LOCALIDADE(S) DE ATUAÇÃO EM NOVO HAMBURGO - LOMBA GRANDE
1	Maria Gersy Höher Thiesen	18/03/1924	(1940-1969)	Santa Maria do Butiá; São Jacó; Passo dos Corvos
2	Hélia Köetz	30/06/1935	(1952-1982)	São Jacó, Santa Maria do Butiá
3	Lúcia Plentz	31/12/1926	(1955 -1981)	Taimbé
4	Élia Maria Thiesen	19/03/1938	(1958 -1983)	São Jacó
5	Sérgio José Scherer	06/10/1934	(1960 -1993)	Morro dos Bois
6	Telga Bohrer	26/03/1935	(1961-1962)	Quilombo
7	Paulo Plentz	05/06/1947	(1965-1995)	Taimbé
8	Márcia Scherer Nunes	23/11/1958	(1974-2009)	Morro dos Bois
9	Arlete Timm	27/04/1942	(1996-2009)	Morro dos Bois
10	Eloísa Moehlecke Plentz de Mello	04/10/1975	(2008-2009)	Taimbé

Fonte: Elaborado pelo autor, 2010.

Os sujeitos que configuraram essa pesquisa se construíram como integrantes de uma comunidade, suas práticas revelaram muito mais que as especificidades idiossincráticas de cada um, compreenderam marcas de identidades que se produziram pelo processo de apropriação das características do ofício docente. Dessa forma, a interpretação do contexto permitiu compreender aspectos históricos e sociais de acontecimentos, sendo nesse estudo, as trajetórias individuais, compreendidas pelo equilíbrio entre a especificidade da trajetória individual e suas interrelações.

Nesse sentido, apresento aqui as fotografias dos professores cujas memórias se entrelaçaram por diferentes perspectivas de agrupamentos.

Uma forma possível para agrupar os sujeitos foi o vínculo familiar. A fotografia 1 é da professora Márcia que é filha do professor Sérgio, fotografia 10, além disso essa família representa uma história com a educação pública em Novo Hamburgo que perpassa quatro gerações (1933 a 2009), pois além da filha da professora Márcia ser professora da RMENH, a sua avó foi a primeira professora da EMEF Tiradentes.

A fotografia 5 da professora Eloísa e a do professor Paulo, fotografia 9 também estabelece uma relação pai e filha. Além disso, o professor Paulo trabalhou muitos anos auxiliando a sua irmã, fotografia 8, registra a professora Lúcia.

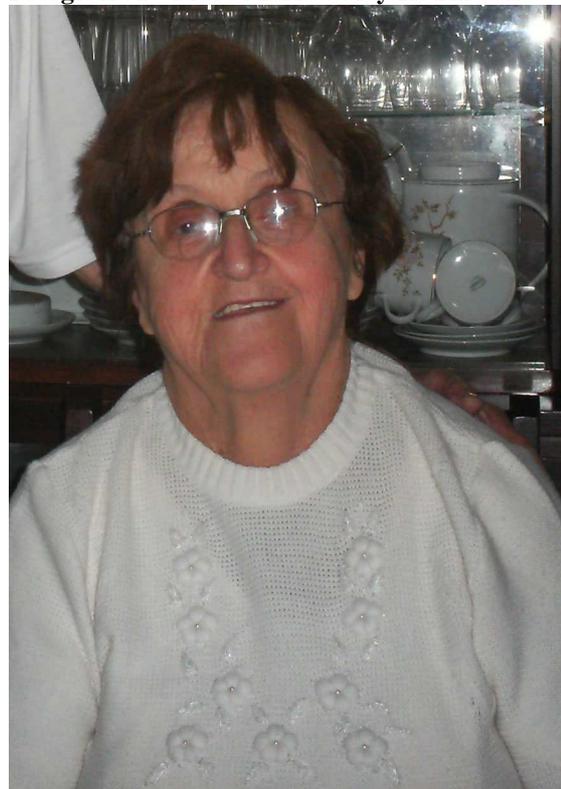
A fotografia 2, da professora Gersy relaciona-se com a professora Élia, fotografia 4 pelo fato de serem cunhadas.

Fotografia 1 – Profª. Márcia S. Nunes



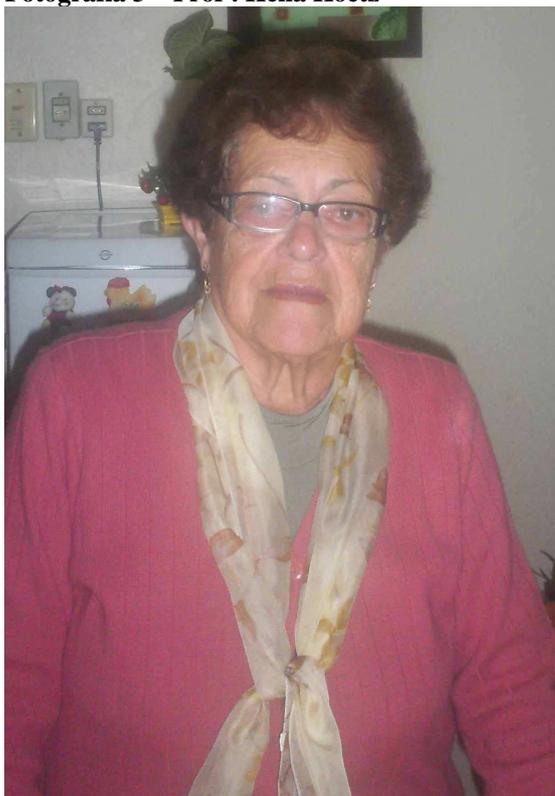
Fonte: Registrada pelo autor, 2010.

Fotografia 2 - Profª. Maria Gersy H. Thiesen



Fonte: Registrada pelo autor, 2010.

Fotografia 3– Profª. Hélia Köetz



Fonte: Registrada pelo autor, 2010.

Fotografia 5 – Profª Eloísa M. P. de Mello



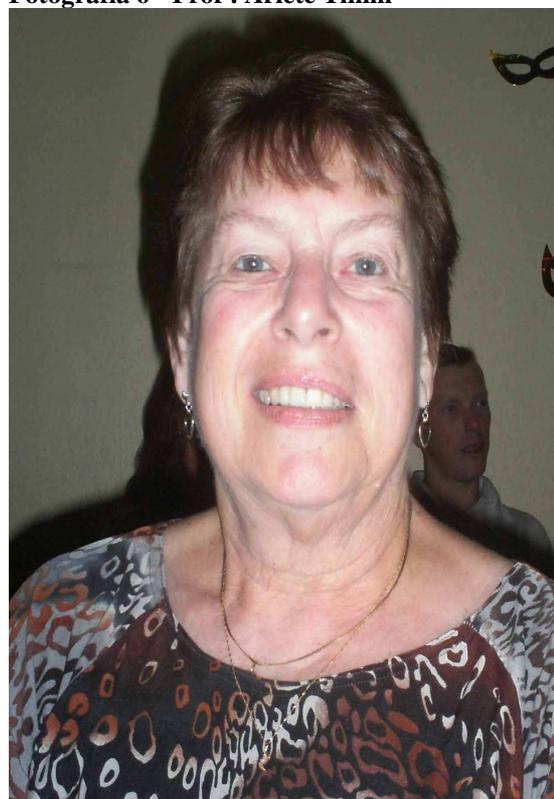
Fonte: Registrada pelo autor, 2010.

Fotografia 4- Profª Élia M. Thiesen



Fonte: Registrada pelo autor, 2010.

Fotografia 6 - Profª. Arlete Timm



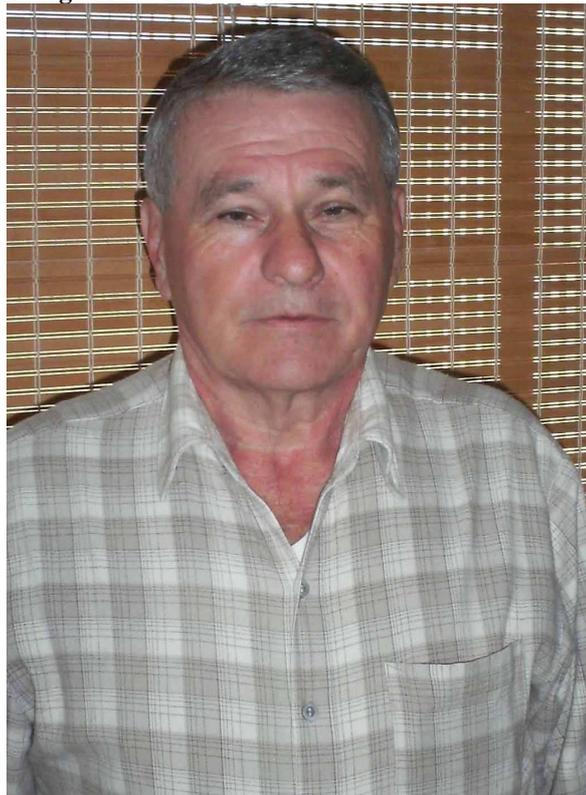
Fonte: Registrada pelo autor, 2010.

Fotografia 7 -Profª. Telga Bohrer



Fonte: Registrada pelo autor, 2010.

Fotografia 9- Prof. Paulo Plentz



Fonte: Registrada pelo autor, 2010.

Fotografia 8 - Profª. Lúcia Plentz



Fonte: Registrada pelo autor, 2010.

Fotografia 10 – Prof. Sérgio J. Scherer

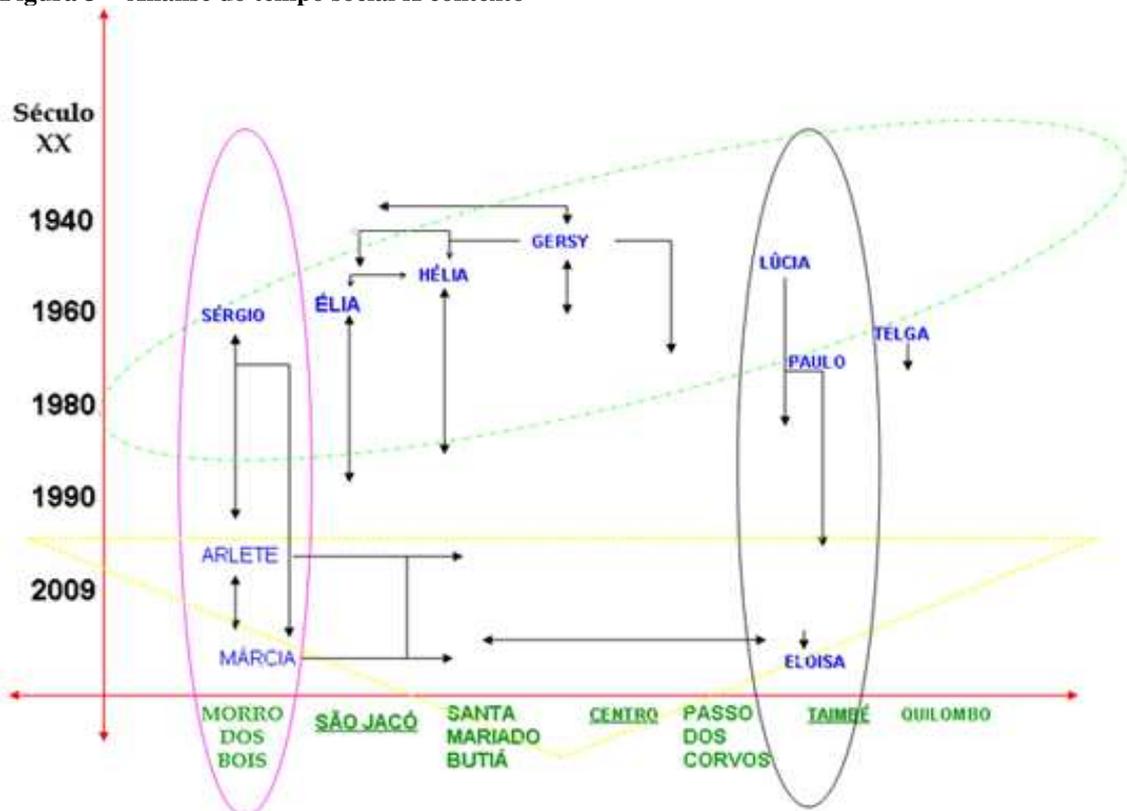


Fonte: Registrada pelo autor, 2010.

As fotografias permitem conhecer os sujeitos reais dessa pesquisa, pois se optou pela identificação dos mesmos e esses assim autorizaram e assinaram termo de consentimento, bem como os sujeitos foram tratados pelo primeiro nome, como marca de um vínculo construído entre entrevistando e entrevistado (ANEXO C).

Na medida em que os sujeitos recordaram é que suas memórias se teceram produzindo encontros, compartilhando experiências, práticas, sofrimentos, esquecimentos e o mais importante às conquistas e aprendizagens. Essas “imagens-memórias” exteriorizadas em narrativas, formaram cenários de marcas de identidades construindo a invencibilidade de uma demarcação necessária da própria prática no contexto que emergiram. A relação entre os cenários de prática e as memórias sociais dos sujeitos da pesquisa pode ser observada abaixo na figura 3.

Figura 3 - Análise do tempo social X contexto



Fonte: Elaborada pelo autor, 2011.

Outra possibilidade construída para agrupar os sujeitos é quanto ao contexto de atuação docente, como se observa na disposição horizontal dos nomes dos sujeitos na figura 3. Dessa forma, a localidade do Morro dos Bois configurou o cenário de prática pedagógica de Márcia, Sérgio e Arlete.

Além de trabalhar na localidade do Morro dos Bois, a professora Arlete também exerceu a docência no Taimbé.

Na localidade do Taimbé os professores Paulo, Lúcia e Eloísa se perceberam professores da RMENH.

Já as professoras Élia, Hélia e Gersy trabalharam na localidade de São Jacó e compartilharam memórias sobre esse lugar.

Em outra localidade, chamada também de “Rosenthal” (roseiral) ou Santa Maria do Butiá trabalharam as professoras Hélia e Gersy.

A professora Gersy ainda lembrou do seu tempo de professora no Passo dos Corvos, cujas memórias são de muito trabalho em prol da aquisição do terreno próprio para a Escola Municipal Castro Alves. Além disso, recordou o começo de sua trajetória docente na região central de Lomba Grande e de ter sido professora de Telga no Grupo Escolar de Lomba Grande.

A professora Telga recordou como conseguiu tornar-se professora, e de ter iniciado sua carreira docente no Quilombo.

Na figura 3, quanto à disposição temporal, há outra possibilidade interpretativa para organizar as memórias. No sentido horizontal, as trajetórias dos professores Sérgio, Élia, Hélia, Gersy, Lúcia, Paulo e Telga foram construídas na perspectiva de representações docentes de um período histórico comum, compartilhando espaços e tempos de práticas pedagógicas, como se evidencia na elipse tracejada.

Outra relação percebe-se quanto à presença dos costumes locais, pelas tradições aprendidas no modo de responder as demandas que o ofício do trabalho exigia, bem como a comunidade inserida no contexto das práticas. Desse modo, mesmo as professoras Márcia, Eloísa e Arlete¹⁵ compartilhando de um tempo social comum na disposição horizontal as suas memórias de prática evidenciaram a influência do entrecruzamento vertical destacando as tradições que caracterizam suas práticas e pensamentos sobre a profissão docente.

Destaca-se nas memórias desses professores a relação entre a história da trajetória profissional com o percurso de constituição das escolas municipais em cada lugar. Por

¹⁵ Além disso, em 2009 Arlete era diretora da EMEF Bento Gonçalves (prédio novo), portanto respondia como gestora do anexo da instituição na localidade de Taimbé, onde Eloísa atuava como docente. A professora Eloísa trabalhou até julho de 2010, no anexo da Bento Gonçalves, quando retornou para São Leopoldo. A professora Márcia, também trabalhava no novo prédio da Bento Gonçalves no turno da manhã e à tarde na EMEF Tiradentes. A professora Márcia se aposentou em dezembro de 2010.

exemplo, na localidade de São Jacó¹⁶ a partir das memórias sobre a Escola Humberto de Campos¹⁷, Gersy, Hélia e Élia recordaram práticas que rememoraram o início das suas trajetórias. A escola funcionou durante muitos anos numa sala da residência da família Thiesen e foi criada a partir da iniciativa de Jacob Luiz Thiesen, sogro da primeira professora, Gersy. A professora Hélia foi a segunda professora e foi substituída pela professora Élia.

Na localidade do Morro dos Bois, a remanescente classe multisseriada na EMEF Tiradentes, fotografia 11, fundada em 1º de setembro de 1933, nas terras de Carlos Scherer registra a ligação da família Scherer com a escola, de forma contínua, no período de (1933 a 2009). A escola funcionou até a década de 1970 em uma sala da residência da família, como “Aula Pública Mista Municipal do Morro dos Bois” (ANEXO E). Além do registro histórico das Aulas Isoladas, a tradição docente nessa família, história de quatro gerações¹⁸, produziu no curso do tempo, uma relação de vínculo com a história da educação pública municipal.

Fotografia 11 - Escola Municipal de Ensino Fundamental Tiradentes, Morro dos Bois



Fonte: Registrada pelo autor, 2010.

As fotografias 11 e 12 registram um aspecto interessante e que despertou curiosidade para uma investigação futura. Os prédios dessas escolas apresentam um projeto arquitetônico

¹⁶ Em 1952, um grupo de moradores decidiu construir uma igreja e como a iniciativa partiu dos líderes comunitários, dentre eles Jacob Thiesen, com o passar do tempo à localidade que pertencia a São João do Deserto começou a ser reconhecida por Linha São Jacó.

¹⁷ O nome da escola foi escolhido (1948/9) pela sua primeira professora Maria Gersy, a título de sugestão de sua mãe Erna Höher. Em 2005 a escola foi desativada (ANEXO D).

¹⁸ A primeira diretora/professora foi Maria Hilda Scherer (ANEXOS F e G), mãe do professor Sérgio, pai da professora Márcia e avó da professora Carina, funcionários públicos da RMENH.

semelhante, talvez pelo fato de ambos terem sido inaugurados em 1976, ou quem sabe houvesse um projeto institucional padrão para a construção dos prédios escolares municipais nessa época.

Fotografia 12 - Escola Municipal de Ensino Fundamental Bento Gonçalves, Taimbé



Fonte: Registrada pelo autor, 2010.

Na localidade de Taimbé, situa-se a EMEF Bento Gonçalves¹⁹, em destaque na figura 12. As Aulas dessa escola iniciaram de forma domiciliar em 5 de março de 1884²⁰, em residência particular. Na década de 1950, passou a funcionar na residência da professora Lúcia Plentz. Recebeu prédio próprio²¹ somente em 1976, na gestão do prefeito Miguel

¹⁹ De acordo com pesquisas feitas no APMNH, Maria das Neves Marques Petry foi professora no período de 1907 até 1911 na Escola Bento Gonçalves, conforme documento “Apostilla - decreto 1º de fevereiro de 1911” recebe autorização para se transferir da 26ª para a 33ª Aula de 1ª Entrância. O documento registra a docência dessa professora no período de 1907 até 1911.

²⁰ Conforme documento anexo, sobre seu funcionamento registra-se: “Procuramos documentação da escola, só achamos de 1º de março de 1952, assinado pela professora Maria do Carmo Schaab. Eu tenho dados de pessoas antigas (da localidade), [...] onde consta que esta escola iniciou suas atividades em 05 de março de 1884 e que antes da professora acima citada, teriam outras [...] que seriam: Rosa da Silva, Maria Marques, Olga Barth, Ercidia Pereira da Conceição, Maria Elvira Moehlecke e Ercidia Vieira - Bento Gonçalves, Lurdes” (ANEXO H).

²¹ Conforme documento localizado na residência da professora Lúcia Plentz, assim consta: “Sábado pela manhã, o prefeito Miguel Schmitz acompanhado de assessores e outras autoridades, esteve em Lomba Grande, onde inaugurou uma escola municipal e trecho de uma importante estrada da área rural. Às 10h da manhã, o prefeito inaugurou a escola acompanhado dos secretários da Educação, João Carlos Schmitz; de obras, Renato Pilger; de Transportes, Geneci Leal; da Fazenda, Paulo Justen, e da Administração, Paulo Klein. Também este

Schmitz, com doação de terras pela família Plentz. Nesse contexto emergem as memórias de Lúcia, de seu irmão Paulo e da sobrinha Eloísa. Ao rememorarem o peso histórico que a instituição carrega em si registraram as mazelas da docência, marcadas pela distância, diferença e esquecimento.

De modo geral, preserva-se ainda nas localidades a escola, a capela, o cemitério, a terra que representam elementos culturalmente construídos, símbolos de um processo identitário. O convívio com Márcia e Eloísa possibilitou rememorar costumes que foram experimentados na infância. Lembranças do cotidiano de comunidade, cujas relações eram de receptividade; lugar em que os “chapéus” ainda conduzem os homens e que a “prosa” é mais do que apenas trocar algumas palavras, representa o valor e respeito pelo sujeito que fala. A “boa conversa” recorda a infância, momentos em que fitava meus avós narrando causos.

A justificativa dessa pesquisa relaciona-se com a escuta das “vozes” desses professores, sobre o percurso histórico desse lugar e principalmente, quanto a proposta de fechamento²² das Escolas Isoladas em 2007.

Em 2007 a SMEDNH, (gestão 2005/2008), apresentou às escolas do interior um projeto para unificar quatro escolas, de localidades muito distintas e concentra-las na região central desse bairro, construindo um prédio novo e moderno para atender todos os alunos da Lomba Grande.

O processo de fechamento das escolas produziu nas localidades de Santa Maria do Butiá, Taimbé, Quilombo e Morro dos Bois muita discussão e revolta. As comunidades se articularam e reivindicaram o direito a permanência nas escolas (EMEF Washington Luiz, Bento Gonçalves, Conde D’Eu e Tiradentes)²³. Mesmo com intensos protestos e muitas reuniões, ocorreu a inauguração da “Bentão”, que produziu uma redução significativa nas matrículas de 2007 para 2008 daquelas escolas. O exemplo mais significativo é o da EMEF Tiradentes que reduziu 79% da sua matrícula geral. Em 2008, o prédio novo absorveu cerca de 74% dos alunos oriundos daquelas escolas, conforme demonstra, abaixo, o quadro 2.

presente o presidente da Câmara, João Viegas da Rocha. A Escola Municipal Bento Gonçalves – três salas de aula, sanitários, secretaria e área coberta, está localizada em Taimbé. Teve um custo de 250 mil cruzeiros. A diretora da escola [...] que inclusive doou a área onde foi erguido o educandário. [...]” (ANEXO I). Nessa época as escolas receberam prédio próprio, bem equipado, com acabamento de alvenaria, inclusive.

²² Um dos motivos, para a política de fechamento das escolas, pela administração 2005/2008, era a formação precária dos professores ou a falta desses, o que colaborava para o baixo aproveitamento dos alunos (ANEXO J).

²³ Além destas escolas compreende o conjunto de escolas da área rural: EMEF Castro Alves – na localidade de Passo dos Corvos; EMEF José de Anchieta - na localidade de São João do Deserto; EMEF Professora Helena Canho Sampaio – Loteamento Integração e o novo prédio da EMEF Bento Gonçalves – centro de Lomba Grande – Vila Brasília (escolas em regime seriado).

Quadro 2 - Matrículas do Censo RMENH 2007/2008

Escola	Matrícula Geral 2007	Matrícula Geral 2008
Pres. Washington Luiz	89 alunos	85 alunos
Conde D'Eu	92 alunos	70 alunos
Tiradentes	61 alunos	13 alunos
Bento Gonçalves*	42 alunos	171 alunos

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do CENSO Escolar de 2007 e 2008.

*Em 2008 havia 12 alunos que permaneceram no prédio antigo da escola, na localidade de Taimbé.

Conforme consta no quadro 02, as escolas das localidades não fecharam, porém, muitas famílias “optaram” pela nova escola, reduzindo sensivelmente o número das matrículas nas escolas do interior, mesmo com a mobilização das comunidades, não foi possível evitar este evento²⁴.

Em 2009, como assessor pedagógico de um conjunto de escolas, dentre elas as citadas no quadro 2, possibilitaram a descoberta de um “lugar de esquecimento”, de margem, talvez, pelo estigma do calçado que, ao colocar Novo Hamburgo como município pioneiro na industrialização e comercialização do couro, elevou-se o *status* urbano relegando ao campo pouca visibilidade.

Contudo, a proposta aqui não foi a de reconstruir as histórias de vida, muito menos a história das instituições escolares no espaço rural, mas registrar as marcas, o protagonismo de dez professores rurais, sua formação e prática. Por meio da memória social, pretendeu-se analisar e compreender as representações dos professores sobre a opção pelo magistério e a prática apropriada em classe multisseriada. Interrogando os professores, em Lomba Grande, ao narrarem suas trajetórias se poderiam utilizar-se dos argumentos da vocação e tradição como forma para justificar sua opção docente; bem como se as memórias de práticas docentes

²⁴ Mesmo não sendo objetivo desta pesquisa, cabe registrar que esta proposta de fechamento produziu uma desorganização quanto ao vínculo das matrículas, principalmente no que diz respeito ao direito das crianças estudarem na escola mais próxima de sua casa. Esse é o caso das crianças da Vila Brasília que em 2009/2010, por falta de espaço físico na “Bentão”, foram encaminhados para outras escolas em diferentes localidades, um movimento de retrocesso nesse sentido. Observa-se ainda no quadro 02 que o novo prédio da Escola Bento Gonçalves absorveu não apenas os alunos da escola como também das demais escolas do bairro, ignorando o critério do zoneamento, estabelecido pela SMEDNH. Da mesma forma, os números estimados na ocasião dos estudos sobre o fechamento das escolas (ANEXO K), a exemplo da resistência e articulação da comunidade, da EMEF Washington Luiz 47 alunos poderiam optar pela EMEF Bento Gonçalves, prédio novo, enquanto 37 ficariam na escola. Comparando com o quadro 02, verifica-se que a matrícula real de 2008 superou a estimativa da SMED, foi de 85 alunos, portanto, somados os índices (alunos que ficariam e os que poderiam optar pela migração) desta escola nenhum aluno migrou, inclusive, a Washington recebeu um aluno novo até a ocasião do Censo.

enquanto aluno, antes mesmo de se saberem professores, poderiam ser também encontradas como unidade de análise.

Nesse sentido, investigou-se como esses professores se narraram ao falarem sobre suas memórias relacionadas às práticas em classes multisseriadas. O que emergiu a partir das marcas da memória sobre essa prática? Como as memórias das trajetórias docentes evidenciaram o contexto de apropriação prática, bem como permitiram reconstruir cenários do ensino rural em Novo Hamburgo?

A intenção desse capítulo foi explicitar a relação da delimitação do problema de pesquisa à trajetória de vida e acadêmica do pesquisador. As memórias revisitadas permitiram refletir e desdobrar inquietações sobre o espaço em estudo, bem como compor um cenário de práticas e experiências que se entrecruzaram pela configuração de um tempo social compartilhado. No próximo capítulo, o objetivo é reconstruir o contexto do ensino rural no século XX, delimitando as relações das práticas em classes multisseriadas em âmbito nacional/local.

3 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO RURAL: RELAÇÕES DE CONTEXTO

Este capítulo objetiva reconstruir aspectos de contexto que caracterizaram o processo histórico da educação rural no Brasil e suas relações com a história do ensino em classes multisseriadas em Novo Hamburgo/RS. A partir daquilo que os sujeitos dessa pesquisa recordaram, dos seus depoimentos recolhidos nas entrevistas, bem como os documentos ditos oficiais¹ (Leis e Decretos) recuperados foi possível conhecer um pouco sobre o percurso da trajetória da educação em Novo Hamburgo.

No início do século XX percebiam-se ainda, a continuidade, no Rio Grande do Sul, de aspectos que marcaram o ensino no século XIX, no qual a escolarização destinava-se aos filhos de alguns homens de posses que contratavam professores particulares para instruí-los, bem como a presença de Aulas dos estudos Elementares². O pouco investimento do Estado em educação e de modo geral, uma educação no espaço rural, possibilitou a construção de uma identidade específica de valor étnico, cultural e agrícola nas diferentes comunidades rurais. As políticas educacionais atinham-se nos estudos iniciais, bastando, portanto, ensinar a decifrar códigos de leitura e escrita.

O século XX também assistiu a inúmeras transformações, no que se refere ao espaço rural, o Brasil passou de uma sociedade eminentemente agrária a uma sociedade industrial, e a cidade assumiu a posição de guia, de modelo dos paradigmas culturais e sociais. Almeida (2007) argumenta que as mudanças econômicas e sociais promoveram transfigurações identitárias e, portanto, afirmou-se uma tendência de construção de identidades urbanas, associando a cidade o *status* de progresso.

No contexto educacional brasileiro, com o advento da República, abriu-se um processo de mudanças estruturais que se pautavam na consolidação do trabalho assalariado e melhoramentos urbanos aliados ao início da industrialização. Os novos olhares para a educação indicavam o caráter público, universal e laico. O paradigma republicano promoveu uma reestruturação do Estado que buscava na escolarização uma possibilidade alternativa para

¹ As Leis e Decretos (1927 a 2009) foram consultados diretamente na Secretaria de Planejamento e Gestão da Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, na Diretoria de Expediente. Registra-se que apenas os funcionários aposentados pela Lei 28/53 constam de Decretos-Lei para nomeação e para aposentadoria, os demais funcionários eram efetivados, exonerados e/ou aposentaram-se mediante Portarias. Optei também em preservar a forma primitiva da escrita ao utilizar-me dos documentos oficiais.

² Eram escolas cujos professores eram reconhecidos ou nomeados como tais pelos órgãos de Estado responsáveis pela instrução, e funcionavam em espaços improvisados, geralmente na casa dos professores, os quais, algumas vezes, recebiam, além do salário, uma pequena ajuda para o pagamento do aluguel. Os alunos ou alunas dirigiam-se para a casa do mestre ou da mestra, e lá permaneciam por algumas horas para receber o conhecimento do mestre (FARIA FILHO, 2004, p. 12).

acompanhar as transformações que vivia o país nessa época. No intuito de contribuir para nacionalização do país através da escola surgiram iniciativas de diferentes setores da sociedade como o movimento produzido, por exemplo, pelas Cruzadas Nacionais³ (GHIRARDELLI JUNIOR, 2009).

Durante a República Velha (1889-1930), época em que se imprimiu na sociedade brasileira o *status* da modernidade, as escolas rurais mantiveram os aspectos descontínuo e desordenado da época do Império. A educação promovida pelo Estado priorizava o ensino da leitura e da escrita, por exemplo, de meios repetitivos do catecismo cívico-nacional, em que a criança era impregnada de todos os deveres que dela se esperavam, pois como “[...] defender o Estado, pagar impostos, trabalhar e obedecer às leis [...]” (BRITTO, 2007, p. 32). As características alteraram-se apenas a partir da década de 1930 quando o capitalismo atingiu fortemente a zona rural intensificando a necessidade de formação escolar dos camponeses.

O crescimento urbano e industrial que marcou a década de 1930 produziu na população rural aspiração de “[...] ver se seus filhos poderiam, uma vez fora da zona rural, escapar do serviço físico bruto”. A questão fundamental da escola continuava sendo “de ensinar a ler, escrever e calcular” (GHIRARDELLI JUNIOR, 2009, p. 39). A função da instrução salientava-se frente aos novos paradigmas que se projetavam na ótica da formação geral e o desenvolvimento humano do ser humano como um sujeito pátrio, ativo e atuante.

As políticas educacionais, nas primeiras décadas da República, encontravam-se em processo de estruturação. A articulação responsabilizava os Estados pelas transformações representativas que se processaram a partir de Decretos-Lei. O próprio Congresso Constituinte de 1891 determinava que fosse responsabilidade dos Estados e municípios a organização, implementação e manutenção do ensino primário, esvaziando a possibilidade do governo central assumir tais responsabilidades. Nesse sentido, gradativamente, os estados deveriam providenciar reformas de ensino que se adequassem às suas realidades político-educacionais (BENCOSTA, 2009).

³ O documento localizado enfatiza a criação de escolas públicas em Novo Hamburgo bem como a diminuição das matrículas das escolas particulares. Utiliza-se ainda a justificativa cívica nacional para atender uma demanda local. “Considerando que essa obra notável de civismo se desenvolve no território pátrio, onde, de 7.500.000 crianças em idade escolar, estão matriculadas nas escolas públicas e particulares apenas 2.500.000. [...] está despertando nas classes populares, por meio de propaganda hábil, uma mentalidade patriótica [...] condição fundamental de soberania nacional; [...] é coordenado pelo eminente brasileiro Dr. Gustavo Armbrust.” Decreto Nº 06 de 1º de junho de 1939 (ANEXO L). Denomina Escola Domiciliar Nº 1 “Dr. Gustavo Armbrust” aula de alfabetização, localizada na zona rural deste município denominada de “Wiesental”. O local popularmente chamado, na época, pelos “brasileiros”, de “Visital”. Atualmente, denomina-se a região de limite entre os bairros Rondônia e Canudos, em direção à estrada da Feitoria, São Leopoldo. Para Selbach (1999), na década de 1950 também foi denominada de área suburbana. A denominação da escola atende uma prática da época, de que os estabelecimentos escolares recebessem nomes de personalidades patronímias ligados ao desenvolvimento educacional no país.

Nesse período, a Instrução Primária contou com iniciativas de diferentes segmentos da sociedade, sob influência do pós 1ª Guerra Mundial, bem como se firmaram iniciativas que engendraram poder municipal, estadual e federal, em regime de cooperação intensificando a escolarização; dentre estas a ação das Ligas Nacionalistas⁴ que contribuíram financeiramente para conter o analfabetismo. A consciência da alfabetização associada ao desenvolvimento produtivo da nação também figurou como característica da influência do movimento conhecido como “otimismo pedagógico”.

O movimento do “otimismo pedagógico” e do “entusiasmo pela educação” contribuiu para arquitetar a escola do século XX, como a grande instituição da construção de uma identidade nacional. Esse aspecto observa-se no Decreto Nº 9 de 19 de abril de 1941, quanto aos objetivos das Aulas criadas em Novo Hamburgo pretendiam desenvolver e aperfeiçoar o ensino primário municipal, contribuindo para “[...] levar as consciências juvenis o amor á terra, despertando nelas inclinações pelas atividades agrícolas e o espírito de economia” (ANEXO N).

É a partir da década de 1930 que a educação, em âmbito nacional, se torna um direito de todos e obrigação dos poderes públicos (CURY, 2009). A constituição de um Plano Nacional de Educação, “de Ensino Primário gratuito e obrigatório”, vinculando obrigatoriamente um percentual de impostos dos Estados, Municípios e União em favor da educação escolar possibilitou, paulatinamente, a criação de fundos para uma gratuidade ativa da merenda, material didático e assistência médica-odontológica. Essa organização aproximava cada vez mais a escola de uma “educação comum, igual para todos” (GHIRARDELLI JUNIOR, 2009).

De fato, a pedagogia exercida pelos professores aproximava-se das práticas associadas à passagem dos jesuítas pelo Estado, bem como a interferência da Igreja presente na escola. Uma das instituições de representação mais expressivas nesse período foi a Igreja Católica. Percebendo que após a Revolução de 1930, as mudanças políticas do Estado poderiam lhe ser muito útil, esforçando-se para romper a separação formal que instituía à Constituição de (1891). A proposta da Igreja, aproximava-se dos “escolanovistas”, considerando o argumento de que a liberdade de ensino havia produzido práticas perturbadoras, sendo necessária uma fiscalização real e eficiente sobre os professores.

A tríade “educação”, “instrução” e “cultura”, atendiam o movimento da década de 1930, cuja prática de ensino pretendia a preparação física do “poder” e a formação moral do

⁴ O Decreto Nº 04 de 28 de fevereiro de 1939, enfatiza “que ao município cabe a cooperação de esforços na obra de reerguimento do ensino por parte do Estado, dando às novas gerações uma consciência mais nítida do espírito brasileiro” (ANEXO M).

“dever”, sob forte influencia vocacional, constituído de um programa de educação moral e cívica,

[...] que se tornou co-responsável pela transmissão de um conjunto de princípios que corporificavam idéias patrióticas, que eram instrumentalizados nas salas de aula e nas palestras proferidas na escola, cujo principal objetivo era despertar os sentimentos de amor e dever à família, à sociedade e, principalmente, à pátria. É neste ambiente civilizatório que emergem os desfiles e festas patrióticas (BENCOSTA, 2009, p. 75).

Embora a Carta Constitucional de (1934) tenha representado progressos no que se refere ao ensino público no Brasil, exigindo, inclusive, ingresso na docência por concurso público, no período do Estado Novo⁵ (1937-1945) figuram as Leis Orgânicas do Ensino. Destaca-se, a partir de 1942 a “Reforma Capanema”: abrangendo os ensinos industrial e secundário (1942); comercial (1943); normal, primário e agrícola (1946). Por essas reformas o Ensino Primário foi desdobrado em Ensino Primário Fundamental, de quatro anos, destinado a crianças entre 7 e 12 anos, e Ensino Primários Supletivo, de dois anos, que se destinava aos adultos e adolescentes que não haviam tido a oportunidade de frequentar a escola na idade adequada.

Durante o Governo Vargas e sob influencia do Ministro Capanema, a ênfase da educação estava na profissionalização para o trabalho. O principal objetivo da política de vinculação educação-trabalho não era obter determinados efeitos sociais e sim formar bons trabalhadores para o capital.

A estrutura do ensino proposta por Capanema contribuía para o afunilamento “natural” da escolarização. O ensino primário⁶, basilar e indispensável para a formação humana,

⁵ Investigando o livro ponto dos professores em diferentes escolas rurais de Novo Hamburgo, há uma riqueza de detalhes assinalados nas observações, registrando a vida funcional e o cotidiano da prática dos profissionais da educação. Observa-se esta prática até a década de 1950. No livro do Grupo Escolar Madre Benícia, em 1937, ainda Aula Pública Mista Federal, no mês de setembro de 1937 o professor José Afonso Höher registra sobre os conflitos de poder do período do Estado Novo: “Por aviso de 27-9-37. Desde o dia 22 de setembro deixei de ser professor subvencionado pelo governo Federal em virtude da recisão do contrato de que fui vítima pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, na pessoa do Sr. Governador Flores da Cunha que perseguiu todos os funcionários que não o apoiaram na sua nefasta posição”. Em relevo, nas observações ainda registra-se ao lado do nome de cada um dos alunos a lição em que se encontrava na “Seleta” e/ou livro. Exemplo: Gerda Plentz “Seleta” gramática, literatura; Ester Muller 1º livro (ANEXO O).

⁶ O primeiro documento que regimenta as escolas municipais de Novo Hamburgo, data 16 de outubro de 1952, na gestão de Plínio Moura, cujo Orientador de Ensino era o Dr. Parahim Pinheiro Machado Lustosa. O Decreto Nº 4 consta de documento datilografado em 9 folhas. Dividido em quatro títulos. O título I artigo 1º registra que “As Escolas Municipais serão mixtas, dividindo-se em urbanas, suburbanas e rurais, todas, porem, obedecerão ao mesmo programa de ensino.” Registra-se que as escolas serão “Isoladas, Reunidas e Grupos Escolares” e os nomes dos Grupos Escolares terão “denominações patronímicas, recaindo a escolha em nomes de grandes vultos de nossa Pátria”. As escolas isoladas eram numeradas em ordem sucessiva. Quanto ao período do ano letivo “inicia-se no primeiro dia útil de março e encerra-se a 15 de dezembro”. A prática evidente neste documento reconhecia como dia letivo o turno de trabalho com no mínimo duas horas. Consta que no dia seguinte a “concentrações ou desfiles que exijam a permanência dos alunos em formatura mais de duas horas”, compensaria um dia letivo (ANEXO P).

aconteciam nas “Escolas Isoladas; Escolas Reunidas ou nos Grupos Escolares”, com previsão de quatro anos de escolaridade, complementadas por mais dois anos de ensino preparatório ou complementar, que deveria acontecer no Grupo Escolar. Após admissão a etapa seguinte, a opção de curso complementar indicava outra determinante que conduzia e engessava uma profissão. O ensino ficou composto, neste período, por curso primário, curso ginásial e colegial, podendo ser na modalidade clássico ou científico. O ensino colegial perdeu o seu caráter propedêutico, de preparatório para o ensino superior, e passou a se preocupar mais com a formação geral e diretiva.

Após este período de centralização, na década de 1950, surgem ações identificadas com uma tendência autonomista. No início dos anos 60, desenvolvem-se procedimentos administrativos tendentes à descentralização do ensino primário. Nesse sentido surgem inúmeras “frentes de irradiação do analfabetismo”, incluindo a “Campanha Nacional de Educação Rural” (WERLE, 2009).

Em 1947, termina o regime do Estado Novo, mas as instituições criadas permanecem. Apenas alguns de seus institutos se dissolveram, como a Juventude Brasileira e a instrução pré-militar. Outras tantas criações do período subsistem: as festas e desfiles, a obrigatoriedade da educação física, comercial, industrial. Começam, entretanto, novos processos. O projeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional é longamente debatido e tramita no Congresso Nacional de 1948 a 1961 (WERLE, 2009, p. 45).

Quanto à estrutura federativa educacional em 1953 a educação e a saúde separaram-se, a partir da criação do Ministério da Educação e Cultura (Decreto-lei Nº. 1920, 1953), alterando novamente esta designação, em 1985, quando passou a Ministério da Educação (Decreto-lei Nº. 91.114, 1985) produzindo reorganizações em diferentes partes do país, o que se refletiu também nas práticas de inspeção⁷, supervisão e orientação de ensino (WERLE, 2009).

Na década de 1960 as mudanças profundas, no contexto político, repercutiram diretamente no sistema educacional. Com a renúncia de Jânio Quadros e a deposição de João Goulart, o país esteve exposto a uma série de mobilizações que demonstraram a existência de

⁷ O Inspetor de Ensino ou Orientador desempenhava a fiscalização da qualidade do trabalho do professor, assiduidade, bem como, tinham a responsabilidade de elaborar e aplicar os exames finais. Quanto às comissões examinadoras, eram constituídas por colegiados, incluindo escolas públicas e particulares. Quanto a existência das aulas particulares da comunidade católica em Lomba Grande, na década de 1930, registra-se pedido de subvenção estadual, feito pela comissão examinadora da língua vernácula, foi constituída pelo subprefeito e um membro do Partido Republicano local “- os pais de alunos mantêm há anos a aula da comunidade, que tem por fim aprimorar o ensino religioso e a língua vernácula; - que da comissão examinadora do exame da língua vernácula, procedido em dezembro, tomaram parte o subprefeito, tenente Lauro José Martins e José Afonso Höher, membro da Comissão do Partido Republicano local; [...] Moehleke, Guilherme et al. Ofício da comissão escolar ao prefeito de São Leopoldo. [...] Lomba Grande, 9 jan. 1932 (MHVSL)” (WERLE, 2005, p. 148).

um nível de consciência por parte de sua população. No setor econômico, a partir de 1964 o país conheceu um “modelo capitalista periférico, associado e subalterno”, cujo efeito foi sentido nas transformações sociais que modificaram as práticas educacionais a partir da DIMEP⁸ - Divisão de Municipalização do Ensino Primário (VECCHIA; HERÉDIA; RAMOS, 2008, p. 28).

A Lei 4.024/61 teve um papel fundamental contribuindo para está prática educacional aplicada à escola, que passou a ser “[...] controlada e avaliada de forma inédita [...] para que [...] não fossem um espaço de educação popular, mas uma forma de gerar produtividade e eficiência do próprio processo educacional”. Nesse contexto surge o Serviço de Expansão Descentralizada do Ensino Primário⁹, criado no Rio Grande do Sul, em 1960 e reestruturado em 31 de dezembro de 1965, mediante o Decreto 17.750. Na instância municipal, acordos e subvenções se firmaram numa articulação entre Estado e Municípios formando a Divisão de Municipalização do Ensino Primário. “Essa divisão teve por finalidade promover a celebração de acordos e convênios [...] objetivando a expansão da rede municipal e a descentralização do ensino primário” (VECCHIA; HERÉDIA; RAMOS, 2008, p. 28).

No final da década de 1960 princípios e leis complementares expressaram aspectos presentes na legislação anterior, porém a Constituição Federal de 1967 e as leis complementares de 1969 estabeleceram a obrigatoriedade do ensino às crianças de sete a catorze anos, bem como a proposta do tecnicismo, orientou a produtividade e eficiência do ensino se percebendo nos princípios da Lei 5692/71. A LDB de 1971 permaneceu treze anos no Congresso, portanto, negando-se a possibilidade da discussão e construção pelo poder legislativo, sendo aprovada sem nenhum veto presidencial (GHIRARDELLI JUNIOR, 2009).

Na década de 1980, período denominado transição democrática, a administração municipal adotou uma proposta de política decorrente da situação conjuntural em que se

⁸ Em Novo Hamburgo, Lei Municipal Nº 15/66 de 6 de julho de 1966 firma termo de acordo especial entre o governo estadual e municipal para anexar plano de execução de municipalização do ensino primário. Destacam-se como ações, que havia um processo de seleção coordenado pela DIMEP, bem como supervisão, promoção e formação continuada através dos cursos de férias não inferior à 20h; uma exigência para os professores “não formados” exercerem a docência através desse acordo (ANEXO Q). Pesquisando os arquivos das atuais escolas rurais de Lomba Grande, localizou-se certificado de “Curso de Atualização Técnico-Pedagógica para os professores municipais organizado pelo DIMEP e DEE” em julho de 1970, com 15 horas-aula, realizado pelo professor Paulo Plentz (ANEXO R). Ainda localizou-se certificado de “Curso de Aperfeiçoamento para educadores municipais” num total de 60 horas-aula, de dezembro de 1976, cuja temática do Ensino rural dedica-se 20h. Este curso em parceria com a FEEVALE (na época Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior de Novo Hamburgo), registra uma das inúmeras parcerias que se firmaram no curso do tempo entre instituições privadas e o governo municipal, quanto à formação de professores (ANEXO S).

⁹ Decreto Nº 36/61 estabelece idade máxima de trinta e cinco anos, incompletos para inscrição de professores no concurso público de ingresso no magistério municipal (SEDEP) (ANEXO T). A força do decreto permite conjecturar que professoras aposentadas provavelmente manifestaram interesse nesse programa de expansão do ensino primário.

encontrava o País. “O nosso país ganhou uma nova Constituição em 1988 – mais generosa quanto a direitos sociais [...]” (GHIRARDELLI JUNIOR, 2009, p. 169). Essa proposta, sustentada na melhoria da qualidade do processo de aprendizagem, foi uma das metas principais do ensino no período. “Em decorrência dessa meta, novas propostas de alfabetização surgiram, entre elas, a proposta baseada no construtivismo, que foi gradativamente implantado nas primeiras séries da rede municipal de ensino” (VECCHIA; HERÉDIA; RAMOS, 2008, p. 34).

Na década de 1990, a LDB de 9394/1996 reorganizou e estruturou a educação básica em Ensino Fundamental (contemplando o Ensino Primário), este intermediário dos níveis da Educação Infantil (contemplando o Jardim de Infância) e o Ensino Médio (contemplando o antigo Segundo Grau). Todas estas iniciativas, de modo geral buscavam garantir um Ensino Público gratuito, obrigatório e de qualidade que mesmo pautado no olhar urbano, estendeu-se às zona rural¹⁰.

Ribeiro e Antonio (2007) argumentam que ao longo da história, aplicaram-se vários programas para educação rural, porém, o modelo de escola rural que tem predominado na nossa história é constituído, quase que em sua maioria, de classes multisseriadas de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, a cargo de professores leigos, ou com menor tempo de formação que os professores das escolas urbanas.

Conforme Calazans e Silva (1993), a inserção do ensino (regular, formal e oficial) em áreas rurais iniciou no final do Segundo Império a partir das classes de mestre-único e ampliou-se na primeira metade do século XX. O seu desenvolvimento reflete, de certo modo, as necessidades decorrentes da evolução das estruturas socioagrárias do país. É nesse contexto que a escola rural se instaurou tardia e descontinuamente.

As classes multisseriadas ainda se conservam como única alternativa para a escolarização das comunidades “[...] de difícil acesso e não pode ser entendido como um momento precário, uma medida paliativa, provisória. Um número significativo de alunos, professores e pais dependem e fazem seu cotidiano a partir destas escolas” (FERRI, 1994, p. 17).

¹⁰ Utilizo-me do termo rural de acordo com Nörnberg (2008), como um ambiente no qual decorreu as práticas culturais, sendo a escola uma referência que baliza a identidade e pertencimento ao lugar. Este trabalho não pretende discutir trajetórias para o campo ou no campo como tratam, por exemplo, Ribeiro (2008). O rural é entendido como espaço/lugar em que as memórias se materializam e desenvolvem. Utilizo-me do conceito de lugar de Santos (1991) cuja temática da história local, do lugar, se desdobram na medida em que a história do entorno vai sendo reconstruída. Como afirma o autor: “O lugar é um conjunto de objetos que têm autonomia de existência pelas coisas que o formam. [...] mas que não tem autonomia de significação” (SANTOS, 1991, p. 52).

Embora as classes multisseriadas¹¹ existam em espaços urbanos, o “interior” parece ter se configurado como lugar privilegiado dessa prática. O argumento da adversidade às condições físicas espaciais e o reduzido número de alunos das comunidades rurais colaboram para a continuidade desse tipo de escola.

A função da escola rural confunde-se com o conceito que a acompanha, pois as escolas rurais, de mestre único, multisseriadas, fazem parte da história da educação brasileira. Enquanto que as escolas rurais criadas para preparar o homem produtivo que, além dos conhecimentos básicos dominasse as técnicas de plantio e fosse garantia de melhor produção, foi sistematizada pelo Decreto-lei 9613, de 20 de agosto de 1946, como Lei Orgânica do Ensino Agrícola (MIGUEL, 2007, p. 83).

A questão do que a escola rural poderia ou deveria ensinar¹² permaneceu limitada pelas condições do meio, incluindo-se aí a questão da formação do professor. Como enfatiza Miguel (2007), diferenciavam-se as práticas das Escolas Rurais, agregadas ao Ensino Agrícola, das Escolas Multisseriadas, como primórdios da educação no país.

A educação rural foi vista como um instrumento capaz de formar, de modelar um cidadão adaptado ao seu meio de origem, mas lapidado pelos conhecimentos científico endossados pelo meio urbano. Ou seja, a cidade é quem apresentava as diretrizes para formar o homem do campo, partindo daí, os ensinamentos capazes de orientá-lo, civilizá-lo a bem viver nas suas atividades, com conhecimentos de saúde, saneamento, alimentação adequada, administração do tempo, técnicas agrícolas modernas amparadas na ciência, etc. A escolarização deveria preparar e instrumentalizar o homem rural para enfrentar as mudanças sociais e econômicas. Dessa forma, o sujeito do campo poderia participar e compreender as idéias de progresso e modernidade que emergiam no país.

Em Novo Hamburgo, sinais podem ser percebidos em espaços como Lomba Grande, por ser uma região rural algumas características permaneceram como força de uma tradição

¹¹ Ramalho (2010) apresenta dados de 2003, de que 81 mil escolas brasileiras tinham classes “multisseriadas”, ou seja, turmas onde alunos de diversas idades e séries estudam em uma mesma sala e estão concentradas em sua maioria nas zonas rurais, principalmente do Norte e Nordeste brasileiros. O Censo Escolar de 2006 indica a existência de 7.4 milhões de matrículas nas escolas do campo em uma rede de 92.172 estabelecimentos para educação básica. Destes, 71.5% estão matriculados em classes multisseriadas em turmas de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental. A educação rural no Brasil está assim representada: 83% das escolas são multisseriadas; 40% têm apenas uma sala de aula; 49% dos alunos de 1ª a 4ª séries estão defasados (INEP, 2007).

¹² Em Novo Hamburgo até o fim da década de 1950 existiam os Clubes Agrícolas, presente nas escolas urbanas e rurais como prática a ser ensinada. De acordo com Almeida (2001) o Grupo Escolar era incentivado pelas autoridades que estimulava constituir um valor educativo, atuando em algumas situações como entidade formadora dos professores que iriam atuar no ensino rural. O Clube objetivava o amor a terra, defesa do nacionalismo e a erradicação do homem no campo. Conforme consta no Decreto Nº 4 de 16 de outubro de 1952, no Título II, Capítulo IX – Das Instituições Escolares “[...] Artigo 48º - Recomenda-se a criação das seguintes instituições: a) Circulo de Pais e Mestres; b) Caixa Escolar; c) Biblioteca; d) Pelotão de saúde; e) Clube Agrícola; [...] deverão obedecer em sua organização a estatutos fornecidos pela Prefeitura, ou seja – pelo Departamento de Educação. [...]” (ANEXO P).

construída na convivência social, nos lugares que foram constituídos como ponto de referência ao lugar. Observa-se na fotografia 13 a importância que o “caminho aberto” na região central adquiriu no curso do tempo.

Fotografia 13 - Área central do bairro Lomba Grande, provavelmente final do século XIX



Fonte: Acervo pessoal virtual de Moisés Braun, 2011.

Do ponto de vista histórico Lomba Grande pode ser entendido como um “entre-lugar” considerando que desde o século XIX, como espaço que acolheu um número significativo de imigrantes alemães configurou-se com “corpus” próprio sem vinculação direta com a Colônia de São Leopoldo, conforme fotografia 13, que recupera ponto de encontro dos moradores do lugar, atual Rua João Aloysio Algayer. A adversidade do lugar, as condições precárias, imprimiu a necessidade da constituição de práticas culturais locais (BHABHA, 1998).

Uma condição de entre-lugar indica que entre um nem isto e nem aquilo, há um conjunto de condicionantes que produzem um modo de ser da cultura local. Ou seja, trata-se de percorrer os entre-lugares para perceber a tessitura das margens. Isso significa um trabalho que busca compreender como a cultura se fez e, qual sua forma de se tornar presente no cotidiano, ou seja, de como a cultura local estabelece sua pedagogia, como cria seu mundo, encontro de culturas (THUM, 2009, p. 108).

Partindo desta relação entre passado e presente, a investigação do cotidiano revelou Lomba Grande como um espaço que não se definiu apenas pela sua configuração física, mas

antes pelas ocupações múltiplas que deslocalizaram/relocalizaram suas referências, filiações e identidades. Constituindo-se de um tempo que não diz respeito à sequência organizada de situações, mas sim à apropriação pessoal ou coletiva de um conjunto de coordenadas que nos situam face ao devir histórico (MONARCHA, 2005).

A história de Novo Hamburgo está imersa no contexto da colônia alemã de São Leopoldo, principalmente a religião luterana e católica, que no decorrer do século XIX contribuíram para constituição da origem ao Vale dos Sinos (considerando o estabelecimento de colonos ao longo do rio dos Sinos). No ano de 1824, os imigrantes alemães desembarcam na Real Feitoria¹³ do Linho Cânhamo, onde hoje se situa a cidade de São Leopoldo, e alguns meses depois chegaram onde hoje se localiza o município de Novo Hamburgo, “[...] posteriormente, expandiram-se para áreas próximas chegando a Lomba Grande” (SCHÜLTZ, 2001, p. 107).

Como de costume, a influência religiosa legado europeu da colonização sugeria que ao lado de cada igreja deveria haver uma escola¹⁴, em Novo Hamburgo esta situação se reproduziu também, no valor dado à educação pelas pessoas que se estabeleceram em Lomba Grande (DREHER, 1984). Observa-se, na fotografia 14, uma situação semelhante na comunidade do Morro dos Bois, como a presença da Escola Tiradentes, Igreja e Cemitério.

¹³ Atualmente bairro Feitoria, situada nas imediações de Lomba Grande, utilizada por muitos habitantes para realização de práticas cotidianas, em virtude da proximidade e facilidade de transporte. Até 1940, Lomba Grande incorporava-se a este espaço considerando o fato de ser 6º Distrito de São Leopoldo, criado a partir do Ato Municipal Nº 39 de 1904. Apenas em 1940 essa área de terras passou ao perímetro municipal de Novo Hamburgo (SCHÜLTZ, 2001).

¹⁴ Dreher (2008); Arendt (2008) e Kreutz (2001) sugerem a tríade (Igreja, Escola e Cemitério) aspecto que figurava cenários das comunidades germânicas instaladas em diferentes partes do Brasil (séc. XIX). Os caminhos abertos pelos imigrantes originaram lugares. A construção de uma cultura local dava-se pela abertura das picadas que prepararam espaço da convivência cotidiana. Destaca-se ainda que a “venda” representava lugar de saber/aprender – detalhe lembrado nas entrevistas com professor Sérgio. Arendt (2008) identifica esta forma original de escola como “*Kolonieschulen*” – Escolas rurais.

Fotografia 14 - EMEF Tiradentes, Igreja Santo Antônio, Cemitério Católico em 2000



Fonte: Acervo institucional da EMEF Tiradentes.

A tríade (Escola/Igreja e Cemitério) registra também a constituição de um lugar de referência para os moradores da localidade. O ponto comum, cujas práticas, valores, costumes se percebem na relação com o outro, pode ser observado a partir da análise das memórias dos professores Sérgio e Márcia. Evidencia-se ainda na fotografia 14 que essas instituições sociais encontram-se na propriedade da família Scherer, o que também indica a referência e construção de lideranças locais a partir da convivência.

Com a imigração, floresceu no atual município de Novo Hamburgo, uma vida comunitária, característica da convivência europeia desses imigrantes desenvolvendo-se as principais atividades na agricultura de subsistência e na indústria artesanal que se estenderam até 1927.

A comunitariedade foi decisiva para a inclusão do motivo religioso na educação. Mencionando Hans Joerg, Lúcio Kreuz chama a atenção para o fato de que além do ensino formalizado do ler, escrever e contar, a catequese, juntamente com o ensino de rezas e cânticos, era prioritária. O aspecto religioso era quesito fundamental para a nomeação do professor. São essas características as mesmas que vamos encontrar nas regiões em que se instala o luteranismo no Brasil. A elas deve-se acrescentar que, não raro, os pastores eram também professores e que, muitas vezes, as escolas eram anexos da Casa Pastoral (DREHER, 2008, p. 23).

A vida em comunidade organizava-se em torno de suas escolas, igrejas, considerando o princípio religioso e escolar, entendidos como legado e tradição germânica. Essa prática comunitária revela que no interior de Lomba Grande, no século XIX, existiram as Aulas Domiciliares Públicas e Particulares, bem como a Aula Mista da Comunidade Evangélica, conforme fotografia 15, e católica, cujo material didático baseava-se no “Rosembruch” - cartilha escrita, manualmente, por este professor. Porém, o discurso educacional, ao longo da Primeira República (1889-1930), afirma que o homem do campo não carecia de uma formação educacional qualificada como o homem a cidade, a ênfase no atendimento recaía preferencial às populações urbanas contribuindo para atenuar as desigualdades entre o campo e a cidade.

Fotografia 15 - Aula comunitária da Paróquia Evangélica de Lomba Grande, início do século XX



Fonte: Acervo pessoal virtual de Moisés Braun, 2011.

O ensino primário em Hamburgo Velho (bairro do espaço urbano), ainda no século XIX vincula-se a criação da primeira escola do município, atualmente Instituição Pindorama, sendo uma das unidades da Instituição Evangélica. As primeiras escolas comunitárias católicas datam dos primeiros anos do século XX, com a fundação da Escola Normal Santa

Catarina, o Colégio São Jacó e as irmãs da Congregação de Santa Catarina que fundaram, em 1928, a Escola Paroquial São Luiz¹⁵ (PETRY, 1963).

Em Lomba Grande a histórias da educação se relaciona à sensibilidade da comunidade e das famílias que cediam compartimentos em suas residências para que fossem ministradas Aulas. O professor, em alguns casos também era oriundo da sua comunidade, que apesar da instrução mínima, na ausência de um mestre graduado¹⁶, desempenhavam a docência superando inclusive as dificuldades de falta de material didático, condicionando-se aos soldos provenientes das famílias.

No ensino das primeiras letras, não se tinha um tempo nem um ritmo determinados, não se pensava numa duração de um ou dois anos e também não havia idade obrigatória pra o curso. Os alunos poderiam começar as lições a qualquer momento do ano, quando seus pais considerassem possível e adequado (Gallego apud VICENTINI; LUGLI, 2009, p. 213).

Durante as entrevistas a professora Lúcia recordou que se alfabetizou com a “Seleta”¹⁷ que era um livro de alfabetizar, mesmo lembrando dos exames que aconteciam nas visitas da inspetoria do ensino, quando os alunos chegavam a concluir o quinto ano, ela observa que não recebiam diplomas. Este livro foi indispensável nas antigas escolas do Rio Grande do Sul, todavia auxiliavam no desafio enfrentado pelos professores em manter a frequência¹⁸ dos alunos da zona rural.

¹⁵ Também chamado Ginásio e Escola de 1º Grau São Luiz. A instituição foi fundada em 12 de fevereiro de 1928 pela Congregação das Irmãs de Santa Catarina. Até 1971 funcionou como Ginásio São Luiz de acordo com Portaria 15917 de 05 de julho de 1971. No período de 1971 à 1978 passou a chamar-se Ginásio São Luiz e em 1979 Escola de 1º Grau São Luiz, sendo incorporado à Escola Santa Catarina de 1º e 2º Grau (ANEXO U).

¹⁶ Conforme Decreto S/Nº, localizado na Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, com data de 23 de julho de 1945, assinado pelo prefeito Alberto Severo e pelo secretário Parahim P. M. Lustosa assim registra: “considerando que esta Administração tem procurado insistentemente preencher todas as vagas do magistério existentes em escolas do município, espalhadas por todo seu interior, mormente tratando daquelas em logares inacessíveis, afim de atender o grande numero de crianças moradoras em tais localidades; [...] considerando, ainda, [...] dificuldade em fixar, ali, um professor dadas as peculiaridades do meio; [...] não foi possível à esta Administração encontrar educadora diplomada para tal atribuição. [...]” (ANEXO V).

¹⁷ Dentre os sujeitos da pesquisa a professora Lúcia foi a única que recordou ter se alfabetizado com esta cartilha. Ela iniciou nossa entrevista falando sobre os poemas e versos que necessita decorar para o exame oral, que era realizado quando acontecia visita da inspetoria de ensino em sua escola. Esta cartilha “Seleta em Prosa e Verso” de autoria do escritor gaúcho Alfredo Clemente Pinto foi utilizada por muitas gerações marcando época. Sguissardi (2011) argumenta que foi uma das obras didáticas mais importantes nas escolas do R.S. na primeira metade do século XX, destaca inclusive, nos versos do poeta Mario Quintana. “A obra divide-se em duas partes: a primeira dedicada à prosa; a segunda, a poesia. A primeira subdividida em: contos, narrações e lendas; parábolas, apólogos, fábulas e anedotas; história, bibliografia, retratos e caracteres; religião e moral; e cartas. A segunda, em: narrações, apólogos, parábolas e alegorias; líras, canções, hinos, odes e sonetos; descrições e retratos; sátiras e epigramas; e poesias épicas.” (SGUISSARDI, 2011, p. 30-31).

¹⁸ Muitos alunos faltavam aula para auxiliar os pais com o trabalho na agricultura, pois como recordou a professora Élia “[...] *todo mundo ajudava, aí dizia, hoje vai ter pixuru [...]*”. Isso era fundamental para garantir a subsistência familiar. “Pixurum, pixuru, pichurum, puxirão, muxirão significa reunião de vizinhos para o trabalho em auxílio de um deles, seguida de festa, baile, comidas fartas. Em guarani, significa “por mãos à obra” (NUNES, Z.; NUNES, R., 2003, p. 401).

As Aulas Públicas eram instaladas quando existia o corpo docente. Havendo um professor, que era alocado segundo a demanda de matrículas, considerando o número de crianças em idade escolar, sem atendimento ou por interesses políticos, os recursos eram providenciados. A existência das Aulas estava condicionada ao professor, caso ele mudasse de residência, não vinha outro para estatuí-lo, trasladava consigo sua aula. “O professor público era responsável por todos os materiais da aula e tinha autoridade suficiente para apresentar representação, pedindo o que fosse necessário” (WERLE, 2005, p. 47).

A professora Gersy, iniciou suas narrativas recordando a figura docente de seu pai, professor José Afonso Höher¹⁹, com prática docente itinerante. Ela recorda que inicialmente havia também algumas “Aulas Domiciliares”, porém na década de 1930, o pai foi chamado pela Delegada de Ensino Nair Becker para formar as Aulas Públicas Reunidas de Lomba Grande. “E aí ele foi chamado para unir as escolas [...] e formou-se então as Escolas Reunidas²⁰ N° 5” (Gersy).

Fotografia 16 - Aula Pública “Mixta” Federal, 1920. Em destaque, sentado, professor José Höher



Fonte: Acervo pessoal da professora Maria Gersy Höher Thiesen, 2010.

¹⁹ Encontram-se nos arquivos da EMEF José de Anchieta, localidade de São João do Deserto, registros das aulas itinerantes ministradas entre 1918/1924 pelo professor José Afonso Höher. Werle (2005) recupera importante documento no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, no ofício desse professor ao prefeito municipal de São Leopoldo solicitando material escolar gratuito para crianças pobres, em documento que data 26 de fevereiro de 1937.

²⁰ As Aulas Reunidas (junção das Aulas da Paróquia Evangélica e da Igreja Católica de Lomba Grande) primórdios do Grupo Escolar de Lomba Grande. Atualmente, Instituto Estadual de Educação Madre Benéfica. Werle (2005) e Grazziotin (2008) indicam que a Aula recebeu denominações diferentes como Aulas Isoladas ou Avulsas.

No início do século XX, o professor José Afonso Höher seguia o ritmo itinerante da docência, percorria as localidades de Lomba Grande e arredores como (Taquara, Gravataí, Sapiranga) levando conhecimento para o interior. A professora Gersy rememora que “[...] o pai ficava afastado semanas e seguia diferentes caminhos à cavalo” e ela adorava escutar as muitas histórias que ele costumava contar quando retornava para casa. Na fotografia 16 registra-se uma Aula Pública “Mixta” Federal em 1920, em Fazenda Fialho regida pelo professor Höher, esta escola ficava nos limites de Lomba Grande com Taquara, localidade atualmente chamada de São João do Deserto.

De forma tímida²¹ no primeiro quartel do século passado as escolas públicas municipais de Lomba Grande são definidas pela existência de Aulas Isoladas, Reunidas, Mistas e pela organização do primeiro Grupo Escolar. Quanto às práticas nos Grupos Escolares a característica principal evidenciou a preocupação com a alfabetização, de certo modo a “[...] leitura [...] definia o grau de adiantamento, pois havia o 1º, 2º, 3º e 4º livro, e, depois, a Seleta [...]” correspondendo aos princípios da legislação da época. (ZERWES, 2004, p. 47). De fato, apenas mais tarde, com a política educacional de Getúlio Vargas que a educação passou a ser considerada como um elemento fundamental para o desenvolvimento econômico da nação.

Em Novo Hamburgo, muitas Aulas que se transformaram nos Grupos e Colégios²², efetivaram parceria com a instância municipal²³. Além disso, algumas contavam com subvenções municipais. O Grupo Escolar de Lomba Grande²⁴, por exemplo, a municipalidade arcava com o pagamento do aluguel, bem como havia reserva de recursos que se destinava a aquisição de materiais. Na instância regida pelo município na década de 1950, as Aulas passaram a se chamar Escolas Isoladas, pioneiras das EMEFs, da década de 1990.

²¹ Em 1883 havia duas escolas públicas no município e na data da emancipação (05 de abril de 1927), existiam sete escolas estaduais, uma municipal e seis escolas particulares, totalizando quatorze escolas que atendiam 924 alunos (NOVO HAMBURGO, 2008).

²² Os grupos escolares que compreendessem mais de 200 alunos passariam à categoria de Colégios. A criação dos grupos escolares pelo estado não garantia que ele construísse o prédio.

²³ Por exemplo, Decreto 5 de 28 de fevereiro de 1939 que torna municipal o Colégio São Jacó, passando a chamar-se Ginásio Municipal São Jacó, entidade que pertencia à União Brasileira de Educação e Ensino (ANEXO W). Decreto Nº 4 de 28 de fevereiro de 1939 que cria Jardim de Infância e cargo de professoras para prover auxílio a “[...] Escola da Comunidade Evangélica de Novo Hamburgo, [que] se resente de uma professora, que ensine especialmente o português. [...] Considerando que a aula Magui, creada pelas irmãs de Santa Catarina e já municipalisada [...] cumpre também amparar as nobres iniciativas de ordem particular [...]” (ANEXO M).

²⁴ De acordo com Livro Ponto Nº 1 do Grupo Escolar Madre Benícia, o professor José Afonso Höher, consta como primeiro regente desta instituição, nesse documento consta a professora Gersy como aluna número 38 na relação de “alunos” (ANEXO X). Em pesquisa ao ARPMNH encontra-se no jornal 5 de abril (volume 1939-1942 - diversos), que as Aulas Reunidas Número 5 da década de 1930 em 1939 configuravam-se a partir da 24ª. Aula Mista Isolada originando o Grupo Escolar em 1940. De acordo com o jornal, na Revista do Ensino Nº 11, Vol 3 de 1940, 4º semestre registra detalhes da constituição desse Grupo Escolar.

Os Grupos Escolares representavam “[...] a reunião de quatro a dez escolas preliminares (escola ou classe)” (GHIRARDELLI JUNIOR, 2009, p. 37). A estrutura previa um diretor, que deveria ser nomeado pelo governo. Como responsabilidade à figura do “regente”, esforçava-se em aproximar práticas e “modos de fazer” das representações elaboradas a partir das escolas da cidade. Esse aspecto se observou também no Programa do Ensino Primário Municipal da década de 1950, quando a municipalidade aprovou e regimentou o seu primeiro documento, na tentativa de construir uma referência municipal de educação articulada em rede, conforme Decreto N° 5 de 26 de novembro de 1952²⁵.

Nas leis e decretos analisados, registra-se que a partir da década de 1940, passou-se a realizar concurso público para o magistério, pois muitos professores exerciam a docência sem um decreto-lei de nomeação; em regime de contratos de trabalho, sem vínculo formal com a municipalidade (ANEXO Z). Nesse sentido, também as denominações de cargos, “professor de entrância” ou “professor de categoria”²⁶, são utilizados, para referir a estrutura do “Departamento de Ensino”²⁷. Os professores deveriam cumprir e “servir”²⁸ ao magistério conforme determinações do “Fiscal do Ensino”²⁹, “Inspetoria Escolar” ou “Orientadores de Ensino”. O Orientador de Ensino, juntamente com uma comissão examinadora (constituída de um professor, um vereador, ou representante da câmara municipal, pelo secretário do governo

²⁵ Programa para o Curso Primário elaborado pelo Departamento de Educação do Município de Novo Hamburgo, elaborado em 1952, documento em 21 páginas datilografadas, consta de objetivos, mínimo essencial para cada componente curricular, a saber: Linguagem; matemática; estudos sociais; estudos naturais; desenho; música; trabalhos manuais na aprendizagem do primeiro ano. No segundo ano observam-se no campo da linguagem as áreas de escrita e caligrafia; composição; gramática e ortografia; do terceiro ao quinto ano a inclusão da literatura (ANEXO Y).

²⁶ Nos decretos-leis de 1927 a 2009 investigados, observa-se como no Decreto N° 16/48 é nomeada professora de 2ª categoria senhorinha Ercy Irma Ritzel, provavelmente referindo-se a 2ª entrância (ANEXO AA).

²⁷ No decreto-lei 37 de 1º de janeiro de 1946 observa-se que havia 6 professoras padrão “e”, 12 padrão “g” e 18 padrão “j”, um total de 36 professores municipais (ANEXO AB). Porém, a estrutura deste Departamento é regulamentado apenas com a Lei Municipal nº 45/53, num total de 47 funcionários, sendo 45 professores (ANEXO AC). O padrão “e” no Decreto S/N de 7 de janeiro de 1958, referente a gratificação à professora Gersy, também aparece como “padrão 5” (ANEXO AD).

²⁸ Observa-se a expressão “servir” que sob o magistério recaia vocação servil do ensino público. Conforme Decreto S/N de 26 de março de 1953 a “senhorinha” Hélia Gomes Pereira, casada Kötzt (ANEXO AE).

²⁹ No período de 1927 a 1940, quanto à supervisão de ensino, verifica-se no Decreto N° 3 de 2 de março de 1940 que criava o cargo de “fiscal de ensino” responsável pelas professoras municipais, podendo ser exercido por uma professora em regime de docência numa Aula, porém, com complementação de vencimento para desempenhar esta função (ANEXO AF). Outros documentos registram a existência do regime de desdobramento, vigente na década de 1940. A nomenclatura aparece ainda como “Inspetoria de Ensino” no Decreto N° 16/47 de 1º de setembro de 1942 (ANEXO AG). Já na Lei Municipal 45/53 a rede municipal de ensino consistia num quadro funcional denominado “Departamento de Educação” com 1 Orientador de Ensino (substituindo a figura da Inspetora), 19 professores de 1ª entrância (acredita-se que neste grupo enquadrem-se as alunas-mestras – estagiárias, auxiliares), 12 professores de 2ª entrância e 24 professores de 3ª entrância, além de 1 diretor da Banda Municipal (ANEXO AC). Nesta época o Orientador de Ensino chamava-se Dr. Parahim Pinheiro Machado Lustoza. Decreto S/N de 29 de novembro de 1951 (ANEXO AH).

municipal) organizavam os concursos³⁰ para o magistério público que se realizavam, muitas vezes, em vários dias, com provas teóricas e práticas.

O Decreto-Lei Sem Número (S/N) que promoveu³¹ por antiguidade a professora Gersy, em 1947, ressalta a lei que regulamentava Ensino Público Municipal até a década de 1950; pelo Decreto-Lei Federal número 1202, de oito de abril de 1939, combinado com o Decreto-Lei Estadual número 251, de vinte e oito de outubro de 1942 (ANEXO AN). Dessa forma, os prefeitos utilizaram-se desse decreto a partir dos seus interesses, aspecto que fortalecia o poder³² local. A própria situação política do Estado Novo, permitia ao governador ou interventor “[...] expedir decretos-leis, independentemente de aprovação prévia do Departamento Administrativo [...]”, bem como em casos de necessidade suprema de estabelecimento da ordem pública (SPOSITO, 2002, p.85).

Evidencia-se o registro de admissão por provas e concursos públicos a partir da década de 1940, conforme Decreto Sem Número (S/N) de trinta de abril de 1945, que nomeia professora “Ercilia Lorita Pereira”, aprovada em concurso realizado em vinte e cinco de abril do mesmo ano, como professora de 1ª entrância³³ (ANEXO AI). Destaca-se nesse documento, como em outros “Decretos-leis”, a observação de um parágrafo único, designando a localidade e a instituição escolar no perímetro municipal na qual a referida professora havia sido nomeada.

Para os professores, a nomenclatura das “entrâncias”, não se efetuava mais pela distância de localização dos centros urbanos, a partir de 1927, passava a considerar o maior

³⁰ A referencia legal que menciona nomeação por concurso público para o magistério pela primeira vez, realizado em 25 de abril de 1945. Decreto S/N nomeia professora Ercilia Lorita Pereira (tia da professora Hélia Gomes Pereira, casada Kötetz (ANEXO AI).

³¹ O Decreto Municipal Nº 26 de 27 de dezembro de 1954 regulamenta as promoções dos funcionários públicos, instituindo uma comissão especial e critérios para se alcançar avanços (por antiguidade, mérito) considerando os padrões de cada funcionário. A promoção indicava à alteração de uma classe a outra. Registra-se que no conjunto dos professores investigados, até a década de 1960 as promoções aconteceram por antiguidade (ANEXO AJ). No período seguinte, registra-se avanços pelos cursos de aperfeiçoamento e/ou cursos regimentares de férias (ANEXO AK, AL e AM).

³² O poder é, para Foucault, uma rede infinitamente complexa de micropoderes que permeiam todos os aspectos da vida social. Nesse sentido, o poder não é apenas, nem principalmente instrumento de repressão, mas de criação. Ele instaura uma verdade e, assim, cria as condições de sua própria legitimação (CASTELO BRANCO, 2007).

³³ Em alguns Decretos-Lei registra-se a nomenclatura de “professor de 2ª categoria” (ANEXO AA) ou professor de Classe A, B, C (ANEXO AB), como uma possível substituição às “Entrâncias” (ANEXO AI). As entrâncias eram formas de classificar as escolas isoladas, com relação aos centros urbanizados. “As escolas de 3ª entrância, mais centrais [...] as de 2ª entrância nos limites urbanos [...] e as de 1ª entrância as mais distantes e por isso, consideradas rurais” (WERLE, 2005, p. 63). É possível fazer uma associação com esta classificação, no entanto, se observa em Novo Hamburgo que as entrâncias indicavam o grau de formação, em grande número, as professoras que iniciavam no magistério, ingressavam na 1ª entrância e progressivamente, por antiguidade ou merecimento chegavam a 3ª entrância que indicava salários mais elevados. Da mesma forma as Leis municipais que regiam o regime funcional apresentavam promoções revertidas em “padrão”, “classe”, “categoria”. Em 1946, observa-se o código 8330; 8333 em alíneas e padrões que definiam os vencimentos docentes (ANEXO AO).

número de alunos frequentes em cada escola, dessa forma a entrância passou a associar-se ao número de alunos (WERLE, 2009).

Em 1960, é criada a SEDEP (Serviço de Expansão Descentralizada do Ensino Primário) nesta época, muitas escolas públicas são construídas, contratos e acordos de entes (municipal e estadual) possibilitaram a ampliação do atendimento educacional, principalmente, a partir das chamadas *brizoletas*. Nesse sentido, foram construídas 21 escolas em Novo Hamburgo, sendo que destas, cinco se localizavam em Lomba Grande. Em 1966, este serviço é substituído pela Divisão de Municipalização do Ensino Primário (DIMEP), permanecendo com a mesma intenção de articulação entre governo municipal e estadual, conforme Lei Municipal Nº 15/66 (ANEXO P).

Almeida (2001) argumenta que nesse contexto de transformações da década de 1960 houve a expulsão de mão-de-obra do campo, ocasionando uma aceleração do fluxo migratório campo-cidade, como desagregação das pequenas propriedades em detrimento à industrialização e urbanização.

O intenso movimento migratório que produziu o processo de urbanização no Brasil na década de 1970 e a grande oferta de mão-de-obra, principalmente, para as indústrias, no caso de Novo Hamburgo, a coureiro-calçadista, redimensionou o espaço de aprendizagem no espaço rural. Ao mesmo tempo em que houve a preocupação, num primeiro momento de conter este fluxo populacional, a partir do “desenho” de uma escola que atendesse às necessidades imediatas da população do campo, houve o crescimento no número de estabelecimentos de ensino cuja proposta atendia à preparação mínima para o trabalho, fosse ele no campo ou na cidade.

“[...] perto da minha irmã [Lúcia] se aposentar, tava num número bem reduzido [de alunos], devido êxodo rural. Pessoal foi saindo pra cidade achando que ia melhorar, muitos melhoraram outros pioraram. [...] Não tinha uma política pra turma ficar [...] na colônia” (Paulo).

O professor Paulo enfatiza que o êxodo rural, abandono da roça em prol da cidade não revelou garantia de sucesso profissional, como redenção ao trabalho braçal da colônia. As ofertas de oportunidades na indústria não representaram emprego garantido. Os hábitos urbanos também contribuíram para que muitos retornassem para o campo. Ele ainda recorda que não havia uma política pública que favorecesse a permanência do sujeito no campo, o progresso vinculava-se apenas a “urbe” novo-hamburguense.

A partir dos estudos de Schemes (2006), Martins (2011) e Selbach (1999) constata-se que Novo Hamburgo viveu até a década de 1970 um processo de urbanização e após um período de industrialização. Nesse período, o município conheceu o “milagre brasileiro”. Este aspecto reforçou a representação e imaginário de que Novo Hamburgo ajudaria a construir um país moderno por meio da venda além fronteira do calçado fabricado. O “milagre econômico” evidenciou-se em diferentes setores da estrutura social local, principalmente na educação³⁴ do município que recebeu os dividendos dessa riqueza (MARTINS, 2011).

Na década de 1970³⁵, ainda, o escolonovismo³⁶ orientou a proposta formulada na Colômbia, do Programa “Escuela Nueva”, criado para atender as classes multisseriadas. A escola multisseriadas era considerada como resquício de um período em extinção em decorrência do processo acelerado de urbanização. Os espaços do campo, comumente negligenciados por políticas públicas, parecem ter sido atendidos, apenas, pelas políticas compensatórias, recebendo um programa que procurava auxiliar o trabalho do educador (MIGUEL, 2007).

A proposta da Lei 5692/71 visava proporcionar ao educando uma formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de autorealização e qualificação para o trabalho. Neste aspecto é compreensível que as práticas docentes, mesmo em contextos rurais, dedicavam-se a prevalência deste objetivo. O projeto de futuro indicava o caminho da cidade, da indústria e comércio como progresso; aqueles que manifestavam o desejo pela permanência no campo acabavam por abandonar a escola.

³⁴ Nessa pesquisa constatou-se, a partir da consulta aos documentos institucionais das escolas municipais, que houve a preocupação em constituir uma estrutura física adequada para as escolas nas décadas de 1960 a 1970. Em Lomba Grande, por exemplo, a parceria entre o poder institucionalizado da municipalidade e moradores de áreas rurais, que em contrapartida realizaram doação de terra para o poder executivo; possibilitou que o mesmo se responsabilizasse pela edificação e manutenção dos prédios. Observa-se, contudo que a valorização docente manifestava-se nos programas e projetos desenvolvidos pela municipalidade. Como a elevação dos vencimentos dos professores; incentivo a formação pessoal, através de convênios com supletivos, com instituições de ensino particular (Fundação Evangélica e Feevale); formação continuada em serviço; pioneirismo na implantação de ferramentas tecnológicas da informatização escolar no país. Diretamente, aos professores rurais, o projeto “Do aipim ao computador”, iniciativa do professor Ernest Sarlet, na ocasião Secretário Municipal de Educação e Cultura. Novo Hamburgo destaca-se pelo trabalho desenvolvido na área de Informática Educativa, sendo pioneiro na América Latina. Desde 1984, o CEPIC - Vale do Sinos (Centro de Preparação e Iniciação à Ciência da Informática/Núcleo de Tecnologia Educacional), vem desenvolvendo diversificadas ações, desde o atendimento a alunos, pais, professores e comunidade em geral. Em 1998 encampou o NTE Vale do Sinos (Núcleo de Tecnologia Educacional), capacitando também os professores da rede Estadual da abrangência da 2ª CRE (Coordenaria Regional de Educação). O município tornou-se pioneiro também em 2011, na iniciativa da SMEDNH do projeto UCA – Um computador por Aluno, em implantação nas EMEFs Getúlio Vargas e Marcos Moog.

³⁵ Como muitas escolas existiam e funcionavam sem força de lei, em 1978, o Decreto Nº 21/78, cria escolas municipais já em funcionamento numa iniciativa de regimentar e organizar o ensino público (ANEXO AP).

³⁶ O escolonovismo influenciou as leis das décadas seguintes e somou-se ao contexto de crítica do sistema tradicional, que precisava ser democratizado em termos de acesso e ser modificado em termos de método.

A Secretaria Municipal de Educação e Desporto passou a existir a partir do Decreto-Lei Nº 31 de 27 de abril de 1945 e tinha a denominação de Instrução Pública. Em 1980, a Prefeitura reorganizou sua estrutura, através da Lei Número 87, formou a Secretaria de Educação e Cultura. No início dos anos 1990, a Secretaria de Educação e Cultura passou a assumir o Desporto. Atualmente denomina-se Secretaria Municipal de Educação e Desporto (NOVO HAMBURGO, 2008).

A Rede Municipal de Ensino, em 19 de dezembro de 2005 passou a ser Sistema Municipal de Ensino pela Lei Municipal Nº. 1.353. É a maior da região do Vale do Rio dos Sinos, contando, segundo Censo Escolar 2006, com 56 escolas do Ensino Fundamental e 17 de Educação Infantil, em 2006 atenderam a 25.940 alunos. Observa-se que em 2007 a rede municipal era constituída de 19 escolas de Educação Infantil totalizando 76 escolas em 2009 (NOVO HAMBURGO, 2008).

A intenção desse capítulo foi apresentar a possibilidade de reconstruir fragmentos da história do ensino rural em Novo Hamburgo a partir de memórias (escritas e orais). Nesse sentido, o contexto da história da educação rural foi estruturando-se a partir dos principais aspectos nacionais relacionando-os à educação no Rio Grande do Sul, nesse município e nas diferentes localidades de Lomba Grande. Observa-se que as questões históricas e educacionais estão imbricadas no processo de constituição da apropriação do ofício docente. A contextualização apresentada pretende contribuir para análise das memórias de professores que “[...] cotidianamente envolveram-se, com dificuldades e alegrias da profissão [...]” em situações reveladoras de práticas, vencendo a adversidade do lugar. (ALMEIDA, 2001, p. 145).

A compreensão do sentido que adquiriu as relações de contexto nessa investigação se percebe pelas questões que foram feitas, na perspectiva da História Cultural e as ferramentas utilizadas. Da mesma forma, evidencia-se no próximo capítulo além das ferramentas metodológicas a fundamentação teórica e metodológica.

4 FUNDAMENTAÇÃO E CAMINHOS METODOLÓGICOS

*As lembranças são um
“[...] espaço próprio para se consolidar uma
ligação
entre os homens fundada
sobre a memória”
(FERREIRA, 1998, p. 23).*

Este capítulo estrutura e organiza a opção metodológica que orienta a escrita dessa dissertação na perspectiva da reconstrução do espaço-tempo das memórias, compondo as trajetórias de professores em classes multisseriadas; configurando um fragmento do ensino rural em Novo Hamburgo (1940-2009). Nesse sentido, apresenta-se a fundamentação teórica e instrumentos, bem como o desenvolvimento que conduziram à elaboração dessa investigação. Na tentativa de construir a delimitação do problema dessa dissertação se processaram dois movimentos: em um primeiro momento, foi realizada a revisão da literatura, percorrendo-se as temáticas da educação rural; trajetória e ensino rural; zona rural; classes multisseriadas; memória de professores e professoras em periódicos e banco de teses e dissertações de universidades. Em um segundo momento, iniciou-se a constituição do campo empírico, com a definição do grupo de professores a serem entrevistados.

O levantamento de dados foi realizado diretamente nos sites de cada revista/instituição, a partir da leitura dos resumos. No total foram consultados 1.195 resumos de artigos em oito periódicos, no período 2005-2010; desses, 31 foram lidos integralmente no intuito de aproximar o conteúdo à temática em estudo considerando o aspecto qualitativo de análise (ANEXOS AQ, AR, AS, AT). Seguindo a organização desse levantamento, os resumos encontrados foram fichados por localização, número, resumo, autoria/referência (conforme apêndice apresentado no projeto de qualificação/2010). Após leitura destes realizou-se a leitura dos artigos na íntegra que atendiam a proposta da pesquisa. Além disso, investigou-se pesquisas em congressos e eventos específicos sobre educação rural, bem como, o Grupo de Trabalho de História da Educação da ANPED, tal levantamento envolveu consulta a 326 trabalhos no período de 2009 e 2010, destes 23 artigos interessaram à pesquisa.

Esse exercício inicial possibilitou constatar, como se refere Nóvoa (2009) que “vivemos sem uma memória construída”, aspecto que nos leva a repetir uma ou outra vez, os mesmos diagnósticos e a aplicar velhas soluções sempre com a aparência da novidade. Contudo, a relevância dessa pesquisa constata-se na possibilidade de entrecruzamento dos

“tempos sociais”, agregando memórias e mobilizando diferentes gerações sobre os sentidos da história da educação rural.

4.1 A Memória e História Cultural: suas Implicações na Pesquisa

O trabalho do historiador é comparado aqui como o conhecimento apropriado que o artesão, ao produzir sua arte, manifesta permitindo compreender a História, no sentido que atenta Hobsbawm (2000), como ciência das sociedades humanas e o saber prático da cultura, de modo a fazer da História uma aventura de descoberta que se renova passo a passo. Compartilha-se assim a idéia de que a História está empenhada em um projeto intelectual coerente, cujos processos e progressos possibilitaram uma construção a partir da realidade social e cultural em que os sujeitos se configuraram.

A opção pela abordagem da História Cultural, conhecida, em um primeiro momento como “Nova História”¹ em contraste com a “antiga” considera aspectos da experiência de vida e o contexto em que se construíram. A nova corrente historiográfica da História Cultural, ou seja, a Nova História Cultural se constituiu a partir da história francesa dos Annales, apresentando-se como uma abordagem para se pensar a ciência histórica, considerando a cultura como “[...] um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2004, p.15).

Dessa forma, o passado que estudamos é uma construção. O exercício de escrita da História pressupõe a elaboração de um discurso sobre o passado, o historiador a faz como expectativa de resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos (HOBSBAWN, 2000).

A pesquisa tem como opção metodológica a História Oral, em um processo de análise e compreensão de trajetórias de professores levando em conta suas experiências e o contexto em que se desenvolveram. Afinal, a História é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e novos projetos para o presente e para o futuro.

¹ Essa nova maneira de conceber a história está associada diretamente ao movimento dos “Annales de 1929”. Burke (1992) argumenta que muitas pessoas vinculam este movimento à Lucien Febvre e a Marc Bloch fundadores da revista Annales. Porém, não apenas à França, mas em toda Europa teóricos e estudiosos ousavam romper com o paradigma da história tradicional. De fato, na abordagem da “Nova História” a cultura é aspecto central na sua gênese. O imaginário, as representações e práticas são analisados como objetos culturalmente construídos ao longo do tempo.

Pretendeu-se, aqui, entrecruzar trajetórias, compondo um tempo social, que tramou narrativamente as histórias das práticas culturais, de um lugar. A partir dessas tramas que se configuraram se perceberam as estruturas do conhecimento histórico, associando, em ambos os discursos, à concepção da causalidade, a caracterização dos sujeitos da ação e a construção de uma temporalidade. Dessa forma, trata-se de procurar por verdades (no plural) como processos construídos pelas circunstâncias de um determinado espaço-tempo. A “verdade historiográfica precisa ser encarada [...] como uma possível interpretação construída”, o que exige constante interrogação quanto ao fenômeno que se pretende reconstruir (THUM, 2009, p. 101).

Os estudos de História do Tempo Presente permitem perceber com maior clareza a articulação entre, de um lado, as percepções e as representações dos atores, e, de outro, as determinações e interdependências que tecem os laços sociais (AMADO; FERREIRA, 2002). Se as conclusões de um historiador sobre um fato ou contexto² devem ser admitidas sempre como versões sobre uma temporalidade transcorrida, estas são “[...] temerárias, pois o processo se encontra ainda em curso” (PESAVENTO, 2004, p. 93). A história “[...] é comandada por uma intenção e por um princípio de verdade, que o passado que ela estabelece como objeto é uma realidade exterior ao discurso” (CHARTIER, 2002a, p. 15).

[...] o historiador do tempo presente é contemporâneo de seu objeto e, portanto partilha com aqueles cuja história ele narra [...]. Ele é pois, o único que pode superar a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e o dos homens e mulheres cuja história ele escreve. [...] Para o historiador do tempo presente, parece infinitamente menor a distancia entre a compreensão que ele tem de si mesmo e a dos atores históricos, modestos ou ilustres, cujas maneiras de sentir e de pensar que ele reconstrói (CHARTIER, 2002b, p. 216).

² A preparação de um “estado da arte” para essa pesquisa permitiu reconhecer que nos últimos cinco anos, os estudos sobre a história local/regional demonstram pouco interesse pelos estudos da cultura rural no Vale dos Sinos. Como lembra Schemes (2006), a história dos municípios ainda não representa uma prática comum dos historiadores brasileiros, por isso os acontecimentos se perdem, e fica muito difícil reconstituir períodos mais distantes. Quanto à bibliografia sobre Novo Hamburgo, destaca-se os estudos (monográficos) de Petry (1963); Schultz (2001) e mais recentemente, as Teses de Doutorado de Schemes (2006) e Martins (2011), ambos demonstraram preocupação com a recuperação historiográfica. Porém, nenhum específico sobre Lomba Grande. Além desses, Selbach (1999) pesquisa sobre os processos de urbanização no município, na dissertação de mestrado desenvolvida na Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Contudo, destaca-se o trabalho de Werle (2005), que pesquisando sobre a cultura escolar em âmbito Nacional/Local, recupera importante documentação sobre as políticas educacionais, principalmente, em São Leopoldo. Quanto às histórias de professoras primárias em Novo Hamburgo, essa pesquisa desdobra-se, a partir dos estudos de Fischer (2005), na perspectiva que documenta narrativas orais do ensino rural nesse município.

A reintegração do tempo presente faz varrer da visão da história os últimos vestígios do positivismo, porém, depende do tratamento que será dado aos fatos, que não falam por si, é neste aspecto que reside à originalidade da história, cabe ao historiador construí-los. Esse aspecto depende das questões que serão feitas ao objeto investigado pelo pesquisador, sendo que, essa nova perspectiva historiográfica possibilita a análise dos fatos históricos sob outra perspectiva, relativizando o conhecimento construído (REMOND, 2002).

A História é uma construção da experiência do passado, que tem se realizado em todas as épocas. [...] Invento o mundo, dentro de um horizonte de aproximações com a realidade. [...] O historiador é aquele que, a partir dos traços deixados pelo passado, vai em busca da descoberta do como aquilo teria acontecido, processo este que envolve urdidura, montagem, seleção, recorte, exclusão, ou seja, o historiador cria o passado [...] (PESAVENTO, 2004, p. 53-54).

A história é habitada por uma subjetividade que pertence ao historiador. Pelo recorte espaço-temporal que faz e pelas relações que estabelece, atribui sentido inédito às palavras/imagens que arranca do silêncio dos arquivos. Esta prática “[...] reintroduz existências e singularidades no discurso histórico” (CHARTIER, 2002, p. 9). É nessa medida que a preocupação com a experiência humana; o comportamento; valores que são aceitos em uma sociedade e que são rejeitados em outra adquirem sentido pelas “lentes” do historiador, sendo assim o “[...] banco de memória da experiência. Teoricamente, o passado, todo o passado, toda e qualquer coisa que aconteceu até hoje, constitui a história” (HOBSBAWM, 2000, p. 37).

A partir do movimento dos Annales (1929) “uma nova representação do tempo histórico” se desenvolveu teoricamente. A evolução desta inovação no método investigativo possibilitou analisar acontecimentos considerando uma micro-narrativa; narração da história de professores, compartilhadas e configuradas no espaço e no tempo das memórias. A Nova História problematiza e valoriza a microhistória,³ voltando-se para a história da vida prática. A teoria desenvolvida pelos intelectuais desse movimento compila uma forma própria de análise do passado. Nessa nova visão o historiador pesquisa e reflete sobre o uso de um

³ Pretende-se utilizar a microhistoria com “[...] ênfase na relação entre o local e o global” (BURKE, 2005, p. 64). A micro-história é uma estratégia de abordagem empírica, que implica o uso conjugado de dois procedimentos: redução de escala do recorte realizado pelo historiador no tema, transformado em objeto pela pergunta formulada e ampliação das possibilidades de interpretação, pela intensificação dos cruzamentos possíveis, intra e extratexto, a serem feitos nesse recorte determinado. As especificidades ou singularidades que compõem um perfil identitário local ou regional têm como referências uma alteridade, composta por outras microunidades de sentido ou por um conjunto simbólico global, sancionado como padrão de coesão social macro (PESAVENTO, 2004, 183).

método envolvendo ideias e questionamentos para serem analisados através de fontes diversas, como a memória, os documentos “ordinários”, as imagens, etc. (BURKE, 1992).

A temática da memória é preocupação que remonta aos filósofos gregos. Sócrates foi o primeiro a comparar a formação da memória no indivíduo a um bloco de cera, no qual seriam registradas as lembranças. Platão e Aristóteles irão preocupar-se com a relação entre lembrança e imagem no processo de evocação da memória. Os gregos cultivavam a arte da memória, que consistia em associar imagens a lugares organizados rigorosamente. Assim guardadas, estas imagens seriam mais facilmente evocadas quando necessário (RICOEUR, 2001). Para Bosi, (2004) há pelo menos duas memórias: a “memória-hábito”, dos atos cotidianos e repetitivos aprendidos a partir da socialização; e a “imagem-lembrança”, memória pura evocada inconscientemente pelo indivíduo, sendo essa uma ferramenta útil nas entrevistas com professores rurais, recuperando-se aspectos que permearam o roteiro preparado para a utilização da metodologia escolhida.

A memória, aqui é entendida como uma construção social, coletiva que depende do relacionamento, posição, papéis sociais dos sujeitos com o mundo da vida. A memória é coletiva, e nessa memória o indivíduo tem uma posição individual dos fatos vividos, mas, ela se dá pela interação entre os membros da comunidade e as experiências vivenciadas entre eles. Portanto, há “[...] uma lógica da percepção que se impõe ao grupo e que o ajuda a compreender e a combinar todas as noções que lhe chegam do mundo exterior” (HALBWACHS, 2006, p. 61).

A memória coletiva é sempre plural, constituída por lembranças do passado que transcendem a individualidade, são compartilhadas socialmente no domínio da vida comum. Encontra-se ancorada na história individual e vai emergindo à medida que são feitos os encadeamentos e as relações do que é manifestado nas lembranças. A memória torna-se, portanto, o caminho pelo qual a existência retorna esculpindo a história. Para Le Goff (1997), é nas novas leituras do passado, de reinterpretação constante no eterno presente, que se situam as marcas do vivenciado e as evidências de cada época.

A distinção entre memória coletiva e memória histórica é uma das contribuições de Halbwachs (2006). Embora o próprio autor reconheça a imprecisão dos dois termos, a distinção foi relevante ao mostrar a inserção do indivíduo nestes dois tipos de memória. A memória coletiva seria interna aos grupos sociais, apresentando continuidade e densidade maiores que a memória histórica.

O grupo social nessa pesquisa é representado por dez professores da área rural que representam o conceito de memória, que está nos documentos construídos a partir das

entrevistas e documentos coletados doravante analisados. Dessa maneira, o processo de narrar descreve contextos, apresenta lógicas de pensar e agir, encadeia eventos, explica significados. “No processo narrativo, o sujeito percorre os núcleos orientadores de sua ação cotidiana e, com o apoio das fontes documentais, disponibiliza um lastro contextual, capaz de permitir análise em profundidade dos temas em questão” (THUM, 2009, p. 23).

A memória, uma vez suscitada altera a forma de representação do próprio presente (SANTOS, 2009). Quando evocado, o passado surge percebido por uma lente do presente, nesse caso, tanto o passado, quanto o presente sofre interferência. “História e Memória são representações narrativas que se propõem uma reconstrução do passado e que se poderia chamar de registro de uma ausência no tempo” (PESAVENTO, 2004, p. 94). Dessa forma, entre a época em que teve lugar o acontecimento evocado e o momento em que se dá a evocação, entre o tempo vivido e o lembrado, e narrado, o indivíduo amadureceu consideravelmente neste intervalo de tempo (NORA, 1993). É pela narração do tempo que os sujeitos “arrancam” do passado o que ainda sobrou da tradição, do costume ancestral. O passado não existe mais, pois ele é presentificado na narrativa, adquirindo as demarcações contemporâneas.

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança”. Dessa forma, ao se narrar, o sujeito traz à tona consciência de um momento singular da sua vida (BOSI, 2004, p. 53).

Essa pesquisa pretendeu registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de seres que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós, contribuindo para historicizar as práticas do ensino rural em Novo Hamburgo. “Estes registros alcançam uma memória pessoa que, como se buscará mostrar é também uma memória social em que se cruzam os modos de ser do indivíduo e da sua cultura” (BOSI, 2004, p. 37).

Halbwachs (2006) considera que os entrecruzamentos e as recorrências são produtoras de uma possível verdade e que se fortalece na medida em que as rememorações se multiplicam pelos membros do grupo. “O processo de rememoração está firmado em uma perspectiva centrada na subjetividade, como uma modalidade interior e privada da experiência do tempo que se constrói a partir da interação entre as pessoas no grupo de convivência” (HARRES, 2004, p. 152).

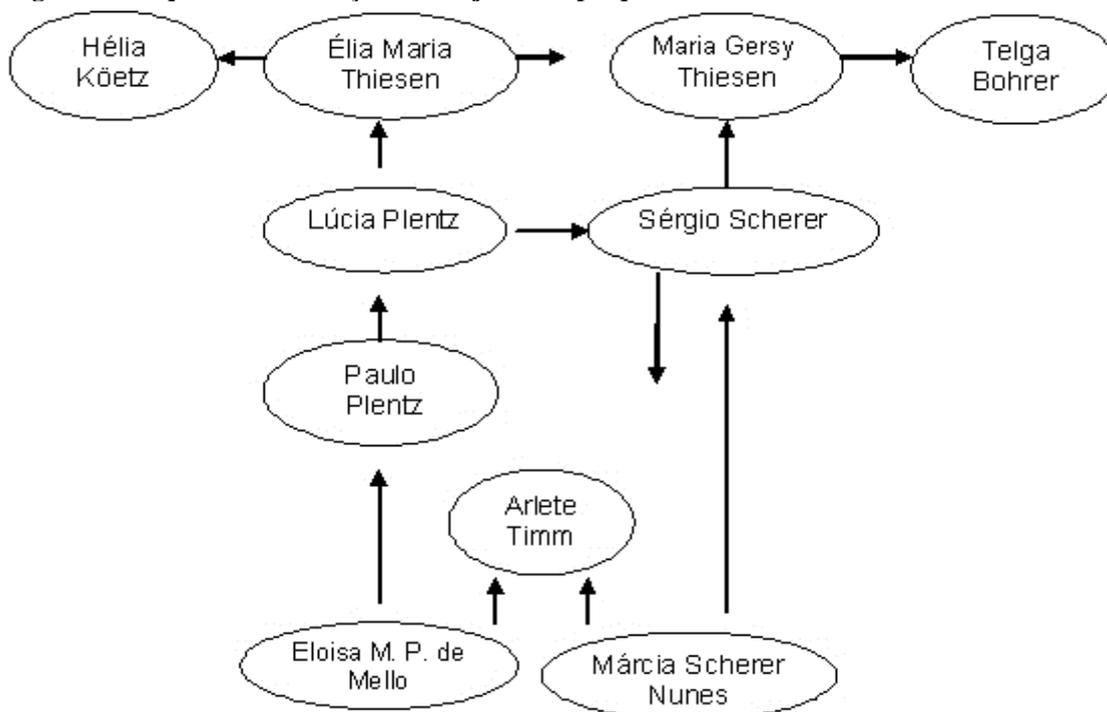
A obra do pensamento é como a obra de arte, pois nela há muito mais pensamentos do que aqueles que cada um de nós pode abarcar. “O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, trás para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância” (BOSI, 2004. p. 22). Dessa forma, a recorrência, no dizer da sua prática em relação à especificidade de um lugar histórico, com vida, raiz, e contexto, torna-se compreensível na problematização e escolha metodológica dessa pesquisa. Optando-se pela construção de um tempo social no entendimento das práticas, um tempo que se trama nas similitudes das experiências, sendo

[...] a definição do tempo construído socialmente, um tempo que será concebido na memória das pessoas, resultante das suas identidades e pertencimentos a grupos, redes e instituições, resgatando nas lembranças os sentimentos e as experiências de um cotidiano vivido e expressando no esquecimento as rupturas e desarticulações dessas ações coletivas (ECKERT, 2000, p. 158).

A perspectiva do tempo social é o da multiplicidade do tempo social que se constrói pela interação desses sujeitos. Um “tempo, que é socialmente construído”, seja pelas marcas ou pelo desenvolvimento de experiências que vinculam os sujeitos à suas histórias. (ELIAS, 1994). A forma como se lembram uns dos outros, caracteriza um grupo social, aspecto evidente na figura 4. Além do critério de prática em classes multisseriadas, nesse grupo de sujeitos evidencia-se que todos ainda vivem, tiveram sua trajetória profissional e de vida desenvolvidas em Lomba Grande, são moradores deste bairro e muitos estudaram no Grupo Escolar Madre Benícia, atualmente, Instituto Estadual de Educação Madre Benícia.

Em busca de histórias que contassem a experiência dessas práticas, partiu-se para a localização dos sujeitos. Nessa fase da pesquisa contei com o auxílio das professoras Nélia Köetz, Roseli e Rosângela Thiesen, sugerindo nomes de docentes cujo exercício da profissão aconteceu em turma multisseriada, porém, o grupo foi estruturado a partir do esquema de indicação, proposto por Marre apud Fischer (2005), exemplificado na figura 4. A professora Márcia, indicou seu pai professor Sérgio. O mesmo lembrou da professora Gersy, que recordou a professora Telga. A professora Eloísa, indicou seu pai professor Paulo, que indicou sua irmã, professora Lúcia. Lúcia, lembrando de Élia e Gersy; bem como Paulo recordou, o Sérgio, a professora Élia da professora Hélia e professora Arlete.

Figura 4 – Esquema de indicações dos sujeitos da pesquisa



Fonte: Elaborada pelo autor, 2010.

Marre apud Fischer (2005) indica pelo menos dois critérios essenciais, ambos interrelacionados quanto ao sistema de indicação: diversificação da amostra e saturação da mesma. Dessa forma, a escolha do número de pessoas bem diferenciadas, mas dentro de uma base comum, garante à possibilidade de analisar de forma ampla os diferentes aspectos a serem estudados; isso se faz colhendo informações anteriores, ou mesmo, através do fenômeno da “bola de neve”, fato de que uns sugerem outros. Na figura 4, as flechas indicam os nomes dos professores que foram lembrados pelos entrevistados.

Fischer (2009) outra vez apoiada em Marre indica que a saturação, “se refere ao momento em que o campo investigado está coberto”, isto é, em determinado momento, percebe-se que as pessoas que ainda seriam entrevistadas certamente já não teriam contribuições significativas a acrescentar. Esse critério exige perspicácia para descobrir qual o momento adequado para encerrar a fase de coleta de dados ou, pelo menos, da primeira etapa desta.

Além das professoras Márcia, Eloísa e Arlete, “pessoas-fonte” que colaboraram no processo de indicação, em conversa com a professora Rosângela, ressalta que eu deveria conversar com a sua mãe, Élia e com a sua tia professora Maria Gersy, “[...] elas é que são as mais antigas da Lomba Grande”. Esta mesma indicação aconteceu, pela diretora do Arquivo,

no momento em que investigava jornais, folhetos, fotografias, etc., no Arquivo Público Municipal de Novo Hamburgo (APMNH). A curiosidade pelas histórias que a professora Gersy poderia contar aumentou quando outros sujeitos também ressaltaram seu nome, com ênfase pela sua prática, “[...] *tinha outros professores na Lomba Grande como, a Gersy, a Eni e a Josefina [...]*” (Sérgio).

A partir da indicação dos sujeitos e realização das entrevistas percebeu-se que o campo empírico “estava coberto”. Ao narrar sua trajetória profissional, os sujeitos indicavam outros professores, colegas de trabalho e/ou supervisores pedagógicos com os quais conviveram nesse período da vida. Os dez sujeitos que foram indicados no conjunto empírico definiram-se a partir da relação com as “pessoas-fonte” (Márcia, Eloísa e Arlete) das Escolas Tiradentes e Bento Gonçalves. A partir de Márcia houve as indicações de: Sérgio; Arlete; Gersy; a professora Eloísa indicou: Paulo, Lúcia, Hélia, bem como, nas entrevistas apareceram às indicações da professora Telga e Élia. Cada sujeito, de seu modo, expressou a síntese de diferentes experiências e que, com certeza desdobrar-se-iam em novas investigações e/ou reforçariam aquilo que já havia sido dito, rememorado pela oralidade, como se observa a seguir.

4.2 A Entrevista como Documento

A opção metodológica da História Oral⁴ se deve a possibilidade que a oralidade representa para se elucidar trajetórias individuais, coletivas, eventos ou processos conferindo *status* a uma nova abordagem histórica. As primeiras pesquisas utilizando essa metodologia surgiram a partir dos anos 60 e 70 (séc. XX), nos Estados Unidos e se consolidaram com a “Oral History Association (OHA)”. Contudo foi a partir dos estudos do historiador Paul Thompson (1992) que ela se firmou decisivamente como movimento interdisciplinar. Dessa forma, constitui um campo teórico distinto cujo rigor se evidencia na sua prática e desenvolvimento. Na História Oral, o documento principal é a narrativa, que a partir de técnicas e pressupostos são organizadas pelo pesquisador; portanto, o rigor ético do

⁴ Garnica (2005), afirma que o que hoje conhecemos como “História Oral” é uma metodologia de pesquisa que, no Brasil, tem sido amplamente utilizada na área dos estudos culturais por sociólogos, antropólogos e historiadores. No panorama mundial, a iniciativa pioneira de estudos dessa natureza ocorreu com as gravações realizadas por Allan Nevins, nos Estados Unidos, ao final da década de 1940. Por motivos ainda pouco explorados, a utilização da História Oral ocorre tardiamente em alguns países, dentre os quais o exemplo mais notável é o caso da França, berço da maior revolução na historiografia – a escola dos Annales. No Brasil, embora haja registros de pesquisas desenvolvidas segundo essa abordagem em tempos mais remotos, a Associação Brasileira de História Oral é fundada em 1975 e a aplicação desse recurso por universidades e outras instituições é flagrante a partir da década de 1980.

historiador, no tratamento, organização e construção das narrativas, configura novas formas interpretativas para o trabalho histórico (AMADO; FERREIRA, 2002).

Nesse sentido, a organização do roteiro de entrevistas é um aspecto importante para garantir que as narrativas permitam a construção dos campos conceituais que dela imergissem. Optou-se pela entrevista semi-estruturada, com questões amplas, porém que cercassem a problematização. Fazendo essa escolha entendendo que “[...] ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (TRIVIÑOS, 2008, p. 146). A pauta da entrevista, apêndice C, iniciava-se com a identificação do sujeito investigado, o consentimento⁵ do depoimento oral, complementações sobre a utilização ética-científica dos depoimentos. Essa etapa configurou-se em momentos de descontração, principalmente, pelo fato do pesquisador ter familiaridade com três professoras investigadas (Márcia, Eloísa e Arlete)⁶, como já foi referido anteriormente. Além disso, em alguns momentos contou-se com a colaboração e presença de intermediários (Roseli e Nélia) para se chegar aos sujeitos.

A partir da relação dos sujeitos que poderiam colaborar com a pesquisa, parti para os contatos telefônicos, que se constituiu num ritual antes de cada entrevista. Conteí com a colaboração não apenas dos entrevistados, mas também com a solidariedade de outros amigos da RMENH que se prontificaram a me acompanhar na incursão às mais diferentes localidades. Foram muitos quilômetros percorridos em diferentes lugares, em busca dos professores que aceitassem participar da pesquisa. No primeiro contato feito por telefone, deixava claro o objetivo do trabalho. Alguns sujeitos, ao atenderem o telefonema, indicavam não ser a pessoa mais adequada para aquilo que estava procurando. Novamente, nessas tentativas, o nome da professora Maria Gersy apareceu, fato que aumentava minha expectativa quanto à sua trajetória profissional.

⁵ Neste trabalho optou-se pela identificação dos sujeitos. Essa opção metodológica se articula com a reflexão de Almeida, cujo “silêncio” destas trajetórias e práticas se produziu historicamente neste contexto e “[...] passaram despercebidas pela história, especialmente pela história da educação” (2007, p.28). Constam em anexo as autorizações de identificação, bem como utilização de uso de imagem. Conferir cópia do consentimento dos sujeitos da pesquisa no (ANEXO C).

⁶ É bem verdade que todo historiador lúcido sabe perfeitamente até que ponto ele mesmo se projeta em qualquer pesquisa histórica, fato que o historiador oral percebe ainda mais claramente: a qualidade da entrevista depende também do envolvimento do entrevistador, e este não raro obtém melhores resultados quando leva em conta sua própria subjetividade. Porém, reconhecer tal subjetividade não significa abandonar todas as regras e rejeitar uma abordagem científica [...] (JOUTARD, 2002, p. 57).

A entrevista⁷ realizou-se nas residências dos sujeitos, geralmente à noite, em sábados e feriados. O tempo de duração de cada entrevista é um aspecto que singulariza a narrativa das práticas de cada sujeito. Iniciava-se pedindo que falasse sobre os primeiros tempos de escolarização e dos momentos marcantes de sua formação/aprendizagem. Seguiu-se do questionamento sobre a imersão e opção pela docência bem como, sobre as práticas, do saber-fazer desempenhado em classes multisseriadas. Interessante destacar que quando questionados sobre o contato com a Revista do Ensino⁸, apenas a professora Arlete Timm recordou ser uma assinante, como regente da rede estadual de ensino. Constata-se que esta literatura influenciou os demais professores rurais municipais no período em estudo de forma indireta⁹.

Em média as entrevistas decorreram no tempo de duas horas seguidas. Entre caixas de fotografias, revestia o cenário das entrevistas um chá com biscoito ou bolo de chocolate. Carinhosamente, ao término de cada entrevista, ficava o convite para um “[...] *vem me visitar*” (Hélia). E no retorno da entrevista a recepção por um “[...] *eu já te contei*” (Gersy), “[...] *lembrei de uma coisa [...]*” (Márcia). Dessa forma, junto às entrevistas, os apontamentos, observações e registros (notas de campo) aconteceram durante, após e até mesmo através do contato telefônico. Algumas notas também se referem à extensão da entrevista (sem o gravador). Os encontros desenvolveram-se como momentos de aproximação, fortalecimento de vínculo e prolongamento da conversa. É importante destacar que os primeiros encontros com a professora Márcia, foram registrados em notas de campo, considerando a resistência ao gravador. O mesmo aconteceu com a professora Telga, pois, na primeira entrevista houve uma falha no gravador, sendo necessário a agenda de uma nova entrevista.

A professora Márcia apenas aceitou ceder entrevista, após terceiro encontro, as primeiras entrevistas foram registradas como notas de pesquisa. Observa-se em trechos de sua entrevista, que constituem esta escrita, expressões tais “*como eu já te falei esses dias*”,

⁷ Utilizou-se fitas K7 de sessenta minutos cada lado (A e B). O gravador microcassete modelo Olympus, marca Pearlcorde S701.

⁸ Fischer (2005) argumenta que a Revista do Ensino/RS, publicação gaúcha chegou a atingir cinquenta mil exemplares, circulando por todo Brasil na década de sessenta. Era uma revista de educação voltada para professores primários. Em 1956 a revista passa a ter uma supervisão técnica do Centro de Pesquisa e Orientação Educacional do Estado do Rio Grande do Sul.

⁹ Observa-se que os Orientadores, Supervisores, Diretores do Departamento de Educação e Ensino (atual SMED) valiam-se das representações e ideias expressas em documentos como a Revista do Ensino, como se observa nas “Orientações de Ensino” - Comunicado Nº 4/60, de 9 de setembro de 1960, localizado nos arquivos da EMEF Castro Alves. A partir de uma releitura prática propunham ações relacionadas ao aprimoramento educacional. Nesse documento segue-se uma lista de sugestões de atividades para planejamento de aulas. De acordo com Fischer (2005), era uma prática da Revista do Ensino realizar a divulgação de aulas e atividades (ANEXO AU). Sobre a Revista do Ensino consultar mais detalhes em Bastos (1997).

aspecto que eram retomados seguindo o roteiro da entrevistas. O quadro 3 indica a realização de entrevistas e encontros. Como se observa, com a professora Maria Gersy e Élia realizou-se mais de uma entrevista considerando que o encontro se prolongou e as professoras não conseguiram concluir a realização da pauta preparada para a entrevista. Quanto ao número de encontros, com algumas professoras, como Gersy, Eloísa, Márcia, Telga e Élia, realizaram-se em diferentes momentos, na ocasião foi realizado notas de pesquisa registrando aspectos relevantes a pesquisa. Com exceção de Márcia cuja insistência para que ela gravasse a entrevista evidenciam os muitos encontros e Telga em que a primeira entrevista ficou comprometida em função das falhas técnicas do gravador, os demais encontros foram realizados porque as professoras manifestaram curiosidades e/ou informações importantes para reconstruir a história do ensino em Novo Hamburgo.

Observa-se no quadro 3 que durante algumas entrevistas, como exemplo, cito a professora Hélia e a professora Lúcia que entre uma questão e outra registraram pausas no seu relato, bem como outros professores se demoraram para responder a entrevista, buscando elaborar a maneira mais adequada de expressar seu pensamento em função do gravador. Nessa situação utilizaram - se de expressões “*como eu vou te dizer [...]*” até que elaboravam a resposta.

Quadro 3 - Demonstrativo de Entrevistas

PROFESSOR(A) DE CLASSE MULTISSERIADA	Nº de entrevistas	Quantidade De Fitas	Número de páginas Transcritas	Nº de encontros	Tempo de conversa
Msaria Gersy Höher Tshiesen	02	2 (A e B) 1 (A)	19 páginas	04	04 horas e 15 minutos
Hélia Koetz	01	1 (A e B)	08 páginas	02	02 horas e 30 minutos
Lúcia Plentz	01	1 (A e B)	06 páginas	02	01 hora e 20 minutos
Élia Maria Thiesen	02	2 (A e B)	15 páginas	03	03 horas e 10 minutos
Sérgio José Scherer	01	1 (A e B)	13 páginas	02	02 horas e 30 minutos
Telga Bohrer	01	1 (A e B)	09 páginas	03	03 horas
Paulo Plentz	01	1 (A e B)	12 páginas	02	02 horas 30 minutos
Márcia Scherer Nunes	01	2 (A e B) 1 (A)	16 páginas	05	4 horas e 15 minutos
Arlete Timm	01	1 (A e B)	09 páginas	02	01 hora e 50 minutos
Eloísa Moehlecke Plentz de Mello	01	1 (A e B) 1 (A)	14 páginas	03	03 horas

Fonte: Elaborado pelo autor, 2010.

O quadro 3 sintetiza o material produzido nessa etapa da pesquisa. Destaca-se intensidade dos relatos das professoras Gersy, Élia e Márcia, pelo fato de terem destinado um tempo maior para relatar sua infância; como alunas, no caso da professora Márcia, pela reconstrução das memórias dos primórdios da escola Tiradentes, o que também aconteceu com a professora Gersy, retomando o tempo das Aulas Públicas Federais e o Grupo Escolar Madre Benícia.

A etapa seguinte deu-se com a escuta das entrevistas e transcrição, procurando preservar as expressões utilizadas pelos depoentes, registrando gestos e sentimentos, bem como, as falhas e trechos incompreendidos, características da abordagem qualitativa¹⁰. Na sequência efetuou-se uma leitura atenta, procurando imprimir pontuação que configurasse o relato como documento para análise observando-se o ritmo, conservando uma linguagem peculiar do professor rural. Os apontamentos de campo foram indispensáveis neste momento, esclarecendo nomes, datas e compreendendo o movimento interno das memórias (tempo, organização, disposição das narrativas), considerando que “memória puxa memória” (BOSI, 2004).

No processo de construção histórica as entrevistas, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro, compuseram o conjunto de documentos analisados que consistiam em: fotografias, diplomas, cartas, portarias e decretos, entre outros registros de apontamentos de campo, sendo, no entanto a entrevista oral o documento principal utilizado para a compreensão da problemática apresentada.

A partir das transcrições das entrevistas, aconteceu novo encontro com cada sujeito, nesse momento, juntamente com os entrevistados buscou-se esclarecer lacunas que se produziram a partir da transcrição. Atento para esse aspecto, considerando que a transcrição é também uma criação que nasce da relação entre o ato da entrevista e a interpretação de quem transcreve, desse modo é uma construção narrativa traduzida em palavras pelo investigador. “Transcribir no es una simple operación de cópia, mas o menos delicada e fastidiosa. Es una

¹⁰As origens dos métodos de pesquisa qualitativos remontam aos séculos XVIII e XIX, a partir do movimento produzido, principalmente por historiadores e cientistas sociais insatisfeitos com o método de pesquisa das ciências físicas e naturais. A principal característica, nas investigações históricas de estudos de fenômenos humanos representava a contemplação do contexto na aplicação investigativa. Dessa forma, as pesquisas qualitativas “[...] vieram a se constituir em uma modalidade investigativa que se consolidou para responder ao desafio da compreensão dos aspectos formadores/formantes do humano, de suas relações culturais, em suas dimensões grupais, comunitárias ou pessoais” (GATTI; ANDRÉ, 2010, p. 30). Ressaltando-se os significados atribuídos pelos sujeitos às suas práticas e experiências, interações sociais nos contextos em que se forjaram as condutas de atuação social.

recreación completa. Se intenta inventar uma forma que exprese al mismo tiempo que la emisión del relato, su audición” (LEJEUNE, 1989, p. 44)¹¹.

Seguida das transcrições deu-se a elaboração de quadros e esquemas que possibilitaram constatações importantes para definição das unidades de análise, “empregando técnicas usuais [...] para decifrar, em cada texto, o núcleo emergente que servisse ao propósito da pesquisa, essa etapa consistiu num processo de codificação, interpretação [...] desvelando seu conteúdo [...]” (PIMENTEL, 2001, p. 195). A primeira organização deu-se pelas recorrências que a leitura flutuante permitiu verificar. Agruparam-se os professores pela sua formação acadêmica. Seguindo-se pelas evidências: formação e prática; docência e meio rural; prática e identidade rural; prática docente e ensino rural. Essa organização contribuiu para estabelecer o problema de pesquisa e as unidades analisadas no próximo capítulo.

A recuperação de documentos (escritos e icnográficos), em alguns momentos, possível apenas mediante a fotografia do mesmo, foram fotocopiados, escaneados e/ou transcritos. Paralelamente, buscou-se localizar e identificar documentos que contribuíssem para contextualização das trajetórias docentes. Dessa forma, percorreram-se: os arquivos ativos e passivos das escolas municipais (Bento Gonçalves¹²; Tiradentes; Castro Alves e Washington Luiz¹³); a Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis; a Câmara Municipal de Vereadores; Arquivo Público Municipal de Novo Hamburgo; Arquivo ativo e passivo da SMEDNH e os arquivos da Diretoria de Expediente da Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo¹⁴.

A partir da análise documental buscou-se identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída a partir da triangulação empírica, entrecruzando, constatando e/ou complementando aspectos que emergiram na construção dos documentos orais. “A técnica da triangulação tem por objetivo abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo” (TRIVIÑOS, 2008, p. 138). A triangulação permite construir contextos de práticas utilizando-se dos

¹¹ Transcrever não é uma simples operação de cópia mais ou menos delicada e exigente. É uma recriação completa. É uma tentativa de inventar uma forma que exprima ao mesmo tempo, que a emissão do relato de sua audição (LEJEUNE, 1989, p. 44, tradução nossa).

¹² Os documentos da EMEF Humberto de Campos (desativada) e anexo da Bentinho se encontram no arquivo passivo dessa instituição.

¹³ Os documentos da EMEF Rui Barbosa (desativada) encontram-se nessa instituição.

¹⁴ Agradeço ao Diretor de Expediente Sr. Guilherme Pinheiro, aos funcionários deste setor que escutaram muitas interrogações nesta imersão pelos decretos-leis, principalmente, ao Wilian Flores, pelo carinho e dedicação de seu tempo, xerografando os documentos, Márcia Viegas, Bruno Viegas, Carla Scheid e Neusa Borges da Cruz. Da mesma forma, agradeço atenção do Diretor do Departamento de Gestão de Pessoas, na ocasião Sr. Gabriel Sebolt Quevedo, bem como aos funcionários que em muitos momentos contribuíram esclarecendo dúvidas – Suzete Eisinger e Patrícia Michelin da Silva.

documentos orais, das imagens como documento, bem como os documentos oficiais, essa estratégia empírica possibilitou que esses três instrumentos dialogassem frente às questões elaboradas pelo pesquisador. A utilização de informações de diferentes naturezas (documentos orais, escritos e iconográficos) possibilitou evitar ameaças à validade interna inerente à forma como os documentos foram construídos (CALADO; FERREIRA, 2005). O objeto da pesquisa histórica foi constituído por documentos que transmitiram uma realidade possível do passado de uma forma parcial.

O documento representa já uma interpretação de fatos elaborados por seu autor e, portanto, não devem ser encarados como uma descrição objetiva e neutra desses fatos. A análise “[...] resulta do processo interpretativo e da construção compreensível de um aspecto da história humana”, a partir de questionamentos frente os documentos com objetivo de reconstruir historicamente as práticas docentes, pelo viés da memória de suas trajetórias (PIMENTEL, 2001, p. 193).

Durante a realização das entrevistas também aconteceu a recolha de fotografias que contribuíssem no processo de elucidação das trajetórias docentes revelando as práticas. Nesse momento, a professora Gersy apresentou imagens que indicavam os primórdios do ensino público em Lomba Grande, recordando pormenores da instalação das Aulas Públicas Federais, das Aulas Reunidas e do Grupo Escolar.

A utilização de imagens como documentos receberam tratamento teórico/prático sustentando-se na compreensão que atenta Chartier (2002) em que os registros se cruzam, se ligam, mas jamais se confundem. “A imagem é simultaneamente a instrumentalização da força, o meio da potência e sua fundação em poder” (CHARTIER, 2002, p. 165). As imagens, aqui utilizadas no sentido de reconstrução cultural de um determinado contexto é suporte indispensável na sua interpretação, relacionando-se, no campo da memória, por vezes como indutor da mesma, por vezes como ilustração do fato relatado. Essas imagens servem de elementos constitutivos da rememoração, como dispositivos da memória, bem como representam uma memória selecionada.

A possibilidade de reconstrução da história sobre contextos diferenciados dá significados e juízos diversos às imagens e documentos orais. “O distanciamento no tempo entre o observador, o objeto de observação e o autor do objeto também imprime diferentes entendimentos, uma vez que, como já sublinhei, as leituras são sempre realizadas no presente, em direção ao passado” (PAIVA, 2002, p. 31). Portanto, a análise das imagens sempre pressupõe partir de valores, problemas, inquietações e padrões do presente, que, muitas vezes, não existiram ou eram muito diferentes no tempo da produção do objetivo, e entre o seu e dos

seus produtores. No âmbito das representações e da produção de sentido, as entrevistas foram tratadas como encontros sociais, nos quais conhecimentos e significados foram ativamente construídos no próprio processo da entrevista. Assim, entrevistador e entrevistado são, naquele momento, co-produtores de conhecimento¹⁵.

Na pesquisa qualitativa, o registro das informações representou um processo complexo, tanto pela relevância que ambos configuraram (pesquisador e sujeito) quanto pelas dimensões explicativas que desta relação emergiram. Esse aspecto recebeu um “[...] sentido tão amplo que faz das anotações de campo uma expressão quase sinônima de todo o desenvolvimento da pesquisa” (TRIVIÑOS, 2008, p. 154). Essa prática representou um exercício que não correspondeu apenas aos apontamentos realizados durante entrevistas, os registros de campo, a presença aos arquivos, instituições, biblioteca, o que é indispensável na definição do problema, esteve presente em todas as etapas subsequentes de desenvolvimento investigativo do processo em estudo.

As narrativas orais permitiram reconstruir cenários, compreender a relação que se estabeleceram entre fenômenos culturais, políticos e sociais de cada sujeito e dele com seus pares. Thompson (1992) afirma que as abordagens da História a partir de evidências orais permitem ressaltar elementos que, de outro modo, por outro instrumento, seriam inacessíveis. Nesse movimento de imbricação de “fios” tecidos pelas práticas culturais dominantes, as memórias foram focalizadas como expressões de uma dada historicidade, reconstruídos por tais evidências. O contexto, no âmbito regional, no intuito de compreender e conhecer sobre uma realidade, se configurou como recorte simbólico, elaborações culturais históricas de uma escala de tempo, num determinado espaço; caracterizado por uma representação da relação que assinalou identidades partilhadas a partir dos documentos construídos pela metodologia da História Oral.

A História Oral, como todas as metodologias, estabelece e ordena procedimentos de trabalho, funcionando como ponte entre teoria e prática, sendo apenas capaz de suscitar, jamais solucionar questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer respostas. Pois,

¹⁵ A produção de idéias e saberes científicos têm um caráter eminentemente social, pois representam a vida do ser humano, ou “fragmentos dela” num dado momento de sua história. Este conhecimento se constitui nas ações coletivas, mesmo quando formulado ou difundido por um único homem. O homem vive em sociedade e é a partir desta vida que as idéias são criadas (PIMENTEL, 2001). Destaca-se como desdobramento da pesquisa, o convite que a professora Gersy recebeu para uma entrevista na Rádio ABC 900, no Programa Repórter Mirim na Era do Rádio. Projeto realizado pelo setor da Mídia e Educação da SMEDNH, em 09/09/2010. Nesse dia ela rememora dizendo sobre o magistério “[...] a vocação era preparar as crianças para a vida”, aspecto que identifica uma determinada prática cultural imersa num contexto histórico. Da mesma forma, que expressa o documento (ANEXO AV), “Minha Despedida”, da professora Gersy que foi utilizado pelo Secretário de Educação, professor Ademar Carabajal, numa homenagem as professoras que estavam se aposentando, durante reunião de diretores no mês de agosto de 2010.

apenas a teoria da história conseguirá responder a problematização construída, pois é a teoria que oferece os meios para refletir sobre o conhecimento, embasado no trabalho dos historiadores (AMADO; FERREIRA, 2002).

Nessa investigação, as entrevistas-semiestruturadas, possibilitaram ao investigador conhecer o sujeito na sua singularidade, isto é, permitiram que essa se manifestasse no contexto de suas vidas. Assim, revelaram a importância da experiência social do sujeito, que, para Tompson (1992) identificam-se pelo modo que expressam a sua forma de produzir e reproduzir a vida envolvendo sentimentos, valores, crenças, costumes e práticas sociais.

A entrevista “semi-estruturada” visa garantir um determinado rol de informações importantes, principalmente nos estudos e pesquisas qualitativas, representando maior flexibilidade à entrevista, proporcionando mais liberdade para o entrevistado aportar aspectos que, segundo sua ótica, sejam relevantes em se tratando de determinada temática. Ela deve estar inserida num projeto de pesquisa e ser precedida de uma investigação aprofundada, baseando-se em um roteiro cuidadosamente elaborado (NEGRINE, 2004).

A entrevista é uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas. É um modo de comunicação no qual determinada informação é transmitida de uma pessoa a outra. O termo indica a percepção realizada entre duas pessoas. É o procedimento mais usual no trabalho de campo e através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. A entrevista ganhou vida na medida em que se iniciaram os diálogos entre entrevistador e entrevistado, observando que o entrevistador deve desenvolver a capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo de informações por parte do entrevistado.

Um indivíduo quer fale espontaneamente de seu passado e de sua experiência [...], quer seja interrogado por um historiador [...], não falará senão do presente, com as palavras de hoje, com sua sensibilidade do momento, tendo em mente tudo quanto possa saber sobre esse passado que ele pretende recuperar com sinceridade e veracidade. Essa versão é não só legítima, devendo como tal ser reconhecida [...] como também indispensável para todo historiador do tempo presente (ROUSSO, 2002, p. 98).

Essa prática, geralmente, ocorre com pessoas de certa idade, portanto, leva-se em conta o cansaço e o tempo das entrevistas, bem como se deve evitar perguntas meticulosas, o que poderia levar o entrevistado a abreviar seu relato. Realizar as entrevistas em ambientes que favoreçam a imersão no passado pode ser muito positivo, pois “a casa, o ambiente em que

se vive reflete uma personalidade” (BONAZZI-TOURTIER, 2002, p. 236). A postura ética¹⁶ e a transparência do pesquisador são indispensáveis para que a entrevista transcorra de forma a colaborar para a elaboração do conhecimento científico, principalmente, quando a opção metodológica visa identificação do sujeito, o que exige atenção redobrada sobre as interpretações.

Nesse capítulo tentou-se esboçar a fundamentação teórica e os instrumentos metodológicos que possibilitaram reconstruir os “tempos sociais” das trajetórias desses professores. Dessa forma, as memórias de práticas em classes multisseriadas, organizadas e analisadas como documento permitiram conhecer um pouco mais sobre a formação e prática docente nessa parte do município. Essas representações sobre as práticas como história produzida em um contexto contribuem para que se compreenda como o processo de ensino foi apropriado e construiu relações com as formas de ensino de modo geral, aspecto este que será desenvolvido no próximo capítulo.

¹⁶E relevante destacar que durante todo o processo investigativo, considerando que a metodologia qualitativa, devido à proximidade entre pesquisador e pesquisados atentou-se para o fato de que “a relação que se estabelece entre observador e observado é uma relação social e política” (MARTINS, 2004, p. 295).

5 FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE EM CLASSES MULTISSERIADAS

“Sou uma professora feito a machado [...]”

(Gersy).

Neste capítulo, em especial, apresenta-se os desdobramentos que se constituíram da análise documental: *memórias da formação* e *memórias das práticas docentes* do grupo de sujeitos investigados que permitiram, pelo jogo de seleção de imagens do passado, reorganizar e significar as marcas das trajetórias de cada professor. A formação como “herança/legado”, tanto do ponto de vista do vínculo familiar, quanto das experiências de escolarização e convivência, configuraram um tempo social.

A escola representou um ponto da referência primeira, com uma cultura específica, como definidora de uma trajetória e de práticas específicas. Ressalta-se a escola como espaço de continuidade de formação ao longo do tempo. Dessa forma, a escola integra o processo de construção e reconstrução de identidades produzidas pelo meio, principalmente, pelas práticas até forjadas.

Observa-se neste capítulo, que as práticas docentes se transformaram, desde a representação do pensamento cívico-tradicional, com objetivo de formar “soldados” para a Nação, até o advento da “Escola Nova”¹ e dos ideais mais liberais e democráticos de conhecimento.

5.1 O Magistério como “Dom” ou Tradição de Família?

“[...] os velhos são os guardiões das tradições [...]”

(BOSI, 2004, p. 63).

Dentre os contornos que permearam a problematização dessa investigação, bem como a preparação das questões para a realização das entrevistas, construiu-se a hipótese de que nas Escolas Isoladas, na localidade de Lomba Grande a opção pelo magistério estivesse associada à tradição de família; considerando a história de continuidade que a família “Scherer”, representada pela professora Márcia, seu pai professor Sérgio e sua avó a professora Maria Hilda na localidade do Morro dos Bois, como um “bem cultural” que necessariamente seria legado como herança para algum membro dessa família.

¹ Para Cunha (2011) a Escola Nova é uma corrente pedagógica inspirada no pensamento do norte americano John Dewey, que teve em Anísio Teixeira um importante divulgador no Brasil. Propunha a ação como princípio educativo.

No entanto, observa-se que além dos sujeitos apresentarem um vínculo histórico familiar de legado cultural docente, - o que se observa também, na família “Plentz”, Lúcia, Paulo e Eloísa; na família Thiesen, entre Élia e Gersy, bem como, de Hélia e sua tia Ercília, que também foi professora em Lomba Grande – ocorreu um entrecruzamento de fatores que caracterizaram essa escolha profissional. O conjunto de memórias indicou a relação entre a herança cultural familiar e a influência que a forma de pensamento de uma época produziu nesses sujeitos, que se utilizaram do argumento da vocação como justificativa para a formação e o exercício docente.

Os professores entrevistados organizaram seus relatos a partir do momento da escolarização, bem como, definiram, também, o valor familiar para a escolha profissional, seja pelo vínculo docente familiar, ou pelo grau de importância que o estudo indicava para seus pais no seu tempo social de aluno. Portanto, as trajetórias se reconstruíram nas referências escolares, nas situações de aprendizagens, nos saberes cotidiano e nos modos de fazer e expressar de cada um.

[...] é através da memória, que as tradições, os valores, as crenças e os costumes podem ser reproduzidos entre os grupos sociais. O espaço da memória é o habitar de/no seu espaço, é conviver com memórias que são coletivas e individuais e, também sociais; negociadas, lugar de reativação de tradições perdidas ou da nostalgia do passado, ou da projeção do passado numa perspectiva de visão de futuro (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 117).

Ao narrar suas trajetórias, os professores revisitaram outro tempo e refletiram o aspecto da condição do espaço rural, as dificuldades físicas e adversidades apresentadas para a escolarização. Esses professores foram, também, alunos de “mestre-único”, como rememora professora Élia, quando afirma “[...] *era uma professora pra todas as séries*”. Esse aspecto recorrente nas entrevistas caracterizou um modo comum de apropriação, de escolarização entre os participantes da pesquisa.

A professora Lúcia recordou que nesse tipo de escola não havia um prédio próprio, e que o registro da passagem dos alunos se evidenciava pelas memórias, pela aprendizagem e a apropriação da leitura e da escrita. Em algumas localidades de Lomba Grande, as Aulas de mestre-único funcionavam em salas domiciliares, que eram alugadas ou cedidas. Ela complementa afirmando que “[...] *naquela época não era nada organizado, sabe. Não se recebia boletim. A gente recebia um livro da professora [...]*”. Observa-se no relato, que mesmo sem uma estrutura organizada e adequada para o funcionamento da Aula, ter a possibilidade de frequentá-la representava a possibilidade de um *status* social perante a comunidade.

Durante as entrevistas, as narrativas evocaram a valoração de sentido e importância atribuída por esses sujeitos, principalmente, a formação primária. Nesse sentido, Telga recorda, “[...] *como eu disse, nossa 5ª série foi muito boa [...]*”. Segundo ela, a conclusão da 5ª série, ‘lá’, era suficiente para quem desejasse ser professor no interior da área rural. Com relação à dedicação aos estudos, o dever da aprendizagem vinha antes do direito de ter Escola. Conta a professora, que as dificuldades financeiras impediram que ela continuasse estudando formalmente, porém, toda à noite, tinha o hábito de reler os livros que havia recebido no seu último ano escolar.

Nessa pesquisa, ao lembrarem sobre o seu tempo como alunos, a formação primária, evidenciou-se a tradição como legado familiar, e a escolarização, que se processou entre pai e filho.

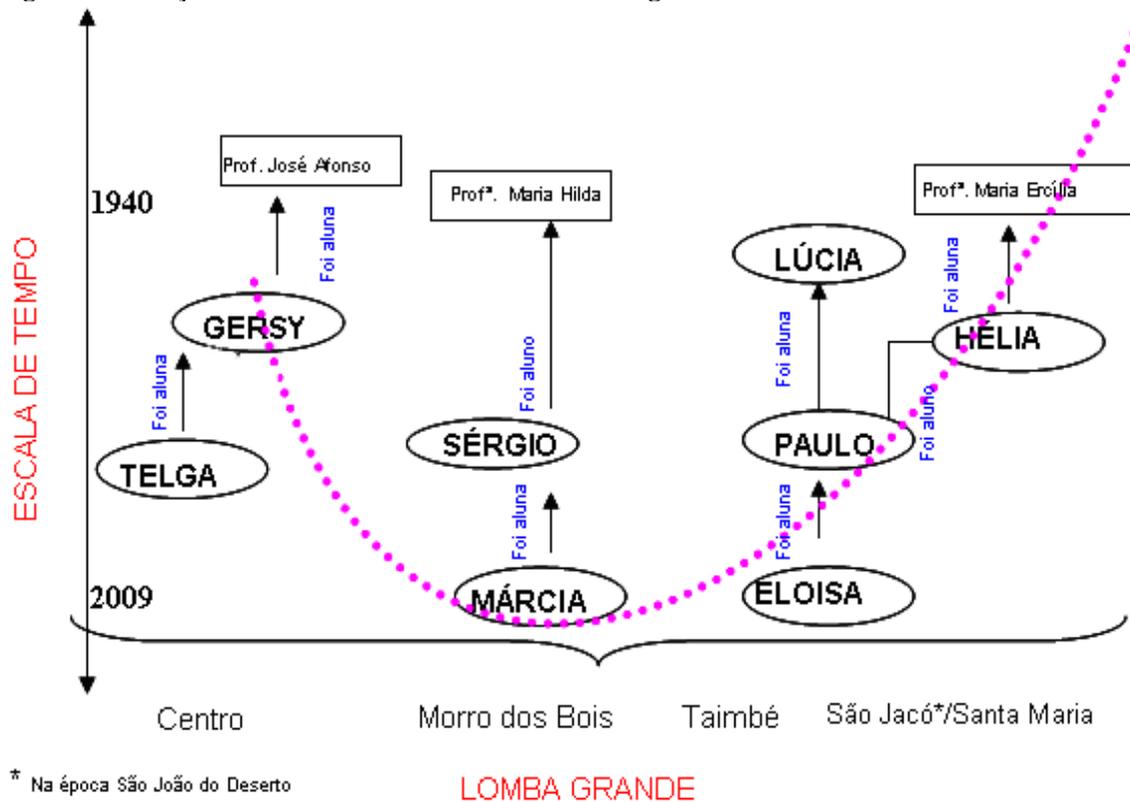
A memória oral, também, exerce a função de intermediário cultural entre as gerações. O exercício de reavivar o passado pela evocação narrativa de memórias, daqueles que já partiram, enfatiza nas trajetórias, uma relação profunda com a ideia de “tradição”, o que implica uma ideia de cultura; de certos tipos de conhecimentos e habilidades legados de uma geração para a seguinte (BURKE, 2005).

A “tradição”, como aprendizado de uma profissão, se entrelaça e caracteriza a educação como “patrimônio”, palavra que deriva de “pater”, cuja herança é transmitida, na sua forma mais tradicional, de pai para filho. A herança seria algo a ser deixado ou transmitido para as futuras gerações. Ainda, a herança significa a passagem de um *status* social e de patrimônio entre membros de um grupo (CANANI, 2005).

O relato do professor Sérgio destaca como a escolha profissional aconteceu na sua família, quando rememora, “*a Márcia foi influenciada por mim, e eu, influenciado pela minha mãe*”. Portanto, as memórias permitiram compreender que para os professores dessa pesquisa, as características, as atribuições e o valor da profissão, se construíram a partir dos indícios presentes, do seu tempo de infância, como filho de professor, e também, como aluno destes; o que se observa na figura 5.

O organograma abaixo, elaborado para estabelecer essa relação familiar, evidencia na figura 5, o sentido atribuído ao magistério, como “bem cultural”, cujas práticas sociais se traduziram em “legados” pela tradição docente do pai, e/ou de algum membro da família, vinculado à educação. Os retângulos indicam a relação familiar dos sujeitos já falecidos, cuja metodologia da História Oral, não fora possível aplicar diretamente. Observa-se ainda, que o grupo selecionado pelo corte pontilhado, indica a relação da tradição docente entre pai e filho.

Figura 5 – Relação das memórias de Ensino Rural e o Legado Familiar



* Na época São João do Deserto

LOMBA GRANDE

Fonte: Elaborada pelo autor, 2011.

Nesse conjunto apenas a professora Telga não registra vínculo familiar, mas representa a especificidade de ter sido aluna da professora Gersy. Portanto, ressalta-se na figura 5 a reconstrução da relação familiar presente nos primeiros tempos de escolarização desses sujeitos. A professora Gersy foi aluna do professor José Afonso, que também era seu pai.

O mesmo aspecto se observa com a professora Márcia que foi aluna do professor Sérgio que também é seu pai. O professor Sérgio foi aluno da professora Maria Hilda, que também era sua mãe. Essa relação ainda aconteceu entre a professora Eloísa e seu pai professor Paulo.

Ainda no contexto familiar observa-se que no último ano de escolarização o professor Paulo foi aluno de sua irmã, a professora Lúcia.

Nesse conjunto apenas a professora Telga não registra vínculo familiar, mas representa a especificidade de ter sido aluna da professora Gersy. Portanto, ressalta-se na figura 5, a reconstrução da relação familiar presente nos primeiros tempos de escolarização desses sujeitos. A professora Gersy foi aluna do professor José Afonso, que também, era seu pai.

O mesmo aspecto se observa com a professora Márcia, que foi aluna do professor Sérgio, também seu pai. O professor Sérgio foi aluno da professora Maria Hilda, que por sua

vez, era sua mãe. Essa relação ainda aconteceu entre a professora Eloísa e seu pai, professor Paulo.

Ainda, no contexto familiar, observa-se que no último ano de escolarização o professor Paulo foi aluno de sua irmã, a professora Lúcia. Além da relação entre irmãos, a professora Hélia recordou que foi aluna de sua tia, a professora Ercília.

A análise do organograma, da figura 5, permite afirmar, como ressalta Nóvoa (2009), que a opção pela docência constituiu o “corpo profissional” pelas imagens e representações de seus “mestres”. Dessa maneira, a experiência do tempo de aluno e a referência familiar com a docência, influenciaram na elaboração de uma maneira inventada para o exercício da profissão. Os relatos das entrevistas possibilitam compreender que ao apropriar-se das atribuições dessa profissão, os sujeitos recorreram a suas lembranças como forma de validar, no início das suas trajetórias, uma prática pedagógica adequada à particularidade das classes multisseriadas.

A professora Hélia destacou que sentia dificuldade em “[...] *ter o filho como aluno, porque o aluno filho tem que ser número um sempre, porque os colegas cobram muito*”. As exigências do pai/mãe professor deveriam ser redobradas, afinal, a figura do mestre representava um saber absoluto sobre as “coisas”, característica de uma época na qual, as práticas docentes revelavam o conhecimento sobre o mundo, bem como, havia a crença no mito, ‘a inteligência definia-se pela relação genética dos sujeitos’. Fato que se estendia, também, aos seus filhos, que à sombra dos seus pais, eram apontados pela comunidade como inteligentes.

Nesse sentido, a professora Márcia afirmou que “[...] *filho de professor não podia rodar, tinha uma cobrança e isso é cobrado [ênfase] até hoje pela minha irmã, o filho dela tem que ser o primeiro da classe*”. As dificuldades eram reprimidas em detrimento da responsabilidade que representava ser o “filho do professor”.

A professora Eloísa lembrou que, algumas vezes, acompanhava o pai durante as suas aulas na EMEF Bento Gonçalves e rememora a prática de alunos ouvintes no contexto rural.

Como não havia pré-escola nas escolas multisseriadas, a modalidade de “aluno ouvinte” era uma possibilidade para as crianças que ainda não podiam ingressar na 1ª série, sobre essa prática Eloísa recorda:

“[...] sempre chegava no final do ano, aquela Kombi de supervisoras [...] da SMED e aplicavam as provinhas de leituras. E eu me lembro muito bem que uma delas se referiu a mim perguntando - quem é esta menina. O meu pai disse - ela só está aqui como ouvinte, ela é minha filha. Ela [supervisora] perguntou se eu já estava alfabetizada e meu pai disse: - não, não sei. Ele não deu muita ênfase a isto. E perguntou [supervisora da SEMEC] se poderia aplicar a prova de leitura comigo. Ele nem sabia que eu já estava lendo”.

O professor Paulo autorizava que ela ficasse na escola durante suas aulas, e sem que percebesse, a convivência com as mais diferentes formas de aprendizagens, com a cultura escolar; Eloísa se alfabetizou.

A professora Márcia lembra que quando nasceu (1958), *“[...] já morava dentro da escola”* e sempre esteve em contato com livros e materiais escolares que eram utilizados pelo pai na preparação de suas aulas. A história da instituição escolar confunde-se com a trajetória de vida e da profissão. Na década de 1930, sua avó, professora Hilda, fundou a escola Tiradentes, que até a década de 1970 funcionou numa sala da residência da família Scherer. Em 1960, o professor Sérgio, seu pai, assumiu a direção e a docência da escola, dessa forma, Márcia sempre esteve em contato com o mundo escolarizado.

Embora as memórias evidenciem o legado de uma prática herdada pelo vínculo familiar e pelas recordações dos primeiros tempos de escola, os sujeitos dessa pesquisa expressaram lembranças que entrecruzaram tradição e vocação, o que pode ser percebido nas lembranças de Hélia, *“[...] sempre, desde criança eu quis ser professora. E tenho primas, por parte da minha mãe, essa Conceição, minha tia, que era professora, isso foi assim, um pouco hereditário”*. E quanto à vocação, nas lembranças de Márcia, afirma *“acho que eu nasci com aquele dom eu vou ser professora”*. Evidenciou a característica “virtuosa” de ser professora e que exigia um determinado tipo de conduta moral e ética, um comportamento exemplar, perante a sociedade.

As narrativas expressaram que havia uma “sagrada missão ao magistério” e que essa sublime missão tinha nos seus professores a responsabilidade, não só pelo preparo de futuros cidadãos para a pátria, mas também de futuros herdeiros para o céu. A lógica do magistério, como sacerdócio/missão, perpassou a formação profissional desses sujeitos. Viver de forma ‘digna’, respeitando a pátria, atribuiu ao professor uma imagem ordeira e leal, cuja obra não era deste mundo. Professor, não há como recompensá-lo, sua missão era considerada “transcendental” (FISCHER, 2005).

Em síntese, pretendeu-se indicar até aqui, que o modo como os indivíduos se apropriaram do saber prático relaciona-se ao valor missionário e a tradição.

A composição da docência, para esses sujeitos, desenvolveu-se a partir da “inscrição nas práticas específicas” que foram produzidas e apropriadas pela tradição cultural do seu grupo social, bem como, pela vocação moral que se expressava através de uma tradição religiosa nessa comunidade (BURKE, 2005).

O conjunto de memórias permitiu identificar uma visão de mundo, um “[...] conjunto de aspirações, de sentimentos e de ideias que reúne os membros de um mesmo grupo [...]” (CHARTIER, 1990, p. 47), considerando a memória de cada sujeito como expressão da “memória coletiva, moldada de diversas formas pelo meio social” (PORTELLI, 2002, p.104).

As memórias identificaram que a construção do saber técnico (formalizado) se mesclou às práticas construídas (informalmente, na escola, na catequese, etc.). A experiência informal demonstrou que os professores foram se construindo, estudando, inventando jeitos, truques, observando a forma de trabalhar, reproduzindo expressões e práticas; esses aspectos serão desenvolvidos no próximo tópico desse capítulo.

5.2 Primeiros Tempos de Escola e Ofício Docente

“A gente esperava muito pela escola [...]”
(Telga).

Para a grande maioria dos alunos das comunidades rurais, alcançar a idade escolar significava a possibilidade de estar em contato com outro mundo, apropriar-se de outros saberes, e transitar em outro espaço de relações sociais. De fato, a escola primária representava um estágio necessário, para estes alunos, uma preparação para ingressar no mundo do trabalho, fosse ele ligado à agricultura ou não.

“A gente já tinha que ajudar na agricultura. De manhã, estudava. Tinha que ir para casa, levava uma hora. Almoçava, tinha um almoço reservado e já tinha que acompanhar os pais na roça, onde às vezes, era bem longe. De carreta, a gente ia pra ajudar na plantação, e também eles incentivavam e ensinavam na horta. Em casa, a gente tinha que providenciar a água pra cozinha e lenha pro fogão [...]. Depois que eu saí da escola, fui trabalhar, mas não se pensava em trabalho fora, era trabalho em casa, junto com os pais” (Telga).

As narrativas de Telga apresentam que as práticas da roça eram práticas de aprendizagem, sejam como preparação para o trabalho no campo, ou mesmo de situações escolares, como cantos, estórias, mitos e crenças que revestiam a mentalidade das comunidades rurais. Contudo, as narrativas expressam memórias sobre a escola; as

experiências escolares de infância, registradas nas suas histórias de vida, “[...] revelam profundas impressões e marcas deixadas pelos métodos de ensino e os modelos de personalidade dos seus mestres escolares”, esse aspecto influenciou o processo de construção docente, pois esses sujeitos, “[...] tendem a reproduzir essas práticas escolares carregadas de saberes formais” (THERRIEN, 1993, p. 50).

Além das memórias de aprendizagens na roça, na infância, “brincar de escola” foi uma forma de ensaiar a vida adulta. Hélia lembra que “*desde criança, brincava de escolinha com as amiguinhas, filhas das vizinhas. Cada vez, [aumentava] a vontade [...] de ser professora, até que um dia consegui*”. Era essa uma das maneiras encontradas pelos sujeitos como invenção de uma forma para que o saber escolar fosse construindo modos de ser professor. As brincadeiras, como representação do vivido, experienciado na infância, colaboraram para configurar cenários de apropriação do ofício dessa profissão.

A professora Arlete, se perdendo em suas lembranças, reconstruiu um tempo em que os professores diferenciavam-se na sociedade, representados pelo modo de ser, de vestir, que os marcavam como grupo social. Ela recordou: “*a gente brincava muito e a escola que era o nosso centro. Eu gostava muito de ajudar as professoras, passava na casa dos professores e carregava os livros; aquilo era uma coisa que era da gente [...]*”. O fato desses professores, enquanto crianças, terem sido alunos de classes multisseriadas, contribuiu para se construir as representações e práticas da profissão.

A evidência das Aulas como referência ao aspecto primordial na composição da formação, como forma institucionalizada do saber, definiu esse grupo de sujeitos. As narrativas do lugar indicaram a existência de Aulas particulares que existiram nas mais distintas localidades. Elas aconteciam, na casa dos regentes, ou em espaços cedidos, da residência dos sujeitos que, de alguma forma, destacavam-se em Lomba Grande. A fotografia 17 registra uma Aula da comunidade evangélica, na antiga Casa Pastoral.

Fotografia 17 - Aula da Comunidade Evangélica de Lomba Grande, início do século XX.



Fonte: Acervo virtual pessoal de Moisés Braun, 2011.

Investigando sobre a presença das “Aulas” em Lomba Grande localizaram-se documentos indicando a presença de Aulas Públicas em 1863², ainda no Segundo Império (século XIX), bem como de Aulas comunitárias, protestante e católica que existiram até a década de 1930 quando as Aulas Isoladas foram Reunidas pelo professor José Afonso Höher. A figura docente de algumas dessas Aulas era representada pelo professor comunitário. Observa-se nas imagens coletadas no acervo virtual de Moisés Braum, uma turma da Comunidade Evangélica, fotografia 17 e a outra da Comunidade Católica, fotografia 18³.

² Documento em alemão gótico, localizado no acervo virtual, pessoal de Moisés Braun, em 2011. De acordo com a transcrição do professor Martin Dreher (ANEXO AW), "Aula Publica de Lomba Grande. 1º lugar. Fita de seda vermelha com borda de crochê, concedida e conferida à aluna Wilhelmine Burger como recompensa por seu extraordinário esforço e excelente comportamento, bem como, incentivo para que assim continue, na oportunidade do exame prestado no corrente ano, por seu professor Heinrich Meyer. Lomba Grande, aos 16 de dezembro de 1863." (ANEXO AX). Dreher complementa que o texto é de autoria do Prof. Heinrich Meyer (Brummer), mercenário contratado pelo Império na Guerra contra Rosas. Após a desmobilização ficou no Brasil e foi, a exemplo de muitos outros, professor. Atuou na Aula Pública de Lomba Grande e, por isso, deve ter sido nomeado pelo Governo Provincial.

³ Essas fotografias foram localizadas no mês de outubro de 2011, no arquivo virtual do artista plástico Moisés Braun. Ele capturou essas fotografias quando a Casa Pastoral foi desativada em 2008 e passou a atender provisoriamente os alunos da EMEF Bento Gonçalves, enquanto aguardavam o término da construção do prédio novo. Ainda não foi possível identificar os sujeitos que figuram essas imagens.

Fotografia 18 - Aula da Comunidade Católica de Lomba Grande, início do século XX.



Fonte: Acervo virtual pessoal de Moisés Braun, 2011.

A fotografia 18 registra uma Aula da comunidade católica, provavelmente no início do século XX, como evidência de uma organização comunitária de escolarização. Dreher (2008) atribuiu a expressão “comunitariedade” para justificar a intensidade e continuidade dessas instituições, por um período significativo nas comunidades, cuja escola foi fundada por imigrantes alemães⁴.

A professora Gersy, destacou que o seu pai foi professor nas Aulas Públicas Federais, destaque na fotografia 19, ao ser chamado pela Delegada de Ensino, para unir as Aulas e fundar as Aulas Reunidas Nº 5, no final da década de 1930; época em que Gersy iniciou sua vida escolar, como se observa na fotografia 19. Na década de 1940, essas Aulas Reunidas originaram o primeiro Grupo Escolar de Lomba Grande, atual Instituto Estadual de Educação Madre Benícia.

⁴ Sobre as diferenças de atuação docente nas escolas comunitárias conforme agrupamento em católicas ou evangélicas consultar Arendt (2008).

Fotografia 19 - Aulas Públicas Reunidas de Lomba Grande, alunos e prof. José A. Höher em 1932



Fonte: Acervo pessoal da professora Maria Gersy Höher Thiesen, 2010.

O contexto político do Estado Novo (1937-1945) intensificou o processo de nacionalização que já havia se iniciado no “período entre guerras”. Arend (2008) argumenta que mesmo o governo da Primeira República tolerando as escolas estrangeiras, em que se lecionasse um mínimo de horas em língua nacional por semana, essas escolas foram desaparecendo e sendo absorvidas pelas Aulas Públicas, que acentuaram a política de nacionalização via educação.

Em Lomba Grande, observa-se que a Reunião das Aulas pelo professor Höher, bem como a criação do Grupo Escolar, se associou à preocupação do Estado em construir uma idéia de Nação e isso implicava conter a disseminação da língua germânica. Contudo, chama atenção, o fato de ter sido, o professor Höher, o primeiro regente (diretor) do Grupo Escolar de Lomba Grande, dada sua descendência germânica; contradizendo o movimento proposto pelo Estado contra as ditas “escolas estrangeiras”.

No Grupo Escolar de Lomba Grande, Gersy aprendeu as primeiras letras, e nesse lugar também, se percebeu professora pela primeira vez. Ela recorda que havia muita disciplina e respeito ao professor. Era necessário levantar a mão e aguardar sua vez para falar. Havia muitos alunos, uns auxiliavam os outros e todos demonstravam muito interesse pela aprendizagem.

A professora Telga foi aluna de Gersy no Grupo Escolar, ela recorda uma das práticas pedagógica, quando os alunos levantavam e tinham que dizer a lição solicitada pelo mestre. Telga lembrou ainda “*[...] quando ela [Gersy] me perguntou se eu sabia contar, [...] era costume, a gente tinha que levantar da classe e responder as perguntas que o professor fazia [...] foi um sacrifício contar até dez em brasileiro, em alemão até sabia*”.

A professora Lúcia, também lembrou que as crianças, quando ingressavam no primeiro livro, falavam apenas em alemão. E que na sua escola, na localidade de São João do Deserto, havia uma colega que auxiliava a professora nas aulas, pois “*[...] essa Scherer, ela sabia falar o português, e a professora transmitia a lição para ela, para ela transmitir pra nós em português*”.

Dessa forma, observa-se que, em diferentes localidades de Lomba Grande, havia dificuldade para os alunos aprenderem o português, e geralmente, quando ingressavam no primeiro ano, contavam com auxílio de colegas que, muitas vezes, atuavam como interpretes dos professores que não falavam o alemão.

Os professores recordaram que aprendiam através das lições do livro didático. A cada ano escolar, recebiam um livro correspondente. A professora Lúcia, por exemplo, lembrou que sua alfabetização aconteceu a partir da utilização da “Seleta”. Através do estudo desse livro, a promoção era feita de acordo com a capacidade de aprender, caso o aluno tivesse faltas, a ausência não os impedia de retomar os estudos.

Lúcia, ainda, lembrou que muitos alunos costumavam faltar aula para auxiliar na colheita das culturas sazonais, e que a Seleta facilitava na escolarização desses alunos. As promoções escolares eram feitas durante e no fim do ano letivo. O registro sobre a vida escolar dos alunos era feito no caderno de chamada, e com o decorrer do tempo, passou a ser feito nos boletins escolares (ANEXO AY), que indicavam dados estatísticos de frequência, aproveitamento e observações quanto à apropriação do conhecimento pelos alunos.

Uma prática marcante evidenciada pelas memórias dos professores foi à aula de Educação Religiosa. No Grupo Escolar de Lomba Grande, os católicos tinham aula com o padre e os evangélicos com o pastor da comunidade protestante. Era comum também, a realização de missas e/ou aulas de catequese que aconteciam, geralmente no interior, nas localidades quando recebiam, periodicamente, a visita do padre.

A professora Élia também recordou que tinham aula de Educação Religiosa, em São Leopoldo, na Igreja Católica Medianeira, conforme fotografia 20.

Fotografia 20- Um dia de Educação Religiosa, em 1949. Feitoria, São Leopoldo



Fonte: Acervo pessoal da professora Élia Maria Thiesen, 2010.

A fotografia 20 registra que a aula de Ensino Religioso era ministrada pelo padre. Nesse momento, a professora acompanhava os alunos até a Igreja. Porém, em algumas localidades, não havia escola e nem Igreja, fato que figurava a itinerância dos padres e seminaristas, que percorriam diferentes localidades atendendo os fiéis. A missa acontecia, periodicamente, no domicílio de autoridades do lugar, como se evidencia na fotografia 21, quando o padre ministrava aulas de catequese e realizava sua pregação na residência dos Daudt e Schwindt.

Fotografia 21 - Um dia de catequese, padre, Élia e a professora da escola, década de 1950



Fonte: Acervo pessoal da professora Élia Maria Thiesen, 2010.

Em São Leopoldo, a professora Élia lembrou que foi catequista, antes mesmo de ser professora. Era uma possibilidade para ensaiar a prática de ensino, mesmo que fossem os princípios do catolicismo. Observa-se, na fotografia 21, que a professora da turma escolar acompanhava e auxiliava o padre e a catequista, que nessa época era Élia. Quando as missas aconteciam em residências, antes dos fiéis retornarem para suas casas, os anfitriões ofereciam uma “merenda” (cucas, chá e/ou uma café), para os vizinhos que participavam da celebração, pois era hábito o jejum para comungar.

A professora Gersy recorda que essa prática também aconteceu na Escola Expedicionário João Moreira, conforme fotografia 22, na localidade de Santa Maria. Ela e sua comadre Ilse Becker é que compravam cucas e ofereciam aos alunos e a comunidade que acompanhavam a missa, principalmente, no período em que a Igreja de madeira foi destruída para construção de uma nova, de alvenaria. Nessa época (1950), o espaço da sala de aula servia, também, de altar para pregações do padre da comunidade.

Fotografia 22 - Alunos da Escola Municipal Expedicionário João Moreira e a profª. Gersy, 1950



Fonte: Acervo pessoal da professora Maria Gersy Höher Thiesen, 2010.

De modo geral, a experiência da catequese foi uma forma de experimentação docente, bem como, figurou o contexto das práticas em classes multisseriadas nas diferentes localidades de Lomba Grande. Sobre esse aspecto a professora Gersy resume “*lá a Gersy também era professora, [...] pau pra toda obra, inclusive [...] vacinar eu fiz [...]. Era de catequese, era de tudo, de alfabetizar [...]*”. A catequese incorporava-se às atribuições docentes, até porque, a lógica operante na sociedade, caracterizava-se pela exaltação à figura do professor, em favor da vocação, da incondicional responsabilidade, que chamava pra si, em dedicar-se, de corpo e alma, à missão de preparar homens para Deus e cidadãos para a Pátria (FISCHER, 2005).

Nesse tópico, os documentos construíram aspectos da escolarização desses professores. Observa-se que tanto para os sujeitos do campo, como os da cidade, a instrução não ultrapassava o 5º ano primário, e no espaço rural a alfabetização parece ter sido o limiar para esses alunos. Élia recorda que “*a maioria não deixava passar até a 5ª, já estava esperando em casa pra trabalhar na roça*”.

Observa-se ainda, que a evasão acontecia a partir do terceiro ano primário. O trabalho na agricultura e a contribuição de todos os integrantes da família no sustento da casa

obrigavam os alunos a abandonarem a escola. Da mesma maneira, para aqueles que concluíam o quinto ano, não havia muitas alternativas, exceto trabalhar no campo e aguardar o casamento.

As experiências de diferentes situações vividas, afetiva e emocionalmente marcantes da vida de aluno, quando criança ou na juventude, são estruturantes da vida profissional docente, existindo uma sequência de experiências que fazem à historicidade profissional. De modo especial, as trajetórias desses professores demonstraram que a docência rompeu à lógica da grande maioria, concluir a escolarização primária e trabalhar na agricultura. Esses sujeitos permaneceram na escola, como professores o que, também, demonstra a forma como eles valorizaram o conhecimento e essa profissão (INÁCIO, 2010).

Almeida (2001) argumenta que mesmo com a formação primária, os professores rurais faziam parte dos notáveis na sociedade, ou seja, “pessoas marcadas pela distinção”, talvez por terem se apropriado de saberes que os diferenciavam nesse grupo social. Eram portadores de saberes que iam além dos conhecimentos empíricos, próprios do meio rural.

A formação para o exercício docente será desenvolvida a seguir, enfatizando como esses saberes pedagógicos se estabeleceram nos caminhos percorridos para se construir professor.

5.3 Ser Professor: Formação para o Exercício da Docência

“E sempre estudava. Eu tinha um tempinho, eu estudava, tinha um livro de admissão ao ginásio, e a noite eu estudava aquilo tudo, pra eu não esquecer. A noite não tinha luz, e era a querosene, os pais reclamavam, era difícil conseguir querosene” (Telga).

Os moradores de Lomba Grande construíram alternativas para continuarem aprendendo, o exemplo da professora Telga⁵, que todas às noites, estudava os livros de sua época de aluna, às vezes, espiava os cadernos e livros das crianças da vizinhança para

⁵ Telga expressa que a escola sempre esteve presente em seu pensamento, mesmo que fosse necessário o auxílio na agricultura, ela encontrava formas para estudar. Uma alternativa foi o autoestudo que oferecia o Instituto Universal Brasileiro, como evidencia o Anexo AZ. O curso de Corte Costura, em 1958. Além, do conteúdo do curso de corte e costura que decidiu fazer, como alternativa para complementação econômica, ela recorda que havia uma parte complementar que incluía disciplinas do estudo elementar. O Instituto Universal foi fundado em 1941, é um dos pioneiros no ensino à distância no Brasil. “Não cheguei a ganhar o diploma porque eu tinha que fazer um casaco de flanela, eu não podia comprar o pano. Ali junto tinha planilhas de português, matemática e conhecimentos gerais [...] a base que precisava para ser alguém na vida” (Telga).

alimentar a vontade de saber, aprender e estar no meio escolar. O ensino supletivo, a formação à distância, caracterizaram marcas de memórias compondo formações que serão desenvolvidas, especialmente nesse tópico.

Nesta seção, a formação para a docência foi organizada a partir de quatro características que se destacaram na análise das memórias: a influência religiosa e vocacional na formação; os exames supletivos; o ingresso na docência e a formação em serviço.

O professor Paulo, como forma de continuar os estudos, ingressou no seminário. Nessa instituição havia uma disciplina rígida, além de uma rotina de estudos que os padres exigiam para o aprendizado da vocação. Ele rememora o “[...] *complementar eu passei, mas admissão, eu rodei. Era muito puxado. É que aqui, eles ensinavam uma coisa e lá, nas outras escolas, sei lá, como era abrangente ensinava as coisas que eu não tinha conhecimento, aí eu tive que repetir*”. Observa-se nesse relato, que havia uma representação social distinta entre as práticas do ensino rural e urbano, ‘lá e aqui’. Como ele evidencia, o estudo da cidade era “mais abrangente” que aquele aprendido nas escolas municipais Humberto de Campos e Bento Gonçalves, na década de 1950, quando realizou sua formação primária. Assim, existiam conhecimentos e modos de apropriação que distanciavam as formas de aprender no espaço rural e na cidade.

A professora Élia lembrou que, com treze anos, foi trabalhar no Colégio São José, em São Leopoldo e lá “[...] *achei muito bonito o ambiente das irmãs, e pensei em ficar freira [...] uma religiosa. Mas seria assim, trabalhar e estudar. [...] eu ia trabalhar apenas pela casa e comida*”. Então, resolveu dedicar-se ao noviciado e retomar os estudos fazendo, novamente, o 5º ano. Ela recorda que “[...] *as irmãs pediram que eu repetisse por causa do exame terrível de admissão*”. Élia cursou o primeiro ano do Ginásio, porém, em função da solicitação feita pelas irmãs de que ela fosse concluir os estudos no Bom Conselho, em Porto Alegre, acabou desistindo da vida religiosa.

Sobre esse período de sua formação, Élia concluiu que “[...] *esses três anos foram, de base, por dois motivos: uma que a gente aprendeu muita coisa, de [convivência], o horário e também porque é o período da adolescência, que é a pior fase pra gente estar fora [de casa], e estar no mundo [...] estava no Colégio*”. As normas e condutas de valores expressam um desejo de controle da profissão docente, papel que as escolas cristãs desempenharam muito bem, sendo destaque também, na formação de professores (BASTOS; COLLA, 2004).

As zonas coloniais do Rio Grande do Sul foram responsáveis pela crescente procura pelos seminários, principalmente, para famílias numerosas. Os noviciados abriam-se como oportunidade para o filho do colono estudar, além de tornar-se uma oportunidade de saída do

campo (De Boni apud SCUSSEL, 2011). Uma das possibilidades encontradas para continuar os estudos era ingressar na vida religiosa, no seminário, como aconteceu com o professor Paulo; ou o noviciado, caso da professora Élia. Além disso, essa prática significava para as famílias rurais “[...] a maior glória [...] ter um filho padre!” (SGUISSARDI, 2011, p.35).

Alguns professores buscaram formas alternativas para continuação dos estudos. O ensino supletivo, no final da década de 1960, representou uma possibilidade para que muitos concluíssem o Ginásio. Além disso, para os professores, em quadro de carreira, a conclusão do Ginásio representava ascensão profissional, revestida em aumento de salário. A referência ao supletivo foi a Escola Olímpio Flores, em São Leopoldo, como recorda a professora Lúcia “*Eu fiz o supletivo na Scharlau*”. A professora Élia também se utilizou dessa modalidade de ensino para realizar a conclusão do Ginásio, como rememorou:

“Agora, a prefeitura, exige a faculdade, mais estudos. Naquele tempo também, eu não podia ficar naquela de 5º Ano. E 1ª, 2ª série ginásial. Naquele tempo já entrou até a 8ª e [...] eu fiz, não sei se vocês chegaram a conhecer, o artigo 99. [...] trabalhava na roça, dava aula, atendia a casa e estudava lá fora [referindo-se à cidade], o livro estava sempre junto. Fiz lá no Olímpio Flores, na Scharlau. [...] é um colégio do Estado”.

Telga realizou exame supletivo. Ela lembrou que prestou o “exame de madureza”, em Canoas, no Colégio São José, conforme (ANEXO BA), porém, frequentou as aulas no Colégio Sinodal Tiradentes de Campo Bom. Concluiu ela o “[...] Ginásio, fiz o artigo 99⁶, à noite, em um ano. Foi uma das inovações muito boa, fiz em 1967”. A fotografia 23, abaixo, registra esse momento da sua escolarização.

⁶ O artigo 99, aspecto legal da LEI Nº 4024/61, representou a possibilidade de conclusão do curso ginásial mediante a prestação de exames de madureza após, estudos realizados sem observância de regime escolar. Esta modalidade era permitida aos maiores de dezesseis anos, da mesma forma, o curso colegial também poderia ser obtido para os maiores de dezenove anos. Observa-se no Boletim de conclusão do Ginásio (1967) que este curso também ficou conhecido como “John Kennedy” (ANEXO BB).

Fotografia 23 - Formatura do Ginásio, em 1967, Prof^a Telga



Fonte: Acervo pessoal da professora Telga Bohrer, 2010.

A fotografia 23 registra a vitória de um sonho realizado. Nessa época, a professora exercia a docência no bairro Barrinha, de Campo Bom, nas imediações de Lomba Grande.

Além das professoras citadas acima, ainda realizaram exames supletivos para conclusão do Ginásio os professores Sérgio e Paulo e a professora Márcia.

De modo geral, as memórias sobre esse período de formação evidenciaram rotina intensa de trabalho, e postularam uma tática instituída para driblar as inúmeras demandas que, paralelamente, cumpriam-se: a escola, a roça, a família e o estudo. Observa-se que, mesmo à margem do urbano, estratégias foram construídas pelos sujeitos do espaço rural, no sentido de apropriar-se da cultura letrada e científica da cidade.

A estratégia é aqui entendida como uma forma de conduzir e orientar as ações dos professores rurais, principalmente, a partir da visão urbana da cidade. Dessa forma, na sua ação prática estabelece táticas em um jogo de forças que se produz na ausência de um poder. No entanto, a tática existe apenas na relação entre os sujeitos, pois “a ordem efetiva das coisas é justamente aquilo que as táticas [...] desviam para fins próprios [...]”. Desse modo, esses professores utilizaram os meios existentes e os construídos pelo governo municipal para que se qualificassem profissionalmente. (CERTAU, 2011, p. 88).

Até a década de 1970, a estrutura do ensino – de certo modo – contribuía para um afunilamento da escola pública, raros eram os sujeitos que, do meio rural, aventuravam-se na continuidade dos estudos. O Ensino Primário se organizava em primário e ginásial, em média

de sete anos; Colegial do Ensino Médio de três anos e o Ensino Superior de duração variável. Este poderia ser cursado após vestibular e conclusão do Ensino Médio, havia uma prova de admissão para o ginásio, dividida em ramos de saber: Comercial, Industrial, Agrícola, Normal e outros. (SCUSSEL, 2011).

Os caminhos percorridos pelos professores que representaram o conjunto dessas memórias manifestaram algumas peculiaridades em seu processo de formação. Muito mais que o desejo, como expressa à professora Telga, a necessidade de apropriação de um conhecimento científico específico da profissão, levou alguns professores a buscar a formação institucionalizada como o curso Normal. “*Em 1969, fui pra Sapiranga me aprimorar*” (Telga). Em 1972, ela recebeu o diploma de Professor Primário pela Escola Normal “Coronel Genuíno Sampaio”, conhecido como Escola Estadual de 2º Grau de Sapiranga. Atualmente, chama-se Instituto Estadual de Educação de Sapiranga. (ANEXO BC).

A professora Arlete seguiu sua formação, após conclusão e formatura do Ginásio, cursou o Normal no Colégio São José, na cidade de São Leopoldo, conforme fotografia 24, momento de sua formatura no Normal, ocasião em que recebe o diploma das mãos da Irmã Nazaré (diretora da instituição naquela ocasião).

Fotografia 24 - Formatura do Curso Normal, Colégio São José, São Leopoldo, em 1960



Fonte: Acervo pessoal da professora Arlete Timm, 2010.

Arlete registra uma forma interessante quanto ao ingresso na docência pública estadual. Ela recorda que, nos anos 1960, era uma prática as professoras concluírem o

Normal, encaminharem o diploma à Delegacia de Ensino (D.E.) e aguardarem nomeação, para assumir como docente estadual. Ela se formou em 1960, como destaca a fotografia 24 e em 1961 já estava trabalhando como professora estadual, pois “[...] a gente ia na DE [...] em São Leopoldo e levava o seu diploma, com o histórico escolar [...] e ia sendo chamada aos poucos”.

Em 1963, Arlete começou a Faculdade, sendo uma das primeiras a ter ensino superior em Lomba Grande, em 1966, formou-se em Pedagogia, pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Cristo Rei, de São Leopoldo.

Outro aspecto marcante na trajetória da professora Arlete⁷, refere-se ao Curso de Ginásio e 2º Grau em Lomba Grande. A comunidade organizou uma comissão pró-ginásio, da qual era representante, no intuito de conseguir instituir, mesmo que de forma comunitária esse curso em 1970. Ela recordou que “[...] de 1970 a 1976 eu fui Diretora do Ginásio Comunitário de Lomba Grande”. As Aulas aconteciam no salão da comunidade católica, e os professores eram pagos pelos pais, com reconhecimento e validação da ‘DE’, no município de São Leopoldo. Em 1977 o Ginásio foi incorporado ao Grupo Escolar Madre Benícia, que recebeu diferente nomenclatura, respeitando as transformações efetivadas pelas Leis e Diretrizes e Bases da Educação Nacional LEI Nº 5692/71, estruturado em Ensino de 1º e 2º Graus.

“Eu já tinha Ensino Superior e acredito que fui motivo de incentivo pra minhas colegas. A diretora do Madre disse - mas Arlete eu também vou estudar. Então a Cléris, foi estudar e depois se graduou. E seguiram também as outras. Saíam do Normal e diziam - eu vou seguir a D. Arlete. Que bom [...]” (Arlete).

A grande maioria das professoras em Lomba Grande não tinha o curso Normal, e muito menos, o Ensino Superior. Arlete destaca-se nesse grupo de professores fazendo com que ela adquirisse respeito frente ao movimento pelo ensino na área rural, principalmente, na década de 1970. O reconhecimento da formação instituída entrelaçada a uma prática honesta e de profunda dedicação à comunidade, motivou seus colegas, ex-alunos a seguirem o caminho da docência. Nessa investigação, ela singulariza-se como professora que realizou formação

⁷ De 1965/1985 Arlete esteve professora/gestora da Escola Estadual Madre Benícia, após aposentar-se, na década de 1990 prestou concurso público para o Magistério municipal. O ginásio foi organizado por uma associação comunitária de pais, que pagavam mensalmente os professores. A 1ª aula do Ginásio aconteceu em 24 de junho de 1970. No início de 1977, uma nova comissão foi instituída com propósito de o Estado “encampar” o Ginásio, em março daquele ano, todos os alunos passaram a fazer parte do Madre Benícia, Arlete ocupando a Vice-Direção da instituição (Arlete).

superior, numa época em que as professoras rurais, e as mulheres tinham geralmente o curso Normal.

Eloísa, também representa a formação construída pela passagem no curso de Magistério, no Colégio Santa Catarina, de Novo Hamburgo, na década de 1990 e a conclusão do curso de Pedagogia na Unisinos, 2010. Porém, ela representa outro momento da formação docente no país, as transformações do contexto educacional, na década de 1990, refletiram na construção dessa nova postura de comportamento.

Sobre esse novo momento formativo, da década de 1990, rememora o professor Paulo *“depois, o concurso entrou em 1988 [se exigiu estudo]. Naquele tempo não se falava em Magistério, ninguém tinha Magistério. Aí quando entrou o concurso, aí apertou”*. O Concurso Público democratizou as formas de ingresso na carreira municipal, os contratos emergenciais, que posteriormente transformavam-se em contratos efetivos, e incorporações dos funcionários como servidores públicos, não eram mais uma prática comum. O contexto das políticas públicas exigia uma formação específica e a seleção mediante concurso.

Quanto à forma de ingresso no magistério municipal é possível organizar os professores a partir de três evidências: os que fizeram um exame para comprovar a escolaridade; os que fizeram concurso público e os que ingressaram através de contratos de trabalho.

A maioria dos professores ingressava como auxiliar, a partir de um contrato, suprimindo a existência de vaga, submetendo-se a uma prova de conhecimentos gerais que atestava a escolaridade do 5º ano primário.

A professora Gersy recorda *“fiz um examezinho de suficiência e já comecei como professora municipal”*. Em 1940 ela iniciou como auxiliar do 1º e do 2º ano, nas Aulas Reunidas Municipais e Estaduais de Lomba Grande. Ela recorda que em 1942 foi efetivada⁸ como professora do primeiro Jardim da Infância desse bairro.

A professora Lúcia⁹ também realizou uma prova e começou como auxiliar da turma multisseriada da Escola Municipal Bento Gonçalves. Ela rememora

⁸ Conforme Decreto nº 16/24 e), 1942, de ingresso no magistério municipal (ANEXO BD e BE). E Decreto Nº 51/69 de aposentadoria (ANEXO BF e BG). Gersy iniciou sua trajetória docente no Grupo Escolar de Lomba Grande (1940), em regime de contrato de trabalho, como auxiliar do 1º ano e em 1942 *“[...] fui parar no Jardim da Infância Dr. Getúlio Vargas, era no mesmo edifício, só numa sala. Tinha quatro mesinhas larguinhas e em cada, seis cadeirinhas, ali eu era a grande senhora”* (Gersy) (ANEXO BH).

⁹ Na pesquisa realizada nos decretos não foi localizado Decreto de nomeação da professora Lúcia Plentz como concursada. No entanto, a professora Élia recorda que mesmo Lúcia não tendo sido aprovada no concurso público, foi contratada como professora considerando a dificuldade para se encontrar professor no Taimbé. Alguns professores iniciaram com contratos de trabalho e na década de 1980 foram enquadrados como servidores públicos. Observa-se o Decreto de aposentadoria Nº 105/81 *“Aposenta professora municipal de*

“Ele [Parahim] me dava um papel avulso. Conhece a Lenira B. Grin e a Iracema? Elas que me ajudaram a fazer. A Iracema Grin tava junto com o Dr. Parahim Pinheiro Machado Lustosa. Eles foram os meus primeiros [orientadores], mas esse Doutor era uma pessoa, olha tão compreensiva” (Lúcia).

As formas de ingresso na docência tiveram a marca de uma personalidade política local, o vereador Mário Pereira¹⁰, como recordou Gersy “[...] naquela época tinha um vereador que lutava pelas coisas de Lomba Grande, [...] que igual não tem mais [...]”. Porém, o exame era uma forma de institucionalizar o ingresso na carreira frente às indicações de professores que surgiam para suprir as vagas existentes.

Hélia¹¹ iniciou como professora contratada, e em seguida prestou concurso público, sendo aprovada, foi lotada na EMEF Humberto de Campos. A escola funcionava na residência do senhor Jacó Thiesen “[...] ficava a semana, parava em casa de família [...]. Primeiro na casa do falecido Jacó [...] depois [...] eu fui parar na casa do Adolfo Ströttmann”. Recordando lembrou que “no início da minha trajetória na São Jacó, daqui pra lá, tinha uma época que eu abria 13 cancelas, mas aprendi tão bem a abrir as cancelas que nem descia do cavalo [...]. Isso é uma coisa lá do início da minha vida no magistério”. Ela ainda rememora sobre esse período

“Eu vim pra casa e fui me aperfeiçoando, de repente, surgiu essa vaga, e eu consegui um contrato pra um ano, porque eu era de menor, eu trabalhei com dezesseis anos, dezesseis e meio. Fim do ano, fim de 1952, eu fiz concurso pro Magistério, pra professor de ensino de Novo Hamburgo. Entre quinze candidatas eu fui aprovada em segundo lugar”.

Sobre os concursos públicos, geralmente, era constituída uma comissão que contava com um representante da secretaria geral da prefeitura, um representante da câmara de vereadores, orientador de ensino e um auxiliar.

Outra professora que também ingressou através de um contrato e após realizou concurso público foi Élia Thiesen. Ela recorda que depois do casamento trabalhou na

quadro” - Lúcia Plentz, a partir de 16 de setembro de 1981 (ANEXO BI). De acordo com a entrevista, ela iniciou em 5 de maio de 1955. “[...] quem entrava era auxiliar. Tinha muitos alunos e ela [professora regente da Bento Gonçalves] explicou como era auxiliar [...] foi em dia quatro de maio de 1955 e [...] foi comigo lá na Orientação” (Lúcia).

¹⁰ Mario Pereira nasceu em 23/12/1902, em São Sebastião do Caí, e faleceu na década de 1960. Em 1964, a Lei Municipal Nº 11/64 denomina a praça de Lomba Grande, 3º Distrito de Novo Hamburgo de Vereador Mario Pereira (ANEXO BJ).

¹¹ Hélia Köetz desenvolveu sua trajetória nas EMEFs Humberto de Campos e Rui Barbosa. Decreto S/N de 26 de março de 1953 nomeia professora estagiária Hélia Gomes Pereira (ANEXO AE). E Decreto S/N que promove uma professora a 2ª entrância, de 03 de novembro de 1958 (ANEXO BK).

agricultura e “logo eu comecei a me movimentar pra ser professora. Continuava essa idéia na cabeça, por isso que eu digo assim, não consegue as coisas quem não quer. Comecei a trabalhar em agosto, em março tinha concurso em Novo Hamburgo”.

Élia afirma que no dia do concurso

“eu me apavorei. [...] o Dr. Walter Merina [Delgado], [...] esse que fez a prova comigo, nos entramos assim, mais ou menos umas 180 gurias, normalistas, [...] tinha pronta [formada], de 1º, de 2º normal e de 3º e tinha acho que umas três de Lomba Grande, só com 5ª série, a Lúcia Plentz, eu e a Elani, ela tava só num dos dias. Só que era assim: era segunda, terça, quarta e no sábado, que tinha a prova oral. De manhã fazia o escrito e de tarde fazia o oral. No outro dia já via, se não passou no escrito não precisa vir mais. [...] e a última prova era sexta-feira e tinha que escolher uma aula e apresentar pra eles”.

O concurso se realizou, no antigo prédio da Prefeitura, hoje, desativado, próximo, a atual Câmara de Vereadores as provas eram teóricas e práticas, as provas teóricas, aplicadas em dias diferentes, eram classificatórias. O último teste era o prático e, geralmente, acontecia na sexta-feira ou no sábado. A professora lembrou que eram mais de 180 (cento e oitenta) normalistas, e que a prova de pedagogia foi a mais difícil. Porém, ao responder as questões (em folhas avulsas de papel almaço), Élia preferiu copiar todas as questões e respondê-las calmamente, pensou que pudessem apagá-las do quadro.

Ela rememora que para responder todas as provas, português, matemática, geografia e pedagogia, usou das memórias sobre o seu tempo de escola (relacionando teoria e prática). “A pedagogia que era o pior, [...] eu tinha lido mais ou menos [o livro de pedagogia]. Mas, eu tinha a base, eu já ficava. A irmã, lá no Colégio, tinha que sair e ela pedia pra eu ficar, eu adorava ensinar”. Quanto à aula prática do concurso ela enfatiza

“Escolhi 2º ano português, fui na minha prima, ela era formada, pedi para ela programar uma aula por escrito [...] que preenchesse o tempo. Colei aquilo, e tinha que saber a aula toda de cor. [...] Lembro que tinha um livrinho e eu copieei a história, interpretação, e daí, parti para os exercícios. Como eles deixaram fazer, vi que eu não tinha rodado”.

A professora classificou-se em 34º lugar, porém, com dificuldade para lotar docente na localidade, em 1959, ela foi nomeada para Escola Humberto de Campos¹². Elas recordam que contou com o apoio do vereador Mário Pereira para que os ajustes políticos acontecessem.

¹² Élia Maria Thiesen desenvolveu toda sua trajetória docente na EMEF Humberto de Campos. Nomeada pelo Decreto S/N de 9 de setembro de 1959, como professora municipal, padrão 2, de classe inicial de carreira

Outra prática de ingresso era o contrato de trabalho, compreendendo um quadro funcional paralelo aos servidores públicos municipal. No entanto, na década de 1980, os professores passaram a integrar o quadro de servidores efetivos, em função da reestruturação do município quanto ao serviço público de carreira.

A professora Márcia foi indicada pelo seu pai e iniciou sua trajetória docente através de um contrato de trabalho, em 1974, como auxiliar no 1º e 2º ano. Ela recorda que era uma característica comum dos professores iniciarem como auxiliar em classes de alfabetização, confirmando o mito que circula no senso comum de que “aprendendo a alfabetizar, aprende-se a ensinar em qualquer série”. Apenas em 1976, é feito o registro funcional em carteira de trabalho dessa professora, como recorda.

“Em 1976, a D. Eni Cecília Becker, chegou aqui, e disse pra mim, dia 11 de agosto, eu nem tinha a carteira de serviço ainda. Ela disse assim pra mim, Márcia eu vim te buscar. O Gentil Soares Companhoni era o Secretário de Educação de Novo Hamburgo naquela época e o Joaquim Luft era o Diretor de Educação, eles mandaram te chamar pra assinar a tua carteira”.

O professor Paulo, também ingressou como professor através de um contrato de trabalho e como auxiliar. No entanto, ele precisou realizar um exame de suficiência para atestar o comprovante de escolaridade. Ele rememora “[...] não cheguei a concluir o último ano [Ginásio] porque me afastei [Seminário]. E aí eu assumi aqui como professor só no peito, quer dizer a minha irmã que apontou lá e eu fiz um teste de conhecimentos teóricos de tudo”. Ele considerou fácil o exame e alcançou um excelente desempenho, havia retornado do Seminário, e como ele mesmo afirmou “[...] naquele tempo eu tava por cima, eu sabia tudo”.

Além disso, destaca-se a prática de indicação, “a minha irmã apontou lá”, pois ele foi indicado pela sua irmã para trabalhar na EMEF Bento Gonçalves como auxiliar, nas turmas de 1º ao 5º ano. A indicação docente caracterizou-se como uma forma construída nesse lugar para solucionar as dificuldades, principalmente, educativas de lotação de professores concursados.

(ANEXO BL). O Decreto Nº 59/61 declara efetiva a professora Élia Maria Thiesen, a contar de 2 de agosto de 1961 (ANEXO BM). Observa-se um detalhe diferente em algumas portarias a partir de 1975, com a aposentadoria da professora Municipal Glacy Zirbes, de 02 de abril de 1975, apresenta-se um texto padrão a todas as professoras que se aposentavam como iniciativa do prefeito municipal Miguel Schmitz e do Secretário Municipal de Educação Saúde e Assistência Social, João Carlos Schmitz (ANEXO BN). No Decreto Nº 81/83, que aposenta professora Élia Maria Thiesen, a partir de 26 de abril de 1983, consta “[...] agradecendo-lhe, na oportunidade, o zelo, a dedicação, o carinho e o entusiasmo com que cumpriu o altruístico dever de ministrar ensinamentos às nossas crianças dentro do elevado espírito patriótico e cristão [...]”, observa-se semelhanças nos textos de 1975 e 1983 que homenageia professores aposentados (ANEXO BO).

Telga¹³ trabalhou um ano como professora em Novo Hamburgo. Ela também ingressou através de um contrato de trabalho, mas esse contrato estava relacionado ao movimento de expansão do ensino primário de 1960. Rememorando esse período lembrou que estava trabalhando na roça, numa estrada, fazendo um caminho. *“E veio meu irmão e disse que tinha uma notícia boa pra mim. [...] A D. Gersy tinha dito que tinha uma chance para eu começar a lecionar, que eu era pra falar com ela”*. Telga foi contemplada pela abertura de novas escolas a partir do movimento da década de 1960, conhecido como escolas “brizoletas”¹⁴. Ela então se informou na prefeitura sobre o que era necessário para ser professora. Havia duas concorrentes com ela. Após realizar o teste, foi a melhor colocada como recordou *“quem tivesse a nota melhor estaria com a turma. Fiquei com a nota melhor e já vim com os livros de chamada, ponto da escolinha e no dia seguinte já me dirigi à escola”*.

Quanto aos decretos, portarias de lotação e aposentadoria do professor Sérgio e Arlete, não foram localizados nos arquivos consultados. Contudo, a forma de ingresso do professor Sérgio¹⁵ foi realizado através de contrato de trabalho e posterior incorporação como servidor público municipal.

Quanto às portarias da professora Arlete, de acordo com a Lei Municipal Nº 333/2000 e 335/2000, estão localizadas em outro setor administrativo do Departamento de Leis e Decretos municipais.

O aspecto que se destaca nas memórias, sobre as formas de ingresso, foi à indicação para o cargo por outro professor que já se encontrava no exercício da docência. Porém, observa-se que o candidato à vaga de professor realizava provas e exames, talvez como uma forma de institucionalizar a indicação. Observou-se ainda, que o início na carreira, para alguns dos entrevistados aconteceu como auxiliar de um professor mais experiente. Além

¹³ Essa professora possui um acervo pessoal interessante. Há pastas com documentos, fotografias e memórias da cultura escolar. O Termo de contrato de locação de serviços entre prefeitura e Telga Bohrer fotografado no momento da entrevista registra o valor atribuído por ela aos documentos (ANEXO BP). Da mesma forma, preserva recortes do Diário Oficial do Estado, da ocasião de sua lotação como professora estadual. A trajetória na rede estadual registra-se na Escola Rural de Lomba Grande, atualmente desativada. Os documentos da Escola Rural localizam-se no arquivo passivo do Instituto de Estadual de Educação Madre Benícia.

¹⁴ Entre 1959 a 1963 o governo desenvolveu o projeto “Nenhuma criança sem escola no Rio Grande do Sul”. Tal projeto resultou em significativa expansão quantitativa do sistema de ensino público do estado. Construíram-se prédios escolares – que ficaram conhecidos como brizoletas ou escolinhas do Brizola –, contrataram-se professores e um significativo número de novos alunos foram matriculados. O programa governamental tinha como metas escolarizar toda a população com idade entre 7 e 14 anos e erradicar o analfabetismo. Mais detalhes sobre o assunto ver Quadros (2003).

¹⁵ Não foi localizada Decreto de Nomeação, bem como de aposentadoria, portando, esse professor aposentou-se pelo sistema de portarias. Como ele mesmo recorda: *“Tinha uma questão contra a prefeitura, eu já tinha trabalhado uns onze meses. O Sr. Parahim sugeriu pra mim que eu retirasse o processo contra a prefeitura que ele ia dar aula pra mim aqui no Morro dos Bois. Ele era Secretario de Educação naquela época. Ai foi quando eu comecei em 03 de agosto de 1960”* (Sérgio).

disso, tanto a professora Gersy quanto a professora Márcia começaram a trabalhar auxiliando seus pais.

Como professores da rede municipal, os sujeitos dessa pesquisa recordaram que usufruíam da prática de formação em serviço. No período de (1970-2000), foram inúmeras as iniciativas, que marcaram e significaram o grau de importância que a administração dedicou à formação continuada. Além, de valorizar os funcionários que concluíssem o Ginásio, mediante o ensino supletivo contemplado pelo artigo 99 da LDBEN Nº 4024/61, a mantenedora, em diferentes gestões e como proposta dos muitos Secretários de Educação construiu práticas de formação que atendessem e qualificassem o quadro docente.

Nesse sentido, parcerias entre poder público e FEEVALE, ou Instituição Evangélica registraram estratégias construídas pelo governo municipal para que os professores estudassem. Uma proposta, que atendia diretamente os professores rurais e refletia também nos vencimentos mensais, foi à realização de um curso específico de equivalência de 2º Grau, para professores leigos¹⁶ e que tivessem concluído o Ginásio.

O professor Paulo, o professor Sérgio, a professora Márcia e a professora Élia realizaram esse curso, como rememora Élia “[...] organizaram [prefeitura] um curso na FEEVALE pra, todos os sábados de manhã. Juntaram todas as matérias que precisavam, reduziram mais e seria equivalente ao 2º Grau e todo professor tinha que ter”; estruturado para aqueles que estavam no exercício da docência e sem formação específica.

Além desse curso, outras parcerias foram firmadas com as mesmas instituições. Na década de 1980, muitos professores municipais fizeram estudos adicionais, o grupo docente pode optar em algumas modalidades de cursos, como Educação Infantil, entre outros. Márcia realizou formação em alfabetização, como lembra:

“Em 1989, quando eu fiz aquele curso dos estudos adicionais nos íamos com aquele senhor que trazia as crianças que estudavam na Cooperativa, que agora é o CEA [Centro de Educação Ambiental Ernest Sarlet] [...] Claudino [...] nós íamos junto com eles pra Lomba Grande e dali nos íamos de ônibus pra Novo Hamburgo. Quando terminava cedo horário de verão nos ia [sic] a pé, senão o Daniel ia buscar nós. [...] Era um tipo de Magistério de um ano, pra quem não tinha [...] deram estes cursos de um ano. [...] nos fizemos estágio [...] quando eles chegaram aqui e viram o que nós percorríamos todos os dias, eles disseram [...] só pelo sacrifício que vocês faziam, já mereciam [passar]”.

¹⁶ Conforme Lei Complementar 89/87 que institui o Plano de Carreira do Magistério Público Municipal regido pela CLT, indica existência de professores leigos sem habilitação específica e de leigos com habilitação de primeiro ciclo (ANEXO BQ).

Esse curso de estudos adicionais¹⁷ realizado pela professora Márcia acontecia no antigo prédio da SEMEC (Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto), durante um ano, toda a noite ela dirigia-se até o centro da cidade para estudar, ela recorda que foi muito bem no estágio, pois tinha anos de experiência docente.

A formação em serviço era uma prática institucionalizada, principalmente, para os professores que não tinham formação pedagógica específica, no caso os professores “leigos” e de “habilitação de 1º ciclo”. Como estratégia do governo municipal para uma “atualização permanente”, oferecia cursos no período de férias escolares, como recorda Hélia “[...] a gente fazia muitos cursos, às vezes nas férias, às vezes uma semana, isso seguido à gente ficava uma semana estudando”.

O curso de férias para o Magistério municipal recebeu nomenclaturas diferentes ao longo do tempo. A investigação aos arquivos da prefeitura municipal permitiu localizar alguns decretos e leis que regulamentaram essa prática. O Decreto Nº 35/61 parece ser o primeiro documento que instituiu oficialmente os cursos de férias (ANEXO AK). Enquanto o Decreto Nº 29/64 institui o curso obrigatório de férias, no período de 15 a 17 de julho de 1964, sob responsabilidade do Departamento de Educação e Ensino (ANEXO AL). Já, o Decreto Nº 40/65 institui o “Curso Intensivo de Orientação e Revisão Didática” para o Magistério municipal, realizado no período de 12 a 24 de julho de 1965, observa-se que o curso recebeu nomenclatura diferenciada, bem como, este documento é complementado com uma circular em anexo, assinada pela Diretora do Departamento de Educação e Ensino. Destacam-se as seguintes expressões “[...] o magistério municipal tem se distinguido pelo seu zelo e devotamento à educação primária”. Este curso não era obrigatório para as professoras efetivas, mas uma exigência para as professoras contratadas, pois “no que diz respeito às professoras contratadas [...] do seu aproveitamento dependerá a renovação do contrato no próximo ano” (ANEXO AM). Esse último decreto atendia o que expressava o Decreto Nº 76/66 cuja organização do curso de férias recaia sobre a responsabilidade da DIMEP (Divisão de Municipalização do Ensino Primário).

Além dos cursos, as memórias registram que havia reuniões e encontros de formação de professores municipais. A fotografia 25 registra um desses momentos, provavelmente em 1953, no Colégio São Luiz de Novo Hamburgo.

¹⁷ Os cursos adicionais deveriam ter carga horária mínima de 720h e os cursos de especialização 220h (ANEXO BQ).

Fotografia 25 - Reunião de professores da RMENH, aproximadamente em 1953, Colégio São Luiz



Fonte: Acervo pessoal da professora Hélia Köetz, 2010.

Na fotografia 25, entre as autoridades presentes, destaca-se, professor Kurt Walzer – de terno branco – à frente, Maria do Carmo Schaab, ao lado do professor Kurt; a sexta – de saia preta – professora **Hélia Gomes Pereira (Köetz)**; ao seu lado, professora Gertrude Dulling, atrás a professora Iracema Brandi Grin – com a bolsa preta – a professora Maria Hilda Scherer, ao seu lado com saia xadrez professora Olga Barth (irmã da professora Maria Hilda) e professor Adyr Paz Pereira. A terceira, na vertical, a partir do professor Kurt encontra-se – vestido preto – a professora **Maria Gersy Höher Thiesen**. Ainda, integram a fotografia, Elcy Petry, Etel Borgatto, Alzélia Schmidt, Dalila Sperb, Carmem Möheleck, Elani, Eni Becker, entre outras.

Sobre esses momentos de formação, o professor Paulo complementa que os cursos orientavam quanto às inovações e metodologias atualizadas sobre o ensino. “*Nós tínhamos [...] chamava-se, naquela época curso. [...] sete dias. E ali, eles mostravam tudo como tu lidava, com a 1ª, com prezinho, nós não tínhamos pré, nos tínhamos alunos ouvintes*”. A possibilidade da troca de experiência se expressa nos saberes profissionais dos professores, e nos saberes adquiridos no início da carreira e apropriados pelas construções culturais, que são uma reativação, mas também uma “[...] transformação dos saberes adquiridos nos processos

anteriores de socialização, direcionando o dia-a-dia do profissional e a singularidade de sua prática docente e pedagógica” (TARDIF, 2005, p. 107).

Destacam-se nesse contexto formativo, dois documentos localizados na EMEF Bento Gonçalves. Na década de 1970, um curso de Atualização Técnica-Pedagógica, realizado pelo professor Paulo, com 15 horas-aula, sob a coordenação de Magali Adam e João Carlos Schmitz. E o outro, na lógica das parcerias entre RMENH e FEEVALE, a professora Lúcia realizou curso de aperfeiçoamento para educadores municipais, coordenado pelo Centro de Educação Permanente - CEP – da FEEVALE, em 1976. No certificado do curso feito por Lúcia, há uma unidade curricular de 20h dedicadas ao Ensino Rural, do total de 72 horas de formação. A realização dos cursos de aperfeiçoamento indicava a possibilidade de uma promoção na carreira docente, conforme plano de carreira da década de 1970 (ANEXO R e S).

As escolas municipais já de longa data, realizavam momentos de estudos, reuniões, encontros e proporcionavam espaços para relatos de experiência e apropriação do conhecimento. A fotografia 26, abaixo, registra um desses momentos, em que as professoras Elisa, Márcia Scherer e Arlete Timm analisavam e reformulavam o Projeto Pedagógico da EMEF Tiradentes, em 1999.

Fotografia 26 - Reunião de professores da EMEF Tiradentes, direção e professores, em 1999



Fonte: Arquivo institucional da EMEF Tiradentes, 2010.

Destaca-se ainda na fotografia 26 que ao longo do tempo, se consolidou na escola um lugar específico para formação continuada. As reuniões organizadas pela mantenedora, os cursos e/ou parcerias passaram a figurar como uma dentre as muitas possibilidades que se constituíram como prática formativa¹⁸.

Nessa seção o objetivo foi tentar reconstruir uma forma de interpretar e compreender o processo de escolarização e formação dos professores do espaço rural. As memórias revelaram encontros promovidos entre um saber de prática apropriado no curso das trajetórias e o percurso tecido na construção de um conhecimento científico institucionalizado para o exercício da docência.

No próximo tópico, destacam-se as memórias de práticas pedagógicas, aspecto que desvela os sentidos atribuídos por cada professor no momento da construção da sua ação docente.

5.4 As Práticas Docentes em Classes Multisseriadas

“A gente dando aula aprende também”
(SERGIO, 2010).

Uma experiência individual de vida carrega em si uma experiência coletiva de marcos da histórica no próprio tempo de vida em que se passam (HOBSBAWM, 1998). Até aqui, buscou-se construir argumentos que se entrecruzaram no tempo e, portanto, caracterizaram as marcas da prática docente em classes multisseriadas. A percepção social de cada sujeito produziu estratégias e práticas escolares que se relacionaram as formas de pensar, de aprender e ensinar que perpassou a trajetória de cada sujeito da pesquisa.

Nesse sentido, o objetivo dessa seção, é compreender como os usos, os costumes, a tradição, bem como as representações sobre a profissão docente contribuíram no processo de invenção/reinvenção de uma prática para a realidade multisseriada.

Na tentativa de elaborar uma representação social que caracterizasse essa prática pedagógica as memórias foram organizadas seguindo três perspectivas de reconstrução do

¹⁸ Até a década de 1990, o regime de trabalho geralmente era de 22 horas semanais. Os cursos e formações aconteciam durante a noite e/ou sábados. A partir de 2000, os professores passaram ao regime de trabalho de 20 horas semanais. Respeitando a legislação federal quanto às políticas públicas, paulatinamente, os professores passaram a perceber 20% da carga horária da sua jornada de trabalho para formação. Atualmente, além da programação elaborada pela assessoria pedagógica da SMED, das parcerias institucionais, mensalmente acontecem reuniões pedagógico-administrativas, como forma de intensificar o estudo sobre a educação como um todo.

cotidiano docente: o planejamento das aulas; a metodologia de trabalho e a apropriação do ofício docente.

As práticas foram organizadas no trabalho e na perspectiva do tempo social, possibilitando, a partir da forma como os professores perceberam sua prática e a narraram durante as entrevistas, conhecer um pouco do cotidiano de uma aula em classe multisseriada.

Um aspecto marcante nas narrativas desses professores foi o relato da necessidade do planejamento das aulas, para que fosse possível atender os objetivos de cada série.

É o planejamento que ajuda a constituir o professor e a organizar o “[...] espaço com outros sistemas de idéias sobre habilidades internas das crianças - as regras” (POPKEWITZ, 2001, p. 93). É pelo planejamento que são postas em funcionamento as regras que normalizam a cultura escolar. Os planos de aula são tecnologias pedagógicas de normalização é por intermédio deles que o professor organiza o que quer fazer para alcançar os objetivos. Com eles estabelece seqüências de instrução, conduz objetivo e acrescenta esquemas de avaliação.

Élia recorda que a sua preparação de aula sempre demandou muito tempo, “[...] *era com velinha de espermacete¹⁹, fazia de noite. Era uma das coisas muito necessárias. Trabalhar com cinco turmas tinha que ter planejamento [ênfase]*”. A preparação de aula dividia espaço com os afazeres da casa, responsabilidades próprias de mãe, de mulher, além de destinar um tempo para auxiliar o esposo na agricultura. Quanto ao planejamento ainda, ela resumiu “[...] *se tem quatro horas, tem que ter mais quatro horas pra planejar, tirava às vezes o dia de chuva para preparar adiantado*”.

“Sempre fui de me dedicar totalmente pra escola. Naquele horário, e quando eu dei de manhã e de tarde, pra conseguir, eu chegava há trabalhar doze horas, mais quatro de planejamento e direção. Eu também tinha as coisas de direção pra fazer, ficava duas horas depois da aula, das 17h às 19h [...] na escola, daí vinha pra casa, tomava um chimarrão e tinha que fazer janta e depois que estava tudo pronto ia para minha mesa planejar”.

De modo geral, as memórias da professora Élia evidenciaram uma maneira elaborada para sintetizar os conteúdos, e assim, como poderia desenvolvê-los em cada série, construindo um mapa mensal, que pelo seu esforço de síntese permitia chegar a uma folha de papel

¹⁹ Espermacete (do latim *sperma*, esperma ou semente, e *cetus*, baleia), também designado por cetina ou cetila, é uma substância cerosa de cor clara produzida pelos cachalotes (*Physeter macrocephalus*) num órgão, denominado "órgão do espermacete" ou "melão", localizado na cabeça, à frente do espiráculo. O espermacete está presente na matéria gorda (óleos de baleia) de outros cetáceos. Utilizado em lamparinas, velas e candieiros na época em que não havia energia elétrica.

almoço. Nesta folha, a partir do programa mensal para suas aulas, ela desdobrava em ações semanais, bem como, as atividades diárias. Ela lembra que conseguia estruturar em apenas uma folha tudo que era necessário para cada série, pois:

“Eu tinha um método. Não guardei o jeito que eu fazia, mas eu chegava numa folha assim [mostra com as mãos] e eu colocava, tamanho papel almoço, a princípio pro mês todo para as cinco séries. Então, partia depois pra fazer o dia-a-dia. Dali partia por semana, fazia mais quatro folhas por mês por semana. Precisa muito tempo fora da escola e ainda tinha o diário aquele que era normal fazer. Uma vez me chamaram pra mostrar isso aí lá no Colégio Santa Catarina, pra gente de outros municípios. [...] Eu sei que aplaudiram bastante. Mas teve uns dois ou três que disseram assim, é tão bacana o teu plano, não tem nada de errado, mas nós não podemos aplicar, nós ganhamos muito pouco. A prefeitura pagava meio salário mínimo e o resto tu tinha que cavoucar na roça, pra tirar o dinheiro, um disse, nós não podemos tirar assim, horário pra fazer isso fora de aula. Novo Hamburgo, neste ponto sempre foi bem pago” (Élia).

O relato de Élia expressou que esse jeito de fazer lhe rendeu muitos elogios dos orientadores e da supervisão pedagógica da SEMEC, além disso, ela foi convidada, no final da década de 1970, por esses supervisores para apresentar um relato sobre sua prática em classe multisseriada. Ela afirmou que não havia tantos recursos pedagógicos, como existem hoje, portanto, preparar muitas atividades e que ocupassem os alunos o tempo da aula era indispensável para o bom andamento do seu trabalho.

A prática construída por Élia, para elaboração e organização do que era necessário desenvolver com os alunos das cinco séries, rendeu destaque à sua prática, sendo convidada a apresentar, em reunião de estudos, para outros professores. A partir dos objetivos e conteúdos que eram definidos pelo Plano de Ensino Municipal, ela estruturava os conteúdos a partir de “projetos de estudo”, ou “centro de interesses” e montava um mapa conceitual dos conteúdos. Essa prática assemelha-se também, ao Plano de Unidade, prática que parece ter figurado no cotidiano das décadas de 1970, 1980 até a implementação da LDBEN 9394/96.

É importante destacar, que para um professor da área rural, principalmente, de uma Escola Isolada, no interior do bairro rural de Novo Hamburgo, com formação de primeiro ciclo, o convite para apresentar sua metodologia e demonstrar sua prática, no final da década de 1970, foi algo marcante na trajetória docente. A professora Élia, ressalta que os professores rurais dos outros municípios que estavam participando desse curso elogiaram sua prática, porém, as condições de trabalho e a parca remuneração impediam que eles dispusessem tempo para tal prática; pois era preciso a complementação financeira com o trabalho na roça.

Nesse aspecto, Novo Hamburgo, na década de 1970, remunerava muito bem seus professores e funcionários, devido à “pujança econômica do calçado”.

O professor Paulo, também lembrou a importância do planejamento das aulas, “[...] *pela manhã eu lecionava, à tarde eu tinha direção. À noite ou madrugada eu planejava*”. Observa-se nesse relato que além das atribuições da docência, como único professor da escola, Paulo respondia pela documentação e parte burocrática da instituição. Dessa forma, foi professor, secretário, diretor, enfim, acabava desempenhando funções que não eram apenas as pedagógicas.

Outro professor que enfatizou a preparação das aulas foi Sérgio, como rememorou “[...] *eu trabalhava manhã e tarde e fazia planejamento a noite. Naquela época tinham mais papéis. E ficava até duas, três horas da madrugada preenchendo papel*”. As memórias registraram que o planejamento como aspecto do trabalho, demandava muito tempo, atenção e leitura para esse professor, além de precisar destinar, parte deste tempo, para os prazos de entrega da documentação burocrática.

Os relatos, sobre a preparação das aulas, possibilitaram compreender que o acúmulo de tarefas revestia-se em muitas horas de trabalho escrevendo, anotando e documentando a vida escolar dos alunos. Observa-se que os professores realizavam os registros em folhas de papel almaço, a punho e encaminhavam para a cidade os boletins mensais, de desempenho dos exames, as atas de reuniões, cerimônias cívicas, entre outras exigências feitas pela secretaria.

É importante destacar, que mesmo não havendo um lugar específico na carga horária de trabalho formal, para a preparação das aulas²⁰; essa situação, atualmente, é determinante para a realização profissional. O “talento” da professora Élia para construir mecanismos que facilitassem o planejamento diário, revela uma “arte de fazer” própria do ofício, e especialmente, da sua singularidade docente.

Sobre os materiais utilizados para a preparação das aulas, o livro didático parece ter sido o principal instrumento metodológico, e quanto aos recursos, além do quadro verde e do giz, dá-se grande ênfase à aula expositiva. O conhecimento estava nos livros, principalmente, para os professores que tinham apenas o 5º ano. O argumento era elaborado a partir da leitura, apropriação e interpretação que o professor realizava a partir desta ferramenta. Dessa forma,

²⁰ Em 2000 a RMENH, atendendo as políticas da legislação federal implantou a “Hora Atividade do professor”, de no mínimo vinte por cento da carga horária total da jornada de trabalho. Esse tempo é cumprido na escola e o professor deve utilizá-lo para atendimento a comunidade, planejamento, reuniões, formações, et.

as “verdades” se consolidavam nas práticas pedagógicas e propagavam entre a comunidade escolar.

A apropriação do modo elaborado para preparação das aulas evidencia a influências das lembranças do seu tempo de aluno. Portanto, as memórias da forma como o livro didático era utilizado em sala de aula, remetia lembrança dos questionários de pergunta e resposta propostos pelo “catecismo religioso”. Observa-se, também na forma de elaboração de perguntas e respostas a influencia de uma metodologia e mentalidade de uma época, que durante muitos anos, permaneceu na escola multisseriada, como forma adequada para ensinar e desenvolver o conhecimento.

Outro aspecto que contribuiu para que a apropriação do conhecimento, quanto à utilização do livro didático, foi à formação em serviço.

Além do livro didático, que auxiliava o professor na preparação de sua aula, os conteúdos desenvolvidos deveriam atender ao Programa Municipal do Ensino Primário (1952); bem como, as Orientações Pedagógicas do Ensino (ANEXO AU), aspecto que possibilitou constatar uma prática recorrente até os dias atuais.

Dessa forma, a metodologia de trabalho era inventada/reinventada, a partir do planejamento pedagógico, das trocas de experiências que aconteciam nas reuniões de estudo, cursos de férias, e pela maneira como os professores interpretavam os documentos emitidos pela mantenedora.

Os relatos dos professores, sobre o seu primeiro dia de aula como docentes, remete às memórias da escola, do seu tempo de aluno, servindo como referências imediatas no momento da preparação e imersão profissional.

A professora Telga recordou sobre o primeiro dia de aula como professora que:

“[...] sabia exatamente o que precisava no primeiro dia. Consultei livros e preparei. Falei com a ex-professora, fui de noite na casa dela. Tinha 42 alunos da 1ª a 5ª série²¹, eu ainda tenho a relação dos nomes deles, isso foi em 1961. Fui o caminho todo pensando o que eu ia fazer, chegando lá comecei a reconhecer a turma e as crianças, fui tão bem que nunca mais quis desistir da idéia de ser professora”.

Telga lembrou que na Escola Municipal Conde D’Eu havia um quadrinho muito pequeno, semelhante aos quadros infantis que se presenteiam crianças hoje. Nesse caso, havia

²¹ A professora Telga ainda preserva, numa “pasta de memórias”, documentos importantes da sua vida de professora, dentre eles a lista com o nome dos 42 alunos da EMEF Conde D’Eu de 1961 (ANEXO BV e BW).

necessidade de escrever muito, preparar as aulas em folhas e/ou em cadernos de planejamento, observando sempre, para não registrar a resposta dos exercícios. Ela recorda que quando havia os livros didáticos, ela costumava indicar para os alunos as páginas e as tarefas que eram preciso cumprir naquela aula. Telga ainda recordou que “[...] *cada série tinha um caderno. Fazia o planejamento toda à noite e tinha que preparar todas as aulas. Às vezes, tinha que dar aquele caderno, quarta e quinta série, [...] e eles iam copiando, tinha menos alunos*”.

Outro professor, que se lembrou de se utilizar dos livros didáticos para conseguir atender os alunos, foi o professor Sérgio que afirma, “[...] *às vezes, deixava pronto nos quadros o que as crianças tinham que fazer e marcava dos livros o que tinha que fazer de página tal a página tal*”. Ele recorda que cada série tinha um conteúdo, por isso era difícil trabalhar com todos ao mesmo tempo.

O professor Paulo lembrou que havia dois quadros na sua sala de aula, quando ele era docente do 1º e do 2º ano. Naquela época, havia uma exigência maior para que os alunos concluintes do 1º ano se alfabetizassem até o final do ano. Ele recorda que cada turma tinha um quadro, e enquanto os alunos realizavam as atividades que eram propostas, ele conseguia atender os alunos que tinham mais dificuldade de aprendizagem, circulando pela sala de aula. A fotografia 27 registra um dia de aula do professor Paulo, e evidencia a memória dos dois quadros.

Fotografia 27 - Alunos e professor Paulo, 1º e 2º ano da EMEF Bento Gonçalves, entre 1990/1993



Fonte: Acervo pessoal do professor Paulo Plentz, 2010.

Além da possibilidade de utilizar mais de um quadro para atender todos os alunos, observa-se na fotografia 27, que os alunos estão dispostos de forma diferente na sala de aula, ou seja, o que não é comum encontrar nas escolas da cidade. Essa é uma característica das turmas multisseriadas, a disposição dos alunos em grupos, em fileiras, e/ou pelo seu nível de desenvolvimento cognitivo.

A fotografia 27 apresenta, no quadro verde à esquerda, um pequeno texto, com a ordem “Ler. O rádio. Papai deu um rádio à mamãe. O rádio é amarelo. Fábio adora o rádio. O meu rádio é de madeira. O rádio roda em aula.”. Ainda, se observa a presença de muitos livros para consulta sobre a mesa do professor. Há um álbum seriado sobre aves, e no outro quadro verde está disposto o enunciado, “Identificar estas palavras quanto o seu [número] de sílabas: Brasil; Seleção; Mal; Jogador; Campo; Juiz; Brasileiro; Vitória”.

Um aspecto interessante, também na fotografia 27, é a presença da Bandeira Nacional na sala de aula, o que não é comum no interior das salas de aula, nos espaços urbanos. O ambiente da sala de aula apresenta-se com trabalhos expostos. Como recorda Paulo “*sempre fui de me dedicar aos alunos*” o que demonstra o empenho do professor Paulo para que os

alunos aprendessem e procurando oferecer os mais diferentes materiais da cultura escolar. Dessa forma, percebem-se muitos trabalhos escolares, desenhos, gravuras e material ilustrativo formativo, registrando a importância da leitura.

O professor Paulo “[...] era muito de captar as coisas e segurar [aprender] usava muito o que os outros faziam, o que os outros diziam, eu tava sempre como um ‘vagalume’, tava de olho aceso”. Nas reuniões de estudo e cursos, se aprendia um pouco sobre as novas teorias educacionais. Paulo utilizava o que aprendia, adequando a sua realidade de sala de aula. A forma peculiar como esse professor se apropriou do jeito de dispor os alunos e colocá-los pelo nível de desenvolvimento (dificuldade), a partir da aprendizagem, com os colegas, convivendo, conversando, construindo, expressa o que Certau (2011) chama de “prática de solidariedade”, para que seus alunos tivessem êxito no final do ano.

Contudo, a forma mais usual para dispor os alunos era a fileira, esse aspecto particular pode ser observado na fotografia 28. Cada fileira representa uma das séries 3º, 4º e 5º ano da EMEF Bento Gonçalves.

Fotografia 28 - Alunos e professores da EMEF Bento Gonçalves, década de 1980.



Fonte: Acervo pessoal do professor Paulo Plentz, 2010.

A fotografia 28 registra a época na qual o professor Paulo era diretor da escola, e atendia os alunos do 1º e 2º ano, enquanto a professora Lurdes Beck lecionava para os alunos do 3º ao 5º ano. Essa fotografia registra que no decorrer da trajetória do professor Paulo, havia uma professora auxiliar, no caso a professor Lurdes.

O professor Sérgio, destaca que em 1974, a professora Márcia, sua filha, trabalhava com ele na EMEF Tiradentes. Eles dividiram as turmas da seguinte forma: na 1ª e 2ª série atuava Márcia, e na 3ª, 4ª e 5ª série, o professor Sérgio. Observa-se na fotografia 29, o professor Sérgio, Márcia e os alunos.

Fotografia 29 - Alunos e professores da EMEF Tiradentes, década de 1980



Fonte: Acervo pessoal do professor Sérgio Scherer, 2010.

A fotografia 29, ainda registra a presença da família Scherer (Sérgio, sua esposa Érica e Márcia – filha do casal). Além da docência, Sérgio respondia pela direção da instituição de ensino, e sua esposa Érica, era funcionária responsável pelos serviços gerais.

Quanto ao manejo docente nas classes multisseriadas constata-se que as memórias expressaram que era necessário distribuir as atividades dividindo o quadro ou quando havia mais do que um quadro organizando a aula para cada uma das séries em um quadro verde diferente. A evidência comum foi a de repartir a turma para cada série atendida. Por exemplo, de um lado da sala o primeiro ano e do outro o segundo.

O modo de fazer a aula, mesmo no espaço rural atendia a divisão seriada dos conteúdos. Os exames finais e o acompanhamento da supervisão pedagógica da mantenedora também exigiam que o trabalho cumprisse um padrão quanto à forma de escolarização.

Era comum o professor começar a aula explicando as atividades que seriam desenvolvidas, utilizava-se de folhas de “papel almaço carbonado” com tarefas e exercícios, ou se utilizava do quadro verde para indicar a “lição” para os alunos de cada série. Geralmente os alunos maiores (3º ao 5º ano) tinham mais atividade para que fosse possível atender demoradamente os alunos do 1º e do 2º ano enfatizando o letramento. Utilizava-se do sistema de “rodízio”, enquanto o quarto e quinto ano copiavam as atividades do quadro, ele tomava lições do primeiro e segundo, em outros momentos do terceiro ano. Além do quadro verde, utilizou-se de cartilhas e livros que eram previamente separados para que os alunos realizassem essas tarefas, enquanto o professor acompanhava os alunos menores.

Analisando a metodologia de trabalho utilizada pelos professores dessa pesquisa, se desvelou o cotidiano da prática e a forma como cada professor interpretou os conteúdos a serem ensinados.

De modo geral, as memórias são recorrentes, quanto à responsabilidade e a “missão”, que a docência comprometia cada professor. A alfabetização foi o aspecto mais importante nesse sentido.

Ao recordar, o professor Paulo relembra as metodologias de alfabetização, muito presentes naquela época, *“é eu tinha o Ta, Te, Ti. O método da Abelhinha, depois centro de interesses, e outros métodos. Eu misturava muita coisa. É brabo, quem não tem magistério, assim, lecionar como eu peguei.”* Observa-se que ele utilizava-se do método sintético e analítico²² na alfabetização.

Investigando a biblioteca da EMEF Tiradentes encontra-se, sobre o método alfabético, em desuso a cartilha “Caminho Suave”, (ANEXO BR), de autoria de Branca Alves de Lima, que provavelmente fora utilizada pelos professores nas décadas de 1960/1970. Sobre isso, Cunha (2011) assinala que foi publicada a partir de 1949 e considerada recordista, pois alcançou vendas nacionais na faixa de 40 milhões de exemplares, até 1970. Essa cartilha associava letras a imagens e indicava que a criança alfabetizava-se com mais facilidade.

²² Conforme Mortatti (2006) o método sintético estrutura-se da parte para o todo e em oposição o método analítico que parte, por exemplo, da palavração, ou das histórias para que os sujeitos compreendam a importância do letramento. O método alfabético, também, conhecido como silábico, ficou marcado no Brasil pelo uso da Cartilha “Caminho Suave”. Nesse método, aprendem-se primeiro as letras do alfabeto, em seguida, a formação sílabas, e com essas, formam-se as palavras. A partir desse momento, começa-se a ler frases curtas, indo para orações e até ‘chegar’ a leitura do livro. Seguem outras cartilhas e livros localizados que eram utilizados na preparação de aula dos professores Sérgio e Márcia, na Escola Tiradentes (ANEXO BS, BT e BU).

Sobre a arte de alfabetizar a professora Hélia lembrou:

“Uma coisa que me alegrava muito e ainda hoje eu falo pra minhas gurias²³ é trabalhar com o 1º ano. No momento em que a criança tá, que tu sente que ela tá juntando as letrinhas, juntando as sílabas, lendo, aquilo pra mim era a minha maior alegria. Quando sentia, bom, esse aqui desabrochou”.

A professora Hélia enfatizou a alfabetização como aspecto mais gratificante da sua profissão docente, o momento em que os alunos “desabrocham”, que conseguiam decifrar os códigos e significados da escrita, lendo e se apropriando do conhecimento. Ela recorda que trabalhar em classes multisseriadas sempre foi um desafio e era preciso criar uma maneira para que todos aprendessem. Mesmo que para alguns, a alfabetização acontecesse naturalmente, como recorda; os alunos do 1º e 2º ano, sempre exigiam muito de sua atenção, dedicando-se ao letramento, o que reafirma a importância da leitura para o sucesso da aprovação.

Ainda sobre a alfabetização, a professora Eloísa relembra:

“A Fabiana [Oliveira] foi minha inspiração, ela não fez rodeios do método dela, do conceito dela de alfabetização, através de uma palavra chave; sílabas e letras, desse método dela, não me escondeu nada. Tudo que ela sabia ela me passou, o que me inspirou muito, a importância do professor dividir o que ele sabe e não ficar restrito, e não passar. Eu sei e eu não quero passar ao meu colega, é o que mais se vê hoje e acaba ficando um individualismo total”.

Essas formas para saber, utilizadas pelos professores na “invenção” de uma maneira para alfabetizar, que não estavam nos livros, também não estavam nas orientações de ensino, esse jeito se revelou apenas no exercício do fazer, aqui memorado. Contudo, a troca de experiências, a conversa informal, que acontecia entre esses professores, nas visitas informais de final de semana, ou no encontro de “comadres” constituiu-se em patrimônio diversificado de conhecimentos que se compartilhou. Observa-se a denúncia feita por Eloísa sobre a presença de métodos inovadores os quais algumas colegas não partilhavam; embora essa prática estivesse muito mais associada à “concorrência” que havia nos Grupos Escolares, principalmente, quanto aos professores primários e os do Ginásio.

Ainda no contexto do letramento a professora Gersy recordou que os alunos adoravam escutar suas histórias, portanto, a “Hora do Conto”, ou a “Hora da História”, aos poucos configurou-se como uma prática que se incorporava ao currículo escolar, adquirindo um

²³ Professoras Nélia Köetz e Fabiana Köetz, são professoras da RMENH, a primeira aposentou-se em 2011.

espaço, um dia e horário determinado para acontecer no cotidiano da escola. Mesmo que o Plano de Ensino (1952) estabelecesse apenas um espaço para aula de leitura da literatura da época, Gersy, “apaixonada” pelas histórias e literatura infantil inventou um modo próprio de contar histórias, como lembra.

“Lígia Bohn [Orientadora] dizia que tinha que contar histórias. E eu tinha que contar histórias pros meus e os alunos da Eni. Disse a Eni: - Gersy temos que mudar a hora da história porque meus alunos não trabalham, eles cruzam os braços e estão tesos²⁴ te escutando. E contava as histórias: Chapeuzinho Vermelho pra cima”.

Esse registro, da década de 1960, quando já estava trabalhando na EMEF Castro Alves, na localidade do Passo dos Corvos, revela a construção de uma tática para que a professora Eni Becker, sua colega da turma multisseriada dos maiores (3º, 4º e 5º ano) conseguisse dar aula. Ela rememora que a orientação era clara, cada professor deveria ler histórias aos seus alunos, porém, ela inventava, decorando as histórias, memorizando falas, trocando e construindo situações no momento de narrar, além de gesticular e fantasiar com acessórios que julgava deixar suas aulas e as histórias mais atraentes.

Gersy recordou que, no antigo prédio da Castro Alves, uma casa de madeira, em que era possível enxergar as “frestas”, sem portas (havia cortinas dividindo as salas), foi necessário realizar um ajuste no tempo da aula, que ela e sua colega Eni construíram. Esse modo de fazer, muito simples, constituiu-se em reunir todos os alunos para contar histórias. Então, *“nós mudamos o horário. Todos os alunos amontoados, um do ladinho do outro a turma toda e a Gersy contava história. - Gersy tu transforma, tu muda a voz, tu és, tu interpreta a personagem [refere-se à fala de Eni]. Eu mudava a voz. A Eni gostava de ouvir a história”.*

Outro aspecto, que retrata a relação que havia entre os alunos e Gersy, demonstra que:

“Quando estava chegando na hora - porque nós tínhamos umas colegas que às 9h30min as crianças já estavam na rua. Nós íamos até as 11horas. Quando estava chegando à hora diziam: - mais uma D. Gersy, mais uma! Então ta, eu vou contar. E era uma vez um gato xadrez, queres que eu te conte outra vez. - Não D. Gersy, conta outra. - Era uma vez... - Ah, não D. Gersy, vamos parar, então deixa pra outra vez”.

²⁴ O mesmo que prontos, de prontidão. (NUNES, Z.; NUNES, R., 2003, p. 487).

Além dos contos clássicos, como Chapeuzinho Vermelho e os Três Porquinhos, Gersy recordou que quando os alunos ficavam insistindo para que ela contasse mais e mais histórias, essa utilizava também, parábolas bíblicas:

“Quando foi a época da seca - e essa era bíblica - então nós fazia: os Egípcios recolheram todos os grãos e colocaram em silos grandes. Uma abelhinha disse que estava com fome. Um dia ela descobriu um pequeno furo no silo e ela voou e conseguiu trazer um grãozinho. E tava no final da manhã e eles queriam mais história e mais história, ai então ela foi avisar, entrava uma abelhinha, ela foi avisar outra abelhinha e não podia entrar de duas em duas de tão pequeno era o furinho, entrava uma abelhinha e levava um grãozinho. Voava embora, entrava outra abelhinha levava o grãozinho e voava embora e assim foi indo. De repente eles cansavam, eles tinham me cansado também. Ai D. Gersy, chega de Abelhinha, ai eu dizia não, eles só pegaram um punhadinho assim de grão [mostra com as mãos], tem muito grão pra tirar”.

Dentre as funções das escolas rurais, além de “ensinar o indivíduo a ler, a gostar de ler, a ler bastante, por exemplo, à Educação Geral”, deveria desenvolver os bons hábitos de higiene; de boa saúde; saberes sobre as contas e seu uso na vida cotidiana (Pilloto apud MIGUEL, 2007, p 82). Os conhecimentos de alguma coisa sobre o mundo e sua Pátria, também caracterizavam uma educação geral, que os alunos das escolas públicas deveriam receber nas escolas primárias. Esses ensinamentos serviriam como conhecimento prático, ao que ele viesse a ser mais tarde.

Nesse sentido, o aspecto cívico e religioso também foi outro aspecto lembrado durante as entrevistas, como enfatiza o professor Sérgio “[...] o civismo está apegado à religião. Eu pregava na aula de religião civismo também”. A fotografia 30 registra uma aula de civismo, do professor Sérgio, na década de 1970, exaltando a independência, os heróis e a Pátria.

Fotografia 30 - Alunos e professor da EMEF Tiradentes, outubro de 1972



Fonte: Acervo pessoal do professor Sérgio José Scherer, 2010.

Registra-se na fotografia 30 a presença de alunos caracterizados, provavelmente, encenavam sobre a história do patrono da escola, “Tiradentes”, bem como, ressalta-se adoração à Pátria, no cartaz sobre Tiradentes e sobre a Independência, estabelecendo a relação deste com a independência do país. Sérgio expressa, que o período da ditadura militar foi a melhor época para se viver, não havia violência e muito menos desrespeito no seu ponto de vista, seria muito bom se essa época voltasse.

A professora Lúcia, recordando uma aula de história, também enfatizou a exaltação aos heróis nacionais, como se observa na fotografia 31 abaixo.

Fotografia 31 - Alunos e professora da EMEF Bento Gonçalves, maio de 1974



Fonte: Acervo pessoal da professora Lúcia Plentz, 2010.

A fotografia 31 registra aula sobre escravidão no Brasil, destaca-se a figura da princesa Isabel que em 1888 libertou os escravos. A professora Lúcia recordou que costumava utilizar cartazes para que os alunos memorizassem os conteúdos ensinados, uma forma encontrada para deixar as aulas mais atraentes e interessantes.

A professora Gersy lembrou o aspecto cívico de suas práticas, uma situação que lhe deixou muito orgulhosa:

“Eu tinha o meu Jardim da Infância, e eles cantavam o Hino Nacional todinho de fio a pavio. Quando o Grupo fazia uma festa o Jardim fazia parte. [...], depois a mamãe me contou: - Gersy, tu nem sabe como eu fiquei faceira²⁵, como eu fiquei orgulhosa. Porque eu, cantando o Hino Nacional quando foi passado da primeira pra segunda estrofe, com as minhas crianças, o grupo embatucou e quase pararam o Hino Nacional junto com o professor de música. E o meu jardim, cantando o Hino Nacional. Isso, até hoje, eu sinto uma alegria quando eu me lembro da minha mãe me contando, da satisfação dela, e o povo notou!”

²⁵ Garbosa. (NUNES, Z.; NUNES, R., 2003, p. 183)

Gersy destacou que seus alunos do Jardim da Infância, saíam-se muito bem nas aulas de Canto Orfeônico. Ela se emociona ao contar essa prática, registra que a comunidade presente, na festa cívica alusiva aos festejos da pátria percebeu que os alunos do canto coral do Grupo Escolar de Lomba Grande, “embatucaram”, se perderam na letra do Hino Nacional e foram seus alunos que “seguraram” a canção. Esse sentimento pátrio ainda se expressa na sua carta de despedida, escrita em 1969, quando se aposentou, como se observa abaixo.

“Estou aposentada [...] Interessante é que não me sinto muito satisfeita, pois já sinto agora saudades, - dos rostinhos mimosos dos alunos, dos colegas, que estimo tanto, - da tão devotada e meiga D^a. Amélia, a nossa querida servente; enfim de tudo isso que foi minha vida de professora. Nela houve lutas, - desenganos, mas muitas horas felizes. [...] Peço a Deus, que dê, a cada professora [...] tudo aquilo que sempre quis dar aos meus filhos de 4 horas diárias, pois por cada criança senti o afeto de mãe, procurei dar o que de melhor tinha a dar: amor. Sei que errei muitas vezes, mas sou humana e não divina [...] jamais fui professora de fim de mês, consegui fazer daquelas que me foram confiadas, criaturas úteis a Deus, à Pátria, à Sociedade, eduqueia-as, enfim, para serem felizes. [...] Adeus, Gersy” (ANEXO AV).

O registro dessa memória permite compreender que Gersy sempre se dedicou intensamente aos ofícios da profissão, principalmente, apropriando-se do seu dever com a nação.

A professora Élia relembrou o compromisso cívico com a Nação, destacando o desfile de Sete de Setembro como a expressão máxima ao patriotismo, conforme se observa na figura 32.

Fotografia 32 - Tradicional desfile cívico na rua João A. Algayer, Lomba Grande, década de 1980



Fonte: Acervo pessoal da professora Élia Thiesen, 2010.

Ainda, considerando o aspecto cívico, a professora Élia registra que o desfile de Sete de Setembro era um momento que todas as escolas do interior se encontravam, na região central, do bairro Lomba Grande. Tradicionalmente, o desfile ainda acontece antecipadamente, sendo único bairro do município que possui um dia para esse festejo. Observa-se na fotografia 32, que os elementos da natureza, bem como os produtos agrícolas figuravam em destaque no desfile, da década de 1980.

Werle e Metzler (2009) argumentam que durante muitos anos o “entusiasmo cívico” esteve incorporado às atribuições daqueles que desejassem exercer o magistério. O sentido filosófico da profissão expresso nas memórias dos sujeitos entrevistados revela que a docência foi por eles interpretada, acima de tudo como vocação, como registrou a professora Gersy em sua despedida, ser professor significava “educar as crianças como filhos” da “Pátria amada Brasil”.

De acordo com Bastos (1997), o sentido missionário representado na maneira de ensinar caracterizava o pensamento de uma época. A autora enfatiza que não bastava ao professor ter um tino pedagógico, pois, a representação das atribuições do professor indicavam tendências humanas, amor incondicional, disciplina, assiduidade, paciência e idoneidade moral.

A relação entre a consciência e o pensamento é estabelecida enfatizando os esquemas de pensamentos, mesmo que de modo individual “[...] dependem [...] dos condicionamentos [...] interiorizados que fazem com que um grupo ou sociedade compartilhe, sem que seja preciso explicitá-los, um sistema de representações e um sistema de valores” (CHARTIER, 2002b, p. 35). Portanto, é o “hábito mental”, como conjunto de esquemas inconscientes de princípios interiorizados, que dão sua unidade às maneiras de pensar de uma época, seja qual for o objeto pensado.

Outro aspecto que caracterizou as práticas pedagógicas relaciona-se com as práticas voltadas para o contato com a natureza do espaço rural.

Werle e Metzler (2009) argumentam que no 8º Congresso Brasileiro de Educação, se discutia sobre a construção de uma prática de orientação rural para as escolas e indicavam o cultivo de quintais, roças e o desenvolvimento do artesanato. Sobre isso, recorda a professora Gersy:

“E aí disse, essas crianças vão ter que trabalhar um pouquinho, vão ter que ter amor à vida. [...] fiz um canteirinho redondinho, onde, [bate na mesa como se fosse andadura de cavalo]. Fiz um canteirinho redondo daquelas cravilinas cheirosas, onde eles tinham que cuidar e isso fazia parte daquele jardimzinho, cuidar da natureza” (Gersy).

Gersy recorda os momentos que levava os “pequenos” alunos, do Jardim da Infância “Getúlio Vargas” até o pátio do Grupo Escolar de Lomba Grande, no gramado ao lado da Igreja Católica São José. Ela sentava os alunos em círculo, permitia que eles brincassem com a terra e delegava tarefas para os alunos. Esse exercício constituía-se na criação de uma rotina, com o ensinamento sobre o “cuidar” em todos os sentidos, o que revelou também a sua preocupação docente, na preservação da natureza, no aprendizado da convivência em grupo e do cuidado com o próximo. Nessa prática, incluía-se buscar água, preparar a terra para o canteiro, separar as mudas de “cravilinas”, o plantio e a conservação desse espaço por todos os alunos.

O relato da professora Gersy parece atender o discurso que permeava políticas educacionais da década de 1940, considerando as propostas de práticas pautadas, a partir das orientações e currículos definidos pela literatura, bem como, aquela sugerida pela Inspetoria de Ensino Municipal.

A professora Lúcia, também expressou memórias sobre a prática das aulas de artesanato, como registra a fotografia 33. Ela recordou que eram os momentos mais apreciados pelos alunos.

Fotografia 33- Um dia de práticas artísticas/artesanais, maio de 1974, EMEF Bento Gonçalves



Fonte: Acervo pessoal professora Lúcia Plentz, 2010.

Observa-se na fotografia 33, que apenas as meninas estão praticando o artesanato em palha de milho, confeccionando chapéus. Ao fundo, um colega observa o registro desse momento; alguns meninos, nos momentos da aula de artesanato acompanhavam o professor Paulo e trabalhavam na horta escolar. É interessante destacar que essa fotografia também recupera as antigas carteiras escolares (de dois lugares e peça única - cadeira e mesa, unidas pela parte inferior), além da presença de mapas; a imagem do patrono da escola (Bento Gonçalves da Silva) e os trabalhos escolares expostos pela sala de aula (correntes de argolas de recorte de revista – devido à proximidade com o mês de junho); miniaturas de trabalhos manuais e o guarda-pó azul que os alunos das escolas públicas utilizavam nesse período.

Ao rememorar as situações cotidianas das suas aulas, as marcas de memórias revelaram elaborações táticas construídas em diferentes situações, tanto na forma de preparar, planejar e atuar em classes multisseriadas, bem como, nas formas elaboradas para descentralizar e neutralizar as relações de poder instituído.

Desse modo, a apropriação do ofício docente perpassa – também as outras perspectivas até aqui desenvolvidas – a preparação da aula e a metodologia construída. No entanto, do conjunto de propriedades que singularizam esse grupo de sujeitos investigados, destaco as práticas de poder que se consolidaram, a partir de “convenções coletivas tácitas”, legitimadas pelos sujeitos que se apropriaram de um código de linguagem e comportamento.

O professor, como sujeito que evoca poder, que se materializa nas ações e formas de construir suas práticas, consegue em torno dessas práticas fazer com que “[...] outros poderes se exercem, num incrível jogo de estratégias” (FISCHER, 2005, p. 235). Contudo, um paradoxo configura o docente primário, ao mesmo tempo em que se constituía como sujeito de poder, sua mobilidade revelava poder algum. Ao mesmo tempo em que representava um “braço” da administração pública, atuando na escola enquanto instituição de poder, frente às condições de trabalho os domínios acentuava a polarização pendular das relações de poder.

O “jogo de forças” estabelecido entre o espaço urbano/rural, evidencia tensionamento que marcaram as relações sociais estabelecidas pelos professores entrevistados.

Havia uma representação social construída pelos professores da cidade sobre o professor da zona rural. O professor Paulo rememora “*eles [professores da cidade] achavam que era do interior, era grosso, mas no fim eles acabavam reconhecendo. Hoje já terminou isso aí*”. Era necessário, contudo, que os professores rurais se fortalecessem como grupo identitário frente às formas de representação que permearam o modo de pensar e agir do professor urbano.

O professor Paulo lembra que havia professores rurais que “*faziam o enfrentamento*”, como o professor Sérgio e o professor Adyr Pereira, que se pronunciavam nas reuniões de diretores; “*[...] quando vinha coisa nova, eles levantavam e logo diziam: - isso não vai dar pro rural, pode ser assim [...] aí nós ia por ele, batia palma [...]*” (Paulo). Observa-se, que mesmo em uma época na qual, os professores não tinham muitas oportunidades de se expressarem, alguns, do espaço rural, construíram formas para que isso acontecesse.

O professor Sérgio, lembra ainda, ter vivenciado algumas situações de embate de ideias com o Secretário de Educação, professor Sarlet. Sérgio recorda que o professor Sarlet era uma ótima pessoa, porém, algumas pessoas realizavam atravessamentos levando informações desconstruídas sobre a forma de conduzir as orientações da SEMEC. Dessa

forma, o Secretário costumava precipitar conclusões, e geralmente, não escutava os argumentos sobre como as situações haviam se tramado.

Sérgio resume, de forma intensa, sua relação com as autoridades municipais, pois, “[...] todos os secretários que passaram pelo meu período, eu adorava. Só com o Sarlet que eu tive um perrengue²⁶ forte”. Ele recorda que foram três situações de enfrentamento, uma das quais se expressa nesse relato.

“[...] foi três que eu tive com o Sarlet [...] a última dele, foi no governo do Atalbio Foscarini [...] Eu tomava a frente do pessoal do Taimbé, São João do Deserto [...] Nós estávamos fazendo curso. E saiu a conversa que o Sarlet ia tirar as Kombis da área rural. Então, o Paulinho Plentz, e a Josefina Lindenmeyer, chegaram e falaram pra mim: - Sérgio vão tirar as Kombis de nós [...] Eu disse: - Não, eu vou falar com o Paulo Ritzel. Pra que! E estava a Marlise e a Liane [supervisoras da SEMEC] [...]. O Sarlet foi às nuvens [...] Eu devia ter dito: - Vou falar primeiro com o Sarlet. Quando ele ficou sabendo ele mandou uma intimação pra mim. Eu dei um salto por cima dele [...] E ele chamou os diretores todos de Lomba Grande [...] Nós éramos no número de treze, sentou ele numa ponta e eu noutra ponta [...]. E ele foi, já saiu gritando de começo. Porque eu tinha feito isto. Ele foi e garrou meio gritando já. Passei o papel pela mesa, e disse: - Professor leia isto. E ele respondeu: - Eu não leio isto. - Então leio eu, e comecei a ler. Esse homem ficou tão brabo, tão brabo, que berrou e bateu assim na mesa [mostra com as mãos, reproduz o gesto] pára de falar. [risos] - Tu pára e disse: - Vai tu pra rua ou eu. Ai eu sabia que eu ia. Sai da reunião e disse pro Paulo [Plentz], eu vou à prefeitura. Eu tinha outro amigo que era chefe de gabinete, o Álvaro Santos, político velho, ele era aqui do Morro dos Bois. E eu cheguei lá e contei pro Álvaro aí o Álvaro disse: - Sérgio, não te preocupa, tu conhece o homem”.

A situação de enfrentamento do professor Sérgio com o Secretário de Educação aconteceu no início do ano letivo, ocasião em que circulou, em Lomba Grande, o boato de que não haveria mais o transporte escolar. As escolas e as comunidades dependiam diretamente desse transporte que cumpria a função de conectar as distintas localidades e estas às muitas formas de reproduzir informações.

Observa-se ainda a partir do que rememora o professor Sérgio, que o professor Sarlet preparou o cenário para que o professor Sérgio se desculpasse perante os demais diretores. O poder que representou o discurso produzido de que o professor Sérgio iria falar com o prefeito, ao mesmo tempo em que se investia de poder projetava um cenário complexo frente à autoridade que representava o Secretário para os demais diretores.

Contudo, mesmo tentando explicar o mal entendido, escrevendo uma carta, pois o professor Sérgio lembrou que se expressa melhor escrevendo; a atitude foi interpretada pelo professor Sarlet como um novo enfrentamento. Como argumenta Certau (2011) a tática se

²⁶ Desordeiro, sem mérito, em relação à pessoa. (NUNES, Z.; NUNES, R., 2003, p. 370).

constrói pela ausência de poder assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder. A forma, encontrada pelo Secretário para resolver a situação que escapava do seu alcance de dominação foi à tentativa de neutralizar o poder que se investia naquele momento o professor Sérgio.

O desfecho dessa situação, como resume Sérgio “não deu em nada”, porém, consta-se nesse relato “[...] que a repartição desigual do poder [...] sempre deixa alguma margem de manobra para os dominados” (LEVI, 2002, p. 180).

A professora Gersy, também lembrou situações que acentuaram as relações de poder, como ela resume, “*sempre fiz o enfrentamento e disse o que pensava, agradando ou não às autoridades, porque fui professora*”, e isso fez parte das características da sua forma de compreender o trabalho docente. Gersy lembra que os entraves na sua trajetória docente, se referem às relações com a Igreja e com a mantenedora.

Como uma atribuição do trabalho docente, a professora Gersy recordou que foi catequista e recebeu muitos elogios do padre que atendia a localidade, pela maneira de preparar as crianças para a primeira comunhão. Ela lembra “[...] dentro daquela sala de escola, foi feita a 1ª comunhão da turma de São Jacó. [...] o padre me botou nas alturas. [...] depois eu virei o demônio porque [...] não gostou do José, porque contestou ele [...]”.

Como era uma prática da década de 1950, os padres visitarem as escolas e as localidades para realizarem missas, a professora Gersy contou uma situação na qual o padre da localidade visitava a Escola Municipal Humberto de Campos. Nessa ocasião, estava o padre da localidade, o Cônego e o padre Urbano Thiesen (cunhado da professora Gersy). Ela recorda que o padre virou para o Cônego e disse “[...] este eu também ensinei a votar [...]”, referindo-se ao esposo dela. A professora lembra que isso bastou, para que o padre “*me perseguisse*”, em outros momentos.

Depois desse incidente de motivação política, outros episódios marcaram a trajetória de Gersy, quando estava na Escola Expedicionário João Moreira e foi pedir um armário para guardar os livros e materiais das suas aulas, escreveu para a Orientadora do Ensino daquele período, que era a professora Iracema Brandi Grin. “*Vocês decerto sabem que as missas são realizadas dentro da minha sala de aula e eu não quero que alguém mexa nos livros e pedi então um armário. [Assovia] Só não fui pra rua porque rabo não tinha pra puxar*” (Gersy). Ela recordou que alguns dias após ter enviado esse ofício, o padre da localidade falou durante a missa:

“[...] começou a baixar o pau. Eu disse, esse padre está falando pra mim. Deixa falar, eu só escutando. Quando o sino terminou a missa, o pessoal não ia logo embora e ficava as comadres conversando com os compadres. A Cecília Fisch, professora aposentada disse: - Gersy, o que é que o padre tem contra ti, tudo que ele falou olhava tez assim pra ti. Pro lado que eu estava sentada. Então, mexeu no abelheiro. De tarde, a petiça²⁷ teve que vir pra Lomba Grande, eu queria botar em pratos limpos com o subprefeito, meu consogro. Estava em ponto de bala, naquele dia teria dito tudo que queria. Mas você me atendeu? Você teve medo de enfrentar a Gersy. Vim embora porque estava anoitecendo, mas a coisa não ficou assim, porque lá entre eles houve alguma coisa, enfim o meu armário veio, pude guardar os livros e continuei do mesmo modo”(Gersy).

A outra situação, em que se envolveu a professora Gersy, refere-se à compra e construção de um prédio próprio para a Escola Municipal Castro Alves. Essa escola funcionava em um prédio alugado, portanto, foi necessário construir uma prática autônoma para adquirir recursos e comprar o terreno, onde atualmente se localiza a escola. Gersy recorda

“Nós fizemos reuniões de noite pra então conseguir lugar, comprar terreno. Com os nossos chás compramos o terreno da Castro Alves. Eu queria quatro salas de aula e uma que era pra fazer a merenda, mas queriam só dar três de aula. E fiquei tão braba, bati o pé no chão [pausa], pois então vocês não ganham um tostão da nossa escola. Compramos o terreno. - O que vão fazer com o terreno? - Vender. - E o que vão fazer com o dinheiro? - Comer tudo em churrasco e o senhor não é convidado [referindo-se ao prefeito]. Ele deu risadas! Mas nós ganhamos quatro salas”.

Os “sonhos”, para Gersy, representaram degraus a serem alcançados para qualificação do trabalho e dedicação pela comunidade lomba-grandense. As táticas elaboradas para se conseguir do prefeito aquilo que desejava, demonstra a força prática de um saber construído na docência, e na astúcia para conduzir a lógica desejada, agindo sobre a própria ação estratégica, de quem direciona e detém o poder político. Utilizando-se da “[...] esperteza no modo [...] de driblar os termos dos contratos sociais, mil maneiras de jogar o jogo do outro [...]”, foi por ela estabelecido nesse momento. (CERTAU, 2011, p. 79). Uma característica que se destacou, pelas memórias de sua trajetória foi a sua capacidade persuasiva e discursiva no enfrentamento de ideias.

Nesse tópico, o objetivo foi reconstruir pelas narrativas de memórias, utilizando-se da perspectiva de um tempo social, um dia de aula em classe multisseriada. A ênfase, no entanto, foi quanto às práticas pedagógicas que permitissem conhecer como acontecia a aula de mestre-único.

²⁷ Cavalos pequenos, curtos, baixos. (NUNES, Z.; NUNES, R., 2003, p. 371).

Conclui-se que esses professores rurais, no exercício da profissão orientavam-se pelo planejamento que era previamente elaborado. Destacou-se que além dos conhecimentos tácitos das lembranças do tempo em que eram alunos em classes multisseriadas, a apropriação do conhecimento se desenvolveu, principalmente, a partir da pesquisa e consulta ao livro didático nesse momento de preparação de aula.

Esforçando-me para compreender como acontecia na prática o trabalho docente, percebe-se que as metodologias usuais variavam entre o agrupamento dos alunos na mesma sala de aula em fileiras ou por níveis de desenvolvimento (dificuldade). Nesse formato, o professor circulava pela a sala e atendia os alunos, às vezes, também se utilizava do “rodízio”; enquanto uma turma copiava a “lição” ele “tomava a lição” da outra turma.

A “lição” ensinada enfatizou o letramento. A alfabetização caracterizou-se como aspecto de maior responsabilidade desse professor e que também foram as lembranças que expressaram maior gratidão e reconhecimento sobre a ação docente.

Além disso, acontecia no cotidiano das aulas à prática dos quintais, a manutenção de jardins e trabalho na horta. O artesanato foi outra atividade lembrada.

Refletindo sobre as práticas pedagógicas que permitiram recompor uma aula em classe multisseriada, o aspecto que perpassa as representações sociais desses professores e que permitiram a apropriação do conhecimento, do modo de saber e de fazer inventado/reinventado ressaltaram forte tendência patriótica e vocacional. Afinal, no contexto desse tipo de escola, o professor cumpria outras responsabilidades além da docência.

A apropriação das “artes do ofício” expressou-se pela rememoração do sentido e significado que cada professor atribui à sua trajetória, enfatizando como compreendeu e incorporou as responsabilidades profissionais, no seu tempo, que não são muito diferentes das de hoje, ensinar, incondicionalmente, cumprir a maior responsabilidade pedagógica que o professor tem: ensinar os alunos uma possível leitura da realidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] é necessário ouvir as vozes e os relatos dos professores/as para desvendar uma parte do ofício, para recuperar a esperança de que a paixão de ensinar ainda seja possível, dar voz aos professores e as professoras para que narrem o que sentem sobre sua vida profissional, que, seguramente, a maioria não conseguirá separar de sua vida pessoal e institucional [...] (IMBERNÓN, 2007, p. 11).

O exercício da escrita dessa dissertação permitiu refletir os caminhos por mim trilhados que foram construídos no percurso de uma trajetória desde a graduação até o mestrado, percebendo, nesse processo, como fui me apropriando do conhecimento e do processo investigativo, como convém um aspirante a pesquisador.

Entendo a escrita como um processo criativo que se associa ao jeito idiossincrático de cada um e representa as apropriações que nossas percepções sociais (não só sociais mais de diferentes contextos) da realidade que permitiram compreender e significar em um espaço e um tempo.

Utilizo a expressão “aspirante”, pois entendo que apenas quando refletimos sobre o tempo aquilo que em nós permanece como próprio, do que talvez fomos, é que reconhecemos um pouco daquilo de que somos. Dessa forma, as construções e apropriações dependem de um conjunto de características sociais que vamos compondo na medida em que vamos constituindo nossa trajetória.

Investigar trajetórias de docentes e ousar reconstruir fragmentos da história da educação em Novo Hamburgo, a partir das “vozes dos professores”, recorrendo às palavras de Imbernón, foi uma forma de refletir sobre a minha trajetória como professor, e como pesquisador.

O tempo em que estive envolvido nessa pesquisa foi um tempo de amadurecimento e constante introspecção. Ao mesmo tempo em que me constituía pesquisador, compreendia e conhecia sobre uma realidade até então por mim desconhecida: a realidade das escolas rurais.

A definição do meu objeto de pesquisa relaciona-se diretamente ao lugar de prática ocupado por mim. Assim, a opção pelo estudo das memórias sobre as trajetórias de professores vincula-se ao período em que eu atuava como Assessor da SMEDNH, nas escolas rurais, em Lomba Grande. A convivência com a realidade dessas escolas e a árdua tarefa de supervisioná-las, contribuiu na definição do problema desenvolvido nessa dissertação que foi: reconstruir fragmentos do ensino rural em Novo Hamburgo, a partir das memórias das

trajetórias docentes em classes multisseriadas, considerando as relações entre as representações narradas e as práticas sociais analisadas.

A realidade que trama e constitui o conjunto de memórias, representadas pelas narrativas e pelas imagens, retrataram as lembranças de maneiras de viver, de sonhar de compreender o processo em que as práticas de uma época se construíram. Portanto, uma prática social se consolida com a apropriação de convenções coletivas, de estratégias e táticas do manejo de conduzir a aula, da convivência em comunidade em um tempo social.

Em Halbwachs (2006) sustenta-se a construção desse tempo social cujas memórias de práticas foram tramadas e analisadas. A produção de recorrências de lembranças permitiu que houvesse entrecruzamento de memórias quanto: à época cuja experiência profissional foi compartilhada; sobre a instituição e contexto das práticas dos professores; bem como sobre o vínculo familiar e de um legado cultural construído e suas relações com os primeiros tempos de escola, e como aluno de mestre-único e como professores de escolas multisseriadas na região rural.

As memórias permitiram, a partir das “lentes e ferramentas” utilizadas, das questões elaboradas frente ao objeto da pesquisa, estabelecer alguns percursos da História da educação no município estudado, dessa forma, escrevi uma história a partir de diferentes documentos, orais e escritos. Esse processo exigiu vigília constante quanto à utilização desses vestígios, reconhecendo as “armadilhas da memória” e tratando-as como uma forma possível de recompor o espaço e o tempo das trajetórias docentes.

As memórias foram analisadas pela complexidade do seu conjunto, organizadas a partir dos campos conceituais que emergiram nas entrevistas e de outros documentos inventariados na pesquisa. A partir da leitura de cada entrevista, as trajetórias foram compondo dois grandes campos conceituais: as memórias de formação e as memórias de práticas.

Na tentativa de compreender como os professores se narraram e narraram suas práticas, significando as marcas evidenciadas pelas suas memórias, destaco, a partir daqui constatações relacionando o cenário de contexto e os principais elementos que possibilitaram reconstruir o cotidiano de uma aula em classe multisseriada.

O contexto local produziu a construção de uma forma de agir, sobretudo frente os movimentos de transformação social, econômica e política que passou o ensino durante o período estudado. Constatou-se nessa pesquisa, que a estrutura das localidades nas quais as trajetórias docentes se desenvolveram, constituíram-se também, sob influência dos imigrantes europeus, no século XIX. Sendo, o legado cultural da convivência em comunidade, uma das

principais contribuições dos povos germânicos para o fortalecimento das relações sociais nessas localidades. Da mesma forma, Lomba Grande, representou um “entre-lugar”, pois mesmo quando era distrito de São Leopoldo não houve a construção de um vínculo maior com esse município, isso também não aconteceu quando passou juridicamente ao território de Novo Hamburgo. Essa constatação permitiu compreender o movimento de arraigamento dos hábitos, valores e tradições que se construíram no cotidiano da localidade de Lomba Grande.

A forma como os professores se narraram evidenciou um discurso que ressaltou a distância e o esquecimento em relação à cidade, bem como as dificuldades para cumprir e atender as demandas que o ofício da profissão exigia. As peculiaridades de Lomba Grande e a distância física da “cidade” foram projetando e construindo uma referência identitária no interior desse bairro rural. Observa-se, também, que desse contexto emergiu a figura social do professor, como referência de liderança e como representante das instituições e instâncias de poder; principalmente como agente público da construção de uma ideia de nação e democracia que posteriormente se evidenciou como elemento edificado ao longo do tempo.

A partir das memórias das trajetórias dos dez professores estudados foi possível conhecer e compreender como os processos de escolarização foram acontecendo a partir das relações com um contexto mais amplo das políticas públicas educacionais. Nesse sentido, interessou compreender como se caracterizou a escola pública isolada nessa parte de Novo Hamburgo.

As memórias da professora Gersy, por exemplo, remeteram à existência das Aulas Públicas Federais como prática do ensino público, antes mesmo do espaço de Lomba Grande ser anexado ao território novo-hamburguense. O início da trajetória docente de Gersy, em 1940, marca um período importante, também para a história do lugar, ano em que Lomba Grande passou a ser Distrito de Novo Hamburgo. Observa-se, que sua história, no período de exercício docente, entrecruza a história da escola pública municipal nesse lugar. O que tudo indica, a história da escola pública municipal em Lomba Grande, sob administração de Novo Hamburgo, iniciou com as Aulas Públicas Reunidas Nº 5, na década de 1940 agregando as instâncias Municipais e Estaduais, porém com aspectos das primitivas Aulas comunitárias.

Considerando o período investigado 1940 a 2009 e o objeto de pesquisa: Escolas Multisseriadas, foi possível construir e estruturar em três grandes fases a instituição da escola pública em Lomba Grande. Caracterizo a primeira fase, de “*primeiros tempos*”, 1940 a 1970. Nesse período evidencia-se uma fase de transição entre as práticas das Aulas domiciliares, de cunho comunitário; e a estruturação das Escolas Isoladas com prédio próprio. Além disso,

nesse período, especialmente em 1942, há tentativa de regularizar a situação funcional dos professores municipais através da realização de concursos públicos (ANEXO Y).

A partir da década de 1950 observa-se o esforço da administração em regimentar, estruturar e construir uma referência comum de ensino no Município. Nesse processo observa-se que no primeiro Programa de Ensino Municipal (1952), o currículo escolar apresentava uma perspectiva urbana, cujas práticas os professores rurais esforçavam-se em cumprir.

A reconstrução desses “primeiros tempos” possibilitou concluir que os questionamentos iniciais, principalmente de que a história com a docência estivesse vinculada a ideia de tradição de família, esteve entrecruzada à representação da docência como um “apostolado missionário”. As trajetórias docentes também se caracterizaram pela relação entre o contexto local e a história da instituição de ensino, prevalecendo à compreensão, pelos professores entrevistados, do magistério como vocação.

A evidência vocacional na escolha da profissão representou um conjunto de elementos que contribuíram para perpetuar e construir a imagem docente.

Outro aspecto que se observa refere-se à educação Religiosa. Conclui que além da Igreja ter influenciado a forma de pensar de uma época, em outras épocas as representações de verdades sobre a profissão se disseminaram a partir das memórias do tempo em que os sujeitos foram alunos de mestre-único; numa época em que o professor desempenhava múltiplas funções (administrativas, pedagógicas, etc.); bem como se geria nessas escolas isoladas a construção de uma escola pública que transitava entre a influência da Igreja e a laicização do ensino, foi inevitável a influência desse modo de pensar no processo de apropriação do ofício docente.

Embora algumas narrativas entrecruzem (tradição e vocação), percebe-se que ao construir sua prática, utilizaram-se do legado cultural aprendido e inventado na cultura rural como uma forma de ser professor nesse contexto. Além disso, a forte influência cívica, da escola como braço do Estado no processo de construção de um ideia de nação, bem como da Igreja, a partir das aulas de Catequese e do Ensino Religioso revela o peso do apostolado docente que recaia sobre as atribuições do professor.

A pesquisa indica que nos primeiros tempos de escola, a experiência como alunos do curso primário, realizado em classes multisseriada contribuiu no momento em que os professores se apropriaram de um jeito de ensinar, pois se utilizaram das memórias da representação docente desse tempo de aluno na composição da sua carreira docente.

O processo de apropriação da prática pedagógica desvelou memórias escolares que se caracterizaram pela relação que estabeleceram com outras práticas sociais e culturais. Destacando-se na formação como prática social as relações com o contexto local à prática pedagógica, cuja ênfase se observa na segunda fase que caracterizei por “*consolidação da escola pública em Lomba Grande*”, 1970 a 1990.

A característica principal da segunda fase associa-se a influência do aspecto econômico onde a indústria coureiro-calçadista possibilitou ao município um desenvolvimento. Nesse período, registra-se a construção de um espaço próprio para a escola e no incentivo a formação em serviço. As Escolas Isoladas passaram por um processo de transformação e, sob a deliberação da legislação vigente no país, foram reestruturadas e configuradas como Escolas Municipais de Primeiro Grau Incompleto. Destaca-se ainda, que as transformações do espaço urbano se refletem no espaço rural, seja pelo fluxo migratório, com a redução do número de alunos nas escolas das diferentes localidades ou pelo movimento de ampliação do acesso ao ensino primário, promovido principalmente a partir de acordos entre o governo de instância municipal e estadual, pela legislação vigente.

Quanto à construção dos prédios escolares, registra-se que muitos professores fizeram doação de áreas de terra à administração municipal, para que os prédios escolares de alvenaria fossem construídos. Concluí que a estratégia utilizada pela administração municipal para proporcionar condições físicas adequadas ao prédio escolar produziu a reação dos professores, na doação de áreas de terras, dessa forma, permaneceriam como professores nas escolas do interior, o que intensificou o sentimento de arraigamento ao lugar.

A administração municipal intensificou, também, um projeto de formação em serviço que já se percebia no final dos anos cinquenta. Os cursos de férias para os professores leigos, ou com formação primária, aconteciam desde a década de 1950, porém, a partir da década de 1970, firmaram-se parcerias com órgãos e instituições cujo objetivo foi disponibilizar a formação continuada aos professores. Nesse período, houve a preocupação em qualificar não apenas os professores que influenciavam diretamente na consolidação de um projeto de educação de referência na região do Vale dos Sinos. Ela relacionava-se ao processo de consolidação de um quadro de funcionários públicos municipais que se constituía.

O investimento em formação docente possibilitou que a carreira do magistério, em Novo Hamburgo, adquirisse destaque, principalmente, por repercutir financeiramente no salário dos professores, cujo objetivo estava em investir em cursos, formações e promover o ensino público de qualidade, para construir e ampliar a rede de atendimento, bem como, democratizar o acesso.

Destaca-se ainda quanto à formação dos sujeitos da pesquisa, que mesmo que para alguns professores a formação representasse apenas a conclusão do 5º ano, as narrativas expressaram formas de continuar estudando estabelecendo o percurso para a constituição de uma forma Ser Professor. Observa-se quanto à formação em serviço, que os professores utilizaram-se do artigo 99, da modalidade de ensino supletivo e dos “estudos adicionais” como forma de qualificar sua prática docente e atingir mérito acadêmico.

Nas narrativas escutadas observa-se que os cursos e reuniões de professores contribuía para que novas experiências fossem aprendidas, bem como as orientações de ensino fossem compreendidas por esses sujeitos. De fato, a partir das evidências das memórias, registra-se que os professores se inventaram docentes na medida em que se apropriavam das “artes do ofício”, criando forma de resolver as dúvidas e problemas do cotidiano.

Os encontros de formações e as reuniões se configuraram como modo de construir e estabelecer um diálogo sobre as práticas, principalmente refletindo, no tempo em que eram produzidas. Nesses momentos, o professor conseguia elaborar e significar sua ação docente principalmente, porque era possível escutar seu colega, “mestre-único” em igual situação prática, bem como era dessa forma que a troca de experiência permitia que os saberes e conhecimentos se elaborassem.

Contudo, evidencia-se que nessas classes, mesmo que todos os alunos compartilhassem o tempo e o espaço a prática docente atendia o princípio isolado dos conhecimentos. Portanto, os alunos eram agrupados por série, bem como quando havia mais de um “quadro verde” o professor utilizava-se desse recurso para conseguir atender com qualidade os alunos.

A narrativa das práticas evidenciou uma forma de apropriar-se do conhecimento, principalmente pela leitura e utilização do livro didático em sala de aula. Quanto à leitura, foi considerada por todos indispensável, tanto na sua relação com a formação em serviço quanto sua formação pessoal. Ela foi utilizada como modo de atualizar-se sobre o conhecimento no tempo de suas trajetórias docentes caracterizou esse grupo de sujeitos, bem como pelas maneiras inventadas para continuar estudando.

Quanto à utilização do livro didático pelo professor, inicialmente foi uma fonte de consulta, bem como serviu à preparação de aula e construção de verdades. Ele representou a cada professor, marcas de aprendizado e apropriação de um modo de pesquisar.

O livro didático, utilizado pelos alunos, também representou o status de moderno e atual frente “aos modismos” da educação. Uma prática pedagógica que se caracterizou pela

“cópia” quando alguns professores, também encontravam dificuldade para traduzir o conteúdo à um linguagem dos alunos do espaço rural, bem como, se utilizou “desse instrumento pedagógico” para conseguir atender as demandas que o trabalho com cinco séries exigia deixando que os alunos maiores copiassem os exercícios dos livros.

É possível perceber que as práticas associaram-se a uma forma de pensar e representar socialmente as atribuições do ofício docente, nesse sentido foi a partir do cotidiano, que tais práticas se construíram e ressaltaram o manejo docente com cinco séries “dinâmicas” que desse conta da aprendizagem do aluno com dificuldades. Os vestígios evocados possibilitaram compreender como o fazer pedagógico foi tramado, bem como permitiu reconstruir o cenário da história da educação desse município no que diz respeito às Classes Multisseriadas..

Na tentativa de conhecer e compreender o fazer pedagógico em classes multisseriadas, para entender sua especificidade e perceber suas práticas permitiu concluir, entre outras coisas que a preparação de aula demandava muito tempo, criatividade e dedicação. A pesquisa em livros didáticos, elaboração de atividades e exercícios para que fosse possível atender individualmente os alunos, revelou um método; por exemplo, o da professora Élia que estruturava todos os conteúdos e objetivos “numa folha de papel almaço” e dali partia para o planejamento diário.

Nas aulas, os alunos eram organizados pelos professores em fileiras agrupadas por série, uma atrás da outra, ou ainda, em grupos de alunos definidos pelo seu grau de desenvolvimento cognitivo. Os recursos metodológicos vincularam-se a utilização do quadro-verde, onde as lições eram ensinadas, às vezes, usava-se da divisão do quadro para escrever, em cada parte, o que cada turma deveria realizar. Os alunos representavam pouca mobilidade durante a aula, sendo que o professor circulava entre os alunos e utilizando-se de um “rodízio”, distribuía, no tempo das quatro horas de aula, momentos para atender cada grupo.

Contudo, há memórias de momentos em que todos os alunos trabalhavam juntos, como nas aulas de “Civismo”, “Educação Religiosa”, “Artesanato” e “Hora da História”. As apropriações do manejo, nesse tipo de classe e os saberes da profissão se desvelaram no modo desses professores se narrarem, nas situações acima relacionadas.

As práticas que “fugiram” a lógica urbana do currículo determinado pela administração revelou aquilo que marcou a apropriação do ofício, aquilo que significou, nas memórias dos jeitos inventados para desenvolver, por exemplo, “o amor à Pátria”, “as práticas da roça” ou a paixão pela arte de “contar histórias”.

A partir das trajetórias, as práticas foram significadas e constataram-se os elementos da cultura rural entremeando saberes tácitos, aprendizagens e hábitos reproduzidos e

reinventados a partir das memórias da sua época de aluno, a partir das tradições legadas e construídas na “convivência solidária”.

De modo geral, as estratégias pensadas para que os alunos fossem alfabetizados e aprendessem minimamente o que o mundo, nesse período exigia, se concretizou, no espaço rural de Lomba Grande a partir da realidade das Escolas Primárias Isoladas e da figura do “mestre-único”.

A terceira fase compreendida, 1990 a 2009 estabelece a “*reestruturação da escola pública rural*”. Momento em que as escolas primárias passaram a se chamar de Ensino Fundamental, constatou-se a redução significativa do número de alunos, bem como o desaparecimento de muitas instituições. Destaca-se ainda que os processos identitários docentes e institucionais sofreram transformações profundas. A referência comunitária, que a escola da localidade permitia aos alunos, com esse processo, conduziu a uma situação de fragilidade.

Realizo, nesse momento, um esforço de síntese na tentativa de organizar os resultados frente às questões propostas nessa investigação, refletindo sobre o que desvelaram as narrativas docentes. Os sujeitos da pesquisa, quando lembraram, recordaram seus primeiros tempos de escolarização, prevalecendo à influência que a forma de pensamento de uma época desempenhou na constituição docente, do magistério como vocação. E mesmo que as memórias tenham acentuado um vínculo familiar com a escola, o jeito de trabalhar próprio das classes multisseriadas demonstrou que Ser Professor representou, em algumas situações, construir estratégias frente às relações de poder, que se estabeleceram no percurso da trajetória docente.

Narrando as memórias das práticas pedagógicas, constatei “táticas” elaboradas para que os alunos do espaço rural também se apropriassem dos conhecimentos do seu professor. Dessa forma, a apropriação de uma prática pedagógica desvelou pelas narrativas a alfabetização como primordial responsabilidade das classes multisseriadas, a difícil tarefa de ensinar os alunos uma possível leitura da realidade.

Nesse momento, em que ensaio as palavras finais, percebo que as dúvidas sobre a prática, no exercício da minha profissão, principalmente sobre a forma mais adequada para que meus alunos aprendam, em outros tempos e espaços também caracterizaram interrogações para esses professores. Desse modo, compreendendo a “parcialidade do conhecimento” produzido e sua construção como uma forma possível de recompor as trajetórias de professores em classes multisseriadas, dados o referencial teórico e metodológico “fica o que

significa”, aquilo que marcou, “vibrou” de forma intensa, tanto na evocação das lembranças, quanto na construção da narrativa, que foi se compondo pelo olhar do pesquisador.

A imersão nessa pesquisa possibilitou refletir minha trajetória, como aluno de escolas públicas, como sujeito que entende a educação, e principalmente, a valorização docente como um fator indispensável para se projetar um país mais justo e solidário. Da mesma forma compreendi a importância que representa a história de cada um no conjunto da história como um todo. No tempo em que vivemos estabelecemos relações e nos transformamos a partir daquilo que nos acontece, dos sentidos que se tramam na “teia da vida” que nas palavras de Imbernón, não se consegue separar da trajetória de vida profissional. Rememoro a uma frase, dita por uma das minhas professoras, no curso de Magistério, que resume o sentimento que toma, agora, minha reflexão ao resumir minha trajetória acadêmica até o mestrado, “*Ainda sou um estudante da vida, de tudo!*”. Esta afirmativa, representa, de certo modo, o que expressa o jeito de ser que fui construindo, no decorrer da minha trajetória, valorizando, o desejo constante de saber, escrever, pensar...e por fim, continuar investigando...

REFERÊNCIAS

280PX-RioGrandedoSul_Municip_NovoHamburgo.svg. 2011. Altura: 280 pixels. Largura: 270 pixels. 66 Kb. Formato PNG. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RioGrandedoSul_Municip_NovoHamburgo.svg>.

Acesso em: 11 set. 2011.

ADRIANO, Reni. **Lugar**. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. A educação rural como processo civilizador. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. v. 3, p. 278-295.

_____. **Memórias da rural**: narrativas da experiência educativa de uma escola normal rural pública (1950-1960). 2007. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) -- Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007.

_____. **Vozes esquecidas em horizontes rurais**: histórias de professores. 2001. 245 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -- Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2001.

ALVES, Rubem. **A Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2001.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

ARENDDT, Isabel. **Educação, religião e identidade étnica**: o Allgemeine Lehrerzeitung e a escola evangélica no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Oikos, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética de la creación verbal**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1988.

BALANDIER, Georges. **O contorno**: poder e modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BASTOS, Maria Helena Câmara. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992). In: CATANI, Denice B.; BASTOS, Maria H. (Org.). **Educação em revistas**: a imprensa pedagógica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 47-76.

_____; COLLA, Anamaria Lopes. A idealização do professor na representação da docência. Retratando mestres, In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (Auto) Biográfica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. v. 1, p. 465-485.

BENCOSTA, Marcus Levy Albino. Grupos escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. **Histórias e memórias da educação no Brasil**: século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. v. 3, p. 68-77.

BONAZZI-TOURTIER, Chantal. Arquivos: propostas metodológicas. O desenvolvimento da entrevista. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002. p. 24-27.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

_____. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BRASIL. **Lei nº. 9394/96, 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Brasília - D.F., 1996.

_____. **Lei nº 5692/71, 11 de agosto de 1971**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Brasília - D.F., 1971.

_____. **Lei nº 4024/61, de 20 de dezembro de 1961**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Brasília - D.F., 1961.

BRITTO, Lenir Marina Trindade de Sá. **O fechamento das escolas rurais: a lógica dos sobreviventes no campo**. 2007. 124 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia – Licenciatura) – Curso de Pedagogia – Ênfase em Séries Iniciais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2007.

CALADO, Sílvia dos Santos; FERREIRA, Sílvia Cristina dos Reis. 2005. **Análise de documentos: método de recolha e análise de dados**. Texto distribuído na disciplina Metodologia da Investigação I, no PPG da Educação – UNISINOS, no 2º semestre de 2010.

CALAZANS, Maria Julieta Costa; SILVA, Hélio Raymundo Santos. Estudo Retrospectivo da Educação Rural no Brasil. Para compreender a educação do Estado no meio rural - traços de uma trajetória. In: THERRIEN, Jacques; DAMASCENO, Maria Nobre (Coord.). **Educação e Escola no campo**. Campinas: Papyrus, 1993. p. 15-43.

CANANI, Aline S. K. B. Herança, sacralidade e poder: sobre as diferentes categorias do patrimônio histórico e cultural no Brasil. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 23, p. 163-175, 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n23/a09v1123.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2011.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Fazer ver o que vemos: Michel Foucault – por uma História diagnóstica do presente. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 11, n. 3, p. 321-329, set./dez. 2007.

CERTAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 17. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CERTAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: morar, cozinhar. 10. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude/ trad. RAMOS, Patrícia Chittoni, Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002a.

_____. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

_____. A visão do historiador modernista. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 5 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002b. p. 215-218.

CUNHA, Maria Teresa Santos. A escola, os livros e a leitura. À procura daquilo que não se fez esquecer! In: FISCHER, Beatriz T. Daudt (Org.). **Tempos de escola**: memórias. São Leopoldo: Oikos; Brasília, DF: Liber Livro, 2011. v. 1, p. 121-133.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A educação nas constituições brasileiras. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. v. 3, p. 17-29.

DREHER, Martin Norberto. **Breve história do ensino privado gaúcho**. São Leopoldo: Oikos, 2008.

_____. **Igreja e germanidade**. São Leopoldo: Sinodal, 1984.

ECKERT, Cornélia. Tempo e memória: da duração contínua à dialética da duração. In: DEBERT, G.; GOLDSTEIN, D. (Org.). **Políticas do corpo e o curso da vida**. São Paulo: Sumaré, 2000. p. 153-166.

ELÍAS, Norbert. **Teoria del símbolo**: um ensayo de antropologia cultural. Barcelona: Península, 1994.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Processos de escolarização no Brasil: algumas considerações e perspectivas de pesquisa. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). **Educação, Memória, História**: possibilidades, leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 521-544.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Desafios e dilemas da História Oral nos anos 90: o caso do Brasil. **História oral**, São Paulo, n. 1, p. 19-30, jun.1998.

FERRI, Cássia. **Classes multisseriadas**: que espaço escolar é esse? 1994. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, SC, 1994.

FISCHER, Beatriz Terezinha Daudt. A professora Primária nos impressos pedagógicos (1950/1970). In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. **Histórias e memórias da educação no Brasil**: século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. v. 3, p.324-336.

_____. Foucault e histórias de vida: aproximações e que tais. In: ABRAÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (Auto) Biográfica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. v. 1, p. 143-162.

FISCHER, Beatriz Terezinha Daudt. **Professoras: histórias e discursos de um passado presente**. Pelotas: Seiva, 2005.

GATTI, Bernadete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Org.). **Metodologia da pesquisa qualitativa em Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 29-38.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. **A História Oral como recurso para a pesquisa em Educação Matemática: um estudo do caso brasileiro**. 2005. Trabalho apresentado ao 5º Congresso Iberoamericano de Educación Matemática - CIBEM, Porto, 2005.

GASKELL, Ivan. História das Imagens. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Ed.UNESP, 1992. p. 234-272.

GOMES, Dinóra Antonina. **Rastros que não se apagam: vida – história e árvore genealógica de Adriano Antônio Gomes**. [S.l.: s.n., 2000].

GHIRARDELLI JUNIOR, Paulo. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 2009.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos. **Memórias recompondo tempos e espaços da educação: Bom Jesus/RS (1913-1963)**. 2008. 232 f. Tese (Doutorado em Educação) -- Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HARRES, Marluza Marques. Aproximações entre história de vida e autobiografia: os desafios da memória. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 8, n. 10, p. 143-156, jul./dez. 2004.

HOBBAWAM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX – 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

IMBERNÓN, Francesc. Aprender com Histórias de Vida. **Pátio revista pedagógica: histórias de vida e aprendizagem**, Porto Alegre, n. 43, p. 8-11, ago./out. 2007.

INÁCIO, Maria Elizete. Práticas docente bem sucedidas: trazendo à memória o que potencializa e resignifica a teoria para um nova perspectiva da prática. In: FÓRUM DE ESTUDOS: LEITURAS PAULO FREIRE, 12., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2010. 1 CD-ROM.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. **Panorama da educação no campo**. Brasília, DF, 2007.

JORNAL NH. Novo Hamburgo: Grupo Sinos, 29 maio 2005. Recorte Folha 2594, localizado na Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis de Novo Hamburgo.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 43-65.

KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. **Revista brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 15, 2001, p. 159-177.

LARROSA, Jorge. Notas sobre narrativa e identidad (a modo de presentación). In: ABRÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.) **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004a. p. 11-23.

_____. **Pedagogia profana: danças piruetas e mascaradas**. Traduzido por Alfredo Veiga-Neto. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1999.

LEJEUNE, Philippe. **Memória, diálogo y escritura. História y Fuente Oral**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1989. 2 v.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002. p. 167-183.

MACHADO, Antônio. **Cantares**. In: _____. Antologia poética. 2. ed. rev. e aum. Tradução, prólogo e notas de José Bento. [S.l.]: Cotovia, 1999. Disponível em: <<http://ocanto.esenweiseu.net/destaque/machado.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MARTINS, Rodrigo Perla. **A produção calçadista em Novo Hamburgo e no Vale do Rio dos Sinos na industrialização brasileira: exportação, inserção comercial e política externa: 1969-1979 / 2011**. 198 f. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. As escolas rurais e a formação de professores: a experiência do Paraná – 1946-1961. In: WERLE, Flávia Obino Corrêa (Org.). **Educação rural em perspectiva internacional: instituições, práticas e formação do professor**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007. p. 79-99.

MONARCHA, Carlos (Org.). **História da educação brasileira: formação do campo**. 2. ed. ampl. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. 2006. Texto postado no Portal Mec, na Secretaria de Educação Básica. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf>. Acesso em: 10 out. 2011.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva et al. **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

NORA, Pierre. **Entre memória e História: a problemática dos lugares**. 10 ed. São Paulo: Educ, 1993.

NÖRNBERG, Nara Eunice. **Aprendiz de professor de borboletas no espaço/tempo da memória: (re)compondo trajetórias de docentes na educação rural**. 2008. 193 f. Tese (Doutorado em Educação) -- Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2008.

NOVO HAMBURGO. **Lei Municipal nº 1.788, de 17 de março de 2008**. Plano Municipal de Educação de Novo Hamburgo – RS. Novo Hamburgo, 2008.

_____. **Lei Municipal nº 335/2000, de 19 de abril de 2000**. Plano de Carreira dos Servidores Públicos Municipais de Novo Hamburgo – RS. Novo Hamburgo, 2000.

_____. **Lei Municipal nº 333/2000, de 19 de abril de 2000**. Regime Jurídico Estatutário dos Servidores Públicos Municipais de Novo Hamburgo – RS. Novo Hamburgo, 2000.

_____. **Lei Municipal nº 28/1953, de 04 de abril de 1953**. Servidores Públicos Municipais de Novo Hamburgo – RS. Novo Hamburgo, 1953.

NÓVOA, Antônio. Introdução. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil: século XX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. v. 3, p. 3-14.

_____. **Profissão Professor**. Lisboa: Porto Editora, 1992.

NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. **Dicionário de regionalismo do Rio Grande do Sul**. 10. ed. Porto Alegre: Martins Fontes, 2003.

OLIVEIRA, Leda Maria Leal de. Memórias e experiências: desafios da investigação histórica. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004. p. 263- 281.

PAIVA, Eduardo França. **História & imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. Cotidiano: história(s), memória e narrativa uma experiência de formação continuada de professoras alfabetizadoras. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. São Paulo: DP&A, 2003. p 97-119.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PETRY, Leopoldo. **Município de Novo Hamburgo**. São Leopoldo: Rotermond, 1963.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 114, p.179-195, nov. 2001.

POPKEWITZ, Thomaz S. **Lutando em defesa da alma: a política do ensino e a construção do professor**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 103-131.

QUADROS, Claudemir de. **As brizoletas cobrindo o Rio Grande**: a educação pública no Rio Grande do Sul durante o governo de Leonel Brizola (1959 – 1963). Santa Maria: Editora UFSM, 2003.

RAMALHO, Maria Nailde Martins. Na Roça, na raça...Eu me tornei professor: um estudo sobre a formação docente de professores de classes multisseriadas no Norte de Minas Gerais e Vale do Jequitinhonha. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO, 3., 2010, Brasília, DF. **Trabalhos apresentados...** Brasília: UNB, 2010. Disponível em <www.encontroobservatorio.unb.br/arquivos/artigos/4.pdf>. Acesso em: 12 set. 2010.

REMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro:FGV, 2002. p. 203-211.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François et al. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001.

RIBEIRO, Marlene. Pedagogia da alternância na educação rural/do campo: projetos em disputa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 27-46, jan./abr. 2008.

_____; ANTONIO, Clésio Acilino. Estado e Educação: questões às políticas de educação do campo. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO, 23., 2007, Porto Alegre; CONGRESSO LUSO BRASILEIRO, 5., 2007, Porto Alegre ; COLÓQUIO ÍBERO-AMERICANO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 1., Porto Alegre, 2007. **Por uma escola de qualidade para todos**: programação e trabalhos completos. Porto Alegre: Ed. da UFRGS,2007. v. 1. 1 CD ROM.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 93-103.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

SANTOS, Raimundo Lima dos. Associação, memória e luta das quebradeiras de coco no Maranhão: o povoado de Petrolina. **Métis**: história & cultura, Caxias do Sul, RS, v. 8, n. 15, p. 49-67, jan./jun. 2009.

SELBACH, Jéferson Francisco. **Novo Hamburgo 1927-1997**: os espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade. 1999. 370 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) -- Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1999.

SOUZA, José Edimar de. Campo Bom: marcas da memória. **Revista CDL News**, Campo Bom, ano 2, n. 3, p. 20-21, jun. de 2011.

SCUSSEL, Claudia Luci. **Constituindo-se professor(a):** percursos, histórias e memórias docentes em Bento Gonçalves. 2011. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós- Graduação em Educação – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2011.

SCHEMES, Claudia. **Pedro Adams Filho:** empreendedorismo, indústria calçadista e emancipação de Novo Hamburgo (1901-1935). 2006. 446 f. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2006.

SCHÜTZ, Liene Maria Martins. **Os bairros de Novo Hamburgo.** Novo Hamburgo, 2001.

SCHWARZSTEIN, Dora. El auge del pasado: la historia pública y la historia oral frente a las demandas sociales. **Estudios Leopoldenses:** série história, São Leopoldo, v. 4, n. 1, p. 19-28, 2000.

SGUISSARDI, Valdemar. A escola da minha infância. In: FISCHER, Beatriz T. Daudt (Org.). **Tempos de escola:** memórias. São Leopoldo: Oikos; Brasília, DF: Liber Livro, 2011. v. 1, p. 25-39.

SPOSITO, Marília Pontes. (Org.). **O povo vai à escola:** a luta popular pela expansão do ensino público em São Paulo. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

STEPHANOU, Maria. Problematizações em torno do tema memória e história da educação. **História da Educação**, Pelotas, v. 2, n. 4, set. 1998, p.131-141.

_____; BASTOS, Maria Helena Câmara. História, memória e história da educação. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil:** século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. v. 3, p. 416-431.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 5. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

TERRIEN, Jacques. A professora rural: o saber de sua prática social na esfera da construção da escola no campo. In: TERRIEN, Jacques; DAMASCENO, Maria Nobre (Coord.). **Educação e escola no campo.** Campinas: Papyrus, 1993. p. 43-53.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** Historia Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THUM, Carmo. **Educação, História e Memória:** silêncios e reinvenções pomeranas na Serra dos Tapes. 2009. 383 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2009.

VECCHIA, Marisa V. Formolo Dalla; HERÉDIA, Vânia B. M.; RAMOS, Felisbela. Contradições no sistema de educação: uma releitura acerca da expansão da rede municipal de ensino em Caxias do Sul. **Métis: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 7, n.14, p. 21-37, jul./dez. 2008.

VICENTINI, Paula Perin; LUGLI, Rosário Genta. **História da profissão docente no Brasil: representações em disputa**. São Paulo: Cortez, 2009.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografismo**. São Paulo: UNESP, 2008.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Constituição do Ministério da Educação e Articulação entre os níveis federal, estadual e municipal da educação. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil: século XX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. v. 3, p. 39-53.

_____. **O nacional e o local: ingerência e permeabilidade na educação brasileira**. Bragança Paulista: Ed. Universidade São Francisco, 2005.

_____; METZLER, Ana Maria Carvalho. En busca de Contenidos y Sentidos para La Educación Rural. In: GONZÁLEZ PÉREZ, Teresa; LÓPEZ, Oresta (Coord.). **Educación rural en iberoamérica: experiencia histórica y construcción de sentido**. [S.l.]: Anroart - Ediciones, 2009. p. 79-109.

ZERWES, Norma. **Lembranças de um percurso de vida**. Campo Bom: Papuesta, 2004.

APÊNDICE A – Quadro de formação dos professores participantes da pesquisa

PROFESSOR	5º ANO	COMPLEMENTAR ADMISSÃO GINÁSIO	GINÁSIO (1º GRAU)	2º GRAU	ADICIONAIS	MAGISTÉRIO/ NORMAL	ENSINO SUPERIOR	PÓS-GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO
Maria Gersy	X							
Telga	X	X	X	X		X		
Hélia K.	X							
Élia	X	X	X	X				
Lúcia	X		X					
Paulo	X	X	X	X				
Sérgio	X	X	X	X				
Arlete	X	X	X			X	X	X
Márcia	X	X	X	X	X			
Eloísa	X		X			X	X	

LEGENDA: ■ Categoria não se aplica ao professor.

X Categoria se aplica ao professor.

APÊNDICE B – Quadro de informações recorrentes a partir das entrevistas

PROFESSOR	Professor e Diretor1	Trabalhou na Agricultura	Teve outro trabalho Paralelo Docência	Iniciou a docência no 1º/2º no (alfab.)	Trabalhou Noutro área antes da docência/depois	Foi indicado para o cargo Por alguém	Foi seminarista/freira	Fez Teste/concurso	INICIO DOCÊNCIA Escola/Casa de família	Permuta	Começou como Auxiliar/(AFA)	NÃO TRABALHA DIA PAGAMENTO	Professor classe multisseriada e direção	Fez Artigo 99	Curso /formação Férias	Morou em casa de família p/dar aula	Aluna de classe multisseriada	Catequista	Trabalhou antes dos 18 anos
María Gersy	X			X		X		X	X		X	X	X		X		X	X	X
Telga	X	X	X		X	X		X			X	X	X	X			X		
Hélia K.	X	X				X		X	X		X	X	X		X	X	X		X
Élia	X	X				X	X	X	X			X	X	X	X		X	X	
Lúcia	X	X		X		X		X			X	*	X		X		X	X	
Paulo	X	X	X	X	X	X	X	X	X			*	X	X	X	X	X	X	
Sérgio	X				X	X			X			X	X	X	X		X	X	
Arlete	X				X			X				*							
Márcia	X	X		X		X			X		X	*	X		X		X	X	X
Eloísa					X			X		X	X	*					X		X

LEGENDA: ■ Categoria não se aplica ao professor.

X Categoria se aplica ao professor.

Quadro de informações recorrentes/destoante a partir das Entrevistas:

PROFESSOR	Conceitos	MARIA GERSY DEC. 40	HÉLIA K DEC. 50	ÉLIA T. DEC.50	LÚCIA DEC. 50	TELGA DEC. 60	SÉRGIO DEC. 60	PAULO DEC. 60/	ARLETE DEC. 60/90	MÁRCIA DEC. 70	ELOISA DEC. 90
Representação docente (Professor primário)	<p>Então foram reunidas estas quatro escolas e o pai então ficou o Diretor. E eu estava no 1º ano com ele. Só que nós tínhamos uns 70 e poucos alunos no 1º ano e eu então ficava cuidando. Meu pai fazia rodízio na escola e onde mais ele estava era com a D. Anália Flores, ela não sabia impor respeito para os colegas (fala com ênfase) não tinha domínio.</p> <p>De certo muito burrinha, eu ganhava cada xingão dele, do meu pai, porque eu não aprendia. Nunca gostei de matemática, tinha pavor. Gostava de escrever, gostava de ler.</p>	<p>Aos sete anos nos entramos aqui pra Rui Barbosa. Minha primeira professora foi Maria Edite Faller. Era professora de todas as séries, 1º ao 5º, era só uma professora pra todas as classes. Daí esta professora foi transferida pra Novo Hamburgo. Entrando nesta escola, a minha tia, Maria Ercília Conceição. E fiquei ali até o 4º Ano.</p>	<p>A minha escola ficava do outro lado do arroio, porque já pertencia a São Leopoldo, ficava defronte aquela Igreja católica que tem em Feitoria, aquela igreja Medianeira. Ontem de noite eu disse, eu não lembro o nome da minha escola, mas agora eu lembrei, é Mathilde de Albuquerque o nome dela, Escola Municipal Mathilde de Albuquerque. Era uma professora pra todas as séries.</p>	<p>Mas naquela época não era nada organizado sabe. Não se recebia boletim. A gente recebia um livro da professora, e a minha irmã também tinha que usar, nós tinha que estudar no mesmo livro. Os nossos pais eram de origem alemã e nunca falaram em português com nós. Nós chegamos lá e não podia se comunicar, como é que se diz, só falava em português e nós só falava em alemão, então com é que ficava, não entendia nada que ela falava. (se referindo a professora).</p>	<p>A gente esperava muito a escola. --- A primeira escola foi Madre Benícia. Eu entrei em 1942. A gente entrava logo na primeira série, tinha uma divisão porque o professor era o José Afonso Hoher, era um professo de primeira série e ele tinha muita dificuldade na fala, era já uma pessoa mais idosa, acredito que seja isso. Mas aí a filha dele que era a D. Gersy ajudava. Na época era mocinha, menina, 16, 17 anos e ela ajudava o pai com as crianças do primeiro ano. Eu fiquei</p>	<p>A minha mãe era uma professora muito positiva. Ela até ganhou o prêmio, de uma das melhores professoras de Novo Hamburgo. <i>E como ela aprendeu a ser professora.</i> Tinha o Augusto Thiesen, que era cunhado dela, o professor Augusto Thiesen, que lecionava no Anchieta e depois no Inácio Montanha. Ele estudou para padre, e na hora de assumir, ele resolveu desistir. Eles vinham passar as férias aqui. Eles moravam</p>	<p>Depois o concurso entrou em 1988. Naquele tempo não se falava em Magistério, ninguém tinha Magistério. Aí quando entrou o concurso, aí apertou.</p>	<p>Eu podia até ir pelos fundos da minha casa na escola. Passava pelo cemitério, era coladinho da minha casa. Passava pela casa onde as professoras moravam, levava os livros, levava leite pras professoras porque meu pai era leiteiro.</p>	<p>A sabatina era todo final de mês. Daniel também pegou esta época. Então era assim, tinha um caderno, naquele tempo não existia computador, não existia nada disso. Cada um tinha o seu caderno, e o pai pegava e passava tudo no quadro, de português, de matemática, de história, de geografia, de Moral e Cívica, todas as matérias, cada dia era uma matéria. A matemática, eu nunca vou me esquecer, como eu já ti falei esses dias, nos fomos passear, o pai foi receber, e a gente quase não estudou. No dia do teste de matemática e eu não sabia fazer</p>	<p>Eu fiquei com ele na 1ª e na 2ª série, sempre era a coitada, tudo que meu pai queria propor pra turma dele e que as outras meninas não queriam fazer, por exemplo, vamos dançar; eu odeio até hoje, não faço grupo folclórico com meus alunos, porque eu tive um trauma de infância, porque ele colocava e eu tinha que dançar com as meninas da Casa Lar.</p> <p>Ele tocava e como ele era músico ele usava desta aptidão da gaita e dançava perfeitamente, nós éramos exemplo de dança</p> <p>Eu lembro de muitos fatos que aconteceram naquela época, as aulas dela eram maçantes, chatas, cansativas, ela fazia cópias e cópias do livro didático.</p>	

			<p>Mas tinha uma aluna que sabia falar alemão e português.</p> <p>--</p> <p>“Seleta” era o 5º livro.</p> <p>--</p> <p>Aí essa Scherer, ela sabia falar o português, e aí a professora transmitia a lição para ela, para ela transmitir pra nós, o português.</p> <p>--</p> <p>Era uma sala grande e banco comprido, juntava todo mundo ali e essa coisa passei também quando comecei a dar aula. (se referindo as condições físicas do espaço e aos exames). Cada um tinha que ler uma leitura, de um livro, muitos anos eu sabia esta leitura que nos fizemos, eu ao me lembro mais, e nem o livro eu tenho mais, e assim era cada aluno, e eu fiz o título desta leitura e ela da outra: “O meu bom</p>	<p>junto com esta turma que era atrás com uma divisória de lona, os mais pequenos ficavam ali. Eu não sabia falar em brasileiro. Naquela época os pais não levavam os filhos na escola, a gente ia com amiguinhos. Os vizinhos que carregavam a agente, os pais nem vinham, nem sabiam da escola como era, e a gente nem sabia falar nada, não sabia nem dizer água. Quando a D. Gersy me perguntou se eu sabia contar, e era costume, a gente tinha que levantar da classe e responder as perguntas que o professor fazia. E ela me disse se eu podia contar, foi um sacrifício contar até dez em brasileiro, em alemão até sabia, e dali parti estudando.</p> <p>-----</p> <p>Um dos meus primeiros livrinhos, que</p>	<p>em Porto Alegre, e quando era dezembro, janeiro, fevereiro eles vinham aqui para nossa casa.</p> <p>A minha mãe deu muito por este lugar. Quando a minha mãe veio pra cá ela contava. Era bastante povoado, logo depois, meu pai botou o armazém, vinha muita gente, mas o pessoal era daquele tipo assim, vinham fumando e escarravam no chão. A minha mãe foi indo e ensinando. Ela foi e tirando aquele hábito do pessoal, tirando o costume, convencendo os alunos, os pais.</p>	<p>uma conta. A conta era muito simples, era 7X7, quarenta e nove o resultado (risos) e naquele dia eu tirei 52 ou cinquenta e pouco. Quase o bicho pegou, porque filho de professor não podia rodar, tinha uma cobrança e isso é cobrado até hoje pela minha irmã, o filho dela tem que ser o primeiro da classe.</p>	<p>Copiar, copiar, copiar, era a forma, o método que ela encontrava de se atualizar, vinham os livros didáticos e não podia ter uma rasura, não podia ter nada, nós tínhamos que copiar todo o livro e depois responder todo o livro no caderno. Aquilo ali pra mim era um tédio, sem nenhum movimento, sem nada de sair do seu lugar, totalmente preso, na sua carteira.</p>
--	--	--	---	--	---	--	---

				<p>Jesus". Depois veio as poesias, então a professora, tinha uma porta de onde saia da sala de aula pro quarto dela e ela pegou uma colcha e fez um palco. Botou a cadeira, botou com pedra e botou uma tábuia em cima e nós subia em cima e declamava aquela poesia.</p> <p>--</p> <p>Eu fiz o supletivo na Scharlau.</p>	<p>eu tirei foi o "Patinho Feio". Tinha ensino religioso, o padre vinha. Eu ia na casa do pastor, e até um dia me perdi, no primeiro dia, me deixaram lá com o padre, na escola era com o padre. Os evangélicos, que eu pertencia, era no salão da comunidade com o pastor. Eu chorei, foi muito difícil até a gente começar a aprender.</p> <p>--</p> <p>As crianças do jardim, que eu acompanhava (aula da Gersy), ela fazia assim, na Páscoa, ovinhos pintadinhos e coelhinhos, que crianças pintavam e com casca de ovos colocava dentro. E houve, na Páscoa, ela tinha feito ninhos e escondeu os ninhos no gramado, na frente da igreja e ali ela escondeu os ninhos, isso eu</p>				
--	--	--	--	--	---	--	--	--	--

					lembro muito bem.					
Representação SUPERVISOR/ ORIENTADOR		<p>Para mim foi a Lenira, ela foi uma pessoa muito carinhosa, muito calma, explicava as coisas assim, de maneira que a gente conseguia entender bem. Não era assim de cobrar, cobrar, porque tem secretário que fica dando em cima.</p>	<p>Eles corrigiam tudo, tinha o Dr. Parhaim, este que corrigia tudo. E o Parhaim Pinheiro Machado Lustosa, esse deve estar com quase 100 anos. Ai ele olhava os cadernos e deixava, se por acaso tinha alguma coisa que precisasse mudar um pouquinho ai a gente pegava no mês seguinte e tentava melhorar. muito elogio ele botava também</p> <p>Em 1982, o meu filho veio me ajudar. Foi feita eleição onde o Foscarine assumiu. Ele tinha como secretário o professor Sarlet. Ele não aceitou se não tivesse 30 crianças pra nós dois. Lembro da Áurea e a Ceminha na Secretaria de Educação. A Iracema e a Lenira que eram irmãs.</p>	<p>Dai chegou fim do ano e tinha que prestar um exame e daí vinha um superintendente de São Leopoldo fazer este exame. Lauro Martins. Então a professora ensaiou esse exame conosco, pena que a gente pensou que um dia ia precisar disso. Então esse tal tava lá e tinha um coordenador de Lomba Grande, Oscar Becker.</p> <p>--</p> <p>Ele (Parahim) me dava um papel. Conhece a Lenira B. Grin e a Iracema? Elas que me ajudaram a fazer. A Iracema Grin tava junto com o Dr. Parahim Pinheiro Machado Lustosa. Eles foram os meus primeiros (orientadores), mas esse Dr. era uma pessoa, olha, tão</p>		<p>Não sei se tu já ouviu falar na Ceminha. A Iracema e a Lenira. Tem em Novo Hamburgo uma escola com o nome dos pais delas. A Elvira Brandi Grin. A Secretária de Educação gostava muito dela. A Lenira depois foi Secretária de Educação, inclusive a Lenira pediu como ela era secretária, ela pedia muita coisa pra mim, perguntava muitas coisas sobre a fundação de Porto Alegre. Todos os secretários que passaram pelo meu período, eu adorava todos. Só com o Sarlet que eu tive um perrengue forte com ele.</p>			<p>Em 1976, a D. Eni Cecília Becker, chegou aqui, e disse pra mi, dia 11 de agosto, eu nem tinha a carteira de serviço ainda. Ela disse assim pra mim, Márcia eu vim te buscar pro, o Gentil Soares Companhoni era o Secretário de Educação de Novo Hamburgo naquela época e o Joaquim Luft era o Diretor de Educação, eles mandaram te chamar pra assinar a tua carteira.</p>	<p>Eu lembro que sempre chegava no final do ano aquela Kombi de supervisoras lotadas da SMED e aplicavam as Provinhas de leituras. E eu me lembro muito bem que uma delas se referiu a mim perguntando quem é esta menina, o meu pai disse, ela só está aqui como ouvinte, ela é minha filha. Ela perguntou se eu já estava alfabetizada e meu pai disse não, não sei, ele não deu muita ênfase a isto. E perguntou se poderia aplicar a prova de leitura comigo e ele nem sabia que eu já tava lendo.</p>

				compreensiva. Me lembro hoje, vê que faz tanto tempo e me lembro o nome dele, era muito bom ele. E faz mais de cinquenta e cinco anos. E me lembro que eu tava sentado na frente dele e a D. Iracema ali. Ele tinha só papel avulso e acho que naquele tempo não havia caderno e nem caneta.						
Representação de si – professor rural	<p>Eu sou uma professora feito a machado. Fiz um, eu como é que a gente diz, fiz um examezinho de suficiência neste caso.</p> <p>Um coisa que deixa a gente feliz. As vezes eu me pergunto o que que eu ainda to fazendo, esses dois (se referindo aos joelhos) me incomodam de mais a mesma postura, caminhar eu já não posso mais, trabalhar, não trabalho, eu to vivendo pra comer e beber e dormir.</p> <p>--</p> <p>Eu já estava aposentada e esperando a minha substituta que tinha sido minha aluna de Jardim de Infância, a Liane Enck.</p> <p>Quando nós</p>	<p>Sempre, desde criança eu quis ser professora. E tenho primas, por parte da minha mãe, e essa Conceição, minha tia, que era professora, isso foi assim, um pouco hereditário.</p> <p>--</p> <p>Desde criança, brincava de escolinha com as amiguinhas, filhas das vizinhas. Cada vez a vontade mais de ser professora, até que um dia consegui.</p> <p>--</p>	<p>Com seis anos eu batia o pé dizendo que eu queria ser professora, falava só em alemão, quero ser professora. E alguém perguntava e eu já dizia, quero ser professora (risos), mas não sabia como.</p> <p>Quem já tinha concluído com êxito o 5º ano, já podia seguidamente, se tivesse dom pra aquilo, podia continuar (ser professora).</p> <p>Como agora, a prefeitura, exige a faculdade, mais estudos, naquele</p>		<p>E sempre estudava. Eu tinha um tempinho, eu estudava, tinha um livro de admissão ao ginásio, e a noite eu estudava aquilo tudo, pra eu não esquecer. A noite não tinha luz, e era a querosene os pais reclamavam, era difícil conseguir querosene.</p> <p>----</p> <p>Fiz um curso do Instituto Universal Brasileiro, em</p>	<p>Existia a dificuldade de emprego. Escolhi a Márcia, e a influenciei a dar aula também, porque naquele tempo, professor, tinha um status até, hoje é uma vergonha, precisa ver no Estado.</p> <p>--</p> <p>Eu não tive fracasso, graças a Deus, na escola, eu não perdi nenhuma, eu passei por, quem sabe uns dez secretários de educação. A Rafaela</p>	<p>Sempre foi uma coisa que me inspirou, em não ser padre, sempre sonhava um dia que iria ser professor.</p> <p>Não cheguei a concluir o último ano (Ginásio) porque me afastei (Seminário). E aí eu assumi aqui como professor só no feito, quer dizer a minha irmã que “apontou lá” e eu fiz um teste de conhecimentos teóricos de tudo e como eu tava bem</p>	<p>A gente brincava muito e a escola que era o nosso centro. Eu gostava muito de ajudar as professoras, passava na casa dos professores e carregava os livros; aquilo era uma coisa que era da gente assim. [Viaja, mira o olhar para o pensamento de outros tempos].</p> <p>-----</p> <p>era um desejo muito grande dela (mãe) ser professora, ela sempre nos dizia, então minha irmã e eu realizamos o desejo dela, fomos professoras.</p> <p>-----</p> <p>Eu já tinha Ensino Superior e acredito que fui motivo de</p>	<p>Em 1974, quando a professora Édia saiu da escola, dava aula junto com o pai, não tinha quem viesse pra cá. Acabei assumindo a turma dela, logo com o 1º ano e sempre alfabetizei, até hoje, são 36 anos alfabetizando. Mas conta na carteira 13 de agosto de 1976. Comecei, na escola antiga aqui na casa do pai, foi uma salinha, onde era o Armazém. Disse meu Deus, como é que eu vou fazer agora, nunca dei aula, vou começar no primeiro ano, graças a Deus</p>	<p>Nós trabalhávamos, as Plentz, na escola Castro Alves. Eu de manhã e ela a tarde, então no ônibus só tinha Plentz, uma vinha e outra ia, todas fazíamos aquele projeto AFA e estudávamos na mesma escola. Fiz meu estágio de um ano. Meio ano eu fiz remunerado e no outro meio ano foi meu estágio realmente.</p> <p>Em 2008, caio eu de “paraquedas” aqui no Taimbé, volto para onde eu estava, pra Novo Hamburgo, e posso dizer eu sou fruto de uma sala multisseriada. Sou um exemplo de que</p>

	<p>duas trabalhávamos a escola teve a fama. A Castro Alves é considerada uma das melhores escolas do município, como eu disse.</p> <p>Sei dizer que eu fiz a despedida dentro do livro e sei que um dia eu fui convidada e eles leram na frente dos alunos o que eu escrevi.</p>		<p>tempo também, eu não podia ficar naquela de 5º Ano. E 1ª, 2ª série ginásial. Naquele tempo já entrou até a 8ª e daí eu fiz, não sei se vocês chegaram a conhecer, o artigo 99. Daí eu fiz, trabalhava na roça, dava aula, atendia a casa e estudava lá fora, o livro estava sempre junto. Fiz lá no Olímpio Flores, na Scharlau. No colégio Scharlau, é um colégio do Estado. Depois a prefeitura organizou um estudo. Organizaram um curso na FEEVALE pra, todos os sábados de manhã. Juntaram todas as matérias que precisavam, reduziram mais e seria equivalente ao 2º Grau e todo professor tinha que ter.</p>		<p>1958, e comecei a costurar, era um dinheirinho que eu ganhava com a costura, na roça sempre foi com muita dificuldade. Não cheguei a ganhar o diploma porque eu tinha que fazer um casaco de flanela, eu não podia comprar o pano. Ali junto tinha planilhas de português, matemática e conhecimentos gerais, eles chamavam de estudo elementar, a base que precisava para ser alguém na vida. Estudei bastante, tudo sobre gramática, e como eu disse, nossa 5ª série foi muito boa, a gente hoje vê quanto é mais fraco.</p> <p>---</p> <p>O Ginásio, fiz o artigo 99, a noite, num ano. Foi uma das inovações muito boa, fiz em 1967. Em 1969, fui pra Sapiroanga me aprimorar.</p>	<p>Bueno... O Joaquim Luft, foi quem colocou a Márcia, ela não tinha idade, colocou pela minha amizade com ele. A Márcia começou com dezesseis.</p> <p>--</p> <p>A Márcia foi influenciada por mim, e eu, influenciado pela minha mãe.</p>	<p>“enfreado” em tudo eu passei.</p> <p>---</p> <p>Naquele tempo eu tava por cima, eu sabia tudo.</p> <p>----</p>	<p>incentivo pra minhas colegas. A diretora do Madre disse, mas Arlete eu também vou estudar, então a Cléris, foi estudar e depois se graduou. E seguiam também as outras. Saíram do Normal e diziam, eu vou seguir a D. Arlete, que bom.</p>	<p>sempre fui bem e até hoje os meus alunos me chamam de professora, eu penso assim, como eu sou velha.</p> <p>Eu era a única filha que ajudava o pai a fazer os trabalhos, mesmo não sendo professora. O pai largava os boletins dos alunos pra ir passar as notas tudo pros boletins. Acho que eu nasci com aquele dom eu vou ser professora.</p> <p>Nunca pensei em ser outra coisa a não ser professora, por isso que está tão difícil eu largar de ser professora, entendeu, a dificuldade que eu tenho de me aposentar, porque eu sempre pensei em ser professora e adoro ser professora.</p>	<p>esta questão é um mito que tem de que estes alunos tem dificuldade, que não vão interagir com o mundo, que vão se reter a este mundinho fechado. Sou formada em Pedagogia, faço teatro, que é uma arte, eternamente, gratuitamente comunicativa e nunca tive problema de comunicação, acredito, não tenho certeza, que isso vai muito da tua vontade, do indivíduo, de querer ou não saber qual é o mundo em que ele está.</p>
--	--	--	--	--	---	--	---	---	---	---

<p>Fazer pedagógico</p>	<p>Lígia Bohn (Orientadora) dizia que tinha que contar histórias. E eu tinha que contar histórias pros meus e os alunos da Eni. Disse a Eni. Gercy temos que mudar a hora da história porque meus alunos não trabalham, eles cruzam os braços e estão tesos te escutando. E contava as histórias: Chapeuzinho Vermelho pra cima. Nós mudamos o horário. Todos os alunos amontoados, um do lado do outro a turma toda e a Gercy contava história. Gercy tu transforma, tu muda a voz, tu és, tu interpreta a personagem. Eu mudava a voz. A Eni gostava de ouvir a história. Quando estava chegando na hora, porque nós tínhamos umas colegas que às 9h30min as crianças já estavam na rua. Nós íamos até as 11 horas, quando estava chegando a hora. Diziam mais uma D. Gercy, mais uma, então ta, eu vou contar. E era uma vez um gato xadrez, queres que eu te conte outra vez. Não D. Gercy conta outra. Era uma vez, a não D. Gercy, vamo parar então deixa pra outra vez, assim tinha mais outra, qual era a outra que eles queriam. Quando foi a época da seca, e essa era bíblica, então nós fazia,</p>	<p>Eu vim pra casa e fui me aperfeiçoando, de repente, surgiu essa vaga, e eu consegui um contrato pra um ano, porque eu era de menor, eu trabalhei com dezesseis anos, dezesseis e meio. Fim do ano, fim de 1952, eu fiz concurso pro Magistério, pra professor de ensino de Novo Hamburgo. Entre quinze candidatas eu fui aprovada em segundo lugar.</p> <p>--</p> <p>Digamos assim, se eu ia preparar uma aula, decomposição de números. A 1ª série, vai até um número, a 2ª avança, então, eu prepara aquela aula em conjunto, para fazer um pouco em cada série. Leitura, se era dia de leitura, fazia leitura com todos, dependendo o nível de cada ano.</p> <p>--</p> <p>Olha, eu dividia assim por anos, 1ª, 2ª, 3ª e 4ª, às vezes, 5ª ano, tinha pouco, não era sempre, porque de primeiro as crianças iam trabalhar logo. O 5ª ano, já eram grandes e iam ajudar os pais. Cheguei a ser professora dos filhos dos meus alunos, a</p>	<p>Não tinha tanta burocracia, como hoje tem que fazer tanta coisa pra escola. Desde que planejasse uma aula pro outro dia estava bom, era só folha de chamada e preparar aula. A minha preparação de aula sempre foi de muito tempo e era com “velinha de palma sete”, fazia de noite. Era uma das coisas muito necessárias. Trabalhar com cinco turmas tinha que ter planejamento (ênfase). Ainda mais se tem quatro horas, tem que ter mais quatro horas pra planejar, tirava às vezes o dia de chuva para prepara adiantado. Pausa. Como era, a senhora ia na missa sempre, todos os domingos? Aqui tinha missa só uma vez no mês e a gente contava aquele horário. Íamos todos a pé na missa, aí dava recreio e continuava aula.</p> <p>No início a gente fazia um caderno, onde cada dia um aluno trabalhava</p>	<p>Eu comecei, naquela época, fiquei só com a 1ª série e tinha 28 alunos. Então ela que era minha supervisora. Eu dei aula na Igreja, 28 alunos pra alfabetizar. Naquele tempo, não havia calçado, vinha todo mundo de pés descalços pra aula. Era na Igreja e tinha 64 alunos com tudo. Então estudava nas classes dos bancos da Igreja aí sentava, sentava não, acho que a maioria se ajoelhava pra fazer as lições. Isso foi só um mês, depois passou para o salão Allgayer aí veio classe. Eu tinha um quadro e ela também tinha, eu passava as lições de 1ª série e ela passava para os outros até 5ª série. Era uma professora formada. E ela dividia aquele quadro para</p>	<p>Fui na prefeitura, e disseram só tem que fazer um teste, pra ver se tu consegue, eram cinco séries, numa salinha só e num turno só. Tinha mais duas candidatas, uma professora antiga e outra moça pretendente ao cargo. Quem tivesse a nota melhor estaria com a turma. Fiquei com a nota melhor e já vim com os livros de chamada, ponto da escolinha e no dia seguinte já me dirigi a escola. Foi muito difícil, porém, a imaginação tava fértil, eu já tinha bastante experiência com o meu irmão mais moço, que eu estava acompanhando quando ele estava na escola. Às vezes, eu ajudava filhos de vizinhos, a gente sentava e</p>	<p>Ai teve um período que minha mãe ficou doente. Eu e a minha irmã fizemos um teste na prefeitura e a minha irmã foi melhor do que eu. Ajudava a minha irmã e a minha mãe repartia o ganho e ficava uma parte pra mim e outra pra minha irmã.</p> <p>Eu aprendi a dar aula porque realmente eu via a minha mãe dar aula. Aprendi a dar aula, como ela dava aula, pois eram cinco séries, até pedi mais quadros para a secretaria. Às vezes, deixava pronto nos quadros o que as crianças tinham que fazer e marcava dos livros o que tinha que fazer, de página tal a página tal.</p> <p>E depois eu jogava bola com eles, a gente pegava como base,</p>	<p>Ela (Lúcia) deixava eu continuar, quando visse que não tava certo, repreendia, quer dizer, não xingava, me tentava auxiliar, e fui indo, cada ano melhor.</p> <p>É eu tinha o “Ta, Te, Ti”. O método da Abelhinha, depois centro de interesses e outros métodos também, eu misturava muita coisa. É brabo, quem não tem magistério, assim lecionar como eu peguei.</p> <p>Eu era muito de captar as coisas e segurar (aprender) eu usava muito o que os outros faziam, o que os outros diziam, eu tava sempre como um “vagalume”, tava de olho aceso.</p> <p>---</p> <p>Pela manhã eu lecionava e a tarde eu tinha direção. Aí a</p>	<p>Eu to me lembrando de um álbum, que tínhamos em todas as disciplinas e nos tínhamos que fazer como normalistas, era um álbum muito grosso, e nele havia material que poderia nos servir para dar aula, vamos dizer assim em artes, dobraduras, outros materiais que a gente poderia fazer trabalhos, músicas, musiquinhas pra cantar com as crianças. O português e matemática era uma coisa que vinha ao longo da tua vida. Quando eu fui pra lá (Tiradentes) só tinha duas salinhas, funcionava manhã e tarde. Numa era a Elisa e a Márcia na outra. A Márcia gostou quando eu fui porque aliviou, ela tinha 1ª, 4ª e direção e a Elisa tinha 2ª e 3ª.</p>	<p>E eu tenho um aluno de 1º ano e já ta quase alfabetizado, e já está quase alfabetizado, o primeiro ano, ele vai na aula. A mãe ainda veio falar pra mim hoje, Márcia o Vinícius está, eu disse é ainda o coitadinho, fica assim meio, com cinco séries junto, tu fica assim, tu não dá aquela atenção devida como ele devia ter. Mas é que ele ouve os outros e vai aprendendo junto com os outros, vai indo.</p> <p>--</p> <p>Mas voltando pra trás. A vó dela dava aula muito bem, explicava muito detalhe, era uma professora muito detalhista. A Márcia se criou dentro da escola, da casa da vó dela. Explicava com clareza as coisas, pra não deixar dúvidas, poucas aulas dela eu assisti, mas quando o pai dela que foi meu professor e quando</p>	<p>E fui chamada em 1998 em São Leopoldo e comecei a trabalhar numa escola chamada de São João Batista, quando eu cheguei lá eu peguei uma 1ª série, professor novo pega sempre a pior turma e sempre primeira série. Até então, não tinha noção, o que era alfabetizar, era um bicho de sete cabeças, quem me ajudou, me deu uma força danada, foi Fabiana Daudt, minha prima. Ela ainda trabalha na escola Castro Alves.</p> <p>Entre na escola São João Batista, lá foi muito interessante onde eu me descobri como professora de teatro, foi meu início pelo amor que eu já sentia desde criança. Eu nunca pude extravar este amor de criança, nunca porque era visto pelos meus familiares, como uma coisa promiscua, indecente, imoral, era entre outras palavras, coisa de gente que não quer trabalhar.</p> <p>Eram uns setenta e poucos alunos até o ano de 2007. A escola passou com 14</p>
--------------------------------	--	--	--	--	--	---	---	---	---	---

<p>os Egípcios recolheram todos os grãos e colocaram em silos grandes. Uma abelhinha disse que estava com fome. Um dia ela descobriu um pequeno furo no silo e ela voou e conseguiu trazer um grãozinho. E tava no final da manhã e eles queriam mais história e mais história, aí então ela foi avisar, entrava uma abelhinha, ela foi avisar outra abelhinha e não podia entrar de duas em duas de tão pequeno era o furinho, entrava uma abelhinha e levava um grãozinho. Voava embora, entrava outra abelhinha levava o grãozinho e voava embora e assim foi indo. De repente eles cansavam, eles tinham me cansado também. Aí D. Gercy, chega de Abelhinha, aí eu disse não, eles só pegaram um punhadinho assim de grão (mostra com as mãos), tem muito grão pra tirar.</p> <p>E aí disse essas crianças vão ter que trabalhar um pouquinho, vão ter que ter amor a vida, aí fiz um canteirinho redondinho, onde, (bate na mesa como se fosse cavalo andando). Fiz um canteirinho redondo daquelas cravilinas cheirosas, onde eles tinham que cuidar e isso fazia parte daquele</p>	<p>gente sendo da localidade conhece todas as pessoas, os costumes e defeitos. As coisas boas, então, a gente aprende a trabalhar por conhecimento com as pessoas. Uma coisa que eu sentia dificuldade era ter filho como aluno, porque o aluno filho, tem que ser número um sempre porque os colegas cobram muito.</p> <p>Uma coisa que me alegrava muito e ainda hoje eu falo pra minhas gurias e trabalhar com o 1º ano, no momento em que a criança ta, que tu sente que ela ta juntando as letrinhas, juntando as sílabas, lendo, aquilo pra mim era a minha maior alegria. Quando sentia, bom, esse aqui desabrochou.</p>	<p>naquele caderno, da aula da gente. Era um caderno bem grosso onde a gente anotava aquilo ali, que combinava com aquilo ali. E dia 26 de cada mês tinha que levar na prefeitura, ali na velha, levava ali e pegava outro conjunto pra trabalhar no outro mês. E recebia o pagamento. Era tudo que eu trabalha no dia de atividades, era tipo um caderno de atividades, só que a gente não precisava escrever tudo que a gente trabalhava todo dia, cada série tinha seu livro, então anotava tal página e tinha os exercícios daquela página</p> <p>Eu tinha um método, não guardei o jeito que eu fazia, mas eu chegava numa folha assim (mostra com as mãos) e eu colocava, tamanho papel almaço, a princípio pro mês todo para as cinco séries. Então, partia depois pra fazer o dia-a-dia. Dali partia por semana, fazia mais</p>	<p>cada série ter a sua matéria em cinco.</p>	<p>eles vinham com os cadernos com os temas. Eu sabia exatamente o que precisava no primeiro dia. Consultei livros e preparei. Falei com a ex professora, fui de noite na casa dela. Tinha 42 alunos da 1ª a 5ª série, eu ainda tenho a relação dos nomes deles, isso foi em 1961. Fui o caminho todo pensando o que eu ia fazer, chegando lá comecei a reconhecer a turma e as crianças, fui tão bem que nunca mais quis desistir da idéia de ser professora.</p> <p>----</p> <p>Planejava, desde o primeiro dia tínhamos cadernos, cada série tinha um caderno. Fazia o planejamento toda à noite e tinha que preparar todas as aulas. Às vezes, tinha que dar aquele</p>	<p>passando bola um pro outro, fazia um círculo e atirava a bola pra ver qual era o mais ligeiro. Eu tive alunos ótimos.</p> <p>A gente dando aula aprende também</p>	<p>noite ou madrugada eu planejava.</p>	<p>ele tava doente, ela dava aula, ela não deixava as crianças voltar pra casa, ela dava aula, ela explicava com detalhe, com clareza, então vem de família. Por isso que eu te disse, um pouco, não adianta tu ter o diploma debaixo do braço e não saber te expressar com os alunos, tu tem que falar a língua deles.</p>	<p>alunos o ano de 2008. Porque eram alunos que estudavam a tarde numa turma e além da turma que era diferente, eles tiveram que ficar na mesma turma, o que antes era turma de 1º e 2º, 3º e 4º, agora tinha alunos de 1º até o 5º. Isso eu acho que foi o mais tocante, então o que eu encontrei de dificuldades no início, todas, eles eram preconceituosos, eles não se aceitavam. Eu imaginava, nossa eu vou pra uma escola de zona rural, porque quando eu estudei era tudo calmo e tranquilo, vou estar num paraíso, não foi tive que rever todos os meus conceitos de escola de zona rural, e vi que os problemas eram totalmente outros. Fiquei dando aula um mês e ofereci o projeto de teatro na escola. Arguntei com ela que talvez fosse uma oportunidade dos alunos interagir, se respeitarem, conseguirem trabalhar juntos.</p> <p>Eu passei um ano contendo a violência dele e só consegui canalizar esta violência com o</p>
---	---	---	---	---	---	---	---	---

	jardinzinho cuidar.		<p>quatro folhas por mês por semana. Precisa muito tempo fora da escola e ainda tinha o diário aquele que era normal fazer. Uma vez me chamaram uma pra mostrar isso aí lá no Colégio Santa Catarina, pra gente de outros municípios. Fui, eu sei que aplaudiram bastante. Mas teve uns dois ou três que disseram assim, é tão bacana o teu plano, não tem nada de errado, mas nós não podemos aplicar, nós ganhamos muito pouco. A prefeitura pagava meio salário mínimo e o resto tu tinha que cavocar na roça, pra tirar o dinheiro, ele disse nós não podemos tirar assim, horário pra fazer isso fora de aula. Novo Hamburgo, neste ponto sempre foi bem pago.</p> <p>Sempre fui de me dedicar totalmente pra escola. Naquele horário e quando eu dei de manhã e de tarde,</p>		<p>caderno, quarta e quinta série, já dava o caderno, e eles iam copiando, tinha menos alunos. Não dava a resposta, só tinha os exercícios; a gramática, ou então indicava o livro, a página e eles iam procurar os exercícios.</p> <p>---</p> <p>Criei uma cartilha, foi nos anos 70, quando começaram as novelas na TV. Todo mundo queriam saber a continuidade, e vi que isso era muito boa pra mim. Eu já tinha umas palavras que eram usadas e não tinha muita assistência de pessoal e a gente tinha que fazer os planos de aula e seguir aquela metodologia que recebia. Comecei a selecionar palavras e historinhas que vinham de casa. E eu preferia pegar aquelas crianças que</p>					<p>teatro, foi ali, que ele conseguiu se adaptar a regras, que há numa sala de aula convencional. Ano passado foi que ele se alfabetizou, no 4º ano. Hoje está lendo, está escrevendo, ele não tem digamos, as habilidades que eu observo noutros, mas ele progrediu muito, hoje ele já não é mais violento como ele era, ele consegue ouvir e escutar, ele consegue o que é mais importante ainda, admitir que errou. Se ele e um aluno nota 100, não me interessa, se ele é o aluno que ele é hoje, eu dou graças ao teatro, alias, graças ao jogo dramático.</p> <p>Trabalho numa classe multisseriada, tudo anormal, mas qualquer um pode trabalhar numa sala assim, basta querer. É preciso entender e entender este diferente, trabalhar com este diferente, até porque nós somos diferentes, e isso é difícil, porque também numa sala de um único professor, com uma turma apenas, tem 30 cabeças diferentes. O teatro vem pra quebrar as diferenças</p>
--	---------------------	--	---	--	--	--	--	--	--	--

			<p>pra conseguir, eu chegava há trabalhar doze horas, mais quatro de planejamento e direção. Eu também tinha as coisas de direção pra fazer, ficava duas horas depois da aula, das 17h as 19h eu ficava na escola, daí vinha pra casa, tomava um chimarrão e tinha que fazer janta e depois que tava tudo pronto ia pra minha mesa.</p>		<p>vinha de casa, as crianças que tinha mais dificuldade. No primeiro dia eu começava a conversar com as crianças e aí eu introduzia dois personagens, bem acessível, a minha cartilha. Tipo Dudu e Lili, e dali eu partia contando a história das duas crianças. No primeiro dia quase não contava, mal apenas apresentava o desenho, mal escrevia o nome. Depois partia para as frases, e tinha o Totó, a Bala, o Cachorro, e com estas palavras eu introduzia as letras, a alfabetização em si, e assim todos os dias. O meu sonho era ter feito faculdade de artes. E pedia pra eles trazerem os materiais para a cartilha, mas eu sempre tinha na minha bolsa, eu sabia que nem todos podiam</p>				<p>de turmas, de idades, porque tanto o aluno que está alfabetizado, como o aluno que não está, que não sabe ler e nem escrever, eles faziam todas as atividades de teatro. O teatro é um jogo dramático, o teatro em si não forma ator, ele ajuda uma formação humana de um indivíduo</p>
--	--	--	---	--	---	--	--	--	--

					trazer. Eles escreviam o nome da bala, colavam, faziam frase, escreviam a palavra, era bem simples e bem fácil e cada vez aumentava mais as frases da cartilha. O que mimeografava era a letrinha, eu dava no fim da aula. Perfurava e no final do ano eu fazia uma capa de papelão, retalhos de caixas de sapato que conseguia nas fábricas. Dava fitinha e eles iam enfiando e juntando. No final do ano eles tinham toda a cartilha, até adulto alfabetizei. Eu dei aula no MOBREAL.					
Relações de poder	Mas a gente era professora de tudo, de catequese... Ali foi feito, dentro daquela sala de escola, daquela casa velha a 1ª comunhão da turma de São Jacó. 1ª Comunhão e aí o padre me botou nas alturas. Era eu uma Santa aqui na terra, só que depois		Trabalhei na roça e logo eu comecei a me movimentar pra ser professora. Continuava essa idéia na cabeça, por isso que eu digo assim, não consegue as coisas quem não quer. Pensei que eu estava longe de	Essa Maria do Carmo, ela era formada em Canoas, no Lassale. Então quem entrava era auxiliar. A Maria Lorena Allgayer arrumou um namorado e daí ele não queria	Estava trabalhando na roça, numa estrada, fazendo um caminho. E veio meu irmão e disse que tinha uma notícia boa pra mim. Ele disse que a D. Gersy tinha dito que	O Sr. Parahim sugeriu pra mim que eu retirasse o processo contra ele ia dar aula pra mim aqui no Morro dos Bois. Ele era Secretario de	É a minha irmã me chamou pra trabalhar. Naquele tempo não tinha negócio de concurso, não tinha politicagem nem moda. Minha irmã me apresentou e	Ginásio foi fundado por uma comissão feita aqui em Lomba Grande, de pais, querendo a continuidade dos estudos, que as crianças aqui no 5º Ano tinham que ir pra cidade e não tinha como. Então por um movimento dos pais	Vinha aquela Kombi, nunca (é enfática) apreciam na escola e quando apareciam vinha uma Kombi cheia de gente, cheia de supervisoras e coisa que as crianças nunca tinham vista na frente. Uma coisa	Eu fui estudar um ano no 25 de Julho porque meu pai estava pretendendo conseguir vaga no Santa Catarina. Ele estava tentando conseguir aquela bolsa chamada AFA, Aprender Fazendo. Precisava deste projeto para que

<p>eu virei o demônio porque ele não gostou do José. Ele não gostou do José porque contestou ele, porque ele tinha um jeito de falar: este eu também ensinei a votar. O irmão dele é o acompanhante do Bispo (um velhinho). Aí ele falando para o pro cônego, irmão dele (se referindo ao irmão do José) este eu também ensinei pra votar. E o José assim: não eu sempre tive a minha opinião. Foi o que bastou ele odiou o José e onde não podia perseguir o José como colono, perseguiu a mim. Não perdi o meu cargo de professora porque ele não achou um rabo para puxar, mas senão eu tinha perdido (fala baixinho)</p> <p>Ia diariamente de charrete para Santa Maria. Lá a Gersy também era professora, pra todo pau, toda obra, inclusive que vacinar eu fiz.</p> <p>Deu varíola e fiquei com medo. No dia de pagamento, na prefeitura, nós tínhamos que ir buscar o dinheiro. Já no tempo que eu trabalhava no grupo (que era estadual). Lógico, elas bem que gostavam porque elas não precisavam ir, não precisavam pagar</p>	<p>conseguir a coisa e eu consegui. Comecei a trabalhar em agosto, em março tinha concurso em Novo Hamburgo. Naquela época tinha um vereador especialmente de Lomba Grande, nunca mais aconteceu. Foram lá pra chamado de Mário Pereira. Foi em 57 ou em 58, mas uns dois meses antes, meu marido disse, eu não conhecia ele, eu não morava aqui, e ele morava em Santa Maria, eu vou falar com o Mário Pereira pra ver o que dá pra fazer, pra ti poder entrar nesta (ser professora). Na Feitoria era impossível porque eu não tinha estudo, nem nada. Nós fomos um dia no seu Mário, fomos aqui por dentro, a pé, no meio de mato e arroio. E ele disse, eu tenho bastante livro, tirou da prateleira e pegou, um, dois de cada tipo. E ele é que foi ver na prefeitura o que precisava pro concurso. Precisava comprar</p>	<p>que ela continuasse porque fica muito sozinho e daí se lembraram, ele me convidou pra auxiliar a Maria do Carmo e o meu cunhado mais a irmã dele. Foram lá pra cima na São Jacó onde eu me criei e falei que aqui estava faltando uma professora. Tinha muitos alunos e ela explicou como era auxiliar, disse, eu vou te ajudar, ela já tinha não sei quanto anos de ajuda e então ela tinha mais prática. Deu certo, e vim junto neste dia, mas foi em dia no seu Mário, de 1955 e essa Maria Lorena foi comigo lá no orientação.</p>	<p>tinha uma chance para eu começar a lecionar, pra eu começar a trabalhar em escola, com educação, que eu era pra falar com ela. E comecei a pensar nisso, porque a vontade eu sempre tinha, só não podia estudar porque a distância era muito grande, pelo dinheiro, o que tinha que pagar. Houve uma época que a escola Conde D'Eu estava sem professora, mas a distância era grande, muito longe, e eu não tinha muita condução, além de uma charrete. Falei com as pessoas, e me informaram que realmente não tinha professora, e que eu podia me informar na prefeitura.</p>	<p>Educação naquela época. Ai foi quando eu comecei em 03 de agosto de 1960.</p> <p>Depois, foi três que eu tive com o Sarlet. Não sei se eu já comentei contigo, a última ele, foi no governo do Jair Foscarini. Depois entrou o Paulo Ritzel, e eu me dava muito com o Paulo, estimo ele até hoje. E então o pessoal, via que eu tomava a frente do pessoal do Taimbé, São João do Deserto. E chegaram lá e nós estávamos fazendo curso. E saiu a conversa que o Sarlet ia tirar as Kombis da área rural. Então, o Paulinho Plentz, a Josefina Lindenmeyer (Diretora do São João), chegaram e falei pra mim, Sérgio vão tirar as Kombis de nós.</p>	<p>pronto.</p> <p>-----</p> <p>Passei tantos Secretários da Educação. O melhor de todos foi o Ernest Sarlet, foi exigente, também arrumou a carreira do professor, principalmente do diretor. Diretor antigamente não dava nada, era um toco de banana. O que eu ganho eu agradeço esse Sarlet.</p> <p>----</p> <p>Adir Pereira. Ele falava, ele questionava tudo, principalmente quando vinha coisa que mudava o ensino, ele dizia que: não vai dar pro rural, pode ser assim... aí nos ia por ele, batia palma (...).</p>	<p>junto a nossa escola nós fundamos uma associação que iria manter este ginásio comunitário mediante uma contribuição mensal. Se não me engano era de dez reais, uma coisa assim. E aí em 1970, exatamente, 24 de junho de 1970, foi dada a 1ª aula no Ginásio Comunitário de Lomba Grande, onde eu fui escolhida diretora também pela minha formação, na época eu era a única pessoa em Lomba Grande com uma formação superior.</p> <p>-----</p> <p>Achava muito estranho que as diretoras das escolas não iam a reunião de diretoras. Pensei assim, porque é que elas não iam na reunião. A gente tinha que ir como coordenadora, depois fazia reunião com elas aqui e sempre acho que se perde, nunca é o que se é falado.</p>	<p>que me marcou muito na minha vida, foi um final de ano que eu tinha três alunos do primeiro ano. Foi o único ano que eu tinha só três alunos do primeiro ano, que dois estavam alfabetizados e uma não, e eles pegaram e botaram três cadeiras uma longe da outra e deram um texto pra cada aluno diferente um do outro e quando chegou na hora de ler só um aluno leu os outros alunos não leram. Fui chamada atenção. Tu tem três alunos. Mas eu dava aula pra primeiro e segundo ano junto, na mesma sala. Disse assim, eles estão nervosos, não estão acostumados com tanta gente junto, despejar uma kombi de supervisoras e... fazer uma leitura com a criança. Quando foram embora, eu falei com a menina, perguntei tu fulaninha porque que tu não leu, e eles pegaram e</p>	<p>ajudasse no pagamento da mensalidade. E aí em 1992 nos fomos estudar no Santa Catarina. Eu e minha irmã, ela fez magistério também.</p> <p>A Fabiana foi minha inspiração, ela não fez rodeios do método dela, do conceito dela de alfabetização, através de uma palavra chave. Sílabas e letras, desse método dela não me escondeu nada. Tudo que ela sabia ela me passou, o que me inspirou muito, a importância do professor dividir o que ele sabe e não ficar restrito, e não passar. Eu sei e eu não quero passar ao meu colega, é o que mais se vê hoje e acaba ficando num individualismo total.</p> <p>E no início de 2007 eu vim morar aqui. No final de 2007 a tia Lúcia veio aqui e disse que alguém estava na cerca da escola querendo falar comigo, na época a professora Liane, que foi a intermediária entre a D. Arlete e eu. Ela perguntou se eu estava interessada em fazer uma permuta, trabalhar</p>
---	--	---	--	---	---	--	---	--

<p>passagem e ia feliz da vida porque podia passar um sábado e um domingo em casa da vó em Hamburgo Velho. No outro dia buscava o nosso dinheiro, isto era quando eu estava trabalhando no grupo. Depois é que foi para a São Jacó, Expedicionário Moreira, ainda continuava aquele negócio, tal dia pagamento, tal dia tu vai chova ou faça sol. É o dia do pagamento, então a gente tinha que ir aí eu fui e cheguei no Posto de Higiene e fui avisar desta varíola, e ficaram de ir... Só não vinham, não vinham... foram vir num dia em que a gente toca os cachorros pra rua porque eles se molham e só tinha uns gatinhos pingado na sala. Não posso deixar ir embora. Disseram acabou, nós fizemos a nossa parte. Amém. Não, não pode deixar isto assim, eu sei vacinar isto, me deixem vacinas aqui (ênfase, suspira!) eu faço a vacina. Segunda e terça eu vacinei e quarta-feira eu tinha que entregar a vacina para eles. Ai vacinei quem quis vacinar, então a tarde ficava lá.</p> <p>Disse o Avelino Beck, é a professora mais pontual que nos temos, disse pra este padre. Ele</p>			<p>um livro, um livro de pedagogia que eu nunca tinha estudado, e o resto ele emprestou. Mas fiquei estudando em casa, o livro aquele de pedagogia eu comprei, mas era terrível.</p> <p>Depois quando foi o concurso, eu me apavorei. A gente entrou, não sei se tu chegou a conhecer o Dr. Walter Merina porque ele era alguma coisa na Câmara dos Vereadores. Esse que fez a prova comigo, nos entramos mais ou menos umas 180 gurias.</p> <p>Normalistas, como hoje, pedagogia, tem que ter pra fazer o concurso; tinha pronta, de 1º, de 2º normal e de 3º e tinha acho que umas três de Lomba Grande, só com 5ª série. E era segunda, terça, quarta. E no sábado tinha a prova oral. De manhã fazia o escrito e de tarde ia fazer o oral. No outro dia já via, se não passou no escrito não precisa</p>			<p>Foi dito lá, o Sarlet esteve lá numa das reuniões. Eu disse não, eu vou falar com o Paulo Ritzel. Pra que, então a Marlise e a Liane, andavam sempre junto, não tenho certeza que foi ela, e ela passou para o Sarlet. O Sarlet foi as nuvens.</p> <p>Engraçado que antes disso, depois da merenda, ele quando me via em algum lugar, vinha me apertar a mão. Ai estava o Paulinho, o Moacir, o Luis Carlos. Eu devia ter dito, vou falar primeiro com o Sarlet, e quando ele ficou sabendo ele mandou uma intimação logo pra mim. Eu dei um salto por cima dele. Não foi ao Secretário, foi a Deus (fala de d. Erica, que estava na sala). Ele sempre apertava a minha mão, e apertou a dos</p>			<p>fizeram a leitura pra mim. Eles ficaram nervosos na hora. Vinham fazer a leitura com as crianças, passava um ano todo sem ver a pessoa, chegava final do ano, pessoa vinha aqui e tinha que ler pra eles. Claro qualquer um ia ficar nervoso. Disse assim, muitas vezes não adianta um canudo debaixo do braço, tu tem que saber é transmitir o que tu sabe. Eu digo pros meus alunos até agora, pode eu andar de salto alto e ter a maior graduação possível, mas se eu não saber ensinar vocês não adianta nada. Eu tenho que aprender, eu tenho que falar a língua de vocês. Até hoje, eles tem a dificuldade e eles perguntam e vão em frente.</p>	<p>aqui no Taimbé, porque a escola estaria fechando, se não houvesse ninguém pra trabalhar aqui. Recusei na primeira tentativa, mas ela não desistiu.</p> <p>Ela (Liane) fez o convite, enviado pela D. Arlete. Eles (SMED) queriam dar continuidade da escola para alguém da família, queriam continuar o vínculo, porque eu morava aqui do lado, e uma permuta seria como uma salvação pra eles. Mas a tia Lúcia não desistiu (risos), ela foi persistente, tu trata de pensar novamente, afinal, a escola está aqui do lado, vai ser bom pra ti, e aí eu acabei aceitando.</p>
---	--	--	--	--	--	---	--	--	---	---

	<p>era o dono da casa onde funcionava a escola. (Expedicionário João Moreira).</p> <p>Então, ali eu tive dois filhos, muitos aluninhos, onde muitos deles já morreram pai, já morreram filho, já morreu a Ilse e eu vivi muito naquela casa. Cantava na missa. Dia de missa, era dia de ir lá em cima, na Igreja de Santa Maria porque senão o povo não gostava. Cantava com os alunos, rezava com os alunos, como eu te disse, pau pra toda obra e também a catequista. Este padre tinha que ter um pouquinho de respeito por mim, pelo meu trabalho e ele não tinha, tinha raiva do José, vamos judiar da Gercy.</p> <p>Um dia disse, onde está a professora. A professora está doente. Mas esta professora vive só faltando, vamos dar um jeito de substituir. Diz que o Lino (Avelino) saltou de pé, não mesmo (ênfase) a professora que tem que nós nunca tivemos uma igual, que se interessa pelos nossos filhos, que nunca falta um dia, diz que o padre ficou arrasado, mas onde ele podia me judiava.</p> <p>Quando estava em Santa Maria do Butiá, foi feita Igreja nova, a velha</p>		<p>vir mais. A última prova era sexta-feira e daí tinha que escolher uma aula e apresentar pra eles.</p> <p>Daí ele colocou pra cada um as perguntas no quadro. Eu me lembro da pedagogia porque aquele era o meu dodói, o resto eu conseguia. A pedagogia que era o pior, aí eu sei que eu tinha lido mais ou menos lido aquele livro, mas eu tinha a base, eu já ficava, a irmã lá no colégio tinha que sair e ela pedia pra eu ficar. Eu adorava ensinar.</p> <p>Na sexta-feira eu fiz a pedagogia, fui passando e sábado de manhã eu tinha que apresentar. Aquilo demorava porque tinha que ser na salinha de aula. Eu fiquei pra turma de sábado de manhã, eu escolhi 2º ano, português. Antes fui lá na minha prima, ela era formada, eu pedi para ela programar uma aula por escrito, uma aula que preenchesse o tempo. Colei aquilo, e tinha que</p>		<p>outros naquele dia e não a minha. Eu me encontrava com ele no centro de Novo</p> <p>Hamburgo, ele atravessa a rua e vinha me apertar a mão. Sabia que aquilo não era amizade, dizia pro meus colegas, e a gente estava seguido em seminários e vinha ele me apertar a mão e não apertava a mão dos outros, e eu dizia, isso aí não era amizade. E ele chamou os diretores todos de Lomba Grande, e sentamos todos na mesa, uma mesa cumprida. Nós éramos no número de treze, sentou ele numa ponta e eu noutra ponta. Diz ele, não, mas eu tinha levado tudo por escrito, porque eu não sei me expressar, eu me expressei melhor por escrito. E ele foi, já saiu gritando de começo. Porque</p>			
--	---	--	--	--	--	--	--	--

	<p>estava muito ruim, derrubaram a velha. E foram fazer onde as missas dele? Dentro da minha sala de aula, no horário da minha, do meu, o que é que eu ia fazer? E o subprefeito tudo acoplado com o padre.Höelthbau, este era o subprefeito daquele tempo. Lógico o padre manipulava o subprefeito porque ele tinha o hospital, então tudo o que podia fazer. E eu tinha que assumir a escolinha, eu enchia de gente, eu tinha que chamar o povo, não quero me gabar como dia o outro, mas sem humildade eu trazia o povo pra dentro da Igreja.</p> <p>Fui pedir um armário para guardar as minhas coisas. Escrevi para a Orientadora daquela época, ela trabalhava em Novo Hamburgo. Iracema Grin, era funcionaria nova na prefeitura. Vocês decerto sabem que as missas são realizadas dentro da minha sala de aula e eu não quero que alguém mexa nos livros e pedi então um armário. (Assovia, só não fui pra rua porque rabo não tinha pra puxar). O padre começou a baixar o pau, eu disse, esse padre está falando pra mim, deixa a falar, eu só escutando. Quando o sino terminou</p>		<p>saber a aula toda de cor. Lembro que tinha um livrinho e eu copiei a história, interpretação e parti para os exercícios. Como eles deixaram eu fazer eu vi que eu não tinha rodado, mas foi assim raspando, 56 eu tinha tirado, se fosse a baixo de 50 tinha rodado. Tirei o 34º lugar e se eu fosse esperar por esse lugar, ai eu tinha que esperar bastante tempo. Mas aí de novo entrou o seu Mário Pereira.</p> <p>E ele ajeitou esta parte pra esta Hélia Pereira ficar dando aula perto da mãe dela e eu que tava morando aqui, dava aula aqui, daí eu comecei dia 10 de julho de 58.</p> <p>As normalistas, cada um ganhou uma três ou quatro folhas pra escrever a vontade. Dei uma espiadinha, assim que eu sabia que tinha normal, “ta, ta, ta, ta, ta”, já tinham enchido uma folha. Pensei, vou copiar as cinco perguntas,</p>			<p>eu tinha feito isto. Ele foi e garrou meio gritando já, e passei o papel pela mesa, e disse, professor leia isto. E ele respondeu, eu não leio isto. Então leio eu, e comecei a ler. Esse homem ficou tão brabo, tão brabo, que berrou e bateu assim na mesa (mostra com as mãos, reproduz o gesto) para de falar. (risos) tu pára e disse, vai tu pra rua ou eu. Ai eu sabia, né que eu ia. Sai da reunião e disse pro Paulo, eu vou na prefeitura. Eu tinha outro amigo que era chefe de gabinete, o Álvaro Santos, político velho, ele era aqui do Morro dos Bois. E eu cheguei lá e contei pro Álvaro aí o Álvaro disse, Sérgio, não te preocupa, tu conhece o homem.</p> <p>Eu fui graças a</p>				
--	--	--	---	--	--	---	--	--	--	--

	<p>a missa, o pessoal não ia logo embora e ficava as comadres conversando com os compadres. A Cecília Fisch, professora aposentada, disse Gersy, o que é que o padre tem contra ti, tudo que ele falou olhava tez assim pra ti, pro lado que eu estava sentada. Então, mexeu no abelheiro. De tarde a petição teve que vir pra Lomba Grande, eu queria botar em pratos limpos com o subprefeito, meu consogro. Estava em ponto de bala, naquele dia teria dito tudo que queria. Mas você me atendeu? Você teve medo de enfrentar a Gersy. Vim embora porque estava anoitecendo mas a coisa não ficou assim, porque lá entre eles houve alguma coisa, enfim o meu armário veio, pude guardar os livros e continuei do mesmo modo.</p> <p>Depois (da missa) pegava as crianças e trazia de novo pro salão. A Gersy pagava as cucas pras crianças comerem e a Ilse arrumava, pra não ir pra casa de barriguinha vazia. Porque naquele tempo quem comungava tinha que estar desde a meia noite em jejum, sem beber nada, era um sacrifício. Então a Gersy dava um cafezinho</p>		<p>vai que ele me apague aquilo ali. (risos) Numerei e comecei a responder. Fiz tudo que eu pensei que eu tinha que fazer mais baseado na minha prática do que realmente o que eu li no livro. Alguma coisa que me lembrava do livro botava de relacionava com a própria prática, assim parecia que eu já tinha dado aula à vida toda.</p>			<p>Deus, eu entrei Diretor e sai Diretor, uma pessoa honesta dentro da escola, séria. Todo o meu período de escola. Quando doei este terreno ali para construir o colégio, eu briguei com o capataz, ele tava deixando coisa pra trás, e eu sabia depois que ia arrebentar em cima de mim. Trocava reator, eu arrumava banheiro, escrevi um ofício criticando como mandavam gente pra fiscalizar que sabiam menos do que eu. Pedia uma arrumação, os caras chegavam aqui, eu via que os caras não sabiam, eu ia em casa e pegava as ferramentas e ia lá arrumar.</p>				
--	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--

	<p>Lia tudo e escrevia também. Ele (pai) tinha uma coleção de livros em alemão, cheio de historinhas. Ainda gosto de sonhar, gosto de sonhar um pouco, quer ver a Gersy feliz é ler sobre condes, duques, príncipes e princesas. Quando casei nós fomos morara no sítio e quando ia buscar mensalmente o nosso dinheiro eu comprava dois livros pra mim, dois livros pra Sueli e dois livros pra D. Olga Becker e dois livros para Helena Becker. Começa a ler e passava pra Sueli, a Helena passava pra outra, cada uma ficava com dois livros por mês.</p> <p>A Gersy tanto fez até que nós ganhamos a primeira merenda escolar. Foi a D. Elmi Dill que fez. E todos os dias vinha um balde, nós conseguimos fazer uma reunião e conseguimos comprar canequinhas, pra eles tomarem o leite. As crianças tinham fome, tanto nós falamos que conseguimos a D. Elmi como merendeira. Mas nós queríamos um fogão, pra fazer dentro da escola. O que fizeram as duas loucas, não sei qual foi o “bichão” que morreu das fábricas de fogões. Nós fomos a Porto</p>									
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

<p>Alegre, a Eni e a Gersy pedir fogão, aí tinha morrido um, esses dias eu tava me lembrando o nome desta pessoa. Então este estava fechado, e nos chegamos pelo menos a entrar, mas não adiantou. Mas adiantou pra prefeitura, porque a prefeitura nós mandou primeiro um fogãozinho pequeninho, quer dizer adiantou nós fazer este serviço.</p> <p>Nós conseguimos, fogão, louça. Nós fazíamos chás e com isso nós arrumamos dinheiro pras canequinhas, dinheiro para pratos, talheres, chaleiras e panelas pra fazer sopas. Fazíamos cada sopão. Ah e era bom. Porque nós tínhamos crianças, primeiro a Gersy e a Eni comprova toda semana pão de casa, dois pães eu levava tal dia e cortávamos em fatias. Nunca me esqueço, um menino me olhando assim, pro pão, eu sabia que a coisa em casa tava feia, que ele tinha fome, como é que vou dar um pão pra ti, se ali adiante está o Joazinho querendo também o pãozinho, ele não precisava, tu precisava, mas eu não podia dar pra ti, porque se o Joazinho reclamava então eu não podia dar,</p>									
---	--	--	--	--	--	--	--	--	--

	ela foi.									
Gestão			No início não tinha este nome, era “Regente”. Regente é a gente ta fazendo alguma coisa. Está cuidando de alguma coisa que alguém está mandando.			Eu trabalhava manhã e tarde e fazia planejamento a noite. Naquela época tinham mais papéis. E ficava até duas, três horas da madrugada preenchendo papel.	Em final de semana vinham, eram quilos de documentos, eu tinha que ler tudo, responder e eu já tinha que entregar na segunda-feira.	E a tarde fazia parte da Direção, eu não sabia como fazer pra encher meu tempo, era pouca coisa da Direção pra fazer. -----	O primeiro ano que a D. Arlete entrou aqui, ela disse Márcia tu faz o trabalho de direção, eu ajudava ela. Todos os trabalhos de direção, os pais chegavam e eu sempre ia na frente das coisas com ela.	
Condições Físicas (Espaço)	Quando chovia, o arroio saia para fora do leito, tinha uma bacia na terra e aquilo enchia de água. Eu ia com a pitiça velha, de charrete e levava uma hora. E sentava em cima da charrete. A minha charrete era muito boa no cômodo parecia um auto. E a tal da pitiça só faltava falar. Passei muito trabalho nesta estradinha. Levava tábuas pra pitiça, ela via água e assustava-se.	Quando eu casei, nós fomos morar em Porto Palmeira, em Sapiranga. Eu vinha à cavalo todos os dias pra dar aula aqui. Eu morava do outro lado do rio, eu passava o rio de caico, os meninos já tinham o meu cavalinho pronto. Em época de enchente, a gente passava acorada em cima do cavalo. Atravessava, pegava o animal e vinha pra escola. Era pertinho do rio a casa onde eu morava, só passava ali e pegava o animal e já ia pra escola. Eu tive pensando, no início da minha trajetória no São Jacó, daqui pra lá, tinha uma época que eu abria 13 cancelas, mas aprendi tão bem a abrir as cancelas que nem descia do cavalo. Não, era	Era tudo um dia só. Se precisasse receber pagamento, ir à reunião, no dentista era tudo numa vez só. Para levar aquele material, se tivesse reunião, já tava marcada de antes, a gente saia de manhã e voltava de noite aqui. A pé, ia de charrete até a Lomba Grande, muitas vezes saia as 04h30min da manhã. E aí a gente tinha também cursos, geralmente os cursos eram lá em Novo Hamburgo, de três a quatro dias por semana, e depois começou a ser na Lomba Grande mesmo. Eles viram que era mais fácil vim gente de lá pra		A distância era muito grande, eram 6 km à pé, para caminhar, às vezes sem amiguinho, sem ninguém, onde encontrava bastante dificuldade na estrada, pra uma criança de 7 anos.			Não tinha ônibus, quando muito charrete, cavalo, muitos vinham à cavalo pra escola porque era muito longe.	Eu tinha que ir para reunião e naquela época tinha que pegar carona. Se o pai não tinha reunião junto comigo, eu tinha que pegar carona de alguém pra ir, eu tinha de dar um jeito de chegar à reunião.	

		<p>estrada de carreta. Isso é uma coisa lá do início da minha vida no magistério. Uma hora e meia mais ou menos. Só que eu ficava a semana, parava em casa de família. Eu não vinha na semana, só no final de semana. Primeiro, na casa do falecido Jacó Thiesen, a escola era dentro da própria casa, depois ele faleceu, aí eu fui parar na casa do Adolfo Stumpf.</p>	<p>aplicar do que ir todo mundo ir daqui nesta distância.</p>						
<p>Instituições escolares</p>	<p>O edifício é hoje o salão paroquial da comunidade católica, o salão de festas.</p> <p>E eu fui parar no jardim da Infância Dr. Getúlio Vargas, era no mesmo edifício, só numa sala. Tinha quatro mesinhas larguinhas e em cada seis cadeirinhas ali eu era A GRANDE SENHORA. Tinha um quadro grande que foi para a Humberto de Campos.</p> <p>Este nome foi escolhido pela mamãe. Humberto de Campos s era um ótimo escritor e naquele tempo o Correio do Povo eram aquelas folhas grandes. E aí Gercy é pra ti escolher um nome e então escolhe esse nome.</p>	<p>O prédio da escola era mesmo ali em baixo, mas quando eu vim mesmo trabalhar tinha uma casinha na frente do Conceição, eles moravam ali, eu trabalhei ali uns dias. É que a tia tinha, não sei que tinha acontecido, eles passaram a escola pra perto da casa deles, uma casinha que tinha em frente a casa deles. Depois foi fechada, eles foram embora e aí passaram a escola pra antiga, prédio que era um chalé. Quando vim de lá (da Humberto) eu vim trabalhar ali, depois doei este terreno aqui pra prefeitura e começaram a</p>	<p>Começou na casa velha ali, mas eu sei que quando eu vim ela (Hélia) estava dando, defronte a capelinha, ali tinha um prediozinho que era a escola.</p> <p>(Na Humberto de Campos) Quem começou foi a Gercy. Foi na casa do vó Jacob, aí a Hélia Pereira continuou um tempo. Até dentro da Igreja funcionou um tempo, lá na outra antiga</p>	<p>Em 1955, aqui na capela, eu comecei a dar aula porque o salão não estava pronto ainda. O João Aldemar Allgayer era meu cunhado ele tinha uma irmã que tava lecionando nesta Bento Gonçalves lá do baixo. Então os pais pagavam e tinha uma pessoa Rosa Maria foi que deu aula primeiro. Ela tinha mais sabedoria e mais daí fizeram assim uma aula, própria e os</p>	<p>Era numa envernizaria, uma casa que servia de barzinho. Eram classes que serviam 8 alunos, não tinha espaço aos lados para passar, na frente só o quadro e a minha mesinha. As crianças de manhã já iam abrindo e preparando. Quando tinha dois turnos, eu almoçava na mesinha da sala, esquentava meu almoço, numa espreiteira e depois varria e entrava outra turma. A minha viagem levava</p>	<p>Tu quer saber como começou a escola. Existia uma escola anterior aqui, particular, de um tal de Manequim Inácio. Como esta pessoa não era muito bem quisto, se envolveu em muitos casos de namoro, com pessoas daqui. A minha mãe veio pra cá, quando eles vieram morar aqui, recém tinham casados, vieram pra colocar o armazém, por causa do cemitério e chegava dia 1 e</p>	<p>A Lúcia morava aqui com a minha outra irmã minha. Até que abriu a vaga. Eu ajudei a construir esta escola aqui, essa casa ali que foi a escola. Ela fez uma sala grande pra puxar um aluguel pra eles. Mas daí não tinha as coisas adequadas, como tinha que ser, o gabarito, o banheiro e tudo. O terreno da escola foi doada pela Lúcia Plentz</p>		<p>Quando eu cheguei aqui, o que me surpreendeu na escola, foram os recursos que a escola tinha. Uma escola tão pequena e com a quantidade de materiais que ela tinha. De um lápis a uma impressora multifuncional, até computador, eu não imaginava que esta escola, que eu estudei, estivesse tão bem, como naquela época, que naquela época não tinha recursos, o máximo que se tinha era um mimeógrafo caindo aos pedaços, que funcionava às vezes, na base do apertão.</p>

		construir.		próprios pais pagavam esta professora. É surgiu ali e depois trouxeram para cima. A primeira professora daquele colégio, era casa particular, era Maria Marques Petry, ela é esposa do Leopoldo Petry, ela dava aula aqui em baixo. E era na casa dela. A escola era da Mariquinha (Maria Schapp) Moelecker (casada com Moelecker). Essa então, depois que foi embora, ela pegou a dar aula aqui, ela deu muitos anos aula ali.	duas horas pela manhã e duas pela tarde, o cavalo não agüentava, eram muitos quilômetros.	2 de novembro, finados, vinha centenas de pessoas aqui, às vezes, era festa, ficavam bebendo, comendo, gastando no armazém. Era só ela. E era o município que pagava. No começo era São Leopoldo. E depois em 1940, Novo Hamburgo, anexo a Lomba Grande.				
Merenda escolar			Eu me lembro que em 66 começou a merenda na escola, lá na casa velha, e tinha merendeira que era a Dolores, ela que me acompanhou.							
Relação prof/aluno	Sei que a gente deu aula e as crianças gostaram. Cheguei faz um bom tempo nos Atiradores, disse uma, a senhora	Naquele tempo o aluno era aluno, era muito bom, as crianças, os pais também cooperavam muito. Eu acho que					Eu recebia os 12 alunos da Casa Lar aqui da Lomba Grande, ninguém mais			

	<p>não se lembra de mim? Eu disse sei de que família tu és, mas quem tu és eu não sei. Ela deu uma risadinha, a senhora não lembra, que eu chegava chorando de dor nas minhas perninhas e a senhora botava eu sentada na mesa e ia fazer massagem.</p> <p>Nas salas de aula da Castro Alves começamos os nossos bailecos, e todo mundo dançando naquelas salinhas. E peguei um aluno e fui dançar com ele. Como foi bonito (risos e emoção) o pessoal aplaudiu, que eu dancei com o meu aluninho. Depois ele até me incomodou bastante, (risos), mas eu sempre gostei dos meus alunos</p>	<p>hoje em dia o aluno está com muita liberdade.</p> <p>----</p> <p>Neste tempo de trabalho em São Jacó, eu tinha um aluno dois anos mais moço do que eu. Não vou citar nome, mas ele era escurinho, muito brabo, ele dizia assim, agora eu não quero, não vou, batia pé. Eu sem experiência, com dezesseis anos e o menino dois anos menor do que eu. Quando eu via, batia o pé, deixava ele quieto, quando ele tinha se acalmado, ia lá e falava com ele, coitadinho já faleceu.</p>				<p>queria recebê-los e eu tinha que ampará-los. (...) Eram alunos que eram juntados da rua e vinham para Lomba Grande, ficavam internados. Eles iam para todos colégios, mas os mais rebeldes eram tocados pra mim.</p> <p>O professor, tem horas, assim que é surpreendido com certas coisas, agradecimento dos ex-alunos. (PAUSA)</p>			
Representação do homem rural			<p>A gente vivia na zona rural, dependia da roça. O dinheiro, tudo vinha da roça, da horta, tinha gado também, aí assim que eu me lembro.</p> <p>Eu tive que repetir o 5^a ano. Pediram que eu repetisse porque tinha o tal exame de admissão, que era terrível. Repeti um ano o 5^o Ano e depois eu fui pra 1^a série do Ginásial, eram</p>	<p>Aqui (Taimbé) todo mundo era analfabeto, ninguém sabia nada, e aí surgiu a professora.</p>	<p>A gente já tinha que ajudar na agricultura, de manhã, estudava, tinha que ir para casa, levava uma hora, almoçava, tinha um almoço reservado e já tinha que acompanhar os pais na roça, onde as vezes era bem longe, de carreta, a gente ia, pra ajudar na</p>	<p>Não estudavam, às vezes, iam até a 3^a e 4^a série</p>	<p>Naquele tempo tinha bastante. A escola rural veio aí duns vinte, vinte e poucos anos pra cá. Nesse contorno, depois, perto da minha irmã se aposentar, mas tava num número bem reduzido, devido êxodo rural. Pessoal foi saindo pra cidade achando que ia melhorar, muitos</p>	<p>Quantas vezes nos se arrumava toda bonita, porque a gente não saia assim (uma vez ou outra – faz o gesto) quando o pai ia receber pra nós era uma festa. Sabe por que? Porque naquele dia nos íamos junto passear, nós almoçávamos fora, então era o dia que nós saíamos de casa quando nós éramos crianças. Pra nós era um sonho aquilo, o dia</p>	<p>Nunca tive dificuldade de relacionamento, não é porque era uma menina do interior que era comunicável, sempre consegui me comunicar com qualquer um da cidade.</p> <p>Naquela época ele era professore e diretor da escola. E ela (Lurdes Cecília Becker) atendia os alunos de 3^a e 4^a série e de 5^o, acho que naquela época</p>

		<p>quatro anos, mas aí eu só fiz a 1ª série.</p> <p>Quando tinha que fazer uma plantação a gente fazia mutirão, era 'pichuru', a turma toda ia ajudar.</p> <p>Ai eu fiquei em casa até os 13. Uma amiga minha foi trabalhar no São José e a gente se dava bem, eu queria também ir trabalhar lá. E o pai disse, mas capaz, tem tanto trabalho em casa e tu quer ir trabalhar lá. Fui trabalhar no Colégio, trabalho duro. E me interessei, achei muito bonito o ambiente das irmãs. Pensei em ficar freira também, uma religiosa. Mas daí não ia ser assim trabalhar e ganhar, o pai teria que dar roupa de cama e tudo que eu precisasse, eu ia trabalhar apenas pela casa.</p> <p>Quando eu fui pra trabalhar trabalhava na copa. Esses três anos foram de base, por dois motivos, uma que</p>	<p>plantação, e também eles incentivavam e ensinavam na horta, e em casa a gente tinha que providenciar a água pra cozinha e lenha pro fogão, que a gente morava era bem colônia, bem no interior. Depois que eu sai da escola, vai trabalhar, mas não se pensava em trabalho fora, era trabalho em casa, junto com os pais. E aí com 12 anos eu sai.</p>	<p>melhoraram outros pioraram. (...) Não tinha uma política pra turma ficar aí na, na colônia.</p> <p>-----</p> <p>Complementar eu passei, mas admissão, eu rodei. Era muito puxado. É que aqui eles ensinavam uma coisa e lá, nas outras escolas, sei lá, "como era abrangente" ensinava as coisas que eu não tinha conhecimento, aí eu tive que repetir, no segundo ano eu passei bem.</p> <p>---</p> <p>Tereza foi servente na época, que a servente não ganhava remuneração, lá no Salão.</p> <p>---</p> <p>Eles achavam que era do interior, era grosso, mas no fim eles acabavam reconhecendo. Hoje já terminou isso aí.</p>	<p>do pai receber era uma maravilha. A gente ganhava uma muda de roupa por ano, um par de calçado por ano no Natal. A gente ganhava o que a gente podia.</p>	<p>sempre tinha um ou outro aluno de 5º. Antes disso não precisava, eles tinham a concepção de que não precisava. Estudar pra quê, se vai carpir, trabalhar na roça, então poucos alunos iam até a 5ª série.</p>
--	--	--	---	--	--	--

			a gente aprendeu muitas coisa de conviver, o horário e também porque o período da adolescência, que é a pior fase pra gente estar fora.						
Civismo	<p>“ Na Castro Alves teve um coral. Lembro a música que nós cantávamos: ‘Nós somos da Pátria Guarda. Nós somos também guerreiras, da pátria escrava’”.</p> <p>Eu tinha o meu Jardim da Infância, e eles cantavam o Hino Nacional todinho de fio a pavio. Quando o grupo fazia uma festa o jardim fazia parte. Ai depois a mamãe me contou, Gersy, tu nem sabe como eu fiquei faceira, como eu fiquei orgulhosa, porque eu cantando o Hino Nacional quando foi passado da primeira pra segunda estrofe, com as minhas crianças, o grupo embatucou e quase pararam o Hino Nacional junto com o professor de música. E o meu jardim cantando o Hino Nacional, isso até hoje, eu sinto uma alegria quando eu lembro da minha mãe me contando, da satisfação dela, e o povo notou.</p>				<p>A gente ouvia falar na guerra. O que meu pai falava era dos instrumentos, que não vinham mais da Europa. Ai depois que terminou a guerra, a gente fazia o V da vitória e daí a gente fez uma campanha de pneus e de garrafas, objetos de borracha.</p>	<p>O civismo está apegado a religião. Eu pregava na aula de religião civismo também.</p>			

APÊNDICE C - Proposta de questões para roteiro das entrevistas semi-estruturadas

NOME:

DATA DE NASCIMENTO:

LOCAL:

PROFISSÕES ANTERIORES AO MAGISTÉRIO:

DATA DA ENTREVISTA:

- 1) Conte um pouco sobre sua infância e como foram os primeiros momentos de aprendizagem?
- 2) Quando você entrou na escola? Como eram as aulas? Os professores? Que brincadeiras faziam?
- 3) Quando você descobriu que seria professor?
- 4) Quando ocorreu seu encontro com o Magistério? Como foram estes primeiros tempos? Em que lugar isso aconteceu?
- 5) De que maneira as suas aulas aconteciam? Que atividades costuma realizar? Como sua prática era estruturada?
- 6) Como era ser professor em classes multisseriadas?
- 7) Existe alguma revista, jornal ou material pedagógico que orientava a sua prática em sala de aula?
- 8) Como foi sua formação docente?
- 9) Quem foi sua inspiração para a atuação docente?
- 10) Como era a ingerência da municipalidade com relação a estruturação das escolas, das condições físicas e profissionais para o desempenho docente no espaço rural?

ANEXO A – Decreto Nº 43 de 02/06/1951. Denomina escolas do 3º distrito (Lomba Grande)



PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO

DECRETO Nº 43

Denomina diversas unidades escolares
do 3º distrito- Lomba Grande.

O PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, no uso das atribuições que lhe são conferidas em Lei,

Decreta :

Art. 1º - São denominadas "Escola Municipal Duque de Caxias" a unidade escolar localizada na estrada que parte da sede de Lomba Grande à localidade de Sta. Maria do Butiá; "Escola Municipal Expedicionário João Moreira", a unidade escolar situada na localidade de Sta. Maria do Butiá; e "Escola Municipal Humberto de Campos", a unidade escolar localizada em São João do Deserto. Todas estas unidades estão localizadas no terceiro distrito - Lomba Grande.

Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito Municipal de Novo Hamburgo, aos doze (12) dias do mês de Junho do ano de mil e novecentos e cinquenta e um (1951).

Carlos Armando Koch

Prefeito

Registre-se e publique-se

Secretário

ANEXO B – Lei Municipal Nº 16/52 – Acordo – Plano de Construção- Escola Rural



PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO

LEI MUNICIPAL Nº 16/52

Autoriza a assinatura de Termo de Acôrdo com a Secretaria de Educação e Cultura.

O Prefeito Municipal de Novo Hamburgo :

Faço saber que o Poder Legislativo decretou e eu sanciono a seguinte Lei :

Art. 1º - É o Prefeito Municipal autorizado a assinar com a Secretaria de Educação e Cultura o Termo de Acôrdo para execução do plano de construção de Escolas Rurais.

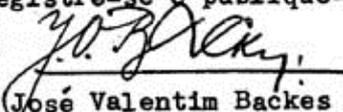
Parágrafo único - O Termo cuja minuta vai anexa fará parte integrante da presente Lei.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito Municipal de Novo Hamburgo, aos cinco (5) dias do mês de junho do ano de mil novecentos e cinqüenta e dois (1952).-


Plínio Arlindo de Moura
Prefeito

Registre-se e publique-se


José Valentim Backes

Secretário



PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO

C Ó P I A

"TERMO DE ACÔRDO ESPECIAL CELEBRADO ENTRE A SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA E A - PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, - PARA EXECUÇÃO DO PLANO DE CONSTRUÇÃO DE ESCOLAS RURAIS.

Aos cinco dias do mês de junho do ano de mil novecentos e cinquenta e dois, no Gabinete do Secretário de Educação e Cultura, presentes o respectivo titular - Dr. JÚLIO MARINO DE CARVALHO, e o Sr. PLÍNIO ARINDO DE MOURA, Prefeito do Município de Novo Hamburgo, foi firmado o presente termo de acôrdo Especial para execução, naquele Município, do plano de construção de prédios escolares rurais, mediante as seguintes cláusulas e condições :

CLÁUSULA PRIMEIRA

A Secretaria de Educação e Cultura contemplará, no ano de 1952, o Município de Novo Hamburgo, com uma (1) escola rural, cuja construção será atendida por verba posta à disposição da Prefeitura Municipal, - uma parte através de agência de Banco local, outra por intermédio da Exatôria estadual.

CLÁUSULA SEGUNDA

A construção a ser executada não poderá ultrapassar o valor constante do orçamento apresentado discriminadamente pela Prefeitura Municipal e aprovado pelo Secretário de Educação e Cultura. O excedente correrá por conta do Município, que deverá atendê-lo com recursos próprios.

CLÁUSULA TERCEIRA

A verba mencionada na cláusula primeira será distribuída em parcelas, sendo a primeira logo após a aprovação do orçamento e as demais à medida que ^{for} apresentada a prestação de contas das importâncias já recebidas. A prestação de contas far-se-á mensalmente.

CLÁUSULA QUARTA

Os recursos financeiros postos pela Secretaria de Educação e Cultura à disposição da Prefeitura Municipal, para os fins indicados na cláusula primeira, escriturar-se-ão em conta especial. As despesas não poderão ser realizadas senão mediante prévia autorização do Prefeito Municipal, dada por escrito.

continua



PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO

- 2 -

Parágrafo único - Os comprovantes das despesas devidamente autorizadas extrair-se-ão em três vias, quando recebida a verba através de agência bancária, e em quatro vias, se por intermédio da Exatoria estadual. À Superintendencia do Ensino Rural serão remetidas duas vias no primeiro caso e uma, no segundo.

CLÁUSULA QUINTA

As escolas rurais deverão ser construídas em terreno, doado pelo Município ou por particulares, e com área mínima de 40.000 m², satisfeitas as condições técnico-agrícolas e pedagógicas conforme as instruções expedidas pela Superintendencia do Ensino Rural.

CLÁUSULA SEXTA

A Prefeitura Municipal compromete-se a observar rigorosamente as plantas, especificações e instruções emanadas da Secretaria de Educação e Cultura. Depois de localizada a construção, qualquer mudança deverá ser precedida do parecer da Superintendencia do Ensino Rural.

Parágrafo único - Se a população, atual ou futura, exceder a capacidade de uma sala de aula, o Município obriga-se a construir outra, contígua à escola rural e do mesmo material nesta empregado.

CLÁUSULA SÉTIMA

Os trabalhos de construção terão início dentro do prazo de trinta (30) dias, contados do recebimento da primeira parcela, sob pena de perder o Município o direito às parcelas restantes e de ficar obrigado a restituir o que tiver recebido.

CLÁUSULA OITAVA

É vedado ao Município abrir qualquer unidade escolar no raio de ação da escola rural.

CLÁUSULA NONA

A Prefeitura Municipal assume a obrigação de entregar o terreno herdado, conservar o aramado e o prédio construído, mantendo este em condições de regular funcionamento.

CLÁUSULA DÉCIMA

As escolas rurais construídas serão patrimônio do Estado e a ele compete providenciar na sua instalação e funcionamento, designando os professores rurais. Aos prédios das escolas rurais não se dará outra destina-

continua



PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO

- 3 -

destinação que a de servir o ensino e a assistência médico-escolar.

CLÁUSULA DÉCIMA PRIMEIRA

O Município compromete-se a facilitar por todos os meios possíveis, inclusive o transporte, os trabalhos de fiscalização das obras e orientação escolar, que venham a ser executados pela Secretaria de Educação e Cultura.

CLÁUSULA DÉCIMA SEGUNDA

O Município obriga-se a afixar, durante o período das obras da escola rural, em local bem visível, uma placa com os seguintes dizeres em caracteres bem legíveis: "Esta escola está sendo construída com recursos - fornecidos pelo Governo Federal, completados pelo Governo do Estado, e a cooperação municipal".

CLÁUSULA DÉCIMA TERCEIRA

Nenhuma escola rural poderá ser inaugurada ou receber denominação sem prévia autorização do Secretário de Educação e Cultura.

CLÁUSULA DÉCIMA QUARTA

O não cumprimento das disposições do presente Acôrdio importará para o Município na obrigação de repôr as parcelas recebidas. A Secretaria de Educação e Cultura poderá redistribuir as importâncias repostas a outros Municípios, que observarem as obrigações acordadas.

CLÁUSULA DÉCIMA QUINTA

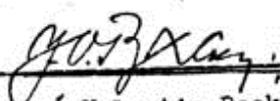
O Município assume, em relação aos prédios de escolas e grupos escolares rurais já construídos, obrigações idênticas às constantes do presente Acôrdio, no que lhes fôr aplicável.

Pôrto Alegre, 5 de junho de 1952

Ass.-Dr. Júlio Marino de Carvalho
Secretário de Educação e Cultura

Ass.- Plínio Arlindo de Moura
Prefeito Municipal de Novo Hamburgo".

Confere com o original: _____


José Valentim Backes

Secretário

ANEXO C- Termo de consentimento de pesquisa informado

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Hélia Koetz
 brasileiro(a) Viúva (situação matrimonial), professor aposentado, CPF nº _____
 ou carteira de identidade nº 5041432575, emitida
 pelo _____, domiciliado e residente em NOVO HAMBURGO na
 rua Estrada Afonso Streck, nº 8305, bairro _____, declaro ceder a plena propriedade e os direitos autorais do
 depoimento, de caráter histórico e documental, concedido ao acadêmico José Edimar de
 Souza, para a pesquisa Constituir-se professor(a) em escolas rurais em Lomba
 Grande/Novo Hamburgo-RS (1942/2009).

Estou ciente que os dados coletados serão utilizados com finalidade de pesquisa,
 respeitando todos os preceitos da ética. Os dados coletados somente serão utilizados
 para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas
 especializadas e/ou em encontros científicos e congressos.

O acadêmico José Edimar de Souza fica conseqüentemente autorizado a utilizar,
 divulgar e publicar para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte,
 editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso para fins idênticos, com a única
 ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Novo Hamburgo, 11 de 11 de 2010.

Hélia Koetz

Nome do entrevistado

Autorizo a usar meu nome sim () não
 Autorizo o uso de minha imagem sim () não

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Sérgio José Scherer, brasileiro(a), Casado (situação matrimonial), professor aposentado, CPF nº 019 324 200 70 ou carteira de identidade nº _____, emitida pelo SSP, domiciliado e residente em NOVO HAMBURGO na rua Estrada Carlos Arthur Scherer, nº 5403, bairro Lomba Grande declaro ceder a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento, de caráter histórico e documental, concedida ao acadêmico José Edimar de Souza, para a pesquisa Constituir-se professor(a) em escolas rurais em Lomba Grande/Novo Hamburgo-RS (1942/2009).

Estou ciente que os dados coletados serão utilizados com finalidade de pesquisa, respeitando todos os preceitos da ética. Os dados coletados somente serão utilizados para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos.

O acadêmico José Edimar de Souza fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Novo Hamburgo, 11 de 11 de 2010.

Sérgio José Scherer

Nome do entrevistado

Autorizo a usar meu nome sim () não
 Autorizo o uso de minha imagem sim () não

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Márcia S Nunes,
brasileiro(a), Casada (situação matrimonial), professor aposentado, CPF nº
255.222.640.046 ou carteira de identidade nº 4016116263, emitida
pelo SSP, domiciliado e residente em NOVO HAMBURGO na
rua Estrada Carlos Arthur Schaefer, nº 6403, bairro
Lomba Grande, declaro ceder a plena propriedade e os direitos autorais do
depoimento, de caráter histórico e documental, concedido ao acadêmico José Edimar de
Souza, para a pesquisa Constituir-se professor(a) em escolas rurais em Lomba
Grande/Novo Hamburgo-RS (1942/2009).

Estou ciente que os dados coletados serão utilizados com finalidade de pesquisa,
respeitando todos os preceitos da ética. Os dados coletados somente serão utilizados
para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas
especializadas e/ou em encontros científicos e congressos.

O acadêmico José Edimar de Souza fica consequentemente autorizado a utilizar,
divulgar e publicar para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte,
editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso para fins idênticos, com a única
ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Novo Hamburgo, 11^o de 11 de 2010.

Obs.: Professora em atividade

Márcia S Nunes

Nome do entrevistado

Autorizo a usar meu nome sim () não
Autorizo o uso de minha imagem sim () não

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Cláudia Establieck Pank de Mello brasileiro(a), casada (situação matrimonial), professor aposentado, CPF nº 66732138030 ou carteira de identidade nº 5060387291, emitida pelo 597, domiciliado e residente em NOVO HAMBURGO na rua estrada do Iambi, nº 5170, bairro Lomba Grande, declaro ceder a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental, concedida ao acadêmico José Edimar de Souza, para a pesquisa Constituir-se professor(a) em escolas rurais em Lomba Grande/Novo Hamburgo-RS (1942/2009).

Estou ciente que os dados coletados serão utilizados com finalidade de pesquisa, respeitando todos os preceitos da ética. Os dados coletados somente serão utilizados para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos.

O acadêmico José Edimar de Souza fica conseqüentemente autorizado a utilizar, editar ou não, bem como permitir a terceiros o acesso para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

CEO - professora na ativa

Novo Hamburgo, L. de 11. de 2010.

Cláudia Establieck Pank de Mello

Nome do entrevistado

Autorizo a usar meu nome sim () não

Autorizo o uso de minha imagem sim () não

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Élia Maria Thiesen, brasileiro(a), viúva (situação matrimonial), professor aposentado, CPF nº _____ ou carteira de identidade nº 2077663495, emitida pelo SSP/RS domiciliado e residente em NOVO HAMBURGO na rua Estrada São Jacó, nº 4800, bairro Lomba Grande, declaro ceder a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento, de caráter histórico e documental, concedida ao acadêmico José Edimar de Souza, para a pesquisa Constituir-se professor(a) em escolas rurais em Lomba Grande/Novo Hamburgo-RS (1942/2009).

Estou ciente que os dados coletados serão utilizados com finalidade de pesquisa, respeitando todos os preceitos da ética. Os dados coletados somente serão utilizados para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos.

O acadêmico José Edimar de Souza fica consequentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Novo Hamburgo, 11 de 10 de 2010.

Élia Maria Thiesen

Nome do entrevistado

Autorizo a usar meu nome sim () não

Autorizo o uso de minha imagem sim () não

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Arlete Timm
 brasileiro(a), divorciada (situação matrimonial), professor aposentado, CPF nº
 ou carteira de identidade nº 5023527848, emitida
 pelo SSP, domiciliado e residente em NOVO HAMBURGO na
 rua Afonso Strak, nº 136, bairro
Lomba Grande, declaro ceder a plena propriedade e os direitos autorais do
 depoimento, de caráter histórico e documental, concedida ao acadêmico José Edimar de
 Souza, para a pesquisa Constituir-se professor(a) em escolas rurais em Lomba
 Grande/Novo Hamburgo-RS (1942/2009).

Estou ciente que os dados coletados serão utilizados com finalidade de pesquisa,
 respeitando todos os preceitos da ética. Os dados coletados somente serão utilizados
 para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas
 especializadas e/ou em encontros científicos e congressos.

O acadêmico José Edimar de Souza fica conseqüentemente autorizado a utilizar,
 divulgar e publicar para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte,
 editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso para fins idênticos, com a única
 ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Novo Hamburgo, 1º de 11 de 2010.

Arlete Timm

Nome do entrevistado

Autorizo a usar meu nome sim não
 Autorizo o uso de minha imagem sim não

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Lúcia Plentz
 brasileiro(a), solteira (situação matrimonial), professor aposentado, CPF nº
 ou carteira de identidade nº 2005172032, emitida
 pelo SSP, domiciliado e residente em NOVO HAMBURGO na
 rua Estrada do Taimbo, nº 5170, bairro
Lomba Grande declaro ceder a plena propriedade e os direitos autorais do
 depoimento, de caráter histórico e documental, concedida ao acadêmico José Edimar de
 Souza, para a pesquisa Constituir-se professor(a) em escolas rurais em Lomba
 Grande/Novo Hamburgo-RS (1942/2009).

Estou ciente que os dados coletados serão utilizados com finalidade de pesquisa,
 respeitando todos os preceitos da ética. Os dados coletados somente serão utilizados
 para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas
 especializadas e/ou em encontros científicos e congressos.

O acadêmico José Edimar de Souza fica conseqüentemente autorizado a utilizar,
 editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso para fins idênticos, com a única
 ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Novo Hamburgo, ¹⁰ de 11 de 2010.

Lúcia Plentz

Nome do entrevistado

Autorizo a usar meu nome sim () não
 Autorizo o uso de minha imagem sim () não

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Paulo Plentz,
 brasileiro(a), Casado (situação matrimonial), professor aposentado, CPF nº
 _____ ou carteira de identidade nº 3022055903, emitida
 pelo SSP, domiciliado e residente em NOVO HAMBURGO na
 rua estrada do Taimbe, nº 5170, bairro
Lomba Grande declaro ceder a plena propriedade e os direitos autorais do
 depoimento, de caráter histórico e documental, concedida ao acadêmico José Edimar de
 Souza, para a pesquisa Constituir-se professor(a) em escolas rurais em Lomba
 Grande/Novo Hamburgo-RS (1942/2009).

Estou ciente que os dados coletados serão utilizados com finalidade de pesquisa,
 respeitando todos os preceitos da ética. Os dados coletados somente serão utilizados
 para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas
 especializadas e/ou em encontros científicos e congressos.

O acadêmico José Edimar de Souza fica conseqüentemente autorizado a utilizar,
 divulgar e publicar para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte,
 editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso para fins idênticos, com a única
 ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Novo Hamburgo, 1º de 11 de 2010.

Paulo Plentz

Nome do entrevistado

Autorizo a usar meu nome sim () não
 Autorizo o uso de minha imagem sim () não

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Telga Bohrer,
 brasileiro(a), VIÚVA (situação matrimonial), professor aposentado, CPF nº
X ou carteira de identidade nº 1025374371, emitida
 pelo SSP, domiciliado e residente em NOVO HAMBURGO na
 rua Afonso Strasser, nº 434, bairro
Lomba Grande declaro ceder a plena propriedade e os direitos autorais do
 depoimento, de caráter histórico e documental, concedida ao acadêmico José Edimar de
 Souza, para a pesquisa Constituir-se professor(a) em escolas rurais em Lomba
 Grande/Novo Hamburgo-RS (1942/2009).

Estou ciente que os dados coletados serão utilizados com finalidade de pesquisa,
 respeitando todos os preceitos da ética. Os dados coletados somente serão utilizados
 para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas
 especializadas e/ou em encontros científicos e congressos.

O acadêmico José Edimar de Souza fica consequentemente autorizado a utilizar,
 divulgar e publicar para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte,
 editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso para fins idênticos, com a única
 ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

obs.: Desejo que não utilize a parte da entrevista
 que fala do SÉBEP.
 Novo Hamburgo, 30 de 10 de 2010.

Telga Bohrer

Nome do entrevistado

Autorizo a usar meu nome sim () não
 Autorizo o uso de minha imagem sim () não

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Maria Gersy Höher Thiesen brasileiro(a), Casada (situação matrimonial), professor aposentado, CPF nº _____ ou carteira de identidade nº 6017783751, emitida pelo SSP, domiciliado e residente em NOVO HAMBURGO na rua João Meilip Magalhães, nº 1924, bairro Lomba Grande declaro ceder a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento, de caráter histórico e documental, concedida ao acadêmico José Edimar de Souza, para a pesquisa Constituir-se professor(a) em escolas rurais em Lomba Grande/Novo Hamburgo-RS (1942/2009).

Estou ciente que os dados coletados serão utilizados com finalidade de pesquisa, respeitando todos os preceitos da ética. Os dados coletados somente serão utilizados para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos.

O acadêmico José Edimar de Souza fica consequentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Novo Hamburgo, 30 de 10 de 2010.

Maria Gersy Höher Thiesen

Nome do entrevistado

Autorizo a usar meu nome sim () não
 Autorizo o uso de minha imagem sim () não

ANEXO D – Of. Nº 11A/042/2006 – Suspensão do Funcionamento - EMEF Humberto de Campos, 2006

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO
Secretaria de Educação e Desporto – SMED
NOVO HAMBURGO - CAPITAL NACIONAL DO CALÇADO
Diretoria de Educação

Nº11A/042/2006

Novo Hamburgo, 02 de março de 2006.

Senhora Presidente,

Ao cumprimentá-la apresentamos considerações relativas ao funcionamento da EMEF Humberto de Campos, que:

Considerando a crescente redução das matrículas para o ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Humberto de Campos, Linha São Jacó, no bairro Lomba Grande;

Considerando que todos os alunos da rede municipal, no bairro Lomba Grande dispõem de transporte escolar;

Considerando que a Escola Municipal de Ensino Fundamental José de Anchieta, no bairro Lomba Grande dispõe de estrutura física adequada e docentes habilitados, para o atendimento da demanda dos alunos;

Diante do exposto, esta municipalidade juntamente com a comunidade escolar decidiu pela suspensão do funcionamento das atividades administrativas e pedagógicas da EMEF Humberto de Campos, a partir do ano de 2006, uma vez que toda a demanda está sendo regularmente atendida. Informamos que toda a documentação pertinente a EMEF Humberto de Campos está arquivada na EMEF Bento Gonçalves.

Atenciosamente.



MARISTELA F R GUASSELLI
Secretária de Educação e Desporto

Sra.
HELENA MARIA PACHECO
Méd. Presidente do Conselho Municipal de Educação
NOVO HAMBURGO - RS

ANEXO E – Imagem da Capa – Livro de Matrícula Escolar Aula Pública Mixta Municipal de Morro dos Bois, 1933



ANEXO F – Decreto S/Nº - Nomeia professora “Hilda Maria Scherer”, 1º/02/1943

1º de Fevereiro de 1943

DECRETO

Nomeia uma Professora Municipal

O PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, no uso das atribuições que lhe são conferidas em Lei

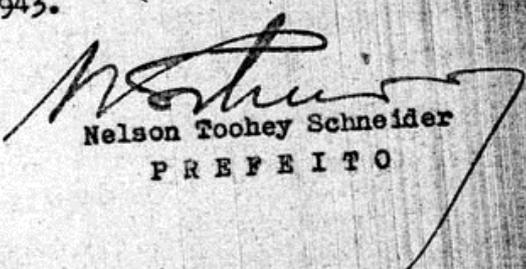
DECRETA

Artº 1º - A nomeação da senhora HILDA MARIA SCHERER para exercer o cargo de Professora Municipal, a partir desta data, percebendo os vencimentos que forem determinados.

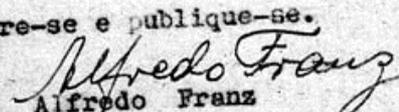
Artº 2º - A professora exercerá as suas funções na escola que lhe for designada pela Inspetoria Escolar Municipal.

Artº 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

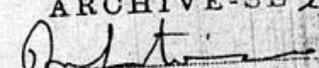
GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, em 1º de Fevereiro de 1943.


Nelson Toohy Schneider
P R E F E I T O

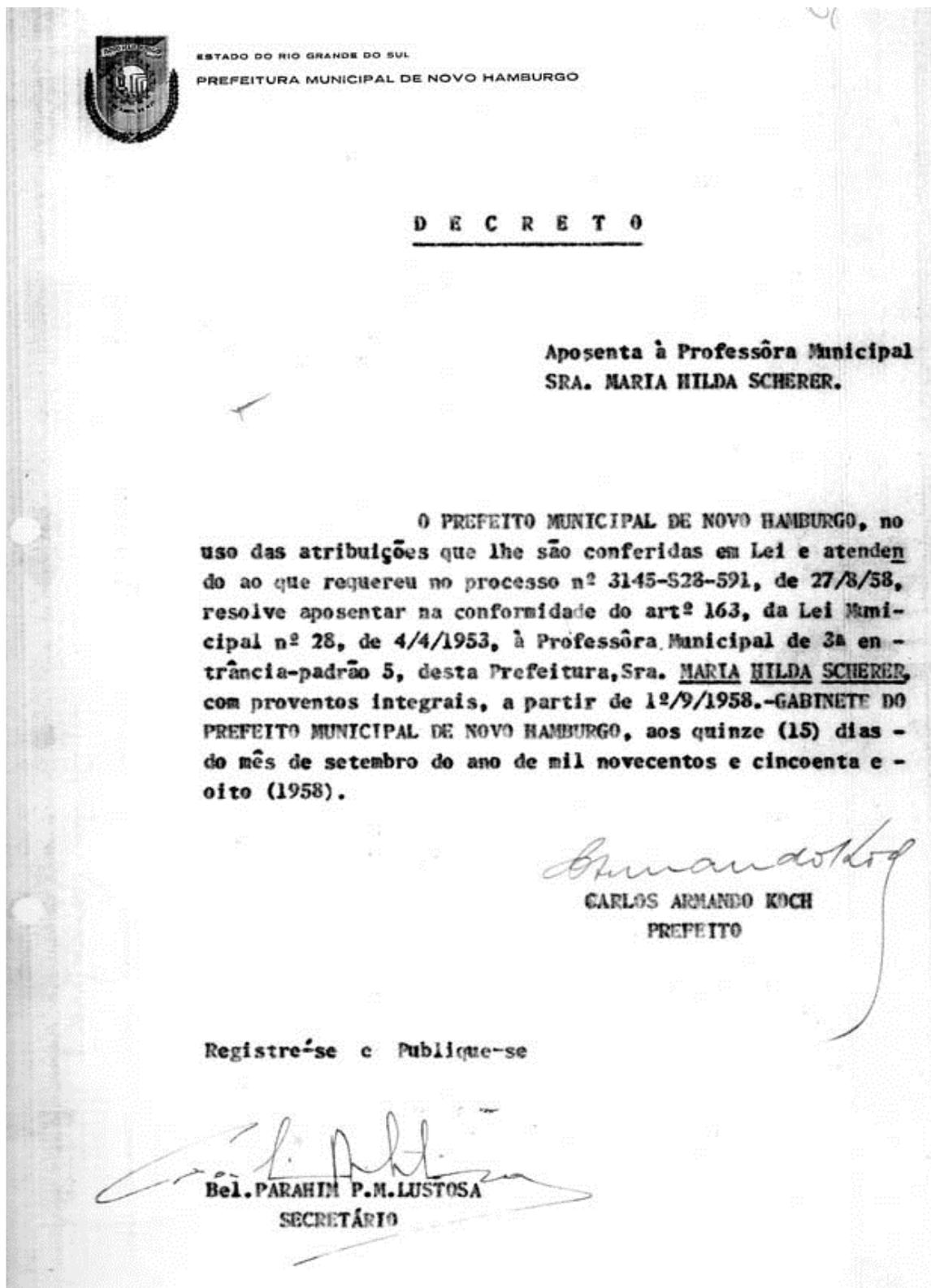
Registre-se e publique-se.


Alfredo Franz
Secretário

ARCHIVE-SE em 8.2


Secretário

ANEXO G – Decreto S/Nº Aposenta à professora Maria Hilda Scherer, 1º/9/1958



ANEXO H – Folha avulsa. Livro Ponto EMEF Bento Gonçalves, 1953

D. P. m. !

Quocientos documentações da escola, no alvará de 1º de março de 1952, assinada pela Professora Maria do Bombrê Schaal.

Em outras datas de pessoas antigas, porém sem documentação, onde consta que esta escola iniciou suas atividades em 25 de março de 1884. É que antes da Professora acima citada, tiveram outras, que seriam: Rosa da Silva; Maria Marques; Olga Barth; Zeneida Pereira da Conceição; Maria Elvira ~~Mendes~~ Malhecke e Zeneida Vieira.

Bento Gonçalves, Junho

ANEXO I – Recorte de Jornal – novembro de 1976

Muitas autoridades presentes na inauguração da estrada de oito quilômetros

Sábado pela manhã, o prefeito Miguel Schmitz, acompanhado de assessores e outras autoridades, esteve em Lomba Grande, onde inaugurou uma escola municipal e trecho de uma importante estrada da área rural. Às 10h da manhã, o prefeito inaugurou a escola acompanhado dos secretários da Educação, João Carlos Schmitz; de Obras, Renato Pilger; de Transportes, Geneci Leal; da Fazenda, Paulo Justen, e da Administração, Paulo Klein. Também esteve presente o presidente da Câmara, João Viegas de Rocha.

A Escola Municipal Bento Gonçalves - três salas de aula, sanitários, secretaria e área coberta, está localizada em Taimbé. Teve um custo de 250 mil cruzeiros. A diretora da escola é Erna Plentz, que inclusive doou a área onde foi erguido o educandário.

A ESTRADA

Uma estrada de oito quilômetros, que liga São Jocê a São João do Deserto - e que propicia a ligação desta estrada com a de Santa Maria - também foi inaugurada, sábado à tarde. Esta estrada também liga à Lomba Grande a maior plantação de goiabas do país - 25 mil goiabeiras.

Estiveram presentes, entre várias autoridades, os diretores da Companhia Intermunicipal de Estradas Alimentadoras - Cinteá -, José Paiva e Luiz Fernando Rodrigues.



Crianças com o prefeito, na inauguração da escola

Fonte: Acervo pessoal da professora Lúcia Plentz, 2010.

ANEXO J – Folha 7- Documento Unificação das Escolas Rurais/NH 2007



PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO
 Estado do Rio Grande do Sul
 Secretaria de Educação e Desporto
 NOVO HAMBURGO – CAPITAL NACIONAL DO CALÇADO



7

2.C – OTIMIZAÇÃO DO TRANSPORTE

Pela localização da nova escola, muitas crianças não precisarão mais ser transportadas, pois os moradores da Vila Brasília, em torno de 64 crianças, que deslocam-se para o interior, poderão ir diretamente à nova escola.

Além disto, os alunos que são deslocados para fazer a hora-atividade no Centro de Educação Ambiental, poderão fazer estas atividades dentro da própria escola, otimizando assim custos e tempo de deslocamento, além das vantagens pedagógicas.

Outro deslocamento de alunos que ocorre é o de 164 crianças para aulas de informática na EMEF Castro Alves. A nova escola tem previsão de um laboratório, o que também reduzirá os custos.

2.E – ASPECTOS PEDAGÓGICOS

Apesar de atenderem um número reduzido de alunos por série, não se constata que este fato tem revertido em qualidade de aprendizagem. Os dados do SAERS bem como os índices de aprovação do ano letivo de 2006 mostram que o aproveitamento dos alunos ainda não é o desejado.

O atendimento em classes multiseriadas acarreta prejuízos na aprendizagem uma vez que o professor precisa dividir seu tempo e adequar a proposta que simultaneamente será desenvolvida com crianças de diferentes séries, faixas etárias e níveis de desenvolvimento.

A possibilidade de uma escola única ampliará a oferta de projetos curriculares e qualificará os espaços pedagógicos (biblioteca, laboratório de informática, salas ambiente, entre outros). Criará condições de oferecer recursos humanos suficientes e com formação adequada, possibilitando aos profissionais o cumprimento de sua hora-atividade na própria escola. Isto representa um ganho de tempo real que será revertido na qualificação do trabalho docente.

Centro Administrativo Leopoldo Petry – Rua Guia Lopes, 4201 – Rondônia – CEP 93410 – 340
 Novo Hamburgo – RS – Telefone: 3594.9999

Contribua com o Fundo Municipal da Criança e Adolescente

Doe Sangue, Doe Órgãos, SALVE UMA VIDA

Doe Medula Óssea, Salve Uma Vida, informe-se pelo fone 0800-8832323



ANEXO K – Proposta de Matrículas para 2008 - Escolas Unificadas do Interior

EMEF	Atendimento em 2008	Observações
Pres Washington Luiz <u>37 ficam</u>	1º ano – 09 alunos (02 podem optar) 2º ano – 09 alunos (06 podem optar) 3º de 9a – 09 alunos (5 podem optar) 3º de 8a – 11 alunos (2 podem optar) 4º ano – 14 alunos (11 podem optar) 5º ano – 24 alunos (14 podem optar) 6º ano – 08 alunos (07 podem optar)	Sugestões da direção: ↓ Atender do 1º ao 4º ano, ↓ Verificar aluno do Beco do Osso – José de Anchieta? ↓ Critérios de transferência do professor: perfil e antiguidade. Prioridade para as 4 escolas envolvidas. ↓ Critérios mínimos para formação de turma.
Conde D' Eu <u>24 ficam</u>	1º ano – alunos vindos de casa? 2º ano – 4 alunos 3º de 9a – 1 aluno 3º de 8a – 12 alunos 4º ano – 3 alunos 5º ano – 4 alunos	Sugestões da direção: ↓ Atender do 1º ao 4º ano ↓ 15 concluintes para escola nova ↓ 31 ficam ↓ 15 escolhem ↓ 45 para escola nova
Bento Gonçalves <u>12 ficam</u>	1º ano – alunos vindos de casa? 2º ano – 03 alunos 3º de 9a – 04 alunos 3º de 8a – 01 aluno 4º ano – 03 alunos 5º ano – 03 alunos	Sugestões da direção: ↓ Atender do 1º ao 4º ano ↓ Matricular alunos no raio de 2 Km. ↓ Adotar o mesmo critério para todos, incluindo Castro e José de Anchieta
Tiradentes <u>15 ficam</u>	1º ano – 01 aluno 2º ano – 02 alunos 3º de 9a – 02 alunos 3º de 8a – 03 alunos 4º ano – 04 alunos 5º ano – 03 alunos	Sugestões da direção: ↓ Atender do 1º ao 4º ano ↓ Encaminhar alunos do Quebra Dentes para escola nova ↓ Direção itinerante para escolas do interior

ANEXO L – Decreto Nº 6 de 1º/06/1939 – Denomina escola domiciliar Nº 1


 NOVO HAMBURGO, de de 1939 ^L
 DECRETO Nº 6
 de 12 de junho de 1939. ³³

Dá denominação á escola domiciliar nº 1.

O Prefeito Municipal de Novo Hamburgo, no uso da faculdade que lhe confere a Lei:

Considerando que a "Cruzada Nacional de Educação" tem promovido tenaz campanha em todo territorio brasileiro contra o analfabetismo, despertando interesse generalizado e obtendo apoio moral e material da população e dos poderes publicos;

Considerando que em dois anos apenas fôram abertas, com essa iniciativa da C.N.E. 2.668 escolas com a matricula de 72.424 alunos;

Considerando que em tempo relativamente curto, distribuiu a C.N.E. mais de 100.000 unidades de material escolar a alunos necessitados;

Considerando que essa obra notavel de civismo se desenvolve no territorio patrio, onde, de 7.500.000 creanças em idade escolar, estão matriculadas nas escolas publicas e particulares apenas 2.500.000;

Considerando que ainda a C.N.E. está despertando nas classes populares, por meio de propaganda habil, uma mentalidade patriótica de compreensão da necessidade vital de se aparelharem materialmente as nossas forças armadas, condição fundamental de soberania nacional;

Considerando que esse belo movimento, que serve de patriótico exemplo para todo o Brasil, é coordenado pelo eminente brasileiro Dr. Gustavo Arbrust;

Considerando que nas designações de estabelecimentos escolares devem prevalecer nomes de personalidades ligados ao desenvolvimento educacional do paiz;

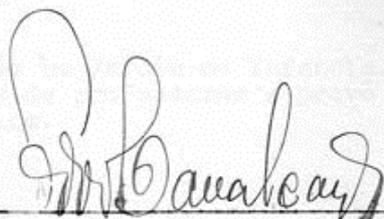
RESOLVE:

Art. 1º - Fica denominada "Dr. Gustavo Arbrust" a aula domiciliar nº 1, de alfabetisação na zona rural deste municipio ,

denominada Wiesental.

Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrario.

Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, 1 de junho de 1939.

A handwritten signature in cursive script, appearing to read 'M. B. Cavalari', written over a horizontal line.

Prefeito Municipal.

ANEXO M- Decreto Nº 4, de 28/02/1939 – Crêa um Jardim de Infância

M

26

NOVO HAMBURGO, de de 193.....

DECRETO Nº 4

Crêa um Jardim de Infancia, três cargos de professoras e provê sobre auxílios.

O Prefeito Municipal do Município de Novo Hamburgo, usando das atribuições que lhe são conferidas em Lei,

Considerando que fôram extintos nesta cidade varios "Jardins de Infancia", não sendo licito ao poder publico ser indiferente ao ensino infantil, que bem dispõe o espirito na idade da creança para facil apreensão do ensino primario;

Considerando que a aula estadual "Inácio Montanha" está com frequencia superior a 70 alunos;

Considerando que a "Escola Julio de Castilhos", mantida pela "Cruzada de Educação Proletaria", com matricula superior a 70 alunos, trabalhando em dois turnos, está lutando com dificuldade financeira para ser mantida, sendo a ultima existente de uma série de escolas creadas em varios municipios destinadas ás classes operarias, por esta patriotica "Cruzada";

Considerando que a "Escola da Comunidade Evangelica de Novo Hamburgo", se resente de uma professora, que ensine especialmente o português;

Considerando que a aula "Magui", creada pelas irmãs de Santa Catarina e já municipalizada, possui uma frequencia superior a 70 alunas operarias adultas, e que, não só são alfabetizadas, como aprendem trabalhos manuais e arte culinaria;

Considerando que ao municipio cabe a cooperação de esforços na obra de reerguimento do ensino por parte do Estado, dando ás novas gerações uma consciencia mais nitida do espirito brasileiro, e lhe cumpre tambem amparar as nobres iniciativas de ordem particular no mesmo sentido;

DECRETA:

Art. 1º - Fica creado um "Jardim de Infancia" junto á Escola S. Luiz, dirigida pelas irmãs da Ordem de Santa Catarina;

Art. 2º - Ficam creados os seguintes cargos de Professoras:

- a) - Diretora do "Jardim de Infancia" aludido no art. 1º.
- b) - Coadjuvante da aula estadual "Clemente Pinto".
- c) - Coadjuvante do ensino na "Escola Julio de Castilhos".

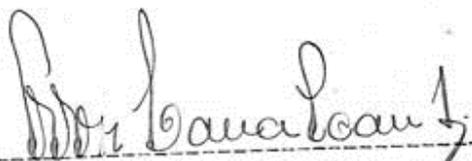
d) - Coadjuvante especialmente do ensino da lingua portugueza na "Escola da Comunidade Evangelica de Novo Hamburgo";

Art. 3º - Sejam auxiliadas com fornecimento de material apropriado ao ensino, como tambem destinado a trabalhos manuais, e á merenda, ás aulas acima aludidas e ás municipais, dentro das possibilidades da respectiva dotação, iniciando-se esse auxilio pela aula "Magui";

Art. 4º - As despesas decorrentes da criação de cargos e auxilios acima aludidos, devem ser atendidas no Ato que distribuir a dotação da Tabela nº 20 da Lei Orçamentaria - Instrução;

Art. 5º - Revogam-se as disposições em contrario.

Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, 28 de fevereiro de 1939.



Prefeito Municipal.

ANEXO N- Decreto N° 9, de 19/04/1941 - Crêa Aulas e dá outras providências



NOVO HAMBURGO,

DECRETO Nº 9
de 19 de abril de 1941.

Crêa aulas e dá outras providências relativas a instrução primária municipal, em complemento á atos anteriores.

Odon Cavalcanti Carneiro Monteiro, Prefeito Municipal de Novo Hamburgo, no uso das atribuições que lhe são conferidas em lei!

Considerando a conveniencia de desenvolver e aperfeçoar o ensino primário municipal;

Considerando que é necessário dignificar o trabalho manual e levar ás consciências juvenis o amor á terra, despertando nelas inclinações pelas atividades agrícolas e o espirito de economia;

Considerando que o Govêrno do Município deve cooperar com as boas disposições de iniciativa particular no sentido de intensificar o espirito nacionalizador entre as novas gerações escolares.

RESOLVE:

Art. 1º - Fundar as aulas reunidas do Bairro Guarany, sôb a direção da professora Maria Izabel Daudt Sander, nomeando para auxiliar a aluna mestra Geny Dal Pay;

Art. 2º - Crêar anexo ás mesmas aulas reunidas o Clube Escolar Agrícola "Alberto Torres";

Art. 3º - Nomear as alunas mestras Eunice Gassen e Noemia Selbach, para exercerem, respetivamente, a primeira o ensino de Português, Geografia, Historia do Brasil, Educação Física, Educação Cívica e Trabalhos Manuais, e, a segunda para lecionar o primeiro ano primário da Escola da Comunidade Evangélica de Hamburgo Velho;

Art. 4º - Reorganisar a escola noturna de alfabetização para operários da Avenida Mauricio Cardoso, nomeando para ela a Srta. Geny Dias;

Art. 5º - Ratificar o decreto nº 8 de 3 de março de 1941, que criou duas aulas, e os atos n.ºs. 8 e 9 de 4 e 10 de março de 1941, que nomearam as respetivas professoras de Barrinha e Quilombo do Sul, de Lomba Grande;

Art. 6º - Ratificar o ato nº 10 de 1º de abril de 1941, que nomeou a aluna mestra Oreade Hahn, para exercer as funções de professora de Português e Historia Pátria na Escola da Comunidade Evangélica de Novo Hamburgo;

Art. 7º - As despesas decorrentes do presente decreto, devem ser atendidas, quanto aos vencimentos das professoras, pela verba do Código 8.33.0, e quanto as de adaptações necessárias aos prédios escolares para suas finalidades, pelo Código 8.33.4, da Lei de Orçamento em vigor;

Art. 8º - Revogam-se as disposições em contrário. Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, 19 de abril de 1941.

Odon Cavalcanti
Prefeito

70

a aula durante o mês de Outubro.

Nomes	Dias do mês												Faltas Presen.	Observações
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12		
Elina J. Machado													5 21	
Karin Diehl													2 25	
Gerda Renty													5 21	
Coraci J. Becker													1 25	
Maria Pacheco													26 0	
Anna M. da Silva													5 21	
Elia Pacheco													26 0	
Lueli Dias													4 22	
Estor Müller													0 26	
Erzira da Silva													4 22	
Karista Diehl													0 26	
Anna Olga Dias													4 22	
Pauli Renty													2 24	
Anna J. Kannecker													5 21	
Elisa E. Genhardt													11 15	
Jose C. Spreitenbach													2 24	
Anna M. Diehl													0 26	
Mercedes Kannecker													2 24	Elim.
Maria Dolores													1 25	
Coraci Höher													0 26	Elim. 20.X.937
Pauli Elgajzer													2 24	

Frequencia de 30 alunos é de 742; media 29; faltas 63; media 3
 de 25 alunos é de 440; media 17; faltas 106; media 4
 Total 7 alunos é de 1192; media 24; faltas 169; media 7.

Paula Grande, 31 de Outubro de 1937.
 O professor
 José Rufino Höher

ANEXO P – Decreto Nº 4, de 16/10/1952 – Regimenta as Escolas Municipais

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO

D E C R E T O Nº 4

Regimenta as Escolas Municipais.

O Prefeito Municipal de Novo Hamburgo, no uso das atribuições que lhe são conferidas em Lei,

DECRETA

Título I

Art. 1º - As Escolas Municipais serão mixtas, dividindo-se em urbanas, suburbanas e rurais, todas, porém, obedecerão ao mesmo programa de ensino.

Art. 2º - Haverá escolas Isoladas, Reunidas e Grupos Escolares.

Art. 3º - Quando a conveniência do ensino o exigir, funcionarão em um só prédio, sob a denominação de Escolas Reunidas ou Grupos Escolares, com dois, três, quatro, cinco ou mais professoras. As Escolas e os Grupos Escolares terão denominação patronômicas, recaindo a escolha em nomes de grandes vultos de nossa Pátria e de homens que tenham merecido apreço público especialmente do Município.

Art. 4º - As Escolas Isoladas serão numeradas em ordem sucessiva.

Título II

Do Funcionamento das Escolas Isoladas, Reunidas e Grupos Escolares

CAPÍTULO I

Do Ano Letivo

Art. 5º - O ano letivo inicia-se no primeiro dia útil de março e encerra-se a 15 de dezembro.

Parágrafo único - Em casos excepcionais e a critério das autoridades superiores do ensino, poderá ser alterada a duração do período letivo.

Art. 6º - No dia do início do ano letivo, lavrar-se-á, no livro de atas de exames, o termo de abertura dos trabalhos escolares assinados pela professora regente ou diretora.

Art. 7º - As aulas não funcionarão :-

- a) nos domingos;
- b) na segunda e terça-feira de Carnaval;
- c) quinta, sexta e sábado da Semana Santa;
- d) de 1º a 20 de julho;
- e) nas datas nacionais, estaduais e municipais, sem prejuízo das comemorações que serão, obrigatoriamente, realizadas nesses dias;
- f) no dia seguinte a concentrações ou desfiles que exijam a permanência dos alunos em forma mais de duas horas.

Art. 8º - Fora dos dias regulamentares, só se suspenderão aulas por determinação superior ou em face de extraordinário acontecimento local, fazendo-se, nesse caso, a devida comunicação ao Orientador do Ensino Primário Municipal.

Parágrafo único - Frequência reduzida e mau tempo não constituem razões suficientes para interromper o funcionamento das aulas.

.....

CAPÍTULO II

Do Horário

Art.º-9º- As escolas municipais deverão observar o seguinte horário :

No verão - das 7,30 às 11,30 horas
 No Inverno - das 8,00 às 12,00 "

Os horários de inverno e verão terão início, respectivamente, a 1º de julho e 1º de setembro.

§ 1º- Aos sábados o dia escolar terá a duração de duas horas.

§ 2º- Se, por exigências locais, não for possível ou não convier ao ensino o horário estabelecido neste artigo, deliberará o Orientador do Ensino Primário Municipal, em face de proposta da Diretora ou Regente, conforme se trate de Grupos Escolares ou Escolas Reunidas ou Isoladas; sobre a hora de início das aulas, desde que os trabalhos escolares tenham, rigorosamente, a duração de quatro(4) horas.

Art.º-10º- O prédio escolar deverá ser aberto 15 minutos antes do início das aulas. Sempre que houver Zeladora, esta tarefa ficará a cargo desta.

Art.º-11º- Sempre que a escola dispuser de pátio que comporte todos os alunos, estes permanecerão ali, até a hora determinada para o início dos trabalhos, dirigindo-se depois para as aulas acompanhados pelo professor.

CAPÍTULO III
Da Matrícula

Art.º-12º- As matrículas serão feitas, em cada Escola, durante a semana que antecede o início do período letivo, nos cinco (5) últimos dias das férias regulamentares de fim de ano (dias úteis).

Art.º-13º- A confirmação de matrícula, bem como a matrícula dos alunos novos, far-se-á de 15 a 28 de fevereiro, encerrando-se definitivamente antes das férias regulamentares de inverno.

§ 1º - As crianças que não puderem ser matriculadas por falta de vaga, serão inscritas em livro especial, em que constará o endereço devendo ser chamadas, apenas se verificarem vagas na matrícula. As solicitações e até a data do encerramento definitivo da matrícula.

§ 2º - Admitir-se-ão em qualquer época do ano letivo, alunos transferidos de outras escolas do Município ou do Estado, mediante apresentação do atestado do professor regente.

Art.º-14º- No ato da matrícula, deve-se exigir o certificado de promoção e a prova de idade, quando possível.

Art.º-15º- Nas localidades onde funcionarem várias escolas terão preferência, em caso de matrícula nova, os candidatos que residam na zona a que a escola serve.

Art.º-16º- Consideram-se em idade escolar as crianças de 7 a 14 anos.

Parágrafo Único - Ficará a critério do professor aceitar alunos maiores de 14 anos, sem prejuízo para o desenvolvimento normal do trabalho e para a disciplina da Escola.

Art.º-17º- Será vedada a matrícula à crianças :

- a) atacadas de moléstia contagiosa ou repugnante;
- b) portadoras de grave defeito físico ou psicológico, que as impossibilite de receber educação nas escolas municipais comuns;
- c) que não forem vacinadas contra a varíola nem se submeterem à vacinação.

Art.º-18º - A confirmação da matrícula dos alunos promovidos em repetentes dar-se-á mediante a apresentação dos respectivos boletins anuais.

.....
 Art. 19º - A matrícula será feita em livros especialmente destinados a esse fim.

Art. 20º - Serão eliminados da matrícula os alunos que:
 a) tiverem recebido atestado de conclusão de curso;
 b) forem transferidos para outra escola;
 c) dispuserem de escola na zona em que residem, salvo se não existir vagas na mesma, o que deverá ser comprovado mediante atestado da diretora ou professora.

CAPÍTULO IV Da Classificação dos Alunos e Distribuição das Classes

Art. 21º - As diferentes séries do curso primário denominar-se-ão : 1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano e 5º ano.

Parágrafo único - Havendo, em qualquer das séries, número de alunos que exija a distribuição em mais de uma turma, será ela subdividida em seções paralelas de acordo com a seguinte classificação :

1º ano - turma A

1º ano - turma B

1º ano - turma C etc e o mesmo critério se observa

rá nas subdivisões dos demais anos.

CAPÍTULO V Da Frequência

Art. 22º - É obrigatória a frequência dos alunos matriculados na escola.

Art. 23º - Terá frequência mensal o aluno que comparecer a doze aulas; nas escolas rurais e 15 nas escolas suburbanas e urbanas.

Art. 24º - Cabe aos pais ou responsáveis comunicar oralmente ou por escrito à professora o motivo da falta do comparecimento do aluno.

Parágrafo único - No caso de não se verificar a justificação das faltas, dentro do prazo de três dias, o professor deverá licitar dos responsáveis as informações necessárias.

Art. 25º - A falta de frequência escolar se justifica :

a) perante a diretora ou professora da escola até 20 faltas consecutivas ou 30 interpostas.

b) perante o Orientador do Ensino Primário Municipal ou quem o substitua até 45 consecutivas ou 60 interpoladas.

Art. 26º - Contam-se faltas justificáveis as motivadas por :

a) enfermidade do escolar ou de pessoa da família;

b) morte ou luto;

c) chuvas torrenciais.

Art. 27º - Sendo os alunos obrigados a se afastar da escola que vem frequentando, cabe aos pais o dever de comunicá-lo à diretora ou professora.

Art. 28º - Quando se verificarem mais de 45 faltas consecutivas ou 60 interpoladas, sem justificção, deverá a professora providenciar no cancelamento da matrícula.

CAPÍTULO VI Da Promoção dos Alunos

Art. 29º - Haverá durante o ano letivo provas de verificação mensal (sabatinas).

Art. 30º - A promoção dos alunos far-se-á, em face das mesmas verificações mensais e de provas objetivas realizadas com atribuição de notas que se-

.....
 serão graduadas de cinco em cinco pontos de zero a cem.

Art. 31º - Serão promovidos à classe superior os alunos que tiverem 50 por matéria e 60 no conjunto de todas as disciplinas.

Art. 32º - A aprovação dos alunos do 1º ano para o 2º dependerá de aprovação em uma prova final.

Art. 33º - Aos alunos do último ano que não lograrem média de aprovação, no máximo em duas matérias, será permitido re-alizarem exame vago no fim do ano.

Parágrafo único - As provas desse exame serão escritas e orais.

Art. 34º - Findas as provas e apurado o resultado final lavrar-se-á uma ata em que constará a relação dos examinados com as respectivas classificações.

Art. 35º - Aos alunos aprovados no último ano serão conferidos atestados de conclusão do curso primário.

Art. 36º - As provas objetivas no fim do ano letivo serão feitas perante comissões designadas pelo Orientador do Ensino Primário Municipal.

CAPÍTULO VII

Das Festas e Comemorações

Art. 37º - As datas nacionais serão comemoradas em todas as escolas municipais com um programa especial, em que se procure formar a consciência cívica dos escolares.

§ 1º - Em todas as comemorações cívicas, haverá hasteamento da Bandeira Nacional ao som do Hino Nacional brasileiros com a assistência do professor e alunos.

§ 2º - A essas comemorações, como a festas escolares que se podem realizar mensalmente, os pais serão convidados a comparecer.

Art. 38º - Além das comemorações cívicas constituem motivos para a realização de festas escolares :

- a) Abertura das aulas;
- b) o encerramento do ano letivo;
- c) Festa de Páscoa;
- d) Festa da Primavera (dia da árvore)
- e) a comemoração dos centenários ou aniversários dos grandes homens nas artes e nas ciências;
- f) Festa pan-Americana.

Parágrafo único - As formas de atividades que se podem propor para essas festas escolares são :

- a) dramatizações (teatro);
- b) audições musicais;
- c) bailados;
- d) exercícios de ginástica;
- e) poesias;
- f) jogos;
- g) leituras;
- h) palestras;
- i) relatórios de trabalhos realizados em aula.

Art. 39 - Na elaboração dos programas devem ser respeitadas os princípios formadores da consciência moral.

Art. 40º - Nas festas escolares não será permitido o uso de bebidas alcoólicas.

Art. 41º - Os dias de comemorações serão determinados pelo Orientador do Ensino Primário Municipal e não serão suspensas as aulas regulares para tais realizações.

CAPÍTULO VIII

Da Hora de Reparação

Art. 42º - Haverá como interstício de descanso, um recreio de 15 a 30 minutos situado no meio do turno escolar.

.....

Fls.5-

-
- Art. 43º - Os recreios, a não ser que o tempo não permita, serão sempre ao ar livre e serão coletivos.
- Art. 44º - Cada classe será acompanhada da respectiva professora.

CAPÍTULO IX

Das Instituições Escolares

- Art. 45º - A escola procurará oferecer aos alunos oportunidade de exercitar atitudes de sociabilidade, responsabilidade e cooperação pela organização de associações escolares, estudo em comum, campanhas em prol de aspirações sociais e outras formas de atividades próprias da família.
- Art. 46º - A escola procurará obter a colaboração do meio local e exercer influências favoráveis sobre o mesmo, mediante a criação de instituições complementares e auxiliares.
- Art. 47º - As instituições deverão ser criadas, de acordo com as necessidades do ensino e do meio em que funciona a escola.
- Art. 48º - Recomenda-se a criação das seguintes instituições :

- a) Circulo de Pais e Mestres
- b) Caixa Escolar
- c) Biblioteca
- d) Pelotão de saúde
- e) Clube Agrícola

Parágrafo único - Estas instituições deverão obedecer em sua organização a estatutos fornecidos pela Prefeitura ou seja - pelo Departamento de Educação.

Capítulo X

Da Escrituração da Escola

Art. 49º - São adotados taxativamente, para a escrituração escolar os seguintes livros e arquivos:

- 1) Livro de matrícula
- 2) " de frequência
- 3) " de atas de horas cívicas
- 4) " de visitas
- 5) " de registro das verificações mensais
- 6) " de assentamentos exames finais
- 7) Arquivo da correspondência expedida
- 8) " da correspondência recebida.

Art. 50 - Os livros de escrituração escolar devem permanecer na escola, guardados em armário próprio.

Art. 51 - Serão arquivados :

- a) os livros usados na secretaria e pelos professores em suas classes, bem como os já preenchidos;
- b) as provas de exame, no mínimo até 2 anos;
- c) a correspondência oficial;
- d) os comprovantes do material recebido e distribuído;
- e) cópia dos catálogos das bibliotecas.

Art. 52º - O arquivo das escolas que se fecharem será remetido ao Departamento de Educação da Prefeitura Municipal.

TÍTULO III

Das Atribuições do Pessoal Docente e Administrativo

CAPÍTULO I

Da Direção

- Art. 53º - Compete ao diretor ou regente :
- 1) Superintender os trabalhos da unidade escolar
 - 2) Abrir anualmente a matrícula
 - 3) Organizar as aulas
 - 4) Abrir e encerrar diariamente o livro ponto
 - 5) Dar posse aos funcionários do estabelecimento em face da respectiva portaria e fazer

.....
e fazer a devida comunicação.

- 6) Atestar o exercício do pessoal docente sob sua direção e encaminhar ao Orientador do Ensino Primário Municipal os requerimentos convenientemente informados;
- 7) Comparecer ao estabelecimento 10 minutos antes do início dos trabalhos escolares e permanecer na escola durante o expediente;
- 8) Responsabilizar-se pela conservação do prédio, mobiliário e material didático;
- 9) Entender-se com o Orientador do Ensino Primário Municipal sobre as necessidades da escola e prestar as informações que lhe forem pedidas;
- 10) Designar e presidir as comissões examinadoras, submetendo-as à aprovação do Orientador do Ensino Primário Municipal;
- 11) Abrir, rubricar e encerrar os livros de expedientes;
- 12) Conservar em dia e em perfeita ordem a escrituração escolar;
- 13) Remeter ao Orientador do Ensino Primário Municipal até 5 de cada mês os Boletins Mensais;
- 14) Conferir atestados de conclusão de curso aos alunos que terminarem o curso primário;
- 15) Atestar o grau de adiantamento e a conduta dos alunos que se retirarem, por qualquer motivo, do estabelecimento;
- 16) Comunicar ao Orientador do Ensino todas as alterações do pessoal docente e administrativo como licenças, posse, faltas, abandono de cargo e etc;
- 17) Regor classe, quando o número de professores for insuficiente e a matrícula não ultrapassar de 200 alunos;
- 18) Traçar um plano para as suas atividades diárias;
- 19) Interessar-se pela colaboração da família na obra educativa da escola.

CAPÍTULO II

Doc. Professores

- Art. 54º - Compete aos Professores :
- 1) Comparecer ao estabelecimento 10 minutos antes do início do trabalho diário;
 - 2) Ocupar-se, durante todo o expediente, com os trabalhos regulamentares;
 - 3) Preparar diariamente o seu caderno de aula e registrar no caderno especial;
 - 4) Usar processos de ensino que não se afastem do conceito atual de aprendizagem e educação;
 - 5) Responsabilizar-se pelo rendimento de sua classe ou ano, no sentido da promoção e pela educação integral dos alunos;
 - 6) Registrar a frequência diária;
 - 7) Fazer e assinar os boletins mensais e remetê-los até o dia 5 de cada mês ao Orientador do Ensino;
 - 8) Responsabilizar-se pela conservação do sala, mobiliário e material didático de seu cargo, comunicando ao Departamento de Educação qualquer dano que se verificar;
-

Fls.7-

- 9) Prestar t3das as informa33es relativas ao seu trabalho, que lhe forem solicitadas - pelas autoridades competentes; -
- 10) Conservar em ordem a escrituração da classe;
- 11) Colaborar com os orientadores no ajustamento das atividades da classe aos novos processos educativos;
- 12) Incutir nas crianças, pelo exemplo, o respeito às autoridades, superiores hierárquicas, leis e regulamentos, formar hábitos de cooperação, urbanidade e lealdade para com os colegas;
- 13) Integrar comissões examinadoras;
- 14) Participar de atividades extra-classe, integrando-se pelo êxito das instituições escolares;
- 15) Comparecer às atividades e solenidades em que a escola tomar parte;
- 16) Cumprir rigorosamente o programa oficial do ensino Primário que for distribuído pelo Departamento de Educação da Prefeitura.

CAPÍTULO III

Dos Alunos

Art. 55º - São deveres do aluno :

- 1) Comparecer à escola todos os dias letivos, à hora do início do trabalho, assediado de corpo e vestuário e só se retirar quando terminar as aulas;
- 2) Tratar com delicadeza e respeito as autoridades, o diretor (a), professores e quaisquer outros funcionários do estabelecimento;
- 3) Ter comportamento digno de e na escola e fora desta;
- 4) Tratar os colegas com amizade, evitando brincadeiras prejudiciais e relações inconvenientes;
- 5) Não danificar o material escolar;
- 6) Conservar em ordem e assio o seu material de trabalho;
- 7) Cumprir as determinações do Diretor e dos professores;
- 8) Comparecer às aulas e festas escolares devidamente uniformizados.

Art. 56º - São banidos da Escola os castigos físicos, as posições humilhantes e a privação de recreios. Esta disposição não impede que o professor, em benefício do aluno, empregue parte do recreio para ministrar a este explicações necessárias.

Art. 57º - Os alunos estão sujeitos conforme a gravidade à espécie da falta a :

- a) má nota;
- b) advertência particular pelo professor aos alunos e aos pais;
- c) exclusão definitiva da escola.

§ 1º - A pena de eliminação será aplicada em casos extremos, ouvindo-se, sempre, o Orientador do Ensino Primário Municipal :

- a) quando o aluno constituir elemento perigoso no meio escolar;
- b) quando, aplicadas todas as outras penalidades, o aluno continuar incorrigível, prejudicando a disciplina da escola.

.....

§ 2º - Sempre que fôr imposta a um aluno a pena de eliminação a professora ou professor deverá comunicar e expor aos pais ou responsáveis os motivos que a determinaram, obedecendo, porém, ao dispositivo do parágrafo primeiro deste artigo.

Art. 58º - Os alunos que incorrerem em falta grave de disciplina ou se obstinarem em conduzir-se incorretamente, podem ser mandados para casa, devendo voltar no dia seguinte acompanhados do pai ou responsável.

Art. 59º - Ao aluno que fizer o curso completo será expedido um atestado de conclusão do mesmo.

Art. 60º - Os alunos não serão desviados dos seus estudos durante as aulas nem empregados na escola em qualquer mister que caiba aos funcionários do estabelecimento.

CAPÍTULO IV

Infrações e Pênalidades

Art. 61º - O professor(a) público municipal incorre em falta disciplinar :

- a) transgredindo os dispositivos deste regulamento, do regimento interno da escola;
- b) concorrendo direta ou indiretamente para a falta de matrícula ou frequência;
- c) descuidando da disciplina escolar;
- d) deixando de cumprir as determinações das autoridades a que estiver subordinado(a);
- e) abandonando o exercício do cargo sem que tenha sido substituído e sem a prévia autorização da autoridade escolar ou municipal;
- f) mantendo como auxiliares do ensino, pessoas não nomeadas pela autoridade escolar;
- g) esquivando-se de participar de comissões apolíticas quando tenha sido designado(a);
- h) comprometendo o bom nome que deve manter.

Art. 62º - Na aplicação das penas aos professores será observado o seguinte procedimento:

- a) advertência pelo Orientador do Ensino Primário Municipal;
- b) repreensão escrita;
- c) suspensão;
- d) exoneração.

Art. 63º - As penas estabelecidas pelas alíneas a e b serão aplicadas pelo Orientador do Ensino Primário Municipal e as alíneas c e d pelo Prefeito Municipal.

CAPÍTULO V

Das Bibliotecas

Art. 64º - Em tôdas as escolas municipais haverá uma biblioteca constituída de obras didáticas e recreativas na secção infantil e obras de cultura geral e especializada na secção dos professores.

§ 1º - Farão também parte da Biblioteca os exemplares de leis e decretos referentes ao ensino primário e os folhetos e revistas de assuntos de interesse educacional.

§ 2º - Nenhuma obra será incluída na secção infantil da biblioteca escolar, sem que haja um exame prévio em que se verifique não ser a obra contrária às leis morais e aos sentimentos de nacionalidade.

Art. 65º - Os alunos frequentarão a Biblioteca, além dos dias preestabelecidos, tôdas as vezes que se fizer necessária a consulta de alguma obra didática ou informativa.

.....

Fls 9-

.....

Parágrafo único - Em casos excepcionais, quando o diretor ou regente julgar conveniente, poderão os alunos retirar livros, sob recibos, para leitura fora do estabelecimento.

Art. 66º - Os professores também poderão retirar livros da biblioteca, pelo prazo de 10 dias, mediante recibo, responsabilizando-se assim, como os alunos, pela perda ou estrago dos mesmos.

Art. 67º - A Biblioteca escolar, principalmente, nas zonas rurais, poderá ser franqueada aos pais dos alunos ou a outras pessoas que desejarem frequentá-la, favorecendo-se, desse modo, a aproximação entre a escola e o meio.

Parágrafo único - Este trabalho deverá ser fiscalizado e orientado pelo diretor ou regente.

TÍTULO IV

Das Disposições Gerais

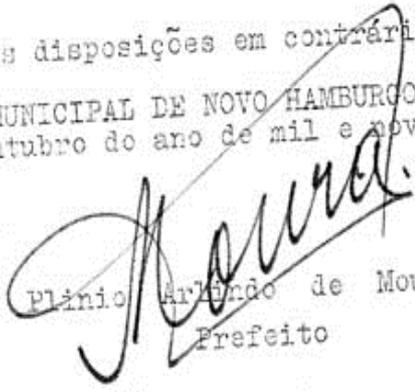
Art. 68º - As disposições deste Regimento estendem-se a todas as escolas municipais.

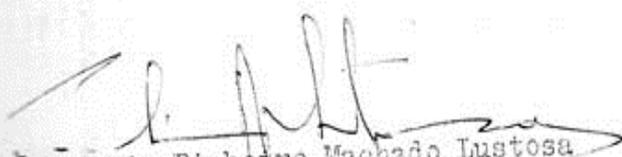
Art. 69º - Nos casos de dúvida na interpretação deste Regimento, os diretores, regentes ou professores deverão consultar o Orientador do Ensino Público Municipal.

Art. 70º - Os casos omissos serão resolvidos pelo Prefeito Municipal.

Art. 71º - Revogam-se as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, aos dezesseis (16) dias do mês de Outubro do ano de mil e novecentos e cinquenta e dois (1952).


Plínio Arlindo de Moura
Prefeito


Parahim Pinheiro Machado Lustosa
Orientador do Ensino

ANEXO Q – Lei Municipal Nº 15/66 – Plano Municipalização do Ensino
Primário(SEC/DIMEP/DEE)



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO

LEI MUNICIPAL Nº 15/66

Autoriza o Executivo a firmar Termo de Acôrdo Especial com a Secretaria de Educação e Cultura do Estado com vistas a execução do Plano de Municipalização do Ensino Primário.

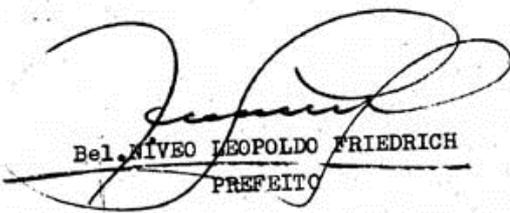
O PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO:

Faço saber que o Poder Legislativo decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

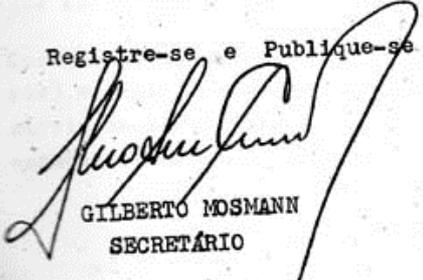
Art. 1º - Fica o Poder Executivo autorizado a firmar Termo de Acôrdo Especial com o Governo do Estado do Rio Grande do Sul - através da Secretaria de Educação e Cultura, para a execução do Plano de Municipalização do Ensino Primário, na forma da minuta que faz parte integrante desta Lei.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO ,
aos seis (6) dias de Julho de mil novecentos e sessenta e seis
(1966).


Bel. NÍVEO LEOPOLDO FRIEDRICH
PREFEITO

Registre-se e Publique-se


GILBERTO MOSMANN
SECRETÁRIO

Doc 25
Arquivo



Handwritten signature and official stamp of the State of Rio Grande do Sul, with the text 'ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL' and 'SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO E CULTURA'.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Térmo de Acôrdo Especial celebra
do entre o Governo do Estado do
Rio Grande do Sul através da Se-
cretaria da Educação e Cultura,
e a Prefeitura Municipal de
.....para execução
do Plano de Municipalização do
Ensino Primário.

Aos seis dias do mês de Julho..... de 1966, no Pala-
cio Piratini, presentes o Senhor GOVERNADOR DO ESTADO, Engenheiro IL-
DO MENEGHETTI, o Secretário de Estado dos Negócios da Educação e Cul-
tura, Deputado LAURO LEITÃO e o Senhor NIVIO LEOPOLDO FRIBERICH.....
..... Prefeito Municipal de
NOVO HAMBURGO..... devidamente autorizado pela
respectiva Câmara de Vereadores, na forma do Decreto nº 17.949, de
5 de Julho..... de 1966, firma-se o presente TÉRMO DE A-
CÔRDO ESPECIAL, objetivando a expansão da rede escolar, a melhoria e
descentralização do Ensino Primário e a sua fixação no território mu-
nicipal, mediante as cláusulas e condições seguintes:

CLÁUSULA I

AO ESTADO CABERÁ

1ª) Contribuir com auxílios para a construção de prédios escolares
destinados ao Ensino Primário Municipal, cujas plantas serão for-
necidas ou aprovadas pela SEC.

Os auxílios de que trata este item serão fixados em Termo Aditivo
que estabeleça o tipo de escola, a sua localização e o seu valor.

2ª) Contribuir com a importância de Cr\$ 60.000 (sessenta mil cruzei-
ros) mensais no presente exercício e do salário mínimo vigente a
partir de 1º/01/67, para cada professor contratado nas condições
estabelecidas neste Acôrdo;

Handwritten signatures and stamps, including a date stamp '26/30/67' and a signature.

VERSO

.....

Observações: Para que o professor possa perceber a quantia estipulada de parte do Estado, são fixados os seguintes critérios: 1º) que tenha sido selecionado segundo as instruções da DIMEP; 2º) que tenha condições administrativas admitidas pela Legislação Municipal; 3º) que a matrícula das respectivas escolas correspondentes a cada professor, não seja inferior a 20 (vinte) alunos nas áreas rurais, a 25 (vinte e cinco) alunos nas sedes distritais e povoados, e a 30 (trinta) alunos nas zonas urbanas.

- 3º) Os auxílios serão fornecidos pelo Estado após o registro do respectivo Termo de Acôrdo pelo Tribunal de Contas.
- 4º) Colocar na sede do Município um professor Coordenador e tantos Supervisores, escolhidos pela SEC, quantos a DIMEP achar conveniente, aos quais caberá a orientação pedagógica e a fiscalização da execução deste instrumento, cooperando, ainda, administrativamente com a Prefeitura Municipal para o bom desenvolvimento do ensino, e
- 5º) Permitir o uso dos prédios escolares estaduais situados na área do município, onde não estejam sendo desenvolvidas atividades educativas, a fim de nêles terem exercício professores municipais contratados para desenvolver o plano cooperativo deste Acôrdo.

CLÁUSULA II

AO MUNICÍPIO CABERÁ:

- 1º) Executar, sob administração direta, as construções dos prédios escolares atribuídos pelos Termos Aditivos, obedecidas fielmente a planta e especificações expedidas ou aprovadas pela SEC.;
- 2º) Custear as despesas que excederem ao montante do fixado no Termo Aditivo, para a construção dos prédios escolares;
- 3º) Dar início às obras dentro de 30 (trinta) dias após o recebimento da contribuição e concluí-las no prazo de 120 (cento e vinte) dias;
-

- 


- 4a) Devolver as importâncias recebidas e não aplicadas no prazo estipulado no item anterior, acrescidas de juros de 1% ao mês;

Observação: O não recebimento dessa verba por parte da Prefeitura, num prazo de 60 (sessenta) dias, a partir da data em que estiver à disposição na Exatoria Estadual, implicará automaticamente em seu recolhimento à origem.

- 5a) Fazer prestação de contas;

Observação: A prestação de contas de que trata este item será acompanhada de um Atestado de Conclusão visado pelo Coordenador da DIMEP.

- 6a) Possibilitar a inspeção das obras e fornecer os transportes aos órgãos fiscalizadores do Estado;
- 7a) Manter e conservar os prédios construídos em condições didáticas e de regular funcionamento;
- 8a) Prover as escolas de equipamentos e materiais didáticos necessários à atividade docente;
- 9a) Destinar uma sala com equipamento e materiais necessários à instalação do Grupo de Supervisão;
- 10a) Admitir o pessoal docente e administrativo das escolas construídas, cedidas ou adaptadas;
- 11a) Ministrando o ensino, segundo os programas fornecidos pelo Grupo de Supervisão;
- 12a) Remeter até dia 10 de cada mês fixado, o Boletim Resumo de toda rede escolar do Município, elaborado pelo Grupo de Supervisão;
- 13a) Remeter mensalmente, em duas vias, as folhas de pagamento dos professores contratados segundo o plano cooperativo estabelecido neste Acôrdo;
- 14a) Inscrever os professores e recolher as contribuições ao Órgão Previdenciário competente; e
- 15a) Realizar cursos pedagógicos para professores não diplomados, em período de férias escolares e não inferiores a 20 (vinte) dias com frequência obrigatória, e por 4 (quatro) anos consecutivos observadas as instruções dos órgãos técnicos da SEC, e sob a orientação do Grupo de Supervisão.

VERSÃO

.....

CLÁUSULA III

Os professores não formados somente terão exercício nas escolas previstas no presente Acôrdo Especial, frequentando, com aproveitamento, os cursos pedagógicos.

CLÁUSULA IV

As escolas e suas benfeitorias que anteriormente pertenciam à rede de escolas do SEDEP, bem como as que forem construídas segundo Aditivos a este Acôrdo, passam a fazer parte da rede de escolas municipais, pertencente à Prefeitura.

CLÁUSULA V

O Município poderá receber contribuições de entidades privadas que desejarem colaborar no Plano de Municipalização do Ensino Primário.

CLÁUSULA VI

As despesas do Estado, decorrentes dos compromissos assumidos no presente Termo, correrão à conta das verbas próprias consignadas, anualmente, no orçamento do órgão competente da Secretaria de Educação e Cultura.

CLÁUSULA VII

Fica revogado o Termo de Acôrdo Especial anteriormente celebrado para a execução do Plano de Expansão Descentralizada do Ensino Primário.

CLÁUSULA VIII

Os Aditivos e seus Modificativos ao Termo de que trata a Cláusula anterior, continuam em vigor como Aditivos e seus Modificativos a este Termo de Acôrdo Especial.

CLÁUSULA IX

O prazo de duração do presente Acôrdo é de 4 (quatro) anos, ficando prorrogado por igual período, caso não se pronunciem em contrário as partes celebrantes.

CLÁUSULA X

O presente Termo de Acôrdo Especial entrará em vigor a partir de 1º de julho do corrente ano.

CLÁUSULA XI

A inadimplência de uma ou mais Cláusulas estipuladas no presente Acôrdo, dará direito à rescisão deste, por qualquer

.....



das partes celebrantes.

Pôrto Alegre, 6 de julho de 1966.

Lauro Leitão

LAURO LEITÃO
SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Alfredo F. Freire

ALFREDO FREIRE
PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO

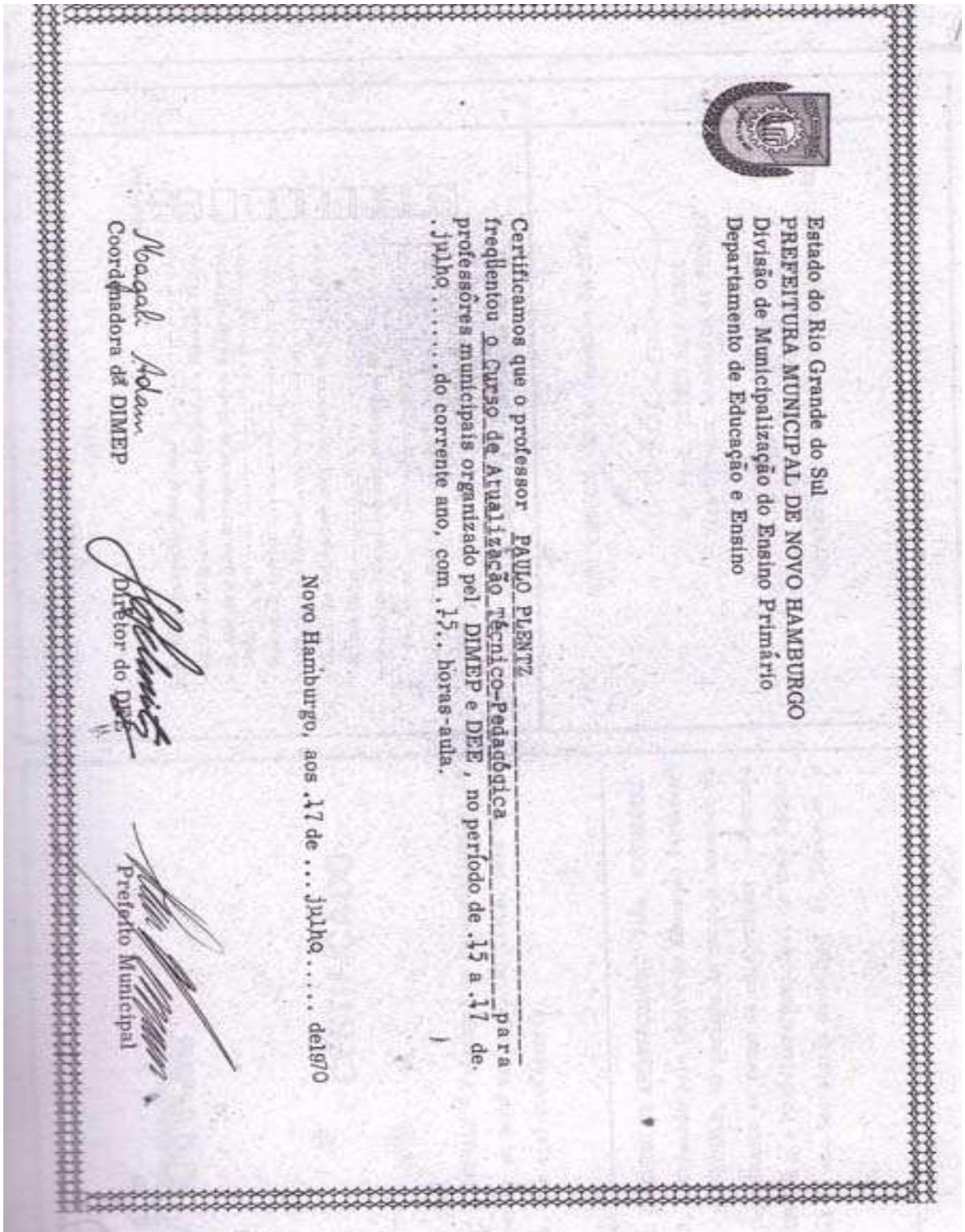
Testemunhas:

Castilho
Lydia L. L.

Handwritten notes and signatures:
Trib. Munic.
12/11/66
12/15/66
Albuquerque

CÓPIA

ANEXO R- Certificado Curso Atualização Técnico-Pedagógica, 1970, DIMEP/DEE



ANEXO S- Curso de Aperfeiçoamento para Educadores Municipais, CEP FEEVALE, 1976



CERTIFICADO

A FEEVALE a Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Nova Hamburgo, CERTIFICA, para os devidos fins, que o(a) professor(a)

participou do CURSO DE APERFEIÇOAMENTO PARA EDUCADORES MUNICIPAIS, coordenado pelo Centro de Educação Permanente - CEP - da FEEVALE, no período de março a novembro de 1976, em cumprimento ao termo de colaboração celebrado entre a FEEVALE e a Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, através de sua Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO PARA EDUCADORES MUNICIPAIS
- 1976 -

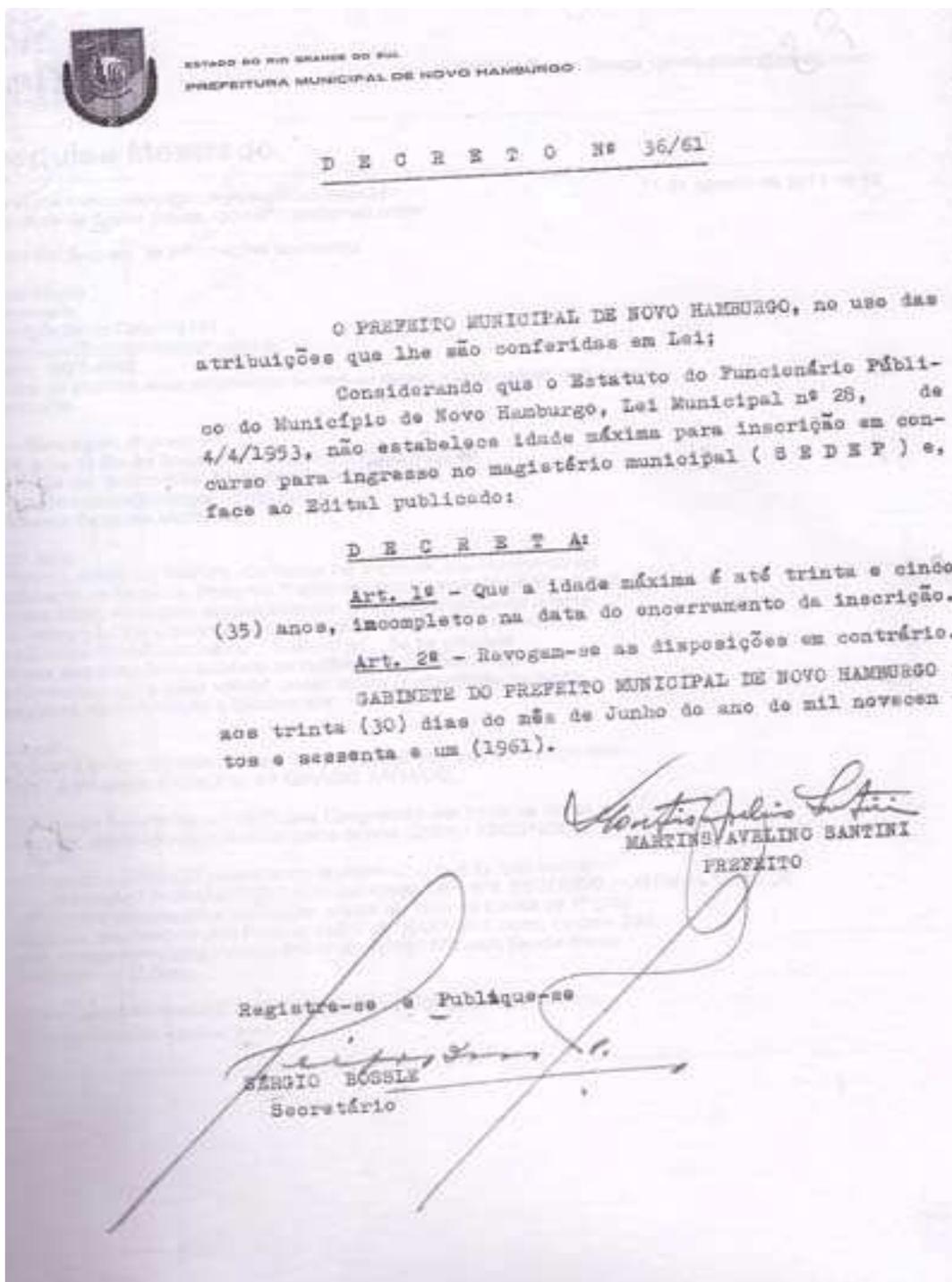
ATIVIDADES	HORAS/AULA
- Reflexão Pedagógica-Educacional	10
- Educação Religiosa, Educação Artística e Educação Física	32
- II Seminário para Professores das Classes de Aprendizagem Lenta	<input type="checkbox"/>
- Supervisão Escolar	<input type="checkbox"/>
- Administração Escolar	<input type="checkbox"/>
- Matemática Reformulada para Professoras de 4.ª e 5.ª séries	<input type="checkbox"/>
- Alfabetização	<input type="checkbox"/>
- Matemática Reformulada para Professores de 2.ª Série	<input type="checkbox"/>
- 0 Prá-Tecelar	<input type="checkbox"/>
- Comunicar e Pensar	<input type="checkbox"/>
- Análise Oral	<input type="checkbox"/>
TOTAL: sessenta e duas horas-aula.	62

NOVO HAMBURGO, 20 de dezembro de 1976.

Plínio Dall'Acqui
Prof. PLÍNIO DALL'ACQUI
Vice-Diretor Acadêmico da FEEVALE

Prof. JOÃO CARLOS SCHMITZ
Secretário Municipal de Educação e Cultura

ANEXO T- Decreto Nº 36/61 de 30/06/1961 – Ingresso Concurso no Magistério para o SEDEP



ANEXO U- Cópia E-mail secretaria@colegiosantanh, pesquisa Ginásio São Luiz

Gmail - Pesquisa Mestrado. Page 1 of 1



José de Souza Souza <profedimar@gmail.com>

Pesquisa Mestrado.

Secretaria <secretaria@colegiosantanh.com.br> 11 de agosto de 2011 10:15
 Para: José de Souza Souza <profedimar@gmail.com>

Bom dia! Seguem as informações solicitadas.

Jaily Maciel
 Secretária
 Colégio Santa Catarina NH
secretaria@colegiosantanh.com.br
 Fone: 3527-4862

Antes de imprimir esse documento, lembre-se do seu compromisso com o meio ambiente.

— Mensagem original —

De: José de Souza Souza [mailto:profedimar@gmail.com]
 Enviada em: quarta-feira, 10 de agosto de 2011 23:22
 Para: secretaria@colegiosantanh.com.br
 Assunto: Pesquisa Mestrado.

Olá Jaily!

Falamos ontem por telefone. Conforme lhe expliquei, sou mestrando em Educação na Unisinos. Pesquiso Trajetórias docentes em Novo Hamburgo (1940-2009). Necessito esclarecimentos. Se possível indicando a fonte de referência. Ex. Conforme Livro de Registros número de acerto no Colégio Santa Catarina ou ... Colégio tal.... Se for possível enviar isso numa folha timbrada da instituição e constando as informações que a baixo solicito, posso utilizar a informação na minha pesquisa, como consulta a documentos.

Segue:

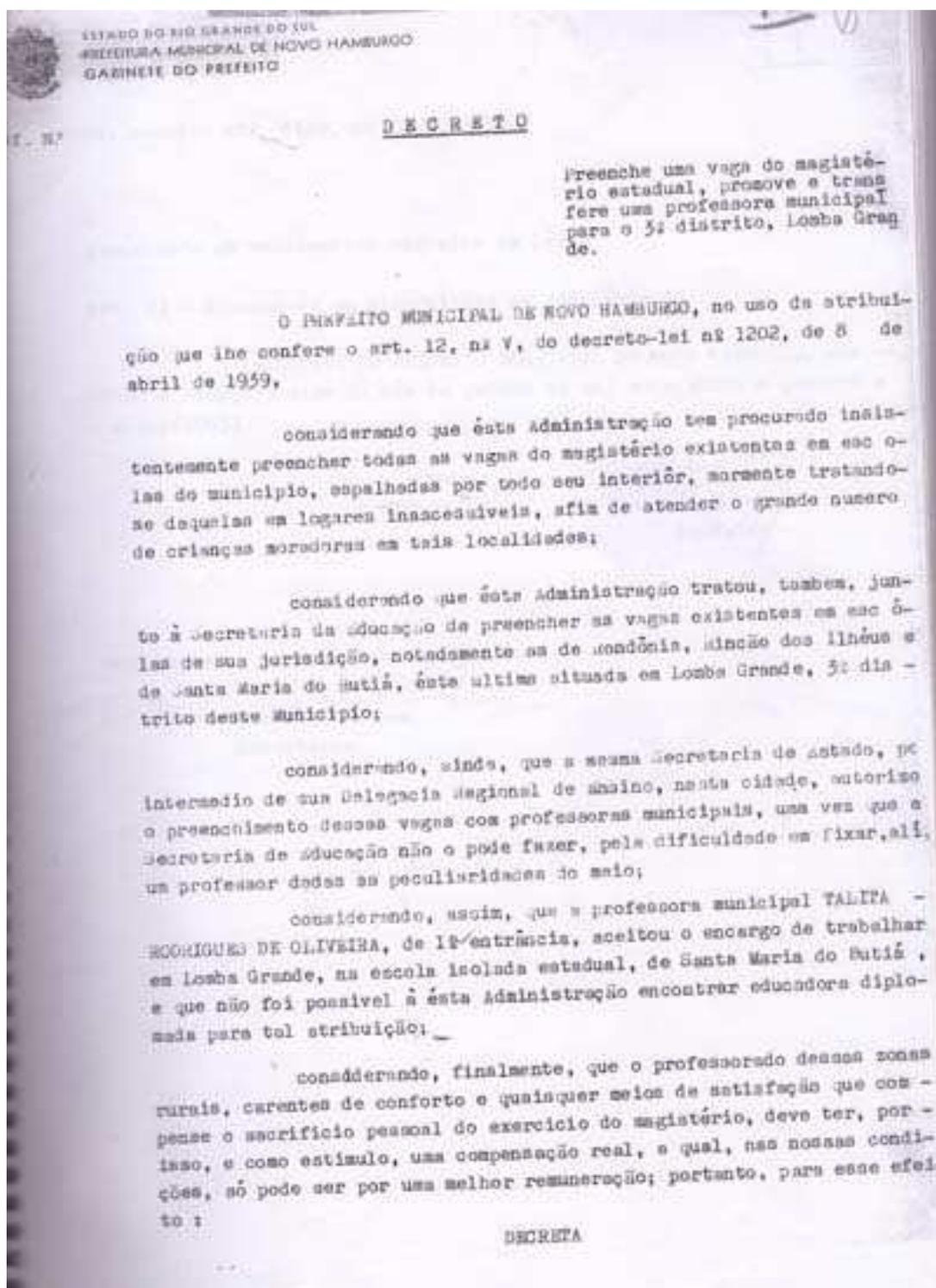
- 1) Qual é a denominação correta. Grupo Escolar São Luiz ou Colégio São Luiz? A propósito é com Z ou S? GINÁSIO SÃO LUIZ
- 2) A escola foi fundada em 1928 pela Congregação das Irmãs de Santa Catarina, como consta no livro de Liene Schütz (2001)? 12/02/1928
- 3) Quando a instituição cessou suas atividades? O que foi feito com a documentação? O GINÁSIO CESSOU EM FINAL DE 1978. SEGUNDO PORTARIA 20678 DE 14/11/1978, designação e unificação, a partir de 1979 da Escola de 1º grau São Luiz, reconhecida pela Portaria 15917 de 05/07/1971, como Ginásio São Luiz, reorganizada pela Portaria 04737 de 06/04/1978 para Escola Santa Catarina 1º e 2º Grau.

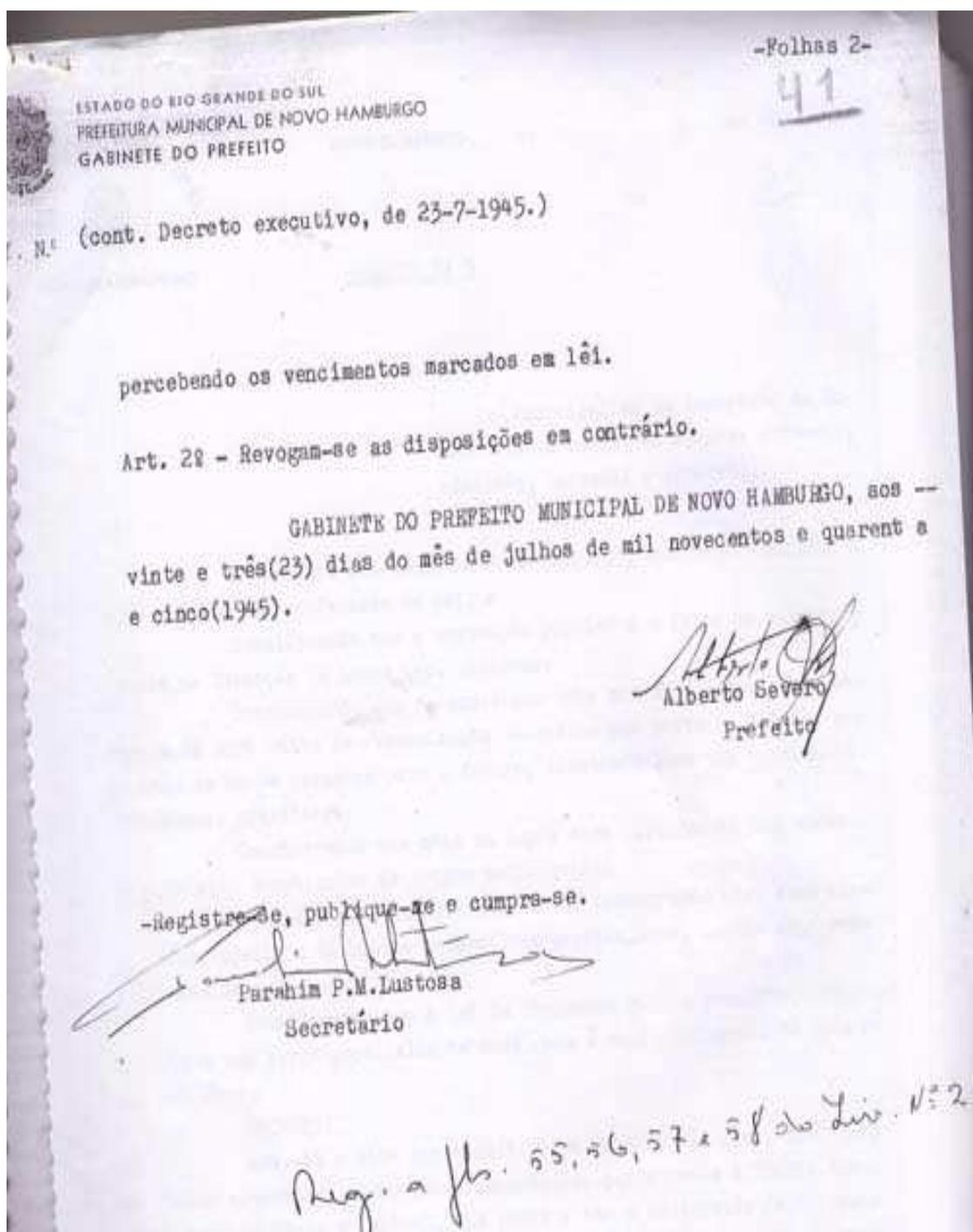
O acervo encontra-se sob responsabilidade do Colégio Santa Catarina.
(Tudo das mensagens anteriores oculto)

https://mail.google.com/mail/h/1a095ljyt2lqx/?v=pt&msg=131b8fbd34895bc3

11/8/2011

ANEXO V- Decreto S/Nº 23/07/1945 Preenche vaga do magistério estadual com uma professora Municipal





ANEXO W- Decreto Nº 5 - Municipalisa um instituto de Ensino, 28/02/1939

NOVO HAMBURGO, de _____ de 1939.

85
W

DECRETO Nº 5

Municipalisa um instituto de Ensino com os seguintes cursos: primario, admissao, ginasial e comercial.

O prefeito Municipal de Novo Hamburgo, usando das atribuições que lhe são conferidas em Lei, e

Considerando que a instrução popular é o fator de mais relevancia na formação de nossa nacionalidade;

Considerando que ao municipio cabe maxima cooperação de esforços na obra vasta de reergulmento do ensino por parte do Estado, preparando as novas gerações para o futuro, incutindo-lhes uma consciencia nitidamente brasileira;

Considerando que mais se impõe essa providencia nas zonas de população constituída de origem estrangeira;

Considerando que mais facilmente concorrerão para esse levantados objetivos as nobres iniciativas particulares, quando amparadas e orientadas pelo poder publico;

Considerando que a Lei de Orçamento para o presente exercicio dotou uma verba especialmente destinada á municipalisação do Colegio São Jacó.

DECRETA:

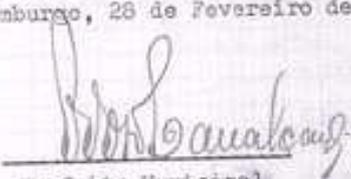
Art. 1º - Fica municipalisado o Colegio São Jacó, instituto de ensino elementar, comercial e secundario, pertencente á "União Brasileira de Educação e Ensino", que passa a ter a designação de "Ginasio Municipal São Jacó", continuando inalterada a situação jurídica de seus bens patrimoniais;

Art. 2º - O Governo do Municipio envidará todos os esforços para que o "Ginasio Municipal São Jacó" seja reconhecido pelo Governo Federal, como estabelecimento de ensino secundario;

Art. 3º - O Governo do Municipio atenderá as despesas necessarias para ser o objetivo do anterior artigo alcançado, dentro da verba dotada na Pa. 20 - INSTRUÇÃO.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrario.

Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, 28 de Fevereiro de 1939.



Prefeito Municipal

ANEXO X- Relação de Alunos que freqüentam a "Aula Pública", mês de maio de 1931

1931
Livro 1

1931 - U

Relação dos alunos que frequentam a aula durante o mês de maio

Nº	Nome	Idade	Sexo	Matrícula
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

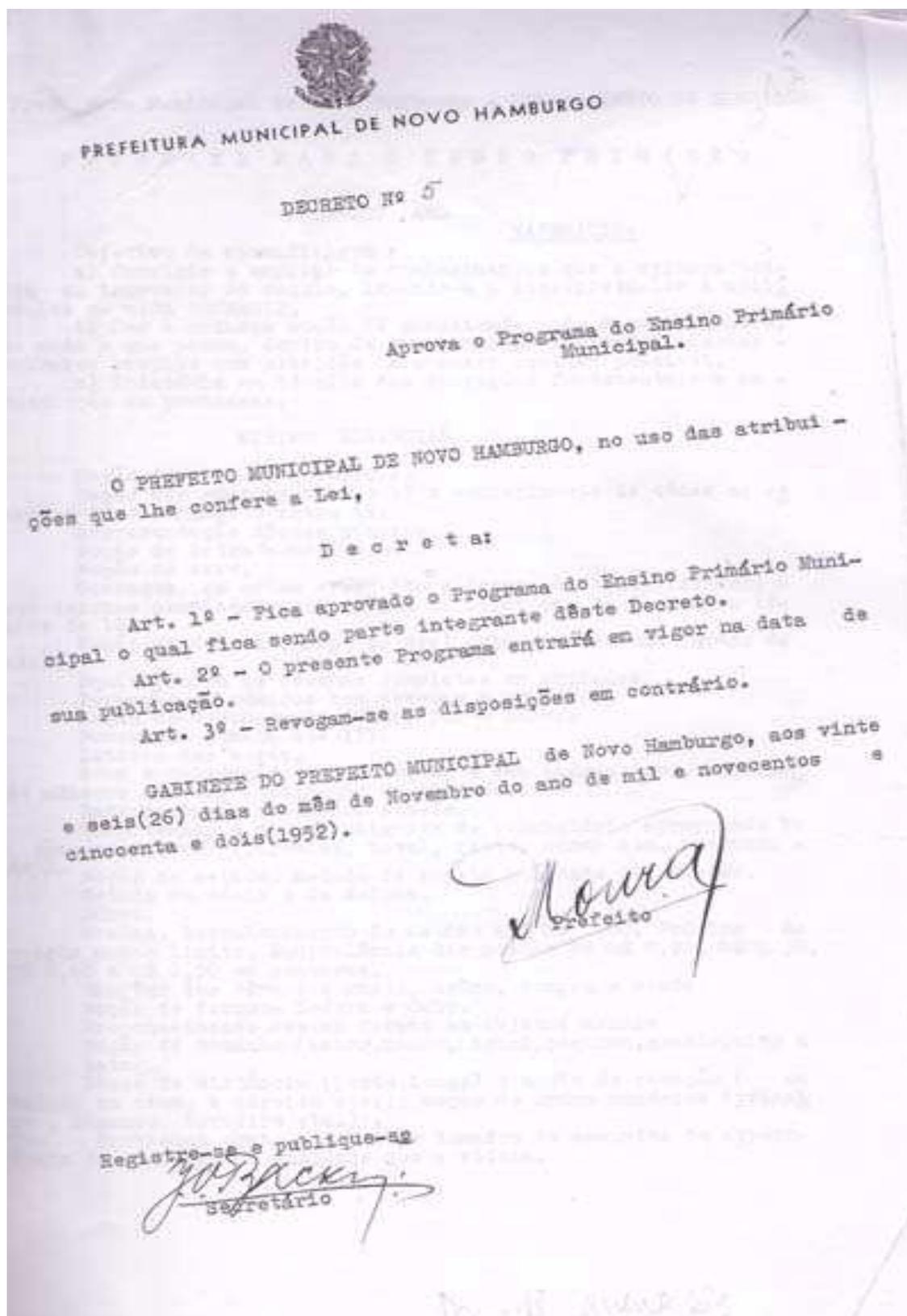
Total: 100

1931

Presença na aula durante o mês de Maio

Nº	Nome	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	Faltas	Em Observação		
31	Tomes																																3	21	
32	Else Seherer	v	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	2	22	
33	Elvi Müller	v	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	2	22	
34	Ethel Müller	v	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	5	19		
35	Theresa Kubatz	v	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	8	16		
36	Maria Martins	v	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	8	16		
37	Eva Martins	v	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	0	24		
38	Arcy Köber	v	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	4	20		
39	Carolina de Jesus	v	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	8	16		
40	Lucrecia da Silva	v	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	10	14		
41	Lucrecia Schuch	v	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	5	19		
42	Milda Maria Schuch	v	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	0	29-5-934		
43	Lucia da Conceição	v	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	0	29-5-934		
44	João Ant. da Silva																																168	868	
45	Margarita da Silva																																		
		Total																																	
		Frequência de 22 alunos																									538	media	22						
		Idem 18 alunas																									330	media	14						
		Total frequência de 45 alunos																									868	media	36						
Lomba Grande 31 de Maio de 1931.																																			
José Augusto de Sá																																			
José Augusto de Sá																																			
																												Faltas	86	88					
																													86	80					
																														168					

ANEXO Y- Decreto Nº 5 – Aprova Programa do Ensino Primário Municipal 26/11/1952



Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo - DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA PARA O CURSO PRIMÁRIO

PRIMEIRO ANO

MATEMÁTICA

Objetivo da aprendizagem :

- a) Corrigir e ampliar os conhecimentos que a criança possui ao ingressar na escola, levando-a a interpretá-los e utilizá-los na vida infantil.
- b) Dar à criança noção de quantidade e de suas variações, de modo a que possa, dentro de uma grandeza limitada, efetuar cálculos simples com exatidão e a maior rapidez possível.
- c) Iniciar na técnica das operações fundamentais e na resolução de problemas.

MÍNIMO ESSENCIAL

- Noção de unidade e coleção.
- Noção dos números de 1 a 10 e conhecimento de todas as relações desses números entre si.
- Representação desses números.
- Noção de ordem numérica.
- Noção de zero.
- Contagem, em ordem crescente e decrescente, seguidamente - por dezenas completas, por grupos de unidades, 2, 5 etc. no limite de 100.
- Noção de dezena (grupo de dez) noção de centena (grupo de cem).
- Equivalência de dezenas completas em unidades.
- Formação de números com dezenas e unidades.
- Noção de número, seja ímpar, par e ímpar.
- Numeração romana até XIII.
- Leitura das horas.
- Soma e subtração, com reservas e sem empréstimos, utilizando números até cem (indicação em colunas).
- Interpretação e uso dos sinais.
- Compreensão e uso inteligente do vocabulário apropriado às operações adquiridas (parcelas, total, resto, somar com, subtrair - de).
- Noção de metade. Metade do objeto e metade da coleção.
- Metade de dúzia e de dezena.
- Dóbro.
- Moedas. Reconhecimento de moedas até Cr\$ 1,00. Prática de trocas nesse limite. Equivalência das moedas de Cr\$ 0,20, Cr\$ 0,30, Cr\$ 0,40 e Cr\$ 0,50 em centavos.
- Emprego dos termos : custo, preço, compra e venda.
- Noção de forma - Esfera e Cubo.
- Reconhecimento dessas formas em objetos usuais.
- Noção de tamanho (maior, menor, igual, pequeno, grande, alto e baixo).
- Noção de distância (perto, longe) ; noção de posição (em baixo, em cima, à direita etc.); noção de ordem numérica (primeiro, segundo, terceiro etc.)
- Problemas orais e escritos tomados de assuntos de experiência da criança, no ambiente que a rodeia.

Fls. 2.

LINGUAGEM

Leitura.

Objetivos da aprendizagem:

- a) Despertar na criança o desejo de ler e o amor à leitura.
- b) Dar à criança a capacidade de leitura inteligente, oral e silenciosa, de palavras, frases tiradas de seu vocabulário.

MINIMO ESSENCIAL

Domínio da mecânica inicial da leitura.

Leitura silenciosa e interpretação de trecho lido em palavras próprias, pela ação, por meio modelado, desenho ou recorte.

Leitura oral, com enunciação clara, pronúncia como um todo das palavras e expressões concatenadas, de material apropriado às classes de 1º grau.

Escrita e caligrafia.

Objetivos da aprendizagem:

- a) Levar as crianças a escrever, com letra legível, as palavras de seu vocabulário, sem demasiada exigência de perfeição na forma, no tamanho e exatidão de proporções.
- b) Conseguir posição correta do corpo e do papel no ato de escrever e boa disposição do trabalho escrito.

MINIMO ESSENCIAL

Conhecimento de todas as letras do alfabeto, maiúsculas e minúsculas, independente de ordem alfabética.

Capacidade de representar as letras isoladamente ou em palavras.

Composição.

Objetivos da aprendizagem:

- a) Levar a criança a exprimir-se com naturalidade, na medida de seus interesses e de seus recursos de vocabulário.
- b) Enriquecer-lhe o vocabulário, em contato com as realidades, que as palavras representam.

MINIMO ESSENCIAL

Pronúncia com clareza e correção, das palavras do vocabulário infantil.

Escrita, de cor, de quase todas as palavras aprendidas durante o ano.

Emprêgo do ponto final e do de interrogação.

Emprêgo da letra maiúscula na escrita de próprio nome, no dos colegas, dos pais e no princípio das frases.

Composição oral e escrita de frases coordenadas - duas, no máximo sobre o assunto da experiência das crianças.

Escrita do endereço, nome da escola e data.

Gramática e ortografia.

Objetivos da aprendizagem:

- a) Despertar o desejo de falar e escrever corretamente.
- b) Eliminar vícios e erros da linguagem, sobretudo de articulação e entonação.

-MINIMO ESSENCIAL

Reconhecimento de palavras que indicam nome, qualidade e ação.

(continda)

Fla. 3.

Literatura.

Objetivos de aprendizagem:

- a) Incentivar nas crianças o gosto pelas historietas e poesias e desejo de ler e possuir livros.

MÍNIMO ESSENCIAL

- Reprodução de maneira fiel quanto ao sentido, de histórias simples escolhidas dentro as contadas em classe.
Memorização de pequenas poesias.

ESTUDOS SOCIAIS

Objetivos da aprendizagem:

- a) Levar a criança a conhecer o ambiente em que vive, sob o aspecto histórico - geográfico.
b) Promover o ajustamento da criança ao seu pequeno meio.
c) Formar hábitos de observação e levar a apreciar a contribuição que os outros trazem no seu bem estar.
d) Despertar a atenção para a sucessão do tempo.
e) Despertar o interesse pelos símbolos da Pátria e levar a conhecê-los.

MÍNIMO ESSENCIAL

- a) Geografia.

Casa do aluno: distrito, sua denominação, rua.
A casa paterna: seus compartimentos: sala de visitas, quartos, sala de refeição e cozinha. Móveis e utensílios domésticos.

Escola: o quarteirão da escola. Joes das ruas próximas. Caminho percorrido pelo aluno para ir à escola.
Nome do Município, do Estado e do País.
Meios de transporte que utiliza tempo que dispense.

- b) História.

A criança: nome, idade, lugar do nascimento.
Sua família: pais, irmãos e demais parentes, empregos e ocupações do pai e da mãe.
A escola: professores e colegas.
Dias em que funciona a escola.
Domingos e feriados.
Reconhecimento da bandeira nacional e Hino Nacional (feito tão sómente pelas cores e pelo canto).

- c) Higiene.

Da criança: cuidados corporais, o banho, o sabão, a escova de dentes e o pente.
Vestuário adequado ao tempo: roupas usadas no verão, no inverno e nos dias chuvosos.
Cuidados com a roupa: limpeza e reparação.
Do lar: asseio da casa e dependências.
Da escola: asseio da sala de aula, de outras peças e outras dependências.
Da alimentação: alimentos e bebidas recomendadas. Horário das refeições.

ESTUDOS NATURAIS

Objetivos de aprendizagem.

(contida)

Fls. 4.

- a) Iniciar a criança no conhecimento da vida dos animais e das plantas, pela observação em ambiente natural.
- b) Despertar o interesse pelas coisas e fenômenos da natureza.
- c) Concorrer para o adiantamento da criança ao pequeno - meio em que vive - o lar, a escola.

MÍNIMO ESSENCIAL

- a) Animal - O animal como ser vivo - características principais : vida, necessidade de alimentação, abrigo - repouso, meios de defesa e locomoção - animais úteis e nocivos.
- b) Planta - a planta como ser vivo - partes que a compõem condições de que necessita para desenvolver-se: necessidade de água, ar, luz, de solo apropriado.
- c) Fenômeno - Observações sobre a água, as nuvens, o ar, o vento, o sol, a terra e a lua - pontos cardiais - as estrelas - as estações do ano, os dias, as semanas, os meses.

DESENHO

Objetivos de aprendizagem.

- a) Desenvolver a capacidade de usar o desenho como meio de expressar o pensamento.
- b) Levar a conhecer e empregar as coisas em conjunto harmônicos.
- c) Iniciar a criança na composição decorativa.

MÍNIMO ESSENCIAL

Desenho espontâneo a lapis preto e de cores.
Desenho de objetos usuais, folhas, flores, frutas, brinquedos infantis.
Desenho livre ilustrando historietas e trabalhos escritos.

TRABALHOS MANUAIS

Recorte e colagem de siluetas em papel.
Modelagem, em barro de frutas, flores, sólidos geométricos.
Trabalhos de agulha muito simples.

MUSICA

Objetivos da aprendizagem :

- a) Despertar interesse e gosto pela música.
- b) Familiarizar a criança com a música e levá-la a ouvir interessadamente.
- c) Desenvolver o sentido do ritmo.
- d) Ensinar a cantar com naturalidade.
- e) Iniciar na apreciação musical.

MÍNIMO ESSENCIAL

Canto por audição -
Cantigas de roda.
Hino Nacional
Hino à Bandeira

(continúa)

Fls. 5.

SEGUNDO ANO

MATEMÁTICA

Objetivos de aprendizagem.

- a) Rever e ampliar os conhecimentos matemáticos adquiridos no grau precedente.
- b) Conduzir a criança, gradativamente, à abstração do conceito de número.
- c) Levá-la a reagir com crescente exatidão e rapidez as combinações numéricas fundamentais.
- d) Procurar estabelecer uma pronta coordenação entre os processos adquiridos e as situações que a criança vive (realmente ou em imaginação).

MÍNIMO ESSENCIAL

Numeração até 10.000. Leitura e escrita, composição e decomposição de números até esse limite.
 Contagem por dezenas, centenas, por grupos de dezenas etc. em ordem crescente e decrescente.
 Numeração romana até XII.
 Leitura das horas e minutos.
 Leitura das meias horas e quartos de hora.
 Noção de milhar.
 Mecanização das tábuas de adição e subtração.
 Adição com reservas e subtração com empréstimos utilizando números compreendidos no limite de 10.000.
 Nomenclatura relativa a essas operações. Casos especiais de subtração com zeros no minuendo. Prova real da adição e subtração.
 Adição de colunas de números simples iguais. Contagem por grupos.
 Noção de multiplicação.
 Nomenclatura relativa à multiplicação (fatores multiplicando, multiplicador, produto).
 Tábua da multiplicação.
 Multiplicação de um número simples por um composto (exercícios em colunas).
 Casos especiais de multiplicação: multiplicação por 10, 100, 1000; multiplicação por número significativo seguido de zeros; multiplicação de números terminados em zeros.
 Noção de divisão. Uso do sinal (:) e da chave. Nomenclatura relativa à divisão.
 Divisões com divisor simples e dividendo até 100.
 Divisão inexata. Noção de resto.
 Verificação prática de que o dividendo é igual ao produto do divisor pelo quociente mais o resto. Divisão de números terminados em zeros por 10, 100, e 1000.
 Noção de meios, terços, quartos, etc. de objetos, coleções, números.
 Leitura e escrita de quantias até Cr\$ 10,00. Conhecimento de moedas e cédulas até esse limite. Práticas de trocos.
 Equivalências. Noção de medidas. Avaliação de comprimentos; largura, altura, por meio de padrões pessoais: palmo, polegada, pé.
 Medição de líquidos e pesagens, usando medidas naturais: saquinhos de terra, pedras, colheres, chicaras, garrafas, punhados.

(continúa)

Fls. 6.

Prática de medidas com litro, metro e quilo; meio litro, meio metro e meio quilo.

Equivalência do metro, litro e quilo; respectivamente - em meios metros, meios litros e meios quilos.

Estudo da esfera, cubo e cilindro. Reconhecimento dessas formulas em objetos usuais.

Problemas práticos, contas aritméticas, problemas de situação real.

Problemas incompletos, problemas formulados pelas próprias alunos.

LINGUAGEM

Objetivos da aprendizagem:

a) Consolidar e desenvolver as técnicas de leitura e escrita iniciadas no ano anterior.

b) Dar à criança possibilidade de exprimir seu pensamento por meio de linguagem oral e escrita.

MÍNIMO ESSENCIAL

Leitura silenciosa, com perfeita compreensão, dos livros apropriados para a série.

Leitura oral, do mesmo material, com expressão que denuncie estar sendo o assunto compreendido.

ESCRITA E CALIGRAFIA

Objetivos da aprendizagem:

a) Levar as crianças a aperfeiçoar a escrita em tamanho, forma, inclinação e alinhamento.

MÍNIMO ESSENCIAL

Escrita com letra de tamanho, inclinação e alinhavo que também já para o normal.

COMPOSIÇÃO

Objetivos da aprendizagem:

a) Desenvolver facilidade, correção e clareza de expressão.

b) Eliminar da linguagem, oral e escrita, vícios e erros, de acordo com o programa mínimo de gramática.

MÍNIMO ESSENCIAL

Composição oral e escrita de duas ou três frases, em sequência, sobre assunto da experiência da criança.

Redação oral e escrita de recados muito simples.

Escrita do nome da localidade e de país.

Emprego do ponto final, do de interrogação e do de admiração. Uso da letra maiúscula no início da frase e no nome das pessoas e lugares.

Ordenação, conclusão de frases com palavras do vocabulário infantil.

GRAMÁTICA E ORTOGRAFIA

(continua)

Fls. 7.

Objetivos da aprendizagem:

- a) Incentivar na criança o desejo de falar e escrever corretamente.
- b) Espenhá-la em descobrir e corrigir seus próprios erros de linguagem - especialmente: pronúncia dos finais das palavras, concordância do adjetivo com o substantivo, do verbo com o sujeito.

MÍNIMO ESSENCIAL

Nomes, qualidades, ações; gênero - Número (um e mais de um). Antônimos. Número de sílabas. Acentuação tônica.

LITERATURA

Objetivos da aprendizagem:

- a) Incentivar o desejo de ler e possuir livros, mediante apresentação de material de acordo com o desenvolvimento e interesse da criança.

MÍNIMO ESSENCIAL

Reprodução de histórias contadas em aula, memorização - de pequenas poesias, leitura no mínimo de três livros da biblioteca de classe.

ESTUDOS SOCIAIS

Objetivos da aprendizagem:

- a) Dar uma visão geral do meio em que a criança vive, levando a observar as condições favoráveis ou desfavoráveis em que se encontra a localidade e mostrando as modificações de que necessita e as possibilidades de melhorá-la.
- b) Despertar a curiosidade pelas coisas do passado.
- c) Proporcionar oportunidades para a formação moral, social e cívica.

MÍNIMO ESSENCIAL

a) Geografia

Sala de aula: Lígeiro esboço da sala de aula.

Estudo da planta da localidade. Seus caminhos e estradas.

Meios de transportes locais.

Orientação - de dia, pela posição em face do sol, à noite, pelo Cruzeiro do Sul.

Acidentes físicos mais característicos da localidade.

Aglomerações maiores e menores da população - cidades, vilas e povoações - a vida nas cidades e nas zonas rurais.

b) História

Estudo comparativo da vida em tempos imediatamente anteriores ao nosso, na localidade - Vida mais antiga - fundação da cidade, vila ou povoação.

Vida primitiva: O estado primitivo do nosso País.

Noções sobre a vida e costumes. Descobrimento do Brasil.

Noções sobre o governo local - noção de autoridade - organização dos serviços públicos locais.

Bandeira Nacional - significação das cores. Hino Nacional. Hino à Bandeira (reconhecimento por audição).

c) Higiene. Higiene pessoal - da habitação - da alimentação. Cuidados com a saúde.

(continua)

ESTUDOS NATURAIS

Objetivos do Ensino:

- a) Iniciar os alunos no estudo do corpo humano, chamando a atenção para as notas diferenciais entre o homem e os animais e as plantas.
- b) Ampliar os conhecimentos que a criança possui dos animais e plantas, mediante a observação da vida natural ambiente.
- c) Estimular a curiosidade pelo estudo dos fenômenos naturais, em suas relações com a vida.
- d) Dirigir a curiosidade da criança para o conhecimento de seu próprio ser, sentidos e órgãos.

MÍNIMO

ESSENCIAL

- a) Homem - Partes do corpo humano: cabeça, tronco, membros, principais órgãos - enumeração e conhecimento superficial das funções que desempenham.
- b) Animais - Animais que se encontram na localidade - Alimentação - meios de defesa, locomoção e comunicação - cuidados que se lhes deve dispensar - construção de abrigos pelos próprios animais e utilização das construídas pelo homem - animais domésticos - animais selvagens.
- c) Plantas - Plantas comuns na localidade - partes componentes - conhecimento superficial das funções desempenhadas pela raiz, caule e folhas - plantas úteis - cuidados que nos devem merecer as plantas - germinação.
- d) Fenômenos naturais:
Divisões do tempo; ano, meses, semanas, dia, hora e minuto. - A terra e o sol - forma e movimento da terra - Pontos cardinais - Estações do ano.
A luz e as estrelas - Ar frio, quente, úmido, força e direção dos ventos - Água: gelo, água, vapor d'água - nomes: forma, cor, movimento.

DESENHO

Objetivos da aprendizagem:

- a) Animar a criança para que use do desenho, do modelado como meios de expressar o pensamento.
- b) Estimular a capacidade criadora, na composição decorativa.
- c) Iniciar a criança na técnica indispensável à concretização do pensamento.

MÍNIMO

ESSENCIAL

Uso da capacidade de expressão gráfica na ilustração de historietas e lições.

Desenho de paisagens que cercam a escola, de animais, objetos etc. Combinação de formas geométricas para compor frisos

TRABALHOS MANUAIS

Modelado, recortes, emendação e execução de trabalhos de agulha muito simples.

M U S I C A

Objetivos da aprendizagem:

- a) formar o hábito de ouvir interessadamente.
- b) ensinar a cantar com naturalidade.
- c) desenvolver o sentido do ritmo.

(continuação)

MÍNIMO A ALCANÇAR

- 1 - Canto por audição de canções fáceis.
- 2 - Canto individual de canções conhecidas.
- 3 - Hino Nacional.
- 4 - Hino à Bandeira

T E R C E I R O A N O

MATEMÁTICA

Objetivos da aprendizagem :

- a) Revisar e ampliar o conhecimento dos fatos de Matemática introduzidos nos anos anteriores.
- b) Aumentar a exatidão e velocidade na prática das operações aritméticas.
- c) Desenvolver a capacidade de resolver problemas e formar nas crianças a compreensão de que os conhecimentos e as habilidades de ordem matemática constituem equipamento para o domínio de muitas situações de sua própria vida.

MÍNIMO

ESSENCIAL

- Revisão da matéria ensinada no ano anterior.
 Estudo completo da numeração, contagem, leitura e escrita de números, composição e decomposição nas diferentes ordens.
 Noção de algarismo e número, número simples e composto.
 Numeração romana até C (100).
 Estudos dos símbolos I e C.
 Leitura e escrita de números com algarismos romanos.
 Mecanização das tabuas de somar, subtrair, multiplicar e dividir. Aplicação dos conhecimentos sobre a adição na soma de grandes números de parcelas.
 Estudos com casos especiais de subtração com zeros no minuendo. Prova real da adição e subtração.
 Cálculo mental envolvendo adição ou subtração de números compostos e de duas ordens de unidade.
 Multiplicação de números quaisquer.
 Casos especiais de multiplicação, multiplicação por 10, 100, 1000.
 Multiplicação com zeros intercalados no multiplicador.
 Divisão de números quaisquer.
 Casos especiais de divisão:
 Divisão por 10, 100, 1000 dos números terminados em zeros;
 Divisão de números terminados em zeros.
 Divisão exata e divisão inexata.
 Divisibilidade por 2, 5 e 10.
 Números pares e ímpares.
 Noção de fração como parte do inteiro.
 Representação das frações ordinárias na forma apropriada.
 Nome e significação dos termos.
 Leitura, escrita e equivalência das frações ordinárias.
 Comparação de fração.
 Noção de número decimal; divisão da unidade em décimos, centésimos e milésimos.
 Representação escrita dessas unidades. Leitura e escrita de números decimais.

(continda)

Fls. 10.

Equivalência das ordens de unidades estudadas.
 Movimento da vírgula.
 Adição e subtração de decimais. Multiplicação e divisão -
 decimais pelas potências de 10.
 Medidas: Conhecimentos do metro, litro e quilograma; do
 $\frac{1}{2}$ metro, $\frac{1}{2}$ litro, $\frac{1}{2}$ quilograma; do $\frac{1}{4}$ de metro, do $\frac{1}{4}$ do
 litro, do $\frac{1}{4}$ do quilograma.
 Aplicação dessas unidades em medições.
 Equivalência do metro em meios metros e quartos de metro.
 Equivalência do litro em meios e quartos de litros e do
 quilograma em meios e quartos do quilograma.
 Avaliação de superfícies e volumes por meio de padrões na
 turmas: Cartões, páginas de caderno, cubos etc.
 Submúltiplos de metro e do litro. Equivalência da unidade
 principal dessas medidas. Representação, leitura e escrita de mé-
 tras que exprimam fração do metro e do litro.
 Soma e subtração com esses números.
 Problemas. (Vide 2º ano) Análise e interpretação oral -
 Binheiro; Conhecimento das moedas e cédulas brasileiras -
 até R\$ 1.000,00. Leitura e escrita de quantias nesse limite.
 Práticas de trocos.
 Geometria - Estudo da linha reta. Suas posições (vertical,
 horizontal, inclinada).
 Noção de ângulo reto, agudo e obtuso, sem referência a grau.
 Posições relativas das linhas retas (linhas perpendicula-
 res, oblíquas, paralelas, convergentes e divergentes).
 Estudo do prisma (quadrangular e triangular).
 Face lateral, bases arestas e vértices.
 Reconhecimento do quadrado retângulo e triângulo.
 Pirâmide e cone.
 Reconhecimento do círculo.

LINGUAGEM

Objetivos da aprendizagem:

- Levar a criança ao domínio mecânico da leitura.
- Tornar permanente os bons hábitos de leitura.
- Desenvolver a capacidade de ler bem, silenciosa e oral-
mente.
- Tornar a criança capaz de ler independentemente por pra-
zer ou para informação.

MINIMO

ESSENCIAL

Leitura oral a primeira vista com certa facilidade e expres-
são de trechos fáceis, de linguagem corrente.
 Leitura silenciosa de trechos simples, com perfeita compreen-
são.
 Organização do material lido em seus pontos principais e por-
menores básicos.

ESCRITA E CALIGRAFIA

Objetivos da aprendizagem:

- Levar a maior desembaraço de movimentos e maior leveza
de traços.

(continua)

Fls. 11.

MINIMO ESSENCIAL
Escrita com letra de tamanho normal, boa proporção e forma.

COMPOSIÇÃO

Objetivos da aprendizagem:
a) Eliminar vícios e erros de linguagem, de acordo com o programa mínimo de gramática.

MINIMO ESSENCIAL
Capacidade de compor um parágrafo de quatro ou cinco frases, gramaticalmente, correta e dispostas em sequência, sobre assuntos da experiência da criança.
Redação de cartas familiares com o tratamento tu e Senhor.
Emprego das abreviaturas Sr. e Sra.
Emprego do ponto final, ponto de interrogação e admiração.
Emprego da vírgula para separar elementos assintáticos e sinônimos; dois pontos e do travessão nos diálogos.
Emprego seguro das letras maiúsculas nos nomes próprios.

GRAMÁTICA E ORTOGRAFIA

Objetivos da aprendizagem:
a) Levar ao conhecimento prático de novos fatos gramaticais.
b) Fortalecer o empenho e o desejo de falar e escrever corretamente e levar a criança a fixar em sua linguagem as correções que implicam os conhecimentos gramaticais adquiridos.

MINIMO ESSENCIAL
Nomes, qualidades, ações.
Gênero e número.
Conjugação, nos tempos fundamentais de verbos regulares - muito comuns e dos auxiliares ser e ter.
Formas pessoais, casos retos, com distinção de singular e plural. Família de palavras.
Significação de alguns coletivos muito comuns.
Formação do plural (caso geral, e plural das palavras em ão e das terminadas em r, l, s, m) de nomes e adjetivos.
Sinônimos e antônimos de palavras muito comuns.
Concordância de adjetivo qualificativo com o substantivo, do verbo com o sujeito.

LITERATURA

Objetivos da aprendizagem:
a) Despertar o gosto pela leitura de material mais variado: contos, lendas, fábulas, etc.
b) Dar capacidade de leitura independente.

MINIMO ESSENCIAL
Reprodução de histórias ou fábulas, em linguagem própria.
Memorização de pequenos trechos em prosa e verso.
Leitura de alguns livros da biblioteca da classe ou da Escc

1a.

(Continda)

Fla. 12.

ESTUDOS SOCIAIS

Objetivos de aprendizagem:

- Enriquecer e dar maior expansão aos conhecimentos adquiridos nos dois primeiros anos.
- Levar a conhecer o Rio Grande do Sul e sua história.
- Oferecer oportunidade para a formação moral, social e estética.

MINIMOESSENCIAL

a) Geografia - Aspecto físico e acidentes principais do Rio Grande do Sul - cidades principais e sua localização. Agricultura, criação, indústria e comércio. - Transportes - Comunicações. A vida nas cidades, na zona agrícola, na terra, na campo e no litoral.

b) História - Primeiros habitantes do Rio Grande do Sul. As missões - Fundação da cidade de Porto Alegre. Influência da colonização alemã e da italiana na povoação econômica e cultural - Notícias da Guerra dos Farrapos - Valor que o Estado representa em face da unidade nacional. Governo da localidade e do Estado - autoridades - serviços públicos - Manutenção - impostos.

c) Higiene - higiene da habitação, alimentação, respiração. Cuidados higiênicos pessoais - A saúde.

ESTUDOS NATURAIS

Objetivos de aprendizagem:

- Intensificar a formação de hábitos de observação do ambiente natural.
- Dilatar o círculo de conhecimentos e experiências adquiridas nos dois primeiros anos com relação aos estados do homem, e animais, das plantas e dos fenômenos naturais.

MINIMOESSENCIAL

a) Homem - Esqueleto - músculos - Noções sobre as funções da nutrição, respiração e circulação.

b) Animais - Vertebrados e Invertebrados - características - hábitos de vida - alimentação preferida - abrigo - animais úteis e nocivos - animais comuns no Rio Grande do Sul.

c) Plantas - Vegetais úteis ao homem - partes componentes: funções - a flor e o fruto - germinação - árvores e arbustos - características principais - vegetais comuns no Rio Grande do Sul - relações entre as plantas e as condições do clima, natureza do solo e condições topográficas.

Observações sobre o tempo. O sol. A terra, forma e movimento da terra, linhas e círculos - A lua - Fases da lua. Noções muito breves sobre o clima da zona em que funciona a escola e do Estado.

Calor - efeitos do calor - fontes de luz e calor - Termômetro.

(continuação)

Fls. 13.

Estados dos corpos : sólido, líquido, gasoso - Mudança de estado.
 Propriedade dos corpos.
 Vasos comunicantes; abastecimento d'água; tratamento da água a fim de torná-la potável.
 Alavancas.
 Balanças.
 Observação do solo da localidade e de algumas rochas do Estado do Rio Grande do Sul.

DESENHO

Objetivos da aprendizagem:
 a) Continuar a estimular a criança, para que se sirva do desenho e do modelado como meios de expressão.
 b) Iniciar o desenho do natural.
 c) Desenvolver a capacidade de apreciação da beleza.

MINIMO

ESSENCIAL

Ilustrações de historietas, lições, cenas da família, da escola, da rua, etc.
 Desenho do natural de brinquedos, animais, figuras humanas, flores, frutas, etc.
 Empregos de formas geométricas e dos desenhos do natural, como motivos, na decoração.
 Uso das cores e valores.

TRABALHOS MANUAIS

Tecidos e trançados em papel palha, taquara, vime, arame, barbante etc.
 Cartonagem. Modelagem. Bordados simples.

MUSICA

Objetivos da aprendizagem :
 Os mesmos dos anos anteriores.

MINIMO A ALCANÇAR

- 1 - Canto por audição de canções fáceis (à uma e duas vozes).
 2 - Canto individual de canções estudadas.
 3 - Hino Nacional
 4 - Hino à Bandeira
 5 - Hino da Independência.

QUARTO ANO

MATEMÁTICA

Objetivos da aprendizagem:
 a) Aperfeiçoar e ampliar os conhecimentos de Matemática obtidos nos graus precedentes.
 b) Desenvolver na criança a capacidade de resolver problemas ligados às exigências da vida prática.
 c) Proporcionar elementos que lhe facilitem a realização dos cálculos à qualquer atividade.

MINIMO

ESSENCIAL

Revisão do estudo feito no 3º ano.
 Numeração romana.
 Estados dos símbolos D, C, e M e dos principais que regem esta numeração. Leitura e escrita de números aproximadamente até 2000.
 (continda)

Fig. 14.

Multiplicação: Conhecimentos dos produtos por 11 e 12.
 Processo abreviado da multiplicação por 11.
 Múltiplos e divisor.
 Múltiplo comum, Mínimo múltiplo comum.
 Divisor comum. Maior divisor comum.
 Divisibilidade por 2, 3, 5, 9, 11, 10, 100, 1000, etc.
 Prova das nove das quatro operações.
 Números primos entre si.
 Fração própria e imprópria.
 Número misto. Leitura e escrita dessas frações.
 Comparação, ordenação de frações. Extração de inteiros.
 Representação de inteiros sob a forma de fração.
 Redução de frações a um determinado denominador.
 (Processo geral e de múltiplo comum) Simplificação de frações pelo processo das divisões sucessivas.
 Adição e subtração de frações homogêneas e heterogêneas.
 Ideia de inteiro, fração número misto.
 Fração decimal. Multiplicação de decimais. Casos especiais.
 Divisão de decimais, sem distinção de casas.
 Divisão de decimais por 10, 100, 1000, etc.
 Sistema métrico. Metro, seus múltiplos e submúltiplos.
 Grama e litro: suas equivalências.
 Abreviatura: equivalências.
 Leitura e escrita de frações dessas unidades.
 Noção de superfície e de área.
 Metro quadrado: seus múltiplos e submúltiplos. Relação entre o comprimento e a largura.
 Abreviatura, leitura, escrita das unidades de superfície.
 Equivalência e conversões.
 Geometria - Noção de quadrilátero e triângulo. Reconhecimento do quadrado, retângulo, paralelogramo, losango e trapézio.
 Triângulo quanto aos lados: triângulo retângulo. Área do quadrado, do retângulo, do triângulo. Diagonais.
 Noção de perímetro. Cálculo do perímetro de triângulos e quadriláteros. Cálculo do lado agudo dado o perímetro.
 Noção de escala. Aplicação e representação de dimensões que podem ser medidas pelas originais.
 Problemas - Interpretação. Cálculo mental, envolvendo adição e subtração com números de três ordens de unidades.

LINGUAGEML e i t u r a

- Ampliar o campo de leitura dos alunos, despertando-lhes o interesse para maior variedade de assuntos.
- Estimular o aluno a ler fora das horas de aula.
- Aperfeiçoar a capacidade de ler bem, silenciosa e oralmente.

MÍNIMOESSENCIAL

Interpretação de trechos escritos em linguagem corrente, de modo completo; aprehendo o sentido com precisão, facilidade e razoável rapidez.
 Leitura oral com expressão, articulação nítida e bem modulada tom de voz.
 Maior independência em atacar vocábulos novos.
 Uso conveniente dos índices questionários, vocabulários dos livros, uso de pequenos dicionários.

ESCRITA E CALIGRAFIA

Objetivos da aprendizagem:
 Levar o aluno a escrever com maior legibilidade, velocidade, perfeição de forma e leveza de traços.

(continua)

Fig. 15.

MÍNIMO

ESSENCIAL

Escrita com letra normal, bem proporcional e nítida.

COMPOSIÇÃO

Objetivos da aprendizagem:

- Despertar ao aluno interesse pela expressão correta e clara do pensamento e levá-lo a safregar-se para corrigir suas deficiências de linguagem.
- fortalecer a boa formação e disposição das frases, tanto no discurso oral, como nos trabalhos escritos.

MÍNIMO

ESSENCIAL

Composição de cinco ou seis sentenças, relacionadas a um tópico familiar; escrita de pequena narração de um fato.

Escrita de cartas familiares, com pontuação correta uniformidade de tratamento, começada e terminada nas formas de estílo e com endereço.

Emprego da letra maiúscula nos nomes próprios de pessoas, países, acidentes geográficos; nos títulos das composições, na primeira palavra de cada verso de uma poesia, no começo de cada sentença nas abreviaturas.

Emprego correto de pontuação e das notações léxicas. Uso das abreviaturas mais comuns: Dr. Sr. V. Ilmo. Exmo.

GRAMÁTICA E ORTOGRAFIA

- Iniciar a sistematização dos conhecimentos gramaticais.
- Dar a preocupação de eliminar os erros de linguagem falada ou escrita, apelando para os recursos gramaticais ao alcance do aluno.

MÍNIMO

ESSENCIAL

Revisão da matéria do ano anterior, Substantivos e suas classificações mais importantes.

Adjetivos qualificativos. Função e aplicação dos adjetivos determinativos.

Função do pronome.

Pronomes pessoais e adjetivos.

Conjugação dos verbos regulares e auxiliares. Noção de adverbio.

Estudo da sentença. Sujeito e predicado.

Antônimos e sinônimos.

Derivação e composição.

Prefixos e sufixos (os mais comuns).

Concordância do adjetivo com o substantivo e do verbo com o sujeito.

LEITURA

Objetivos da aprendizagem.

- Desenvolver a capacidade de leitura independente e fortalecer os hábitos correspondentes.
- Estimular o gosto ou apreciação pela boa literatura.

MÍNIMO

ESSENCIAL

- Reprodução de histórias, lendas, etc., em linguagem própria.
- Memorização de trechos, em prosa e verso, de autores nacionais.

ESTUDOS SOCIAIS

Objetivos da aprendizagem:

- Levar a conhecer o Brasil e a sua história, fazendo notar a influência dos fatores naturais e sociais sobre a evolução histórica, cultural do país.

(contínua)

Fls. 16.

b) Fortalecer as qualidades morais e cívicas pela apreciação dos ensinamentos da história Pátria, e, principalmente, pela organização da vida escolar de modo que permita o exercício, em situação real, das virtudes com as quais devemos enriquecer a personalidade do aluno.

MÍNIMO

ESSENCIAL

a) Geografia: Estado do Rio Grande do Sul (revisão de estudo do feito no ano anterior).

Situação do Rio Grande do Sul no Brasil - Brasil - Divisão em zonas, quanto ao aspecto físico, clima e produção; principais acidentes físicos de cada região - características da vida em cada região; habitação, vestuário, costumes, influência do clima e da topografia sobre o indivíduo - distribuição dos habitantes pelas diversas regiões. - Estados, capitais, e cidades principais; aspectos diversos do trabalho humano - centros industriais, comerciais, agrícolas e pastoris, vias de comunicação - comércio - relações aos países que mantêm intercâmbio comercial com o Brasil. - Países limítrofes - breve notícia.

Oceanos e Continentes.

b) História: Estado do Rio Grande do Sul (revisão do estudo feito no 3º ano). Brasil - As terras conhecidas no século XV - Breve notícia sobre a situação do mundo político na época do descobrimento. Aspecto físico e primeiras habitantes do Brasil - Brasil colônia de Portugal - vida dos colonos - Lutas com os índios e com os invasores para a conservação da unidade - a conquista dos sertões. Vultos que contribuíram para a formação do espírito de nacionalidade. Independência. Evolução econômica, política e social do país, fatos determinantes - República - Transformação do Brasil na grande nação de hoje.

Direito de cidadania - Respeito às leis e autoridades que a executam - Organização política do Brasil.

c) Higiene, alimentação: conservação dos alimentos - água potável - bebidas estimulantes - Alcool e fumo - Habitação rural - e urbana - ar, água e esgoto.

Moléstias contagiosas - profilaxia. Tuberculose e lepra, esarlatina - tifo.

ESTUDOS NATURAIS

Objetivos da aprendizagem:

- Levar a criança a compreender, resumidamente, a evolução histórica do Brasil.
- Levar a perceber a importância do aproveitamento das riquezas naturais para o progresso do país.
- Levar a criança a procurar associar os efeitos às causas dos fenômenos físicos que possam ser por ela observados.

MÍNIMO

ESSENCIAL

- Homem - Esqueleto - Músculos - Órgãos - Aparelhos, funções.
 - Animais - Mamíferos - Aves - Répteis - Batráquios - Peixes - Insetos.
 - Plantas - Características principais das espécies mais comuns nas hortas, pomares, jardins - Funções dos vegetais, especialmente os de nutrição e germinação - A horticultura no estado e no país, seleção de sementes, sementeira, cuidado com as plantas.
 - Fenômenos naturais: Observações sobre o tempo - Estações - Astros - Solo, Clima do Estado e do Brasil - temperatura - ventilação, evaporação, Revisão do estudo feito no ano anterior, sobre a terra, coordenadas geográficas.
- Calor - Termômetro;
Força - hidráulica.
Pressão atmosférica - Barômetros - Bombas - Sifão.

(continua)

Fls. 17.

Equilíbrio dos corpos mergulhados e flutuantes - densidade.
 Fôso - gravidade - alavancas - balanças.
 Principais rochas do Brasil.

DESENHO

Objetivos da aprendizagem:
 a) Continuar os exercícios de perspectiva de observação - iniciadas no ano anterior.
 b) Estimular a capacidade criadora.
 c) Levar a criança a procurar a beleza no mundo que a cerca e utilizar os conhecimentos de arte no embelezamento do lar, da escola e do meio em que vive.

MINIMO**ESSENCIAL**

Desenho dos objetivos mais comuns nas proporções devidas e com as deformações aparentes.
 Ilustrações de contos, lições etc. desenho de paisagens.

TRABALHOS MANUAIS

Execução de objetos úteis com vime, arame, junco etc.
 Pequenos trabalhos em madeira: cantoneiras, brinquedos, etc.
 Bordados muito simples. Ponto de marca. Tricô. Crochet.

MÚSICA

Objetivos da aprendizagem:
 a) Desenvolver a capacidade de apreciação musical.
 b) Dirigir a aprendizagem, no sentido de capacitar a criança a ouvir, com interesse e a traduzir graficamente melodias - fáceis.

MINIMO**A ALCANÇAR**

- 1 - Canções por audição (a uma, duas e três vozes).
- 2 - Canto individual
- 3 - Canto do Hino Nacional, Hino à Bandeira, da Independência e outros cânticos pátrios.

QUINTO ANO**MATEMÁTICA**

Objetivos da aprendizagem:
 a) Completar o estudo sobre frações e sistema métrico.
 b) Levar o aluno a compreender a relação existente entre produção, consumo e economia, individual e coletiva, por meio de solução de problemas que terá que resolver como membro da família ou da sociedade.
 c) Preparar o aluno para o exercício de atividades para as quais tenha, durante o curso, revelado aptidão, fornecendo-lhes os elementos necessários para a solução dos problemas relativos com a sua futura vida profissional.

MINIMO**ESSENCIAL**

Revisão do estudo feito nas séries anteriores.
 Noção de potência, nomenclatura peculiar à potenciação; potência, base, expoente, grau, nome particular da 2ª e 3ª potências.
 Elevação de números a uma determinada potência de 10 cu-
 número formação de algarismos significativos de zeros.
 Noção de raiz. Avaliação da raiz quadrada por meio de processos práticos (números até 1000).
 Frações: Multiplicação e divisão de frações ordinárias.
 Conversão de fração decimal em ordinária e vice-versa.
 Noção de fração periódica.
 Geratriz. Periódica simples e composta. Casos em que a fração aumenta e diminui.

(continua)

Fig. 18.

Sistema métrico. Medidas agrárias; arb., seus múltiplos e submúltiplos. Unidades usadas. Correspondência em medidas de superfície.

Volume metro cúbico, seus múltiplos e submúltiplos. Correspondência em medidas de capacidade e peso. Noção de densidade.

Noção de tonelada métrica e quintal métrico. Associação dessas medidas à avaliação de grandes peças, como ferro, carvão de pedra, etc.

Noção de legua e milha. Associação à avaliação de grandes distâncias. Geometrias Reconhecimento do paralelogramo, losango e triângulo. Propriedades das diagonais. Área e perímetro do retângulo, quadrado, paralelogramo, triângulo (em geral) losango.

Classificação do triângulo quanto aos lados e quanto aos ângulos. Estudo do círculo. Circunferência e o diâmetro. Relação entre a circunferência e o diâmetro.

Medida dos ângulos: noção de arco, como medida da grandeza de um ângulo formado pelos raios. Divisão da circunferência em 360 graus.

Graus de ângulo e da semi-circunferência. Divisão do grau em minutos e do minuto em segundos.

Leitura e escrita em ângulos. Ângulos complementares e suplementares, ângulos formados em torno de um ponto.

Processos práticos de traçar circunferência. Área do círculo (demonstração prática).

Volume do cubo e do paralelepípedo. Regra de três. Proporções.

Noção de grandeza direta e inversamente proporcional. A aplicação do método das proporções à solução de problemas de regra de três simples (direta e inversa) e do cálculo dos juros.

Resolução de problemas da regra de três simples, pelo método da redução à unidade. Percentagem. Noção de percentagem. Representação gráfica de caso de percentagem.

Simplificação de "por cento". Sinal %. Avaliação de percentagem em uma de números e quantias. Avaliação da taxa de percentagem. Aplicação do cálculo e da taxa de percentagem a problemas sobre comissões, impostos prediais, abatimentos, lucros e perdas.

Noção de redução comercial e perda real. Escala. Conhecimento das convenções 1:10, 1:100, 1:1000. Aplicação desses conhecimentos ao desenho de plantas simples, da sala de aula, de outras dependências, da escola, da fazenda, etc.

Problemas sobre toda a matéria dada.

LINGUAGEM - L e i t u r a

Objetivos da aprendizagem

- Aperfeiçoar a capacidade de ler bem, silenciosa e oralmente.
- Fortalecer os hábitos de leitura independente.
- Levar o aluno ao uso de leitura, como elemento de pesquisa, auto cultura e recreação.

MÍNIMO

ESSENCIAL

Leitura oral expressiva de gêneros literários diversos. Capacidade e mais pronta compreensão a maior velocidade da leitura silenciosa.

Capacidade de decifrar as dificuldades gerais da leitura por iniciativa própria (consulta a dicionários, aos colegas e professores).

Capacidade de procurar nos livros respostas e informações necessárias à solução de problemas surgidos nas aulas das demais disciplinas da forma da escola.

(continua)

Fls. 19.

ESCRITA E CALIGRAFIA

Objetivos da aprendizagem:
 a) Desenvolver suficiente habilidade nos alunos, de modo que consigam escrever fácil, legível e tão rapidamente quanto o exigem as necessidades do momento e os requisitos sociais.
 b) Garantir, como habitual, conveniente disposição e formosos trabalhos escritos.

MINIMO

ESSENCIAL

Escrita com letra normal, bem proporcionada e nítida e com razoável rapidez.

COMPOSIÇÃO

Objetivos da aprendizagem:
 a) Dar à criança a capacidade de expressar-se, oralmente e por escrito, com elegância, clareza, facilidade e correção, na escola e em qualquer outra situação na vida.
 b) Fortalecer o gosto pelas boas qualidades de expressão.

MINIMO

ESSENCIAL

Redação de cartas, requerimentos, resumos, narrações, definições, descrições, recibos etc., com acerto e correção.
 Composição original empregando as técnicas adquiridas.
 Emprego correto da pontuação.
 Capacidade de falar sobre um tema familiar, em linguagem simples, clara e gramatical e com um tom de voz agradável.

GRAMÁTICA E ORTOGRAFIA

Objetivos da aprendizagem:
 Dar à criança através de um crescente domínio das técnicas de leitura e escrita e da capacidade de expressão oral, maiores possibilidades de organizar seu pensamento, resolver seus próprios problemas e aperfeiçoar sua educação intelectual e moral.

MINIMO

ESSENCIAL

Revisão da matéria do ano anterior, com maior desenvolvimento e emprego da terminologia conveniente.
 Conjugação de qualquer tempo de verbo regular; verbos irregulares, defectivos muito comuns.
 Preposição.
 Função da conjugação. Conjunção coordenativa e subordinativa.
 Interjeição.
 Classificação das palavras em variáveis e invariáveis.
 Flexão de graus dos adjetivos.
 Estudo da sentença.
 Verbos de predicação completa e incompleta.
 Noção de complemento.
 Oração principal e oração subordinada (em períodos de construção muito simples).
 Composição e derivação - prefixos e sufixos (significação dos mais importantes).

LITERATURA

Objetivos da aprendizagem:
 a) Levar a conhecer a boa literatura e a julgar o valor de um trecho relativamente à forma ou conteúdo.
 b) Dar permanência aos hábitos de leitura independente.
 c) Fornecer padrões aos alunos para escolha proveitosa de leitura recreativa.

MINIMO

ESSENCIAL

Domínio de um pequeno repertório de histórias e poesias.
 Leitura de autores nacionais em obras ou trechos ao alcance da criança.
 Breve crítica literária, auxiliada por questionário.

(continua)

ESTUDOS SOCIAIS

Objetivos da aprendizagem:

- a) Firmar e desenvolver os conhecimentos adquiridos no ano anterior, sobre o aspecto histórico-geográfico do Brasil.
- b) Fazer refletir sobre as causas e efeitos dos fatos históricos.
- c) Reconhecer as enormes possibilidades econômicas do Brasil devidas a sua grande extensão territorial, diversidade de climas, fertilidade das terras e riqueza do solo.
- d) Despertar a curiosidade pela vida e cultura de outros povos.
- e) Levar à reflexão da dependência em que estamos, com relação ao passado e da responsabilidade que nos cabe no futuro.

MÍNIMO

ESSENCIAL

- A) Geografia - Brasil - Localização no continente sul-americano e relativamente ao hemisfério, equador e trópicos. Limites naturais - Extensão territorial primitiva e atual. Feições características da costa oriental, meridional e setentrional e seus acidentes físicos de maior relevo. Aspecto característico do relevo brasileiro - Distribuição das águas - rios e lagoas - portos - localização dos principais estradas de ferro e rodagem. Produções - influência na economia nacional - comércio, indústria - produtos de importação e exportação. Países da América do Sul e suas capitais. Países da América do Sul, do Norte e suas capitais. Idem - da América Central.
- b) História - Revisão e desenvolvimento do programa do ano anterior acrescido de estudo dos acontecimentos mundiais que mais influíram sobre a vida nacional e do estudo dos governos republicanos, da consolidação da república, da eliminação das fronteiras, da civilização dos índios, da revolução de 1930. Direitos e deveres do cidadão - Respeito às leis e autoridades - Organização política do Brasil - Constituição de 1891, de 1934 e 1937.
- c) Higiene - Epidemia - moléstias epidêmicas - varíola, tifo, tuberculose - As vacinas. A saúde nas cidades - postos de saúde, tratamento e distribuição gratuita de medicamentos, vacinas e alimentação às crianças. O serviço de saúde nos postos. Aseio da cidade. Cuidados higiênicos pessoais - higiene mental.

ESTUDOS NATURAIS

Objetivos da aprendizagem:

- a) Intensificar o desejo da aquisição direta de conhecimentos pela observação da vida de animais e plantas.
- b) Levar o aluno a comparar a vida de hoje com a de épocas passadas, para que ele sinta quanto o desenvolvimento da ciência tem concorrido para o conforto da humanidade.

MÍNIMO

ESSENCIAL

- a) Homem - Noções essenciais sobre o sistema nervoso e os órgãos dos sentidos.
- b) Animais - invertebrados (estudo de alguns grupos) - As grandes criações como fonte de riqueza do Estado e do País.
- c) Plantas - Árvores frutíferas - viveiros - seleção das terras. - As frutas do Brasil - importância econômica desta produção, árvores e arbustos de sombra e ornamentação.

(continua)

Fls. 21.

As florestas brasileiras - defesas das florestas e sistema de reflorestamento - Árvores aplicadas na indústria - Relações entre a produção e o clima - natureza do solo e as condições topográficas.

- 4) Fenômenos naturais.
- Tempestades - vendavais - trovão - arco-íris - umidade - nevoens, chuva, nebulosidade - algumas doenças fenômenos.
- Clima do Brasil.
- Atração dos corpos para o centro da terra.
- Fluxo e densidade.
- Força centrífuga.
- Fluxo e força elástica do ar.
- Pressão atmosférica.
- Barômetros - Barômetro.
- Suário - Calor - Eletricidade.

DESENHO

- a) Aperfeiçoar o estudo das proporções e deformação aparente dos corpos, de acordo com as leis da Perspectiva.
- b) Desenvolver a técnica, tornando a criança capaz de se utilizar convenientemente do desenho e do modelado como meio de concretização do pensamento.
- c) Desenvolver a capacidade de apreciação artística, estimulando a ver e "a sentir" e pelo no mundo em que a criança vive.

MÍNIMO ESSENCIAL

Desenho de grupos de objetos para estudo das grandezas e posições relativas, bem como das deformações aparentes.
 Desenho de paisagens, figuras e animais.
 Composições de frisos, painéis, ilustrações etc., que tenham como motivos assuntos brasileiros.

EXERCÍCIOS MANUAIS

Execução de objetos feitos com vime, arame, papão etc. Pequenos trabalhos em madeira. Cartões. Desenvolvimento dos hábitos geométricos.
 Bordados simples. Fontes ornamentais. Ponto de marca. Costura com aplicação e pequenas peças tecelagem; babalouras, aventais, camisetas e vestidinhos para as bonecas.
 Tricot - Crochet

MUSICA

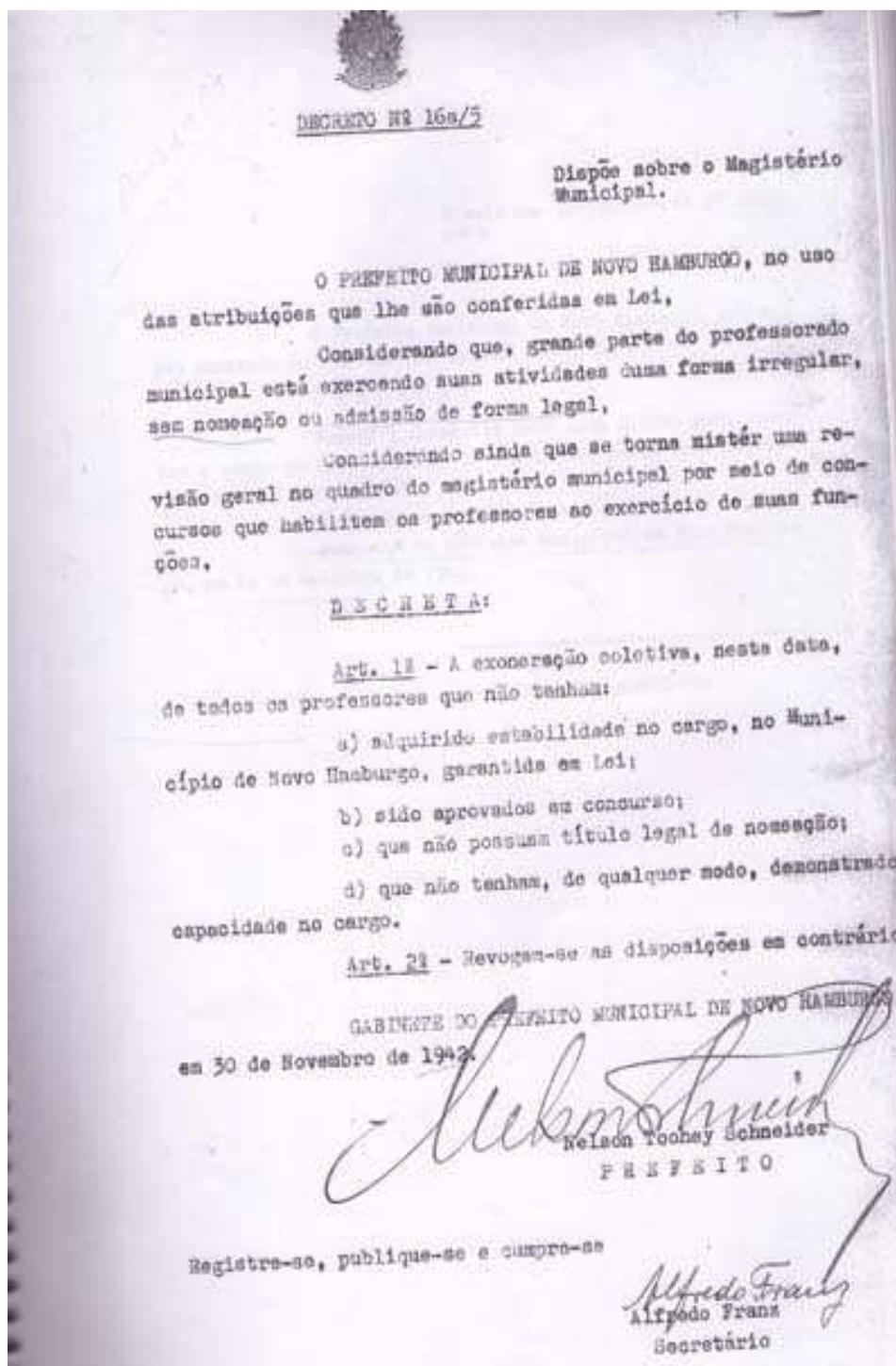
- Objetivos da aprendizagem:
- a) Dar à criança a capacidade de ouvir interessadamente e reproduzir graficamente melodias fáceis.
- b) Dar a capacidade de cantar individualmente, com independência e correção.
- c) Dar a capacidade de cantar à primeira vista, canções fáceis.

MÍNIMO A ALCANÇAR

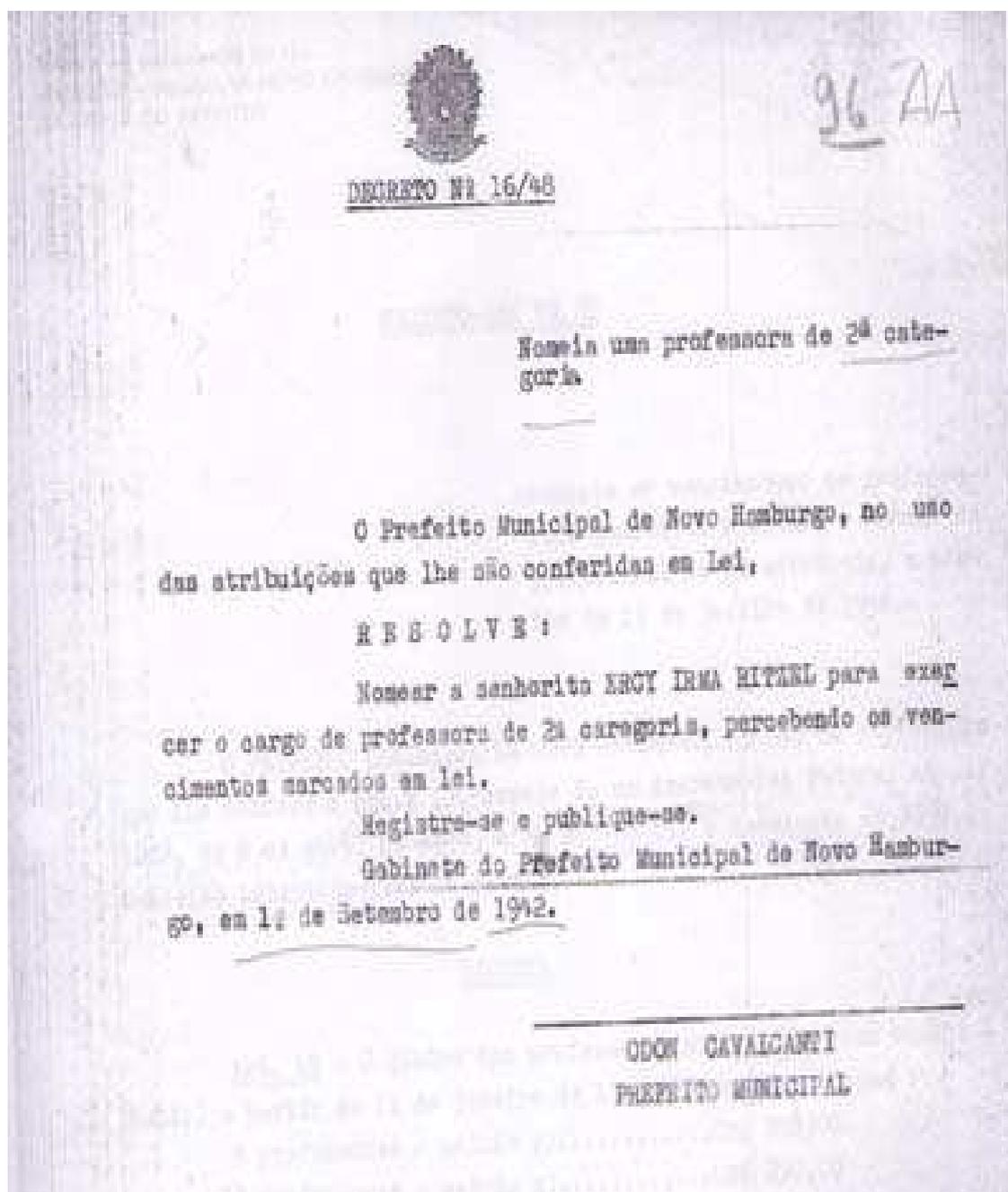
- Canções por audição (a uma, duas e três vozes).
- Canto individual.
- Hino Nacional.
- Hino à Bandeira.
- Hino da Independência.
- Canções e hinos escolares.

(Revisado, datilografado e mimeografado no Departamento de Educação da Prefeitura Municipal de SÃO PAULO) Novembro de 1952.

ANEXO Z- Decreto Nº 16a/5 Dispõe sobre o Magistério Municipal



ANEXO AA- Decreto N° 16/48 – Nomeia uma professora de 2ª categoria, 1º/09/1942



ANEXO AB- Decreto N° 37 – Aumenta os vencimentos do professorado municipal e altera o número de professores de 2ª entrância - 10/09/1945

AB
133

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO
GABINETE DO PREFEITO

Of. N.º

DECRETO-LEI N.º 37

-Aumenta os vencimentos do professorado municipal e altera o número de professores de 2ª entrância, a partir de 1º de janeiro de 1946.-

O PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, no uso da atribuição que lhe confere o art.º 12, número I, do decreto-lei federal nº ... 1202, de 8 de abril de 1939, e de acordo com a Resolução nº 7359, do Conselho Administrativo do Estado,

DECRETA

Art. 1º - O quadro dos professores municipais será constituído, a partir de 1º de janeiro de 1946, da seguinte forma :

5 professores - padrão e).....	Cr\$ 200,00
12 professores - padrão g).....	Cr\$ 250,00
18 professores - padrão j).....	Cr\$ 300,00

Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, aos dez(10) dias do mês de setembro de mil novecentos e quarenta e cinco(1945).

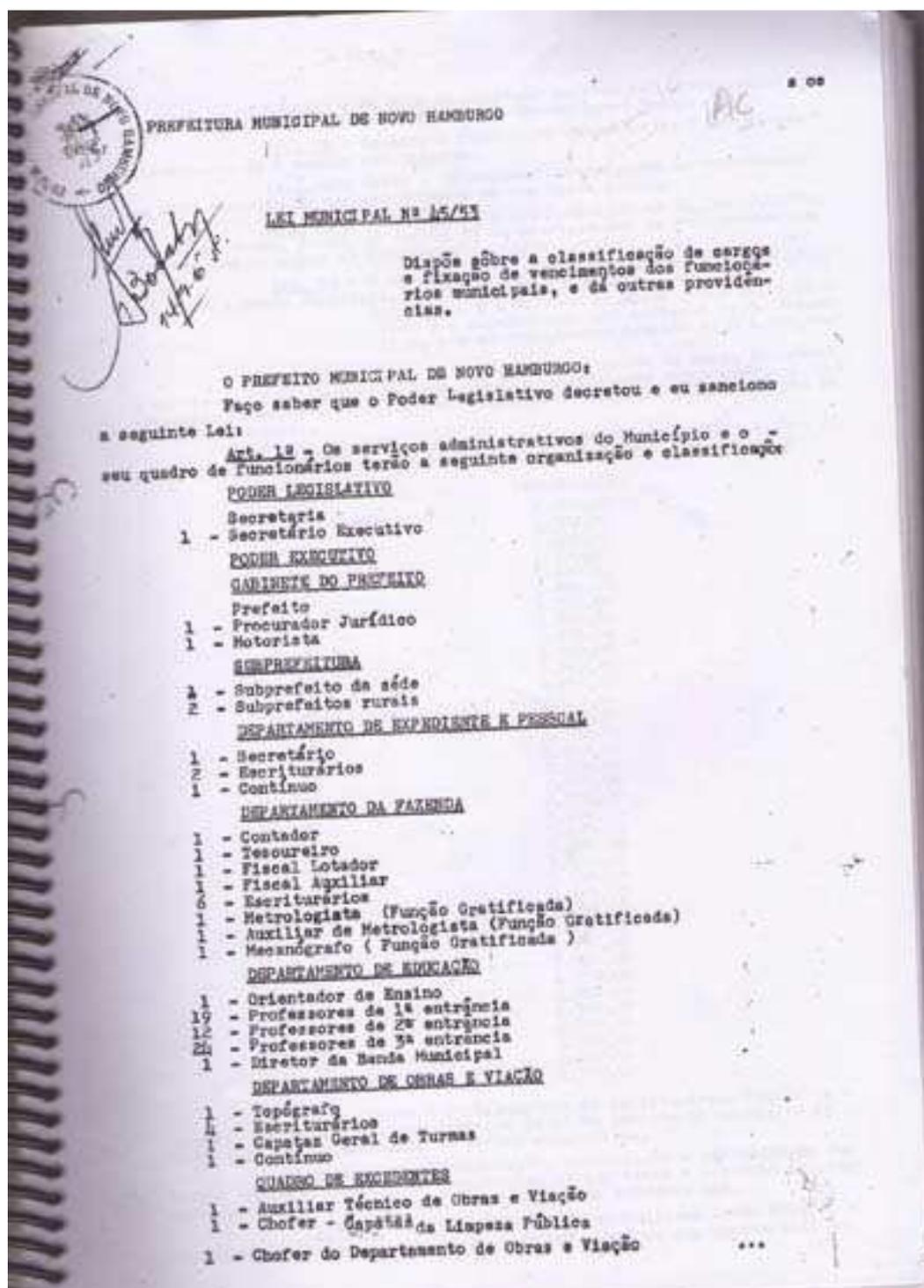
Alberto Severo
Alberto Severo, Prefeito

Registre-se, publique-se e supra-se.
Parahis P.M. Lustosa
Secretário

Reg. a pag. 68, 69, Liv. N.º 2.

15 min

ANEXO AC- Lei Municipal Nº 45/53 – Dispõe sobre a classificação de cargos e fixação de vencimentos dos funcionários municipais, e dá outras providências- 1º/09/1953



- Fla. 2 -

Art. 23 - Na nova organização poderão ser aproveitados os atuais funcionários, uma vez preenchidas as condições legais.

Art. 24 - Os cargos constantes do quadro de "excedentes" extinguir-se-ão à medida que vagarem.

Parágrafo único - O orçamento consignará os "excedentes" com esta denominação no Departamento em que forem lotados.

Art. 25 - É restaurada a Lei Municipal nº 21, de 14/10/52, classificando-se, porém, no padrão 36 da presente Lei os vencimentos correspondentes ao cargo de Procurador Jurídico.

Art. 26 - O art. 2º, da Lei Municipal número 14, de 5/6/52, que cria a Banda Municipal, terá a seguinte redação:

Art. 2º - É o Diretor da Banda Municipal - Pa - Arto 9 - classificado sob código 8.39.0 - Pessoal Fixo, com os vencimentos anuais de R\$ 1.950,00.

Parágrafo único - Os demais componentes da Banda Municipal, à partir de 1º de janeiro de 1954, serão classificados sob o código 8.39.1 - Despesas Diversas - Auxílios aos componentes da Banda, pela prestação de serviços eventuais.

Art. 27 - É instituída a seguinte escala-padrão, para a fixação dos vencimentos dos funcionários a que se refere o artigo 1º:

Padrão	Vencimentos
1	1.200,00
2	1.300,00
3	1.400,00
4	1.500,00
5	1.600,00
6	1.650,00
7	1.750,00
8	1.850,00
9	1.950,00
10	2.050,00
11	2.150,00
12	2.250,00
13	2.350,00
14	2.400,00
15	2.500,00
16	2.600,00
17	2.700,00
18	2.800,00
19	2.900,00
20	3.000,00
21	3.100,00
22	3.200,00
23	3.300,00
24	3.400,00
25	3.500,00
26	3.550,00
27	3.650,00
28	3.750,00
29	3.850,00
30	3.950,00
31	4.050,00
32	4.200,00
33	4.300,00
34	4.400,00
35	4.500,00
36	4.600,00
37	4.700,00

Art. 28 - Os 3 (três) cargos de Escrevintes-Padrão 14 (novos), passarão a vigorar a partir de 1º de janeiro do exercício de 1954, cuja Lei Orçamentária as verbas respectivas.

Art. 29 - A classificação, restauração e padronização dos demais cargos e aumentos de vencimentos de que trata a presente Lei, farão a vigorar a partir de 1º de setembro do corrente ano.

Art. 30 - Aos extranumerários mensialistas serão concedidos os aumentos de vencimentos na base de 30%, para os que contem mais de

- fls. 3 -

dois anos de serviço e de 20% para os que têm menos de dois anos.

Art. 101 - Para atender a despesa decorrente do aumento de vencimentos, no presente exercício, é aberto o crédito suplementar no total de R\$ 294.030,00 (Duzentos e noventa e quatro mil e trinta e cruzeiros), inclusive gratificações adicionais, destinado ao reforço das respectivas consignações orçamentárias, de acordo com os quadros demonstrativo e analítico, sob n.ºs 1 e 2, que fazem parte integrante da presente Lei.

Art. 111 - Servirá de recurso para a cobertura do crédito suplementar de que trata o artigo anterior parte da exação de arrecadação prevista para o corrente ano, conforme índices técnicos apurados até o limite de R\$ 294.030,00 (Duzentos e noventa e quatro mil e trinta e cruzeiros).

Art. 121 - Revogam-se as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, aos -
primeiro dia do mês de outubro de um mil, novecentos e cinquenta e -
três.

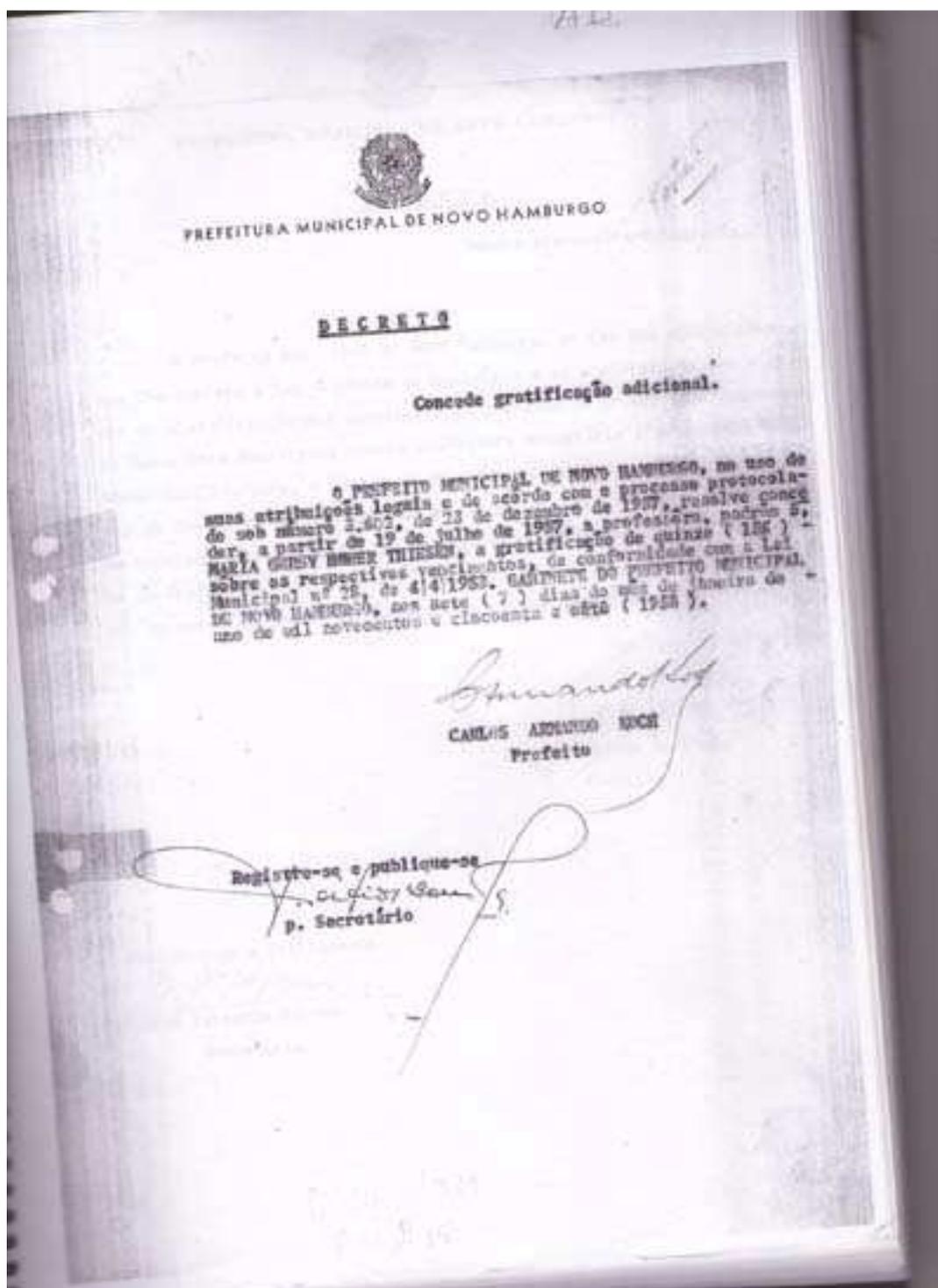
SEN. PLÍNIO ANLINDO DE MOURA
PREFEITO

Registre-se e Publique-se

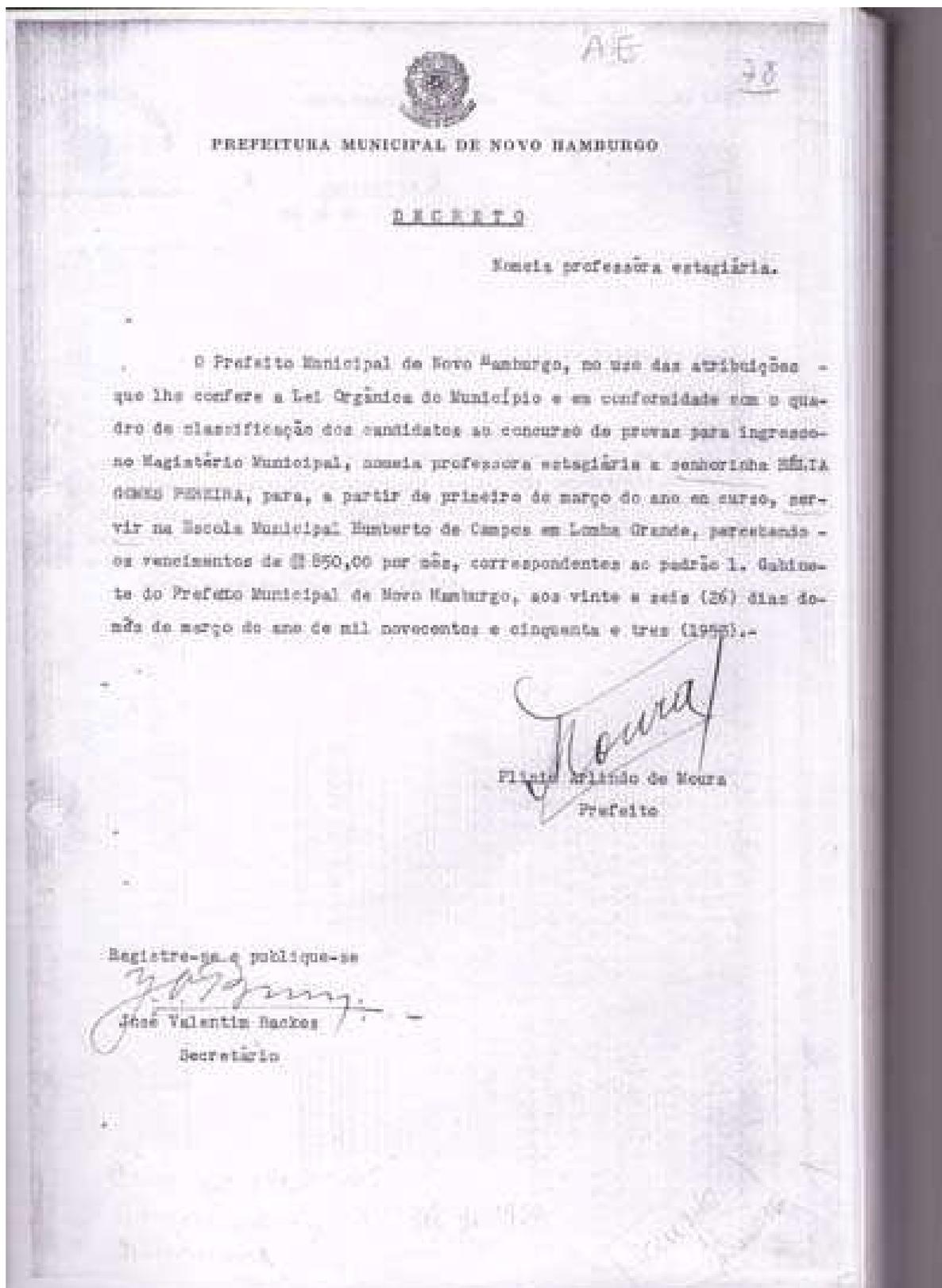
SEN. EDNOR NOROATTO
Secretário

Conferido com a Des.
Registrada em 11-
100 de 1108.31/7/85.
Secretário. 27.7

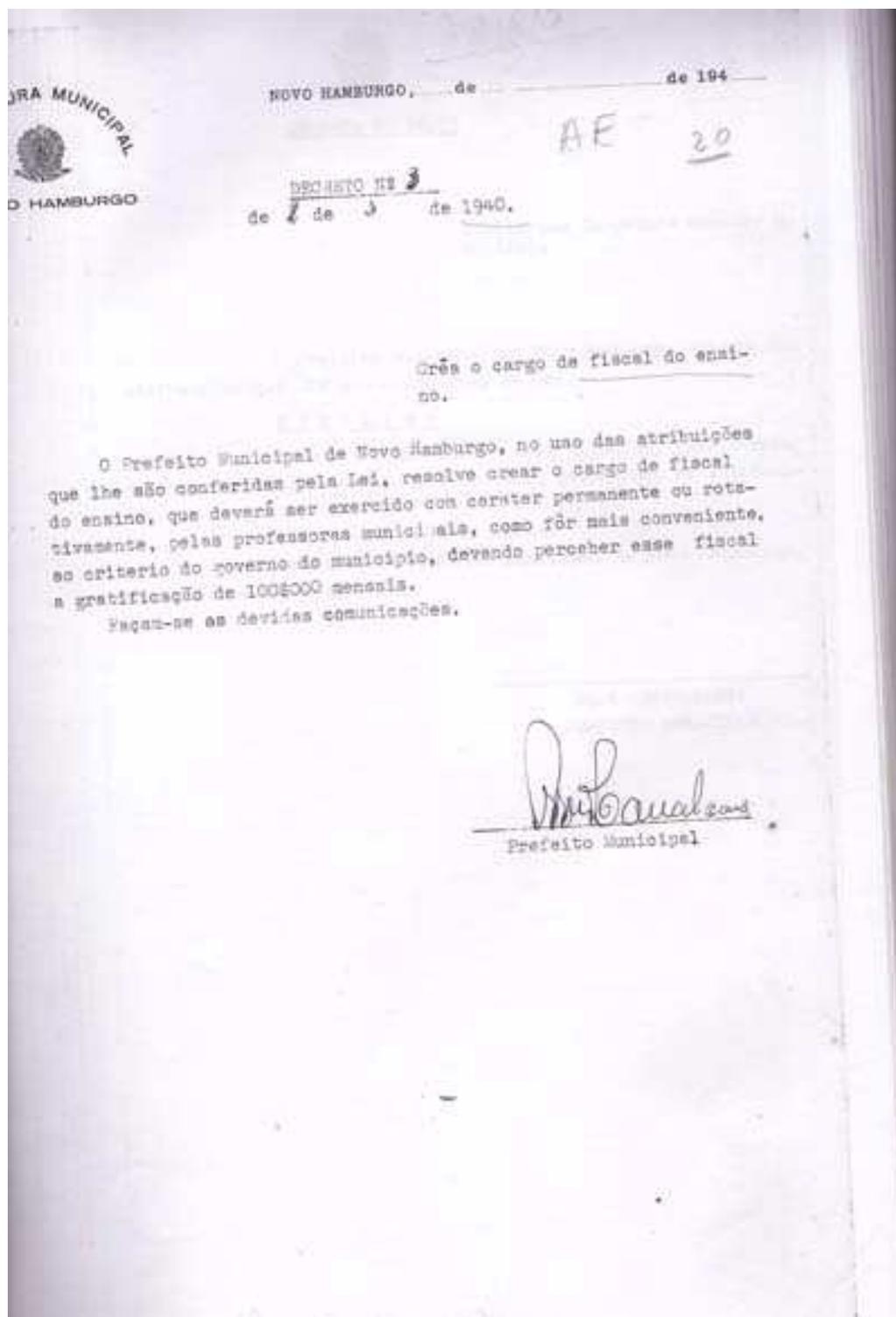
ANEXO AD- Decreto S/Nº - Concede gratificação adicional, 7/01/1958



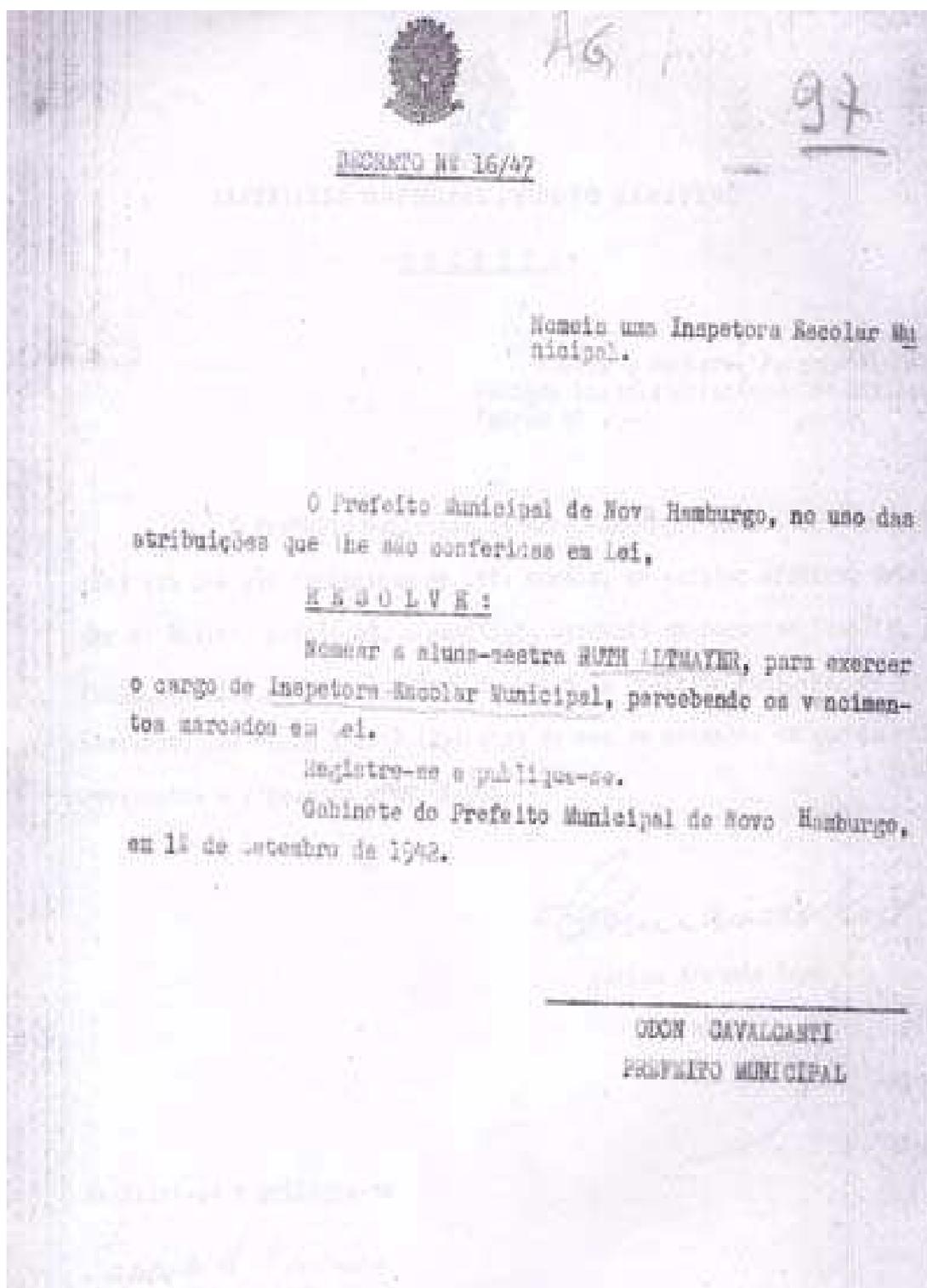
ANEXO AE- Decreto S/Nº - Nomeia professora estagiária Hélia Gomes Pereira, 26/03/1953



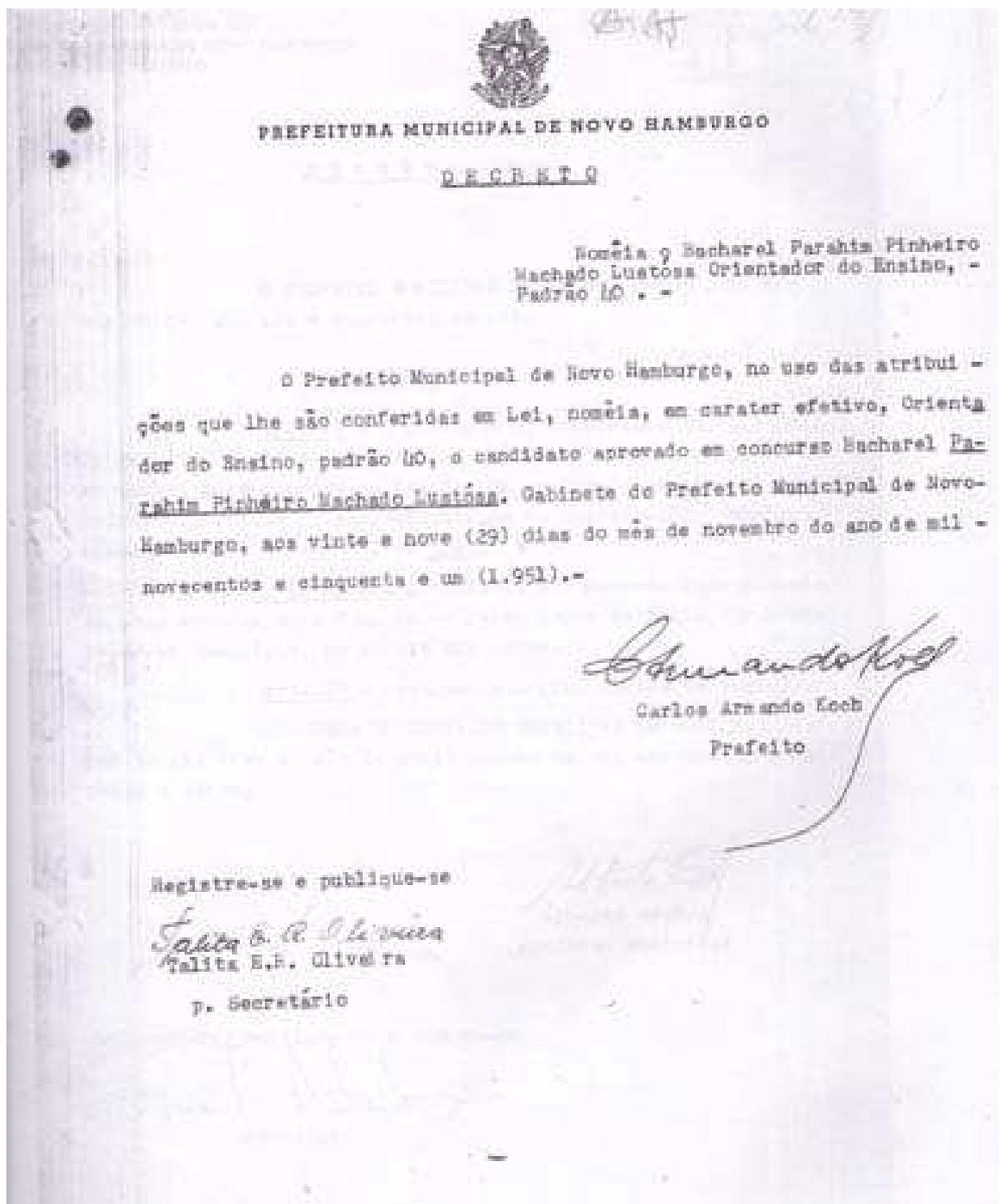
ANEXO AF- Decreto Nº 3 de 02/03/1940 – Crea o cargo de Fiscal do Ensino



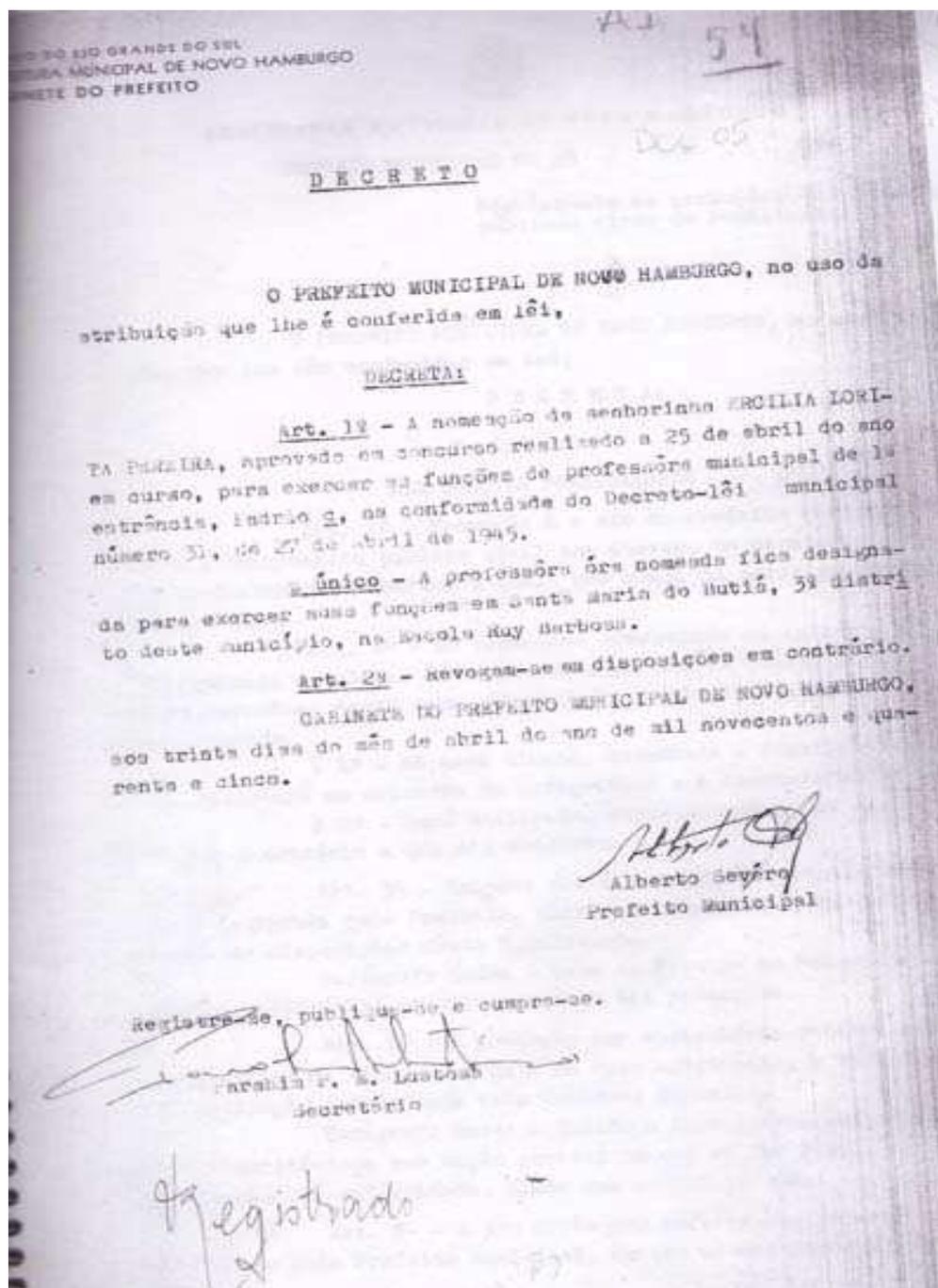
ANEXO AG- Decreto Nº 16/47 – Nomeia uma Inspectora Escolar Municipal



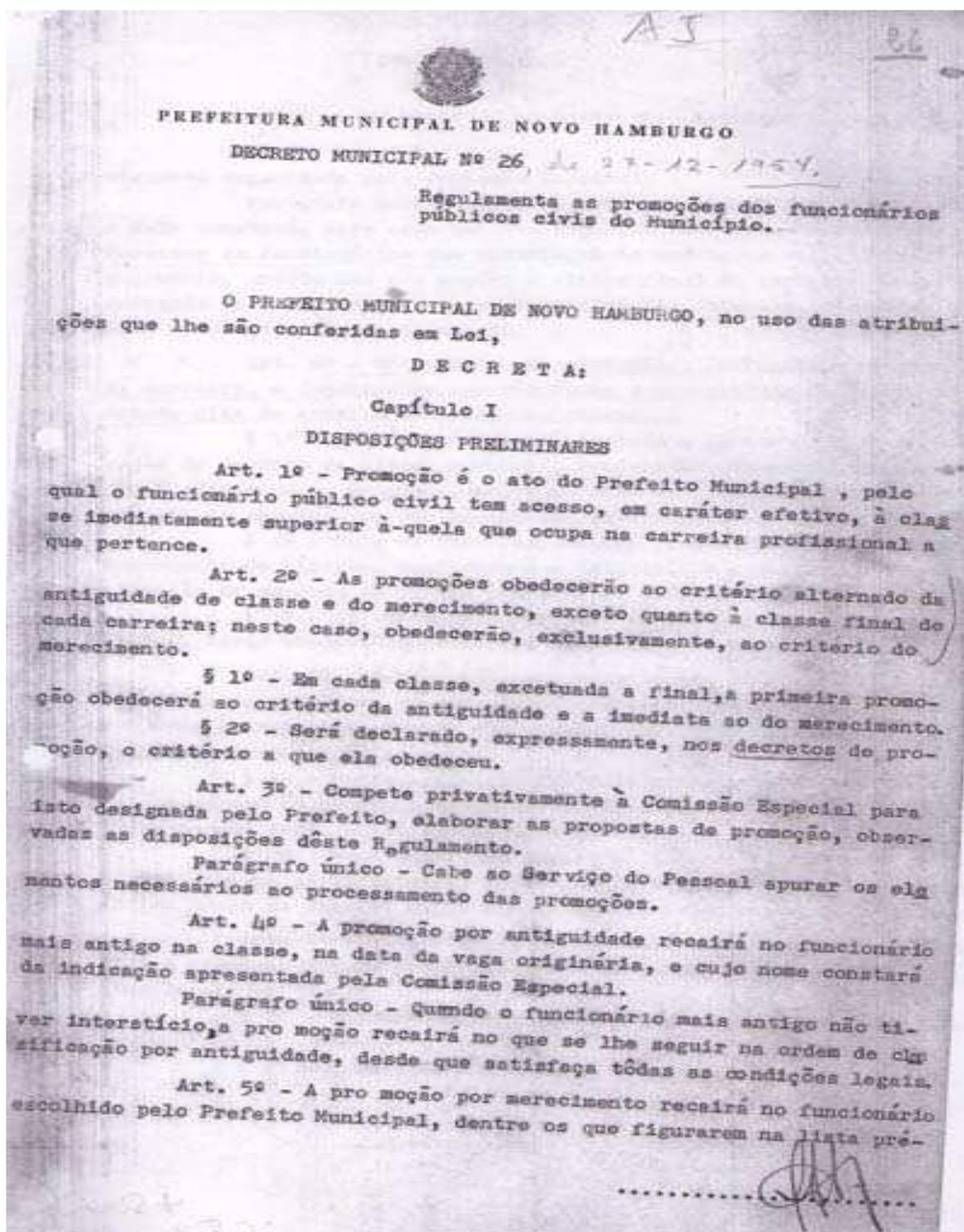
ANEXO AH- Decreto S/Nº - Nomeia o Bacharel Parahim Pinheiro Machado Lustosa
Orientador do Ensino, 29/11/1951



ANEXO AI- Decreto S/Nº - Nomeia senhorinha Ercilia Lorita Pereira, professora municipal,
30/04/1945



ANEXO AJ- Decreto Municipal Nº 26 de 27/12/1954 - Regulamenta as promoções dos funcionários públicos civis do município



PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO

- 2 -

viamente organizada pela Comissão Especial.

Parágrafo único - A lista será organizada para cada classe, e dela constará, para cada uma das vagas, a indicação de três nomes diferentes de funcionários que satisfaçam as condições exigidas neste regulamento, exceto nas promoções à classe final da carreira, a que concorrerão os ocupantes da classe imediatamente inferior, atendidas as demais exigências deste regulamento.

Art. 6º - Não poderá ser promovido, inclusive à classe final da carreira, o funcionário que não tenha o interstício de setecentos e trinta dias de efetivo exercício na classe.

§ 1º - O interstício será contado a partir da data da publicação do decreto da última nomeação, readmissão, transferência, reversão à atividade ou promoção, salvo no caso de transferência por conveniência do serviço, em que não haverá interrupção na sua contagem.

§ 2º - Para os funcionários não promovidos em virtude de dobramento de classes, contar-se-á o interstício a partir da data de publicação do decreto da última nomeação ou promoção.

§ 3º - Na contagem do efetivo exercício a que se refere este artigo, serão observadas as normas prescritas no artigo 15.

Art. 7º - À promoção, por merecimento às classes intermediárias de cada carreira, só poderão concorrer os funcionários colocados nos dois primeiros terços de sua classe, por ordem de antiguidade, na data da vaga originária.

§ 1º - Na determinação dos dois primeiros terços considerará-se o número de cargos componentes da classe, computados os cargos cedentes que ainda existirem na data da vaga.

§ 2º - Se o número de cargos não for divisível por três, o quociente, na sua parte inteira, representará sempre o número de cargos do último terço da classe, cujos ocupantes não podem concorrer à promoção.

Art. 8º - A existência de excedentes em uma classe não impedirá a promoção dos funcionários que a integram, satisfeitas as exigências legais.

§ 1º - Enquanto houver excedentes em uma classe, não haverá promoções para a mesma.

§ 2º - Quando as promoções se fizerem para cargos vagos

[Handwritten signature]


 PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO

- 3 -

de preenchimento condicionado à extinção de cargos excedentes, serão aplicadas as dotações resultantes dessa extinção, de conformidade com a lei e com as normas aprovadas pelo Prefeito Municipal.

Art. 9º - A antiguidade, o interstício e a condição de estar o funcionário compreendido nos dois primeiros terços da classe, serão apurados na data da abertura da vaga.

§ 1º - Verifica-se a vaga originária:

- I - na data de falecimento do ocupante do cargo;
- II - na data do ato que transferir, aposentar, destituir ou declarar em disponibilidade o ocupante do cargo;
- III - na data do decreto que declarar a extinção de cargos excedentes, quando se tratar de vaga de preenchimento condicionado a essa extinção.

§ 2º - Verificada a vaga originária, serão, na mesma data, consideradas abertas todas as vagas que decorrerem de seu preenchimento dentro da respectiva carreira.

Art. 10º - A partir da data da publicação do decreto que o promover, ao funcionário ficarão assegurados todos os direitos e proventos decorrentes da promoção, ressalvada a contagem de antiguidade.

Parágrafo único - A antiguidade de classe do funcionário promovido por antiguidade ou merecimento, será contada da data em que houver ocorrido a vaga originária, de acordo com o seu efetivo exercício na classe que ocupava.

Capítulo II
 DAS PROMOÇÕES POR ANTIGUIDADE

Art. 11º - A promoção por antiguidade recairá no funcionário mais antigo na classe.

Art. 12º - A antiguidade de classe será determinada pelo tempo de efetivo exercício do funcionário na classe a que pertencer.

Parágrafo único - Será contado na antiguidade de classe o tempo de efetivo exercício como interino desde que entre esta e o provimento efetivo não tenha havido interrupção.

Art. 13º - A antiguidade de classe, no caso de transferência, a pedido, será contada da data em que o funcionário entrar em exercício da nova classe.





PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO

- 4 -

Parágrafo único - Se a transferência ocorrer ex-officio, a interesse da administração, será levado em conta o tempo de efetivo exercício na classe a que pertencia.

Art. 14 - Na classificação por antiguidade, quando ocorrer empate no tempo de classe, terá preferência sucessivamente:

- a) - o que tiver mais tempo na carreira;
- b) - o que tiver mais tempo de serviço público municipal;
- c) - o que tiver mais tempo de serviço público;
- d) - o que for casado ou viúvo, com maior número de filhos;
- e) - o que for casado;
- f) - o mais idoso.

§ 1º - Em igualdade de condições de merecimento o desempate será feito em primeiro lugar por antiguidade de classe e a seguir pela forma determinada neste artigo.

§ 2º - Não serão considerados, para efeito deste artigo, os filhos maiores e os que exerçam qualquer atividade remunerada.

§ 3º - Também não será considerado, para o mesmo efeito, o estado de casado, desde que ambos os cônjuges sejam funcionários públicos.

Art. 15 - Na apuração do tempo líquido de efetivo exercício para determinação da antiguidade de classe, do tempo de serviço não serão computadas as faltas ou o afastamento decorrente de:

- I - férias
- II - casamento, até 8 dias;
- III - luto pelo falecimento de cônjuge, filho, pai, mãe e irmão, até 8 dias;
- IV - exercício de outro cargo no Município, de provimento em comissão;
- V - convocação para o serviço militar;
- VI - júri e outros serviços obrigatórios por lei;
- VII - exercício de funções de governo ou administração, em qualquer parte do território do Estado, por nomeação do Chefe do Poder Executivo Estadual;
- VIII - exercício de funções de governo ou administração, em qualquer parte do território nacional, por nomeação do Presidente da República;
- IX - desempenho de função legislativa federal, estadual ou municipal, excluído o período de férias parlamentares, quando o funcio-

.....




PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO

- 5 -

nário deverá reassumir o cargo;

X - licença ao funcionário acidentado em serviço ou atacado de doença profissional;

XI - licença à funcionária gestante;

XII - moléstia devidamente comprovada, até 3 dias por mês;

XIII - missão ou estudo noutros pontos do território nacional ou no estrangeiro, quando o afastamento houver sido expressamente autorizado pelo Prefeito.

Capítulo III

DAH PROMOÇÕES POR MÉRITO

Art. 16 - O merecimento de cada funcionário será apurado em pontos negativos e positivos, segundo o preenchimento das condições fundamentais, essenciais e complementares, definidas neste capítulo.

Parágrafo único - O merecimento é adquirido na classe; provido, o funcionário começará a adquirir merecimento a contar de seu ingresso na nova classe.

Art. 17 - A assiduidade, pontualidade horária, a disciplina e o zelo funcional são considerados condições fundamentais de merecimento, importando o seu não preenchimento, pelo funcionário, durante a permanência na classe, em pontos negativos.

Art. 18 - A assiduidade será determinada, durante a permanência do funcionário na classe, pelo efetivo exercício das funções, sendo computado um ponto negativo para cada falta.

Parágrafo único - Não constituirá falta, para os efeitos de promoção, os afastamentos previstos no artigo 15.

Art. 19 - A falta de pontualidade horária, durante a permanência do funcionário na classe, será determinada pelo número de entradas tarde ou retiradas antes de encerrado o expediente, atribuindo-se um ponto negativo para três entradas-tarde ou retiradas.

Parágrafo único - Para os efeitos deste artigo as entradas tarde e retiradas serão adicionadas umas às outras, descontando-se um ponto negativo para cada grupo de três, sendo desprezadas, no fim do quadrimestre, as que não atingirem aquele número.

Art. 20 - As faltas de disciplina e de zelo funcional, du-



PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO

- 6 -

rante a permanência na classe, serão apuradas em vista das penas de advertência, repreensão e suspensão impostas ao funcionário.

§ 12 - Cada advertência corresponderá a dois pontos, cada repreensão a quatro pontos e cada dia de suspensão a seis pontos, todos negativos.

§ 20 - Essas penalidades serão sempre aplicadas por escrito para registro no assentamento individual, salvo a de advertência, da qual, entretanto, será dada ciência ao Serviço do Pessoal para os devidos fins.

Art. 21 - A apreciação da permanência do funcionário na classe se estenderá do início ao fim de cada quadrimestre.

Art. 22 - As condições essenciais definem propriamente o merecimento e serão apuradas, em pontos positivos, de acordo com a descrição seguinte:

- a) - valor intrínseco de informações ou pareceres; exatidão, escrupulo e perfeição dos trabalhos de rotina, de zero a trinta pontos;
- b) - compreensão de responsabilidade, de zero a vinte pontos;
- c) - qualidades de cooperação, de zero a dez pontos;
- d) - firmeza de caráter e discreção, de zero a dez pontos;
- e) - conhecimento prático sobre os assuntos da repartição, de zero a vinte pontos;
- f) - urbanidade no tratamento com os demais funcionários e com o público, de zero a dez pontos;
- g) - conclusão de cursos ou estagios relacionados com suas funções, de zero a vinte pontos;
- h) - frequência em cursos de férias, de zero a dez pontos.

Art. 23 - A capacidade de direção, apurada em pontos positivos, constituirá condição complementar de merecimento do funcionário.

Art. 24 - Cada chefe de seção atribuirá ao funcionário, na apreciação de sua capacidade de direção pontos positivos variáveis de zero a dez.

Art. 25 - O total da soma algébrica dos pontos positivos e negativos, obtidos pelo funcionário, em cada quadrimestre, será dividido pelo número de condições de merecimento, que lhe forem aplicáveis, e o quociente da divisão representará a média aritmética do quadrimestre.

Parágrafo único - O grau de merecimento do funcionário será representado pela média das médias aritméticas, obtidas nos três quadrimestres imediatamente anteriores a promoção.


 PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO

- 7 -

Art. 26 - Em igualdade de condições de merecimento, proceder-se-á ao desempate pela forma do artigo 14, d'este regulamento.

Capítulo IV

DO PROCESSAMENTO DAS PROMOÇÕES

X Art. 27 - O Serviço do Pessoal organizará e manterá rigorosamente em dia, o assentamento individual do funcionário, com o registro exato dos elementos necessários à apuração da antiguidade e do merecimento.

Art. 28 - O serviço do Pessoal manterá rigorosamente em dia o registro das vagas ocorridas em cada quadrimestre, com indicação do critério a que obedecerá seu provimento.

X Art. 29 - Para conhecimento do critério a que deverá obedecer o preenchimento das vagas, o Serviço do Pessoal organizará em fichário próprio.

Parágrafo único - As fichas serão agrupadas por quadros e carteiros a que se referirem, devidamente escalonadas, em ordem decrescente por classes.

Art. 30 - O Serviço do Pessoal manterá rigorosamente atualizado o registro referente a apuração da antiguidade e publicará anualmente a lista dos funcionários classificados em ordem de antiguidade, em cada classe onde houver vagas originadas ou decorrentes a preencher em obediência a esse critério.

X § 1º - Nas classes de mais de vinte cargos ocupados, essa lista deverá ter unicamente os nomes de funcionários em número duplo ao da soma das vagas ocorridas.

§ 2º - As reclamações dos funcionários, quando relativas a enganos na apuração de tempo de serviço, serão resolvidas pelo Serviço do Pessoal; quando versarem sobre matérias não compreendidas na alçada do Serviço do Pessoal, serão oportunamente encaminhadas à Comissão Especial, na forma do art. 41.

Art. 31 - O chefe de Seção julgará as condições essenciais de merecimento, discriminadas no art. 22, dos funcionários servindo sob as ordens e bem assim a condição complementar, prevista no art. 24.

§ 1º - Chefes de Seção, para efeito de julgamento a que se refere este artigo, são a autoridade sob cujas ordens os ditos serv

.....



PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO

- 8 -

funcionário e a autoridade imediatamente superior àquela.

§ 2º - Havendo uma única autoridade superior ao funcionário, apenas esta julgará suas condições de merecimento.

Art. 32 - O julgamento será expresso em pontos, escritos no boletim de merecimento, por extenso e de próprio punho da autoridade que os conferir.

Parágrafo único - Os boletins serão remetidos, diretamente ao Serviço do Pessoal, em invólucros fechados, com os dizeres: "Boletim de Merecimento" Urgente "Confidencial".

Art. 33 - O julgamento dos chefes de seção tem caráter confidencial, só sendo lícito aos funcionários conhecer seu teor após o respectivo registro no Serviço do Pessoal.

Art. 34 - Quando o funcionário for o próprio chefe de serviço, caber-lhe-á encaminhar seu Boletim de Merecimento à autoridade a que estiver imediatamente subordinado.

§ 1º - No boletim, o funcionário anotará apenas o nome, cargo e outros elementos de identificação.

§ 2º - A autoridade a que se refere este artigo apreciará as condições de merecimento do funcionário, conferindo-lhe os pontos de que o julgar merecedor.

§ 3º - Ultrapassado o julgamento, a autoridade providenciará a remessa do boletim ao serviço do Pessoal.

Art. 35 - O julgamento das condições de merecimento dos funcionários legalmente afastados da repartição em que foram lotados competirá à autoridade a que estiverem imediatamente subordinados.

§ 1º - Os chefes de seção remeterão ao Serviço do Pessoal os boletins de merecimento dos funcionários de que trata este artigo, julgando-lhes as condições de merecimento no período em que trabalharam sob suas ordens, indicando o local em que passaram a ter exercício, bem como a data do desligamento.

§ 2º - O Serviço do Pessoal anexará esses boletins aos que forem remetidos pelas autoridades a que eventualmente estiverem subordinados os funcionários, procedendo, então, ao registro que lhe compete.

§ 3º - Caberá ao funcionário obter, da autoridade a que estiver eventualmente subordinado, a remessa, ao serviço do Pessoal de seu boletim de merecimento, desde que a autoridade não o faça voluntariamente.

.....


 PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO

- 9 -

Art. 36 - O serviço de pessoal fará registro dos "Boletins de merecimento", em pastas de assentamentos individuais dos funcionários.

§ 1º - Os boletins de merecimento que contiverem ponderação máxima, em um ou mais itens das condições essenciais, ou na complementar, serão encaminhados antes do registro, pelo serviço de pessoal, a Comissão Especial.

§ 2º - A comissão Especial apreciará esses boletins, podendo alterar, apenas, os pontos conferidos pelos chefes de Seção, desde que o faça por escrito e o justifique fundamentadamente.

§ 3º - Após o julgamento, o Presidente da Comissão Especial inscreverá os pontos por extenso, nos boletins de merecimento, encaminhando-os ao Serviço de Pessoal.

Art. 37 - À medida que forem sendo recebidos os boletins de merecimento, o Serviço de Pessoal registrará, no lugar próprio desses boletins, as condições fundamentais de merecimento dos funcionários.

§ 1º - Nada havendo a registrar, o Serviço de Pessoal fará, nos boletins, declaração expressa dessa circunstância.

§ 2º - Serão transcritos, no lugar próprio do assentamento individual, os totais dos pontos positivos e negativos obtidos pelo funcionário, bem como a sua soma algébrica.

§ 3º - Ulтимados os registros, o boletim de merecimento será conservado na pasta do assentamento individual até o recebimento de novo boletim.

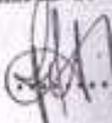
§ 4º - O novo boletim deverá substituir na pasta do assentamento individual o Boletim anterior, que será arquivado.

Art. 38 - Caberá ao Serviço de Pessoal, providenciar para que os boletins de merecimento sejam regularmente remetidos na época própria.

Art. 39 - O levantamento dos "Mapas de Promoção" será procedido pelo serviço de pessoal à proporção que forem sendo recebidos os necessários elementos.

§ 1º - Esses mapas, serão organizados para cada classe em que houver vagas originárias ou decorrentes, e conterão:

a) - relação de todos os funcionários que integram a classe, por ordem de antiguidade, na data da primeira vaga originária de antiguidade.

.....




PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO

- 10 -

antiguidade ou merecimento, com indicação das alterações que interessarem ao preenchimento das vagas posteriores;

b) - indicação dos funcionários que, na data de cada vaga, satisfizessem as condições exigidas nos artigos 6º e 7º;

c) - indicação das condições de preferência previstas no artigo 26;

d) - indicação do total de pontos obtidos pelos funcionários;

e) - indicação do grau de merecimento dos funcionários, com o qual concorrerem às promoções.

§ 2º - Os mapas serão reunidos em carreiras profissionais a que se referirem as classes, dentro de cada quadro.

Art. 40 - O serviço de pessoal encaminhará, em duas vias, à Comissão Especial, o registro de vagas e os mapas de promoção, previstos nos artigos 28 e 39.

Art. 41 - Ao providenciar o encaminhamento a que se refere o artigo anterior, o serviço de pessoal remeterá à Comissão Especial devidamente informada, as reclamações dos funcionários sobre classificação por ordem de antiguidade, formuladas à vista da publicação de que trata o artigo 30 e observado o disposto no § 2º do mesmo artigo.

Capítulo V

DA APECIAÇÃO FINAL DA COMISSÃO ESPECIAL

Art. 42 - De posse dos registros de vagas e dos mapas de promoção, a Comissão Especial realizará a apreciação final das promoções.

Art. 43 - O serviço de pessoal, depois de cumprido o disposto nos artigos 40 e 41, procederá à revisão geral dos elementos em que se baseou a purgação de antiguidade, do merecimento e das vagas ocorridas, comunicando imediatamente à Comissão Especial qualquer equívoco encontrado.

Art. 44 - A Comissão Especial poderá promover, sobre reserva, quando julgar necessário, diligências e investigações sobre o processo das promoções, convocar chefes de seção e funcionários, e requisitar elementos, para assegurar a uniforme execução deste regulamento e justa aplicação dos princípios nele consagrados.

Parágrafo único - A Comissão Especial, feitas as diligências

.....



PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO

- II -

ciais e investigações, poderá, de acordo com os seus resultados, alterar, justificadamente, por escrito, os pontos, constantes dos boletins de merecimento.

Art. 45 - A Comissão Especial apreciará, também as reclamações sobre classificação, por ordem de antiguidade, que lhe forem presentes nas forma do artigo 41.

Art. 46 - Apreciadas as reclamações e aprovadas, definitivamente os registros de vagas e os mapas de promoção, a Comissão Especial fará:

I - a indicação dos funcionários que deverão ser promovidos por antiguidade, pela ordem de colocação na classificação respectiva, lançando, no processo próprio nomes em número igual ao de vagas, em cada classe, a ser preenchida por esse princípio.

II - organizará, em ordem decrescente de grau de merecimento, dentre os funcionários colocados nos dois terços superiores de sua classe e que estiverem em condições de ser promovidos, a lista de promoção por merecimento.

A lista conterá nomes diferentes em número triplo ao de vagas, em cada classe, inclusive a final, e ser preenchida pelo princípio de merecimento.

Parágrafo único - As indicações e listas organizadas, depois de assinadas pelos membros da Comissão Especial, serão, juntamente com os registros de vagas e os mapas de promoção, apresentadas à apreciação do Prefeito Municipal.

Capítulo VI

DA EXECUÇÃO DAS PROMOÇÕES

Art. 47 - Os projetos de decreto, referentes às indicações para promoção por antiguidade, conterão o nome do funcionário; nos relativos às listas triplizes para promoção por merecimento ficará em branco espaço suficiente para inscrição de nome do funcionário, no qual recairá a escolha do Prefeito Municipal.

Capítulo VII

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 48 - Não poderá ser promovido, quer por antiguidade, quer por merecimento, o funcionário que estiver suspenso, disciplinar

[Handwritten signature]
.....



PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO

- 12 -

ou preventivamente.

§ 1º - No caso de promoção por antiguidade, a vaga será preenchida pelo funcionário que lhe seguir na classificação.

§ 2º - Se da averiguação dos fatos que determinarem a suspensão preventiva não resultar punição, ou se esta consistir na pena de advertência ou repreensão, o funcionário impedido por este fato de ser promovido por antiguidade terá a sua promoção na primeira vaga que se deve preencher por este critério.

Art. 49 - Será declarado sem efeito, em benefício daquela a quem cabia, de direito, a promoção, o ato que promover, indevidamente, o funcionário.

§ 1º - O funcionário promovido indevidamente não ficará obrigado a restituir o que a maior tiver recebido.

§ 2º - O funcionário a quem cabia a promoção será indenizado da diferença de vencimentos a que tiver direito, correndo a despesa pelas verbas próprias.

Art. 50 - Os funcionários que demonstrarem parcialidade no preenchimento dos boletins de merecimento, serão punidos com as penas de repreensão ou suspensão, mediante representação da Comissão Especial.

Art. 51 - É vedado ao funcionário solicitar, por qualquer forma, sua promoção, sob pena de ser advertido por escrito.

Parágrafo único - Não se compreendem na proibição deste artigo os recursos interpostos pelo funcionário relativamente à apuração de antiguidade ou merecimento.

Art. 52 - As recomendações, pedidos e solicitações de terceiros em favor da promoção de funcionário, determinarão a punição deste.

Parágrafo único - Comprovada a existência de recomendações, pedidos e solicitações, a Comissão Especial deduzirá dez pontos do total obtido pelo funcionário para cada recomendação, pedido e solicitação formulados.

Art. 53 - A transferência, rescisão e reversão de aposentado, em cargos previstos por promoção, só poderá verificar-se em vagas a serem preenchidas por merecimento.

Parágrafo único - A reintegração e o aproveitamento de pessoal em disponibilidade poderão ser feitos em cargo a ser provido mediante promoção, por merecimento ou antiguidade.



PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO

= 13 =

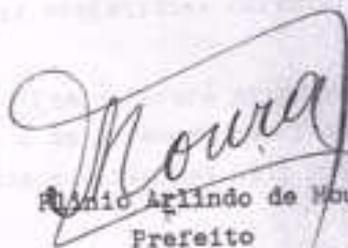
Art. 54 - O tempo líquido de efetivo exercício do funcionário será apurado em dias.

Art. 55 - Terá caráter urgente o andamento de papeis que se referirem a promoções, sendo passíveis das penas de repreensão ou suspensão, os responsáveis pelo seu retardamento.

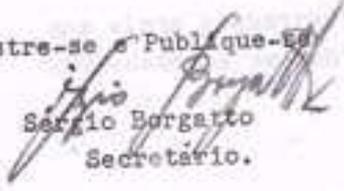
Art. 56 - O presente regulamento entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 57 - Revogam-se as disposições em contrário.

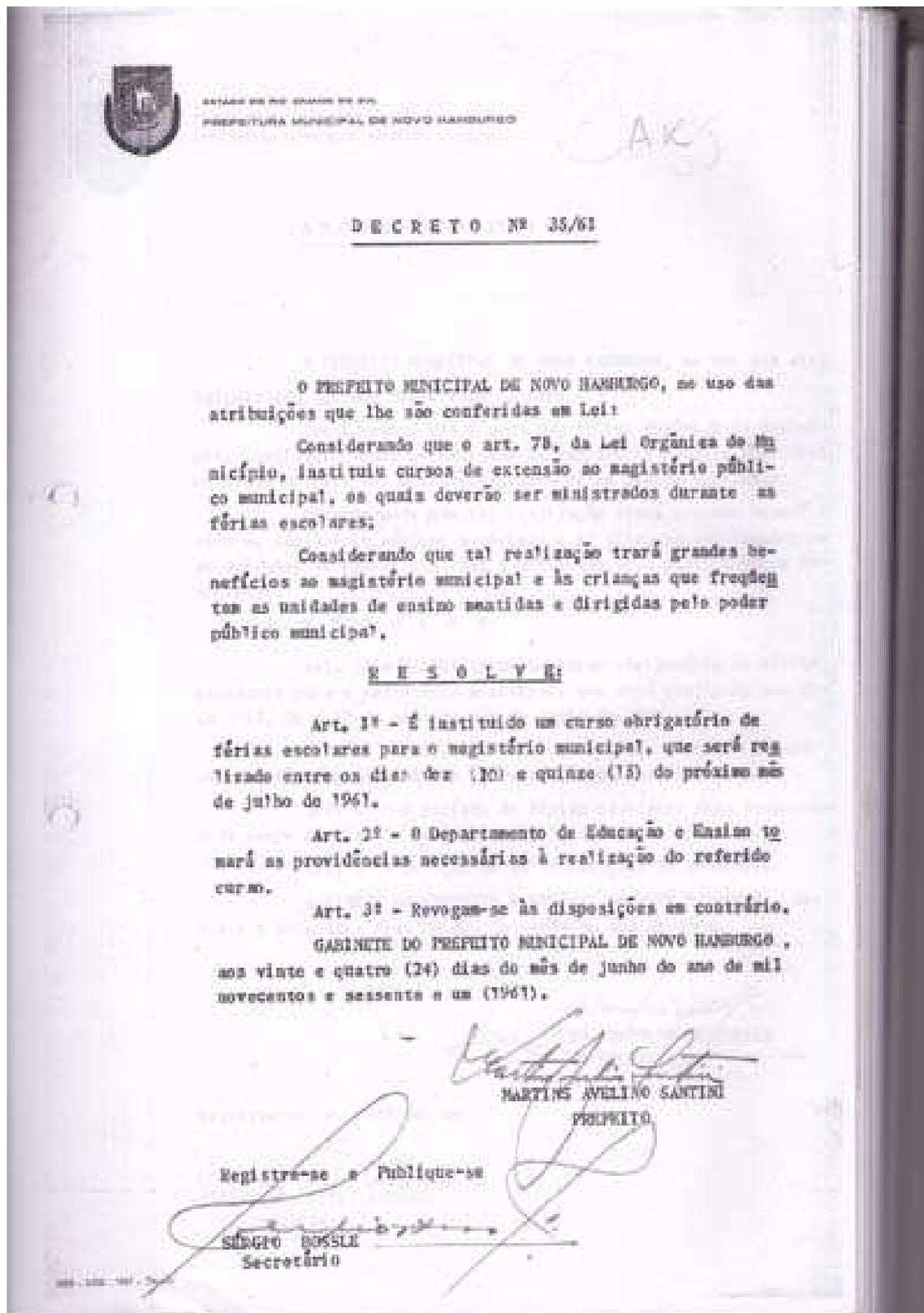
GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, aos vinte e sete (27) dias do mês de dezembro do ano de mil novecentos e cinquenta e quatro (1954).


Arlindo Arlindo de Moura
Prefeito

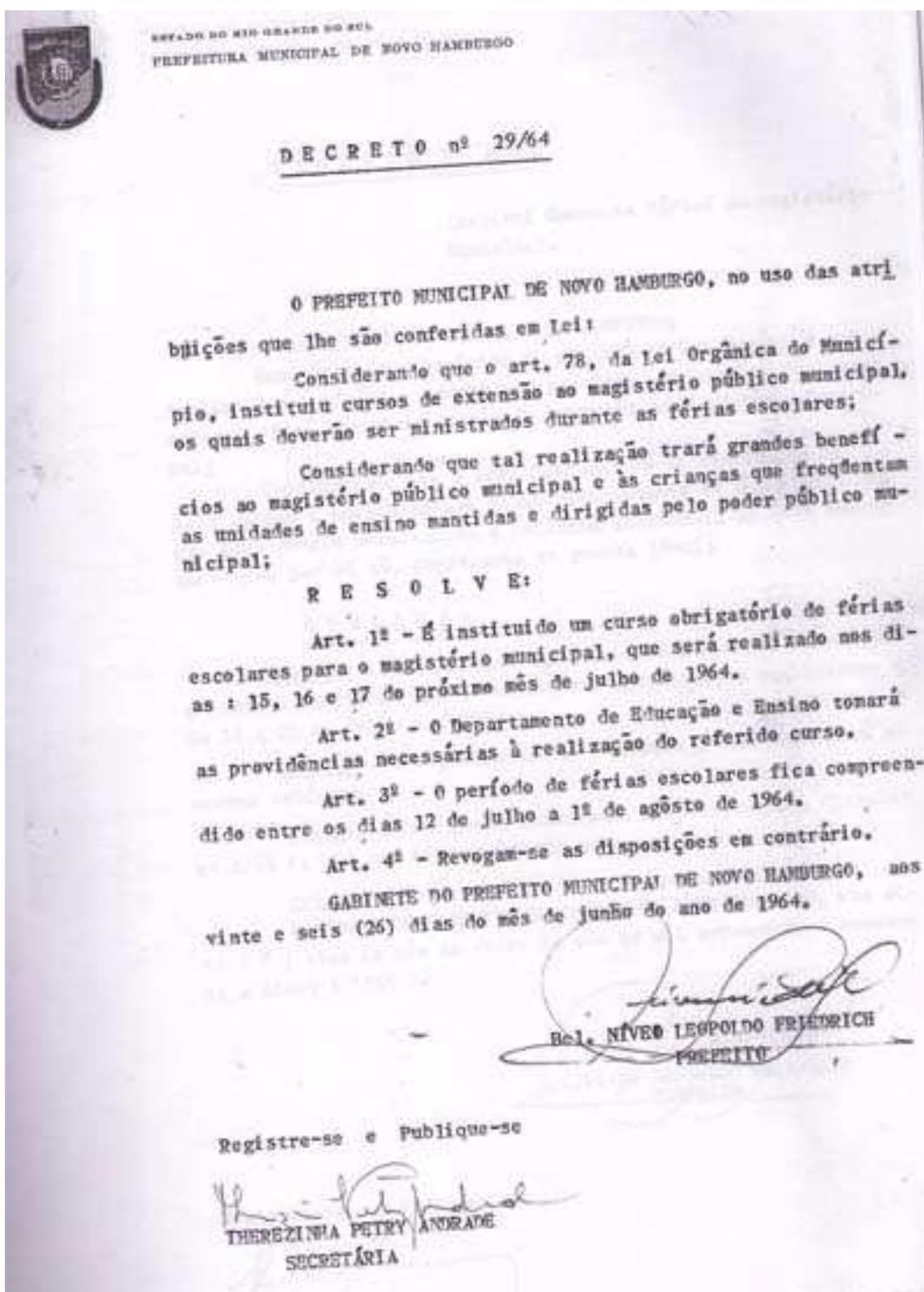
Registre-se e Publique-se


Sergio Borgatto
Secretário.

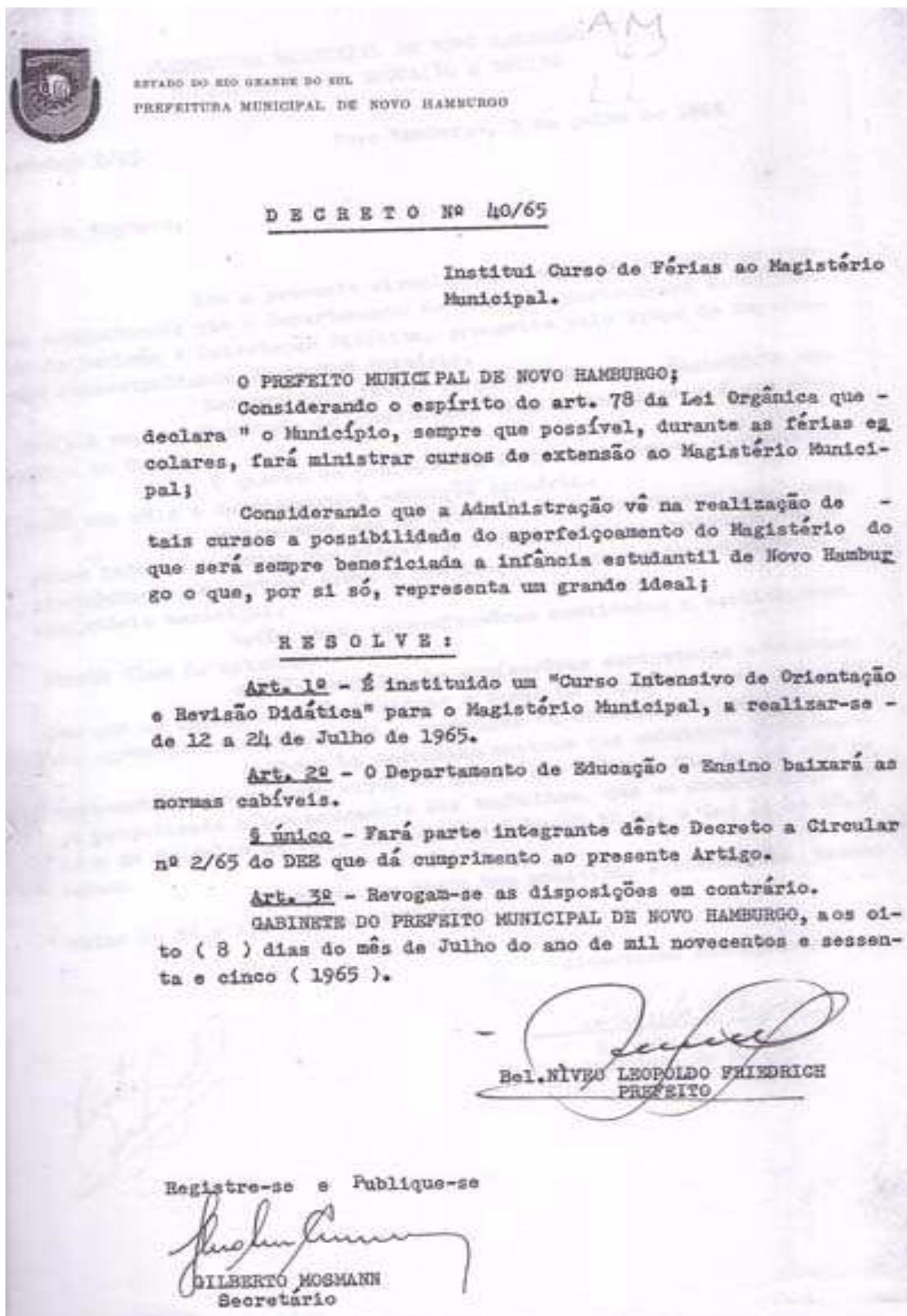
ANEXO AK- Decreto N° 35/61 – Decreto N° 35/61 – Institui curso de Férias obrigatório



ANEXO AL- Decreto N° 29/64 – Institui curso obrigatório de férias escolares



ANEXO AM- Decreto Nº 40/65 – Institui curso de férias ao magistério municipal



PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E ENSINO

Novo Hamburgo, 7 de julho de 1965

Circular 2/65

Senhora Regente,

Tem a presente circular a finalidade de levar ao vosso conhecimento que o Departamento de Educação participará de um Curso de Revisão e Orientação Didática, promovido pelo Grupo de Supervisão Descentralizada do Ensino Primário.

Levados pelo desejo de proporcionar ao magistério municipal uma oportunidade de aperfeiçoar seus conhecimentos é que aderimos ao Curso.

O quadro de professores municipais tem-se distinguido pelo seu zelo e devotamento à educação primária.

Entendemos que ao oferecermos esta oportunidade, estamos indo ao encontro dos ideais do senhor prefeito municipal, cujo planejamento de governo prevê a realização de cursos de extensão ao magistério municipal.

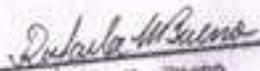
Então pois, as professoras convidadas a participarem 05 (cinco) dias de estudos.

No ^{mesmo} dia respeito às professoras contratadas esclarecemos que as mesmas deverão realizar o curso na forma integral, pois do seu aproveitamento dependerá a renovação do contrato no próximo ano.

Pedimos às dedicadas senhoras que colaborem conosco, apresentando-se na hora exata do início das aulas a fim de que não seja prejudicado o bom andamento dos trabalhos, que se desenvolverão de 12 a 24 de julho em dois turnos, das 8 às 11,30 hs. e das 14 às 17,30 horas.

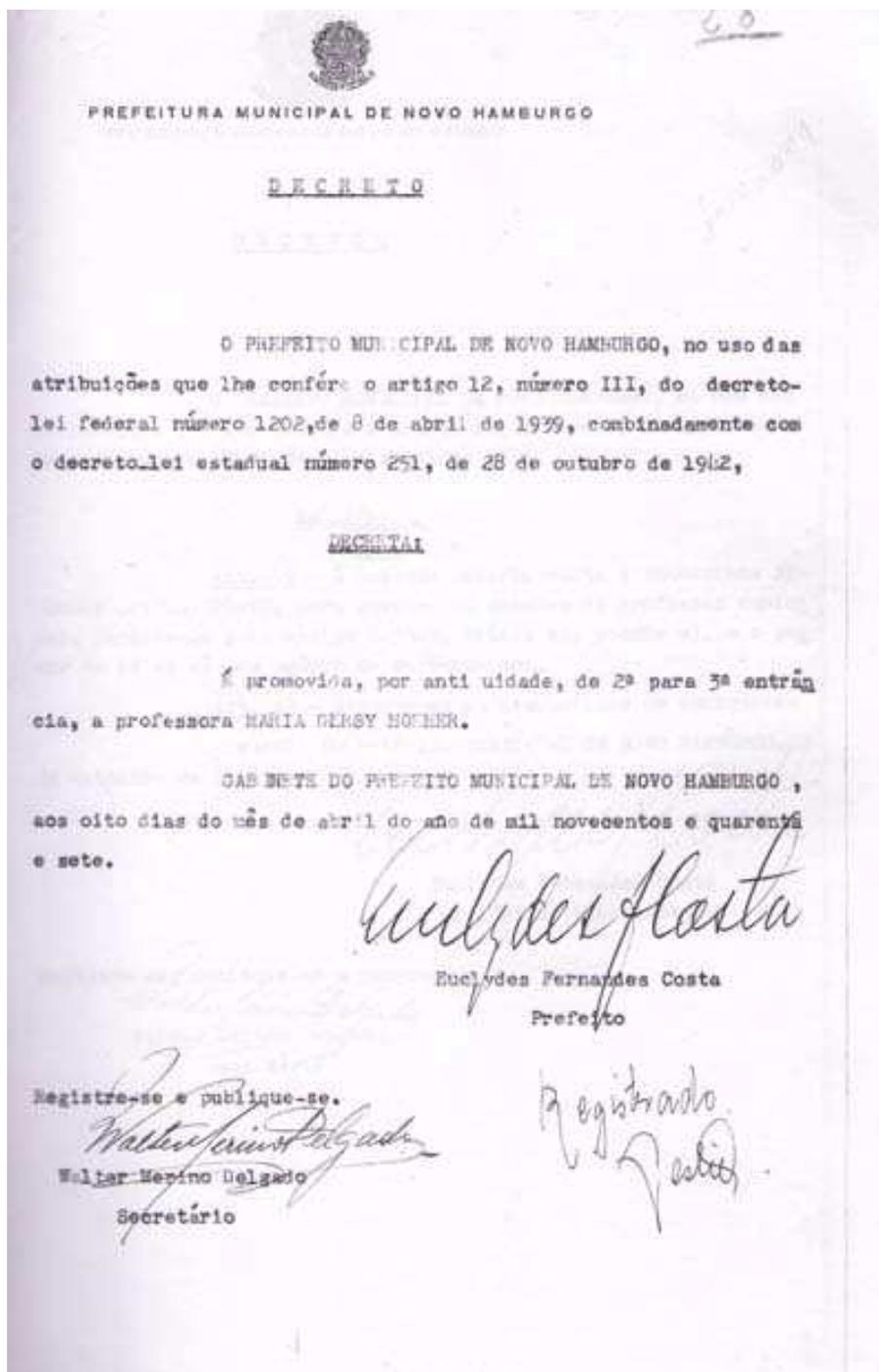
Contando com vossa boa acolhida, apresentamos nossos votos de fé e irrestrita confiança.

Atenciosas saudações

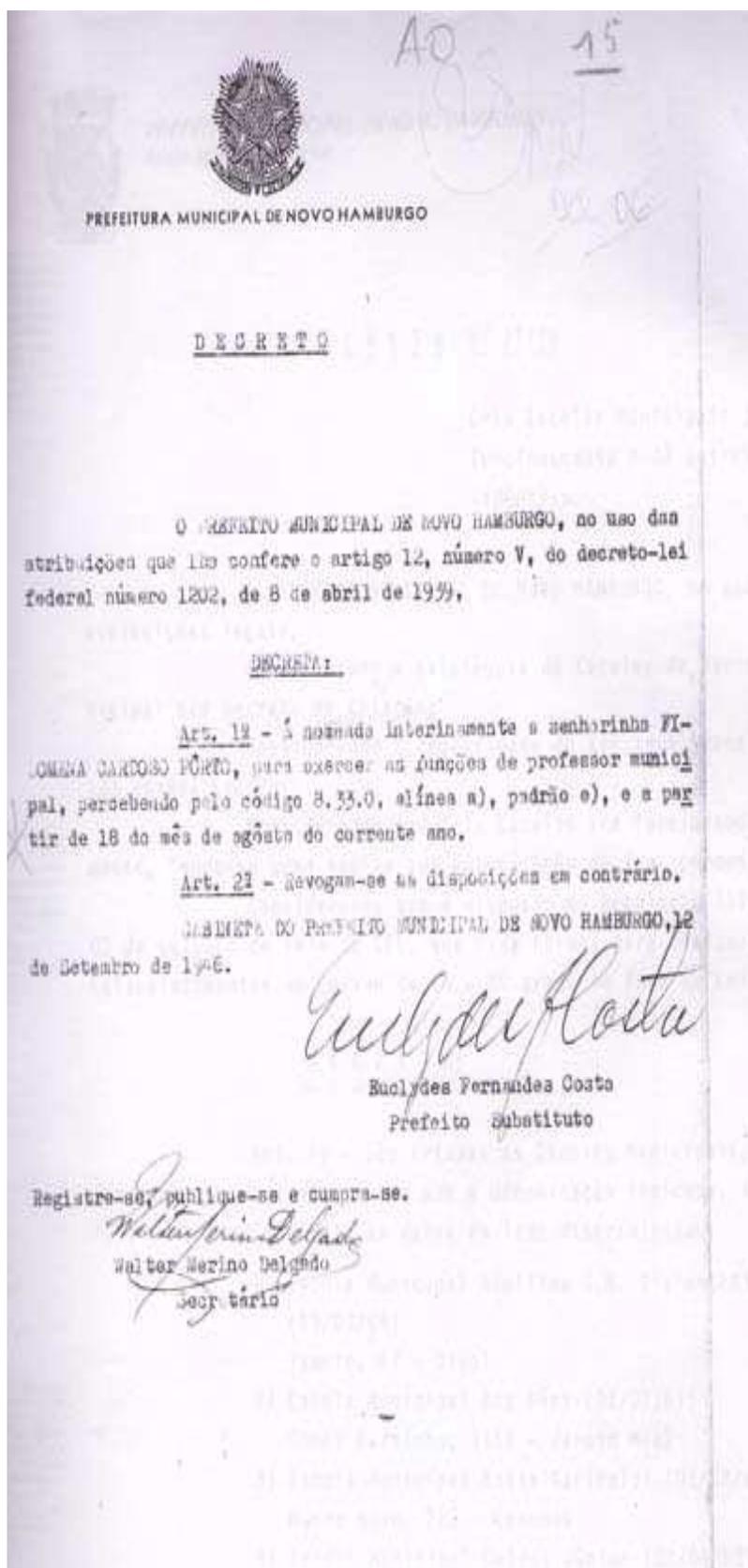

Rafaela M. Bueno
Diretora do D.E.E.



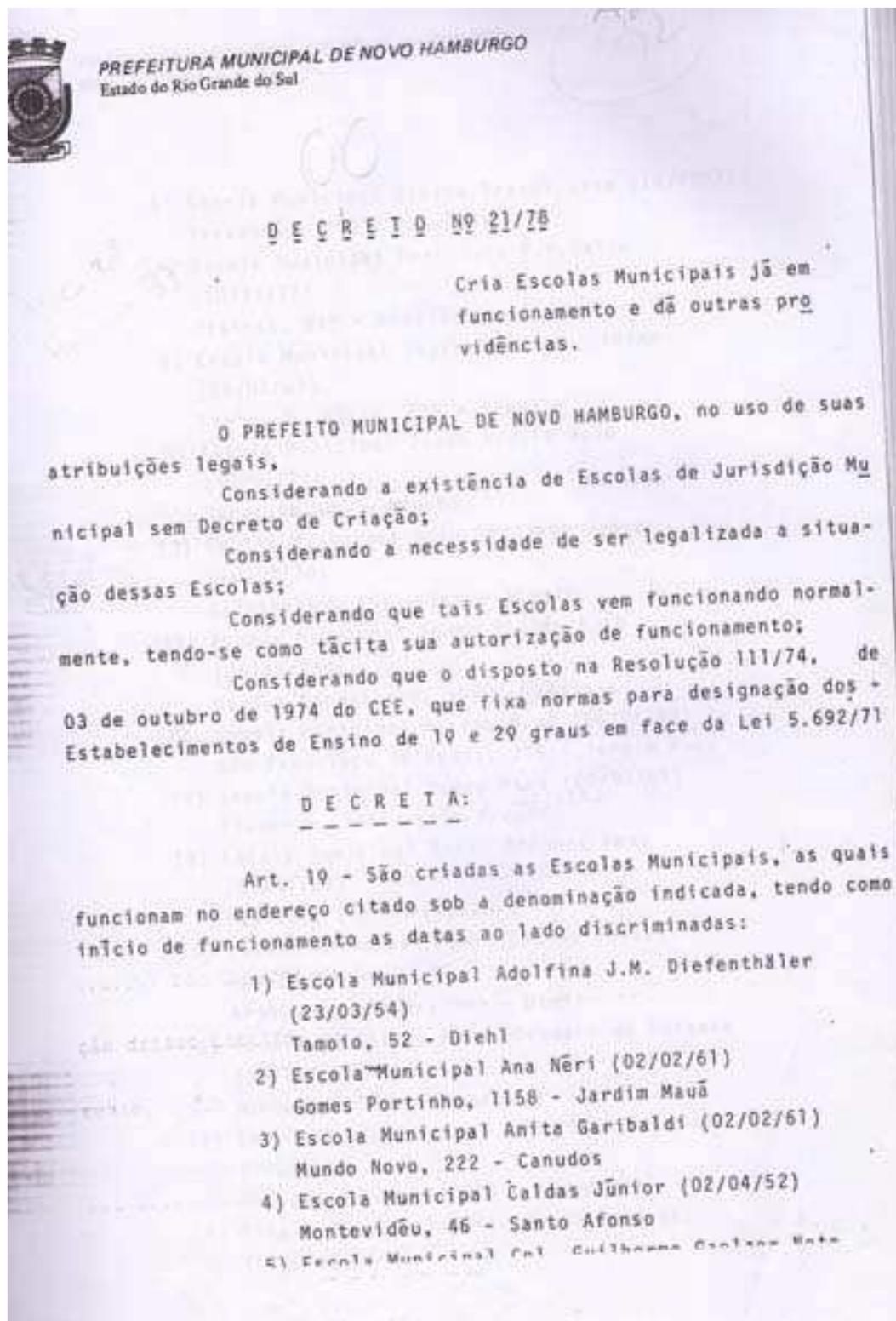
ANEXO AN- Decreto S/Nº - promove por antiguidade, de 2ª para 3ª entrância a professora Maria Gersy Höher, 8/04/1947



ANEXO AO- Decreto S/Nº -nomea interinamente uma professora, 8/04/1939



ANEXO AP- Decreto N° 21/78 – Cria Escolas Municipais já em funcionamento e dá outras providências





PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO
Estado do Rio Grande do Sul

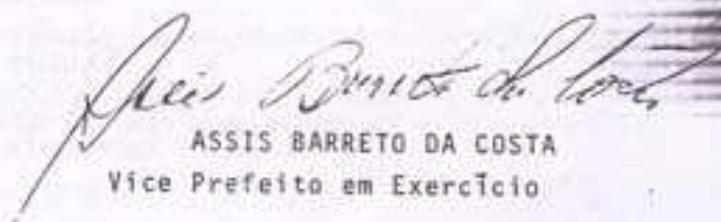
- 6) Escola Municipal Elvira Brandi Grin (19/10/71)
Travessão, 810 - Rondônia
- 7) Escola Municipal Francisca F.P.Saile
(10/11/72)
Visinal, 249 - Roselândia
- 8) Escola Municipal Imperatriz Leopoldina
(24/07/61)
Carlos G. Bökle, 508 - Ideal
- 9) Escola Municipal Jacob Kroeff Neto
(20/01/71)
Cururipe, 80 - Rincão
- 10) Escola Municipal João Baptista Jaeger
(10/09/70)
Valparaíso, 431 - Santo Afonso
- 11) Escola Municipal Jorge Evaldo Koch
(05/03/1950)
Carlos Dienstbach, 308 - Rondônia
- 12) Escola Municipal Marcos Moog (02/04/53)
São Francisco de Assis, 296 - Jardim Mauã
- 13) Escola Municipal Padre Reus (02/02/61)
Flamengo, 186 - Vila Kroeff
- 14) Escola Municipal Pres. Affonso Pena
(05/04/62)
Caxambū, 298 - Vila Nova
- 15) Escola Municipal Pres. Campos Salles
(05/04/62)
Arthur Momberger, 949 - Diehl
- 16) Escola Municipal Pres. Deodoro da Fonseca
(05/04/62) -
Hamburgo, 635 - Canudos
- 17) Escola Municipal Pres. Floriano Peixoto
(05/04/62)
Américo Vespúcio, 640 - São Jorge
- 18) Escola Municipal Pres. Getúlio Vargas
(07/07/61)

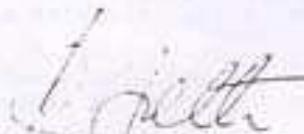
- 20) Escola Municipal Pres. Nilo Peçanha
(05/04/62)
Tupiniquins, S/nº - Ideal
- 21) Escola Municipal Pres. Prudente de Moraes
(05/04/62)
Frederico Westphalen, 172 - São Jorge
- 22) Escola Municipal Pres. Rodrigues Alves
(05/04/62)
Taquari, 494 - São José
- 23) Escola Municipal Roque Gonzales (03/05/1934)
Travessão - Dois Irmãos
- 24) Escola Municipal São Jacó (11/04/72)
Dr. Maurício Cardoso, 510 - Hamburgo Velho
- 25) Escola Municipal São João (19/03/39)
Araújo Viana, 74 - Guarani
- 26) Escola Municipal Senador Salgado Filho
(02/02/61)
Aêro Clube, 1046 - Canudos
- 27) Escola Municipal Bento Gonçalves (05/03/1884)
Taimbê- Lomba Grande
- 28) Escola Municipal Castro Alves (02/03/1947)
Passo dos Corvos - Lomba Grande
- 29) Escola Municipal Conde D'Eu (20/03/1948)
Quilombo do Sul - Lomba Grande
- 30) Escola Municipal Dom Henrique, O Navegador
(02/02/61)
Santa Maria do Butiã - Lomba Grande
- 31) Escola Municipal Dom Pedro I (02/02/61)
São João do Deserto - Lomba Grande
- 32) Escola Municipal Humberto de Campos
(12/06/51)
Linha São Jacó - Lomba Grande
- 33) Escola Municipal José de Anchieta
(10/09/1940)
São João do Deserto - Lomba Grande
- 34) Escola Municipal Pres. Arthur Bernardes
(05/04/62)
Quilombo do Sul - Lomba Grande

- 35) Escola Municipal Pres. Epitácio Pessoa
(05/04/62)
Taimbê - Lomba Grande
- 36) Escola Municipal Pres. Washington Luiz
(05/04/62)
Santa Maria do Butiã - Lomba Grande
- 37) Escola Municipal Rui Barbosa (29/06/38)
Santa Maria do Butiã - Lomba Grande
- 38) Escola Municipal Tiradentes (10/03/1933)
Morro dos Bois - Lomba Grande

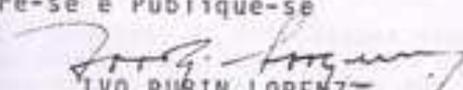
Art. 2º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, aos quinze (15) dias do mês de fevereiro do ano de mil, novecentos e setenta e oito (1978).


ASSIS BARRETO DA COSTA
Vice Prefeito em Exercício


SUELY G.F. COPETTI
Secretária Municipal de Educação e Cultura

Registre-se e Publique-se


IVO RUBIN LORENZ
Secretário Municipal de Administração

ANEXO AQ– Quadro demonstrativo – Pesquisa em periódicos 2005 a 2010

Quadro demonstrativo - Pesquisa em periódicos (Área de Educação/História) – Artigos relacionados à Educação Rural, memória e trajetórias docentes em classes multisseriadas. Período de 2005 – 2010

Título do Periódico	2005**		2006		2007		2008		2009		2010	
Educação e Realidade (UFRGS)	17 ***	00 *** *	10	01	13	00	28	01	43	02	35	00
Cadernos de Pesquisa (Fund. Carlos Chagas)	30	00	28	00	30	00	33	01	51	01	17	01
Educação em Revista (UFMG)	18	00	27	00	34	01	28	01	48	01	--*	--
Contemporânea de Educação (UFRJ)	--	--	18	01	18	00	20	00	26	01	9	00
Revista Brasileira de Educação (ANPED)	12	00	39	00	47	01	51	02	42	00	--	--
CEDES(Unicamp)	18	00	18	02	27	01	28	00	29	00	08	02
História da Educação (ASPHE)	20	03	16	00	24	00	27	01	--	--	--	--
Educação e Pesquisa (USP)	31	01	35	04	36	00	31	00	34	01	25	01
TOTAL	140	04	185	08	229	03	246	06	273	06	110	04
TOTAL GERAL											1195	31

* Espaços vagos não foram observados ou ainda não foram publicados.

**Ano de Publicação

***Numero de artigos publicados

**** Número de artigos referentes a Educação Rural, memória e trajetórias docentes em classes multisseriadas.

ANEXO AR– Quadro demonstrativo –GT Educação – ANPEd - 2005 a 2009

Quadro demonstrativo Pesquisa no GT de História e Educação da ANPED (Área de Educação/História) – Pôster e Trabalhos relacionados a Educação Rural, memória e trajetórias docentes em classes multisseriadas. Período de 2005 – 2009

2005		2006		2007		2008		2009	
27	00	14	00	23	01	14	00	16	02
TOTAL								94	03

ANEXO AS– Quadro demonstrativo - Pesquisa em eventos – 2009 e 2010

Quadro demonstrativo Pesquisa em eventos (Área de Educação/História) – Artigos relacionados a Educação Rural, memória e trajetórias docentes em classes multisseriadas. Período de 2008 – 2010

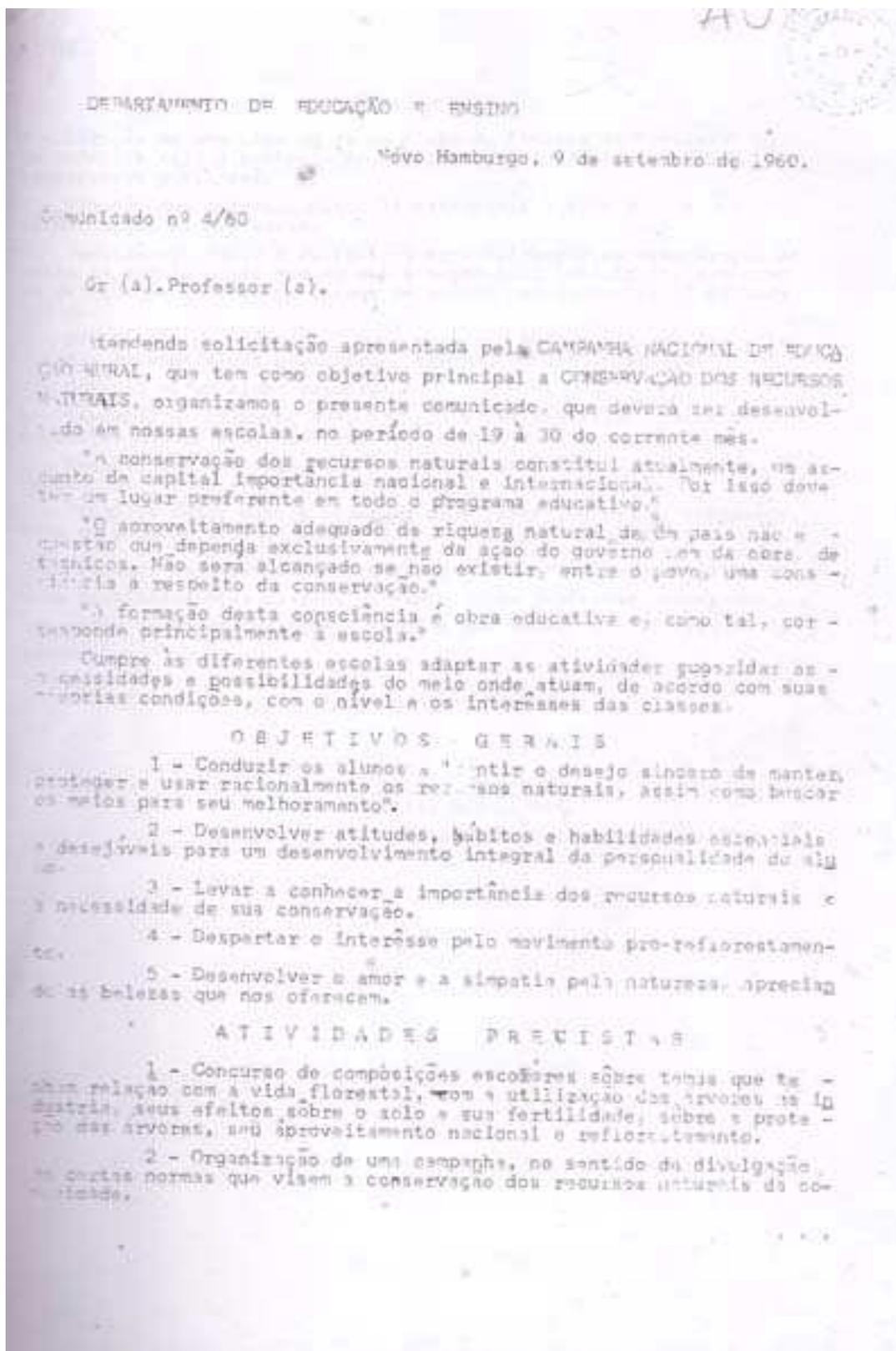
Título do evento	2009		2010	
Observatório de Educação no Campo. III Encontro Nacional de Pesquisa; I Encontro Internacional para Educação no campo e III Seminário sobre Educação Superior	--	--	156	06
II CONGRESO INTERNACIONAL CIENCIAS, TECNOLOGÍAS Y HUMANIDADES. DIÁLOGO ENTRE LAS DISCIPLINAS DEL CONOCIMIENTO. MIRANDO AL FUTURO DE AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE. “HISTORIA DE LA EDUCACIÓN EN EL CAMPO LATINOAMERICANO. ESCUELAS, COMUNIDADES RURALES Y SUJETOS SOCIALES”	--	--	42	10
ANPED SUL 2010 – Eixo: História da Educação	--	--	69	08
VI Congresso Internacional de Educação	59	03	--	--
TOTAL			326	24

ANEXO AT– Quadro demonstrativo - Pesquisa em Teses e Dissertações – 2005 a 2010

QUADRO DEMONSTRATIVO DE PESQUISAS EM TESES E DISSERTAÇÕES NO PERÍODO DE 2005 - 2010. Busca a partir dos seguintes descritores (Educação Rural; Trajetória e ensino rural; zona rural; classes multisseriadas; memória de professores e professoras rurais).

INSTITUIÇÃO	Encontradas	Selecionadas
UNISINOS	171	08
UFRGS	391	11
UFPEL	32	06
TOTAL	594	25

ANEXO AU- Comunicado Nº 4/60, de 9/09/1960 - DEE



- fls. 2 -

- 3 - Criação de uma liga ou de um clube de "Amigos da Natureza" cu-
jo objetivo seja a proteção de recursos naturais (fauna, flora, -
lagoedouros públicos).
- 4 - Citação dos recursos naturais essenciais à vida humana, à
alimentação, ao vestuário.
- 5 - Providência junto à Prefeitura para colaborar na arborização do
patio da escola ou da rua em que a escola está localizada, bem como
na criação de um pequeno bosque de acordo com as condições da local-
cidade.
- 6 - Realização de auditório, cujo programa seja resultado das ati-
vidades desenvolvidas em classes, sobre o assunto proposto.
- 7 - Criação de um clube agrícola.
- 8 - Recuperação de cartazes que, do ponto artístico, contenham
conceitos dentro dos objetivos a serem alcançados.
- 9 - Localização, no mapa, das principais produções agrícolas do
Município, Estado e País.
- 10 - Pesquisa sobre várias espécies de árvores regionais - experiên-
cias de germinação, museu de folhas, sementes, madeira.

Qualquer das atividades sugeridas no presente comunicado ou ou-
tras escolhidas pela classe, ou ainda, pelo professor, esperando -
se sejam desenvolvidas com a atenção que merece tão importante as-
sunto.

Saudações cordiais.

Lenira Biandi Grif

Lenira Biandi Grif

Assistente do Departamento de Educação

ANEXO AV – Minha Despedida – Maria Gersy H. Thiesen, 1969

felicidades em suas realizações.
 Passo das Carvoas, 27 de junho de 1966.
 Martha Lilla, Secretária da DIMEP
 Luiza Brandi Guin - Coordenadora da DIMEP.

19-12-68

Minha despedida

Hoje foi meu último dia de aula. Hoje apresentada desde o dia 8 de maio. Junto-mestante é que não me sinto muito satisfeita, pois já junto agora lembranças, — dos trabalhos realizados dos alunos, das colegas, que estimo muito, — da Tão detetada e meiga D^{ca} família, a nossa querida servente; — enfim de tudo isso, que foi minha vida de professora. Jála houve lutas, — desenganos, mas muitas horas felizes.

Sinto deixar a minha querida "Castro Alves"; Mas ao deixá-la, peço a Deus, que dê, a cada professora que nela lecionou, tudo aquilo que sempre quis dar aos meus filhos de H. Brandi crianças, pois por cada criança senti o efeito de mãe, procurei dar o que de melhor tinha a dar: amor. Sei que enei muitas coisas, mas sou humana e não divi-

6

mas, pois sãovente pinturas divinas e que não
 eram. Fico perdão àquêla que com meus erros
 tenha prejudicado ou ofendido, e desejo que mi-
 nhas colegas ao fundarem o tempo de magistério,
 possam dizer: - Não ofendi ninguém, dei amor,
 muito amor, jamais fui professora de fim de mês,
 consegui fazer daquelas que me foram parâmetros,
 pinturas ínteis à Deus, à Pátria, à sociedade,
 educadoras, enfim, para serem felizes.

À todos que aqui ficaram e que por acaso
 chegaram a ler estas minhas palavras de despe-
 dida, o meu pedido a Deus de que sejam muito
 felizes, e o meu abraço amigo

Adus
 Gury

ANEXO AW – Cópia de e-mail - Transcrição de documento localizado. Aula Pública de Lomba Grande em alemão gótico, 16/12/1963



José de Souza Souza <profedimar@gmail.com>

documento sobre aulas públicas no 2º imperio em lomba grande

martin dreher <martindreher@terra.com.br>

5 de outubro de 2011 11:52

Para: José de Souza Souza <profedimar@gmail.com>

Olá José Edimar,

o texto é de autoria do Prof. Heinrich Meyer. Meyer foi Brummer, mercenário contratado pelo Império na Guerra contra Rosas. Após a desmobilização ficou no Brasil e foi, a exemplo de muitos outros, professor. Autuou na Aula Pública de Lomba Grande e, por isso, deve ter sido nomeado pelo Governo Provincial. O documento fala da distinção conferida a Wilhelmine Burger por haver obtido o primeiro lugar no exame prestado. O túmulo da Família Burger encontra-se no cemitério luterano de Lomba Grande. tradução do texto di:

"Aula Publica de Lomba Grande. 1º lugar. Fita de seda vermelha com borda de crochê, concedida e conferida à aluna Wilhelmine Burger como recompensa por seu extraordinário esforço e excelente comportamento, bem como incentivo para que assim continue, na oportunidade do exame prestado no corrente ano, por seu professor Heinrich Meyer. Lomba Grande, aos 16 de dezembro de 1863."

Um abraço,
Martin Dreher

Em 03/10/2011 22:43, José de Souza Souza escreveu:

Olá professor, espero que esteja bem, encontrei este documento em lomba grande, preciso incluir como nota de rodapé na minha dissertação, estou recuperando documentos sobre escolas comunitárias, mas fiquei intrigado com este documento, espero que possa me ajudar, colocarei na fonte, tradução do senhor. Grato, Edimar, porém, como minha banca é em novembro, tenho brevidade. abraços, José Edimar.

E-mail verificado pelo Terra Anti-Spam.

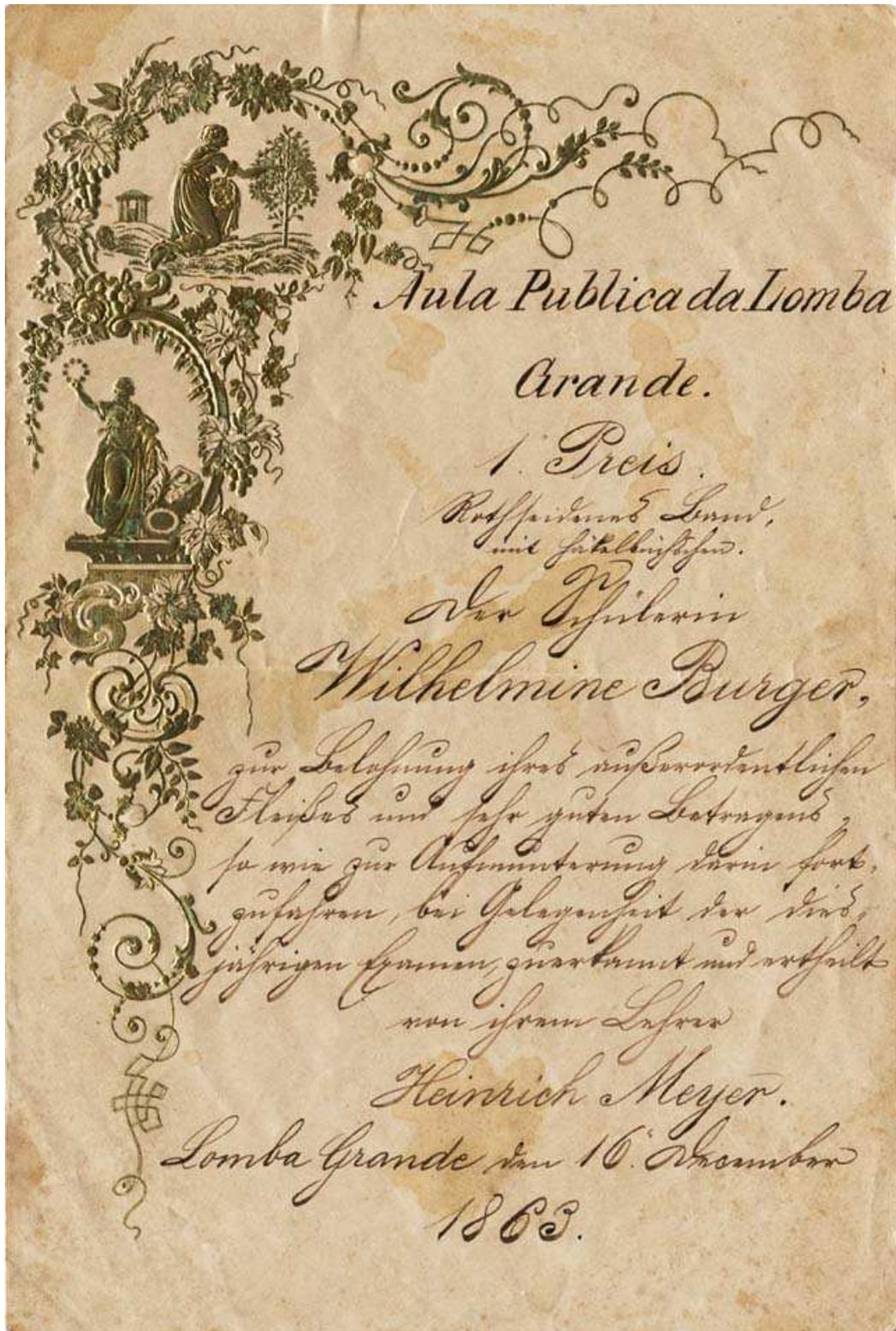
Para classificar esta mensagem como spam ou não spam, [clique aqui](#).

Verifique periodicamente a pasta Spam para garantir que apenas mensagens indesejadas sejam classificadas como Spam.

Esta mensagem foi verificada pelo E-mail Protegido Terra.

Atualizado em 05/09/2011

ANEXO AX- Aula Pública de Lomba Grande (Alemão Gótico), 16/12/1863



ANEXO AY- Boletim Mensal da Escola Castro Alves, maio de 1969

785

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Boletim do mês de maio de 1969

Localidade Passo dos Cavalos, L. Grande Distrito Novo Hamburgo

Nome do estabelecimento E.M. "Castro Alves"

Turnos 1

Estado de D. E. RS

Visto em 29, 6, 69

Do

TOTAL DO MOVIMENTO DOS ALUNOS																			
SEX	Matr. geral			Total alimn.			Al. nov. entr. mês.			Matr. real			Total comp.			Freq. média			
	m	f	Total	m	f	Total	m	f	Total	m	f	Total	m	f	Total	m	f	Total	
inf.																			
juv.																			
ad.																			
total	15	12	27	2	2	4	-	-	-	12	10	22	236	193	429	10	9	19	
...	13	5	17	1	-	1	-	1	1	11	6	17	232	189	352	10	5	15	
...	12	8	20	1	-	1	-	-	-	11	8	19	230	182	397	10	7	17	
...	12	5	17	-	-	-	-	-	-	12	5	17	229	181	370	11	5	16	
...	4	2	6	-	-	-	-	-	-	4	2	6	82	58	134	4	2	6	
...	55	32	87	4	2	6	-	1	1	51	31	82	1059	811	1682	45	29	73	
...	55	32	87	4	2	6	-	1	1	51	31	82	1059	811	1682	45	29	73	

MOVIMENTO GERAL DAS CLASSES

Professoras	Enclasse	Classe	Sede Classe	Matric. real			Frequência			Faltas		Observações
				m	f	Total	m	f	Total	Just. dias	Outros dias	
ny. Cecília Becker	21	-	-	regente	-	-	-	-	-	-	-	
cia Gersy H. Thiesen	39	11	ABRM	12	10	22	12	9	19	-	-	19 dias de classe
ane Timm Enck	C	11	ABRM	-	-	-	-	-	-	-	-	4. . . .
imra dos Santos	C			Cadida à P.M.						-	-	
Elson L. Paul	19	21	ABRM	11	6	17	10	5	15	-	-	
air Delgado Norbas	C	39	ABRM	11	8	19	10	7	17	-	-	
arta Helena Ely	C	43	ABRM	12	5	17	11	5	16	1	-	dia 23/5/69
		59	ABRM	4	2	6	4	2	6			

PROFESSORES LICENCIADOS

Nome	Enclasse	Data de Lic. + Data de Anul.	Observações
ane Timm Enck	C	3/2/69 SP até 26/5/69	licença gasta

Visitas recebidas
Orientadores
Médicos
Outras autoridades (nomes)
Encl. de dos Santos
supervisora das E.M. de L. Grande

ANEXO AZ- Carteira do curso de Corte Costura - Novo Hamburgo, em 1958

Carteira N.º 78035
Matrícula N.º 48281
O portador da presente carteira,
Sr.ª Telga Bohrer
residência à rua
na cidade de:
VILA IQOIA GRANDE
é aluno do curso de:
CORTES E COSTURA

INSTITUTO ESTADUAL BRASILEIRO
1958 SÃO PAULO

Telga Bohrer
Assinatura do portador

Nota: As carteiras que não tiverem a fotografia
e a assinatura correspondentes, não serão
válidas.

Fonte: Acervo pessoal da professora Telga Bohrer, 2010.

ANEXO BA- Comprovante do Exame de Madureza, 1967

COLÉGIO SÃO JOSÉ

EXAME DE MADUREZA

L. 342

NOME: Telga Bohrer

END: Rua João Tristão C.B. N. 3/102

IDADE: 32 anos N.º ID. Tit. Eleit. 3791

Português		Matemática	Ciências	Geografia	História
oral	escrito				
<input checked="" type="checkbox"/>					

Canoas, 5 de 9 de 1967

[Assinatura]

Assinatura do Candidato

Fonte: Acervo pessoal da professora Telga Bohrer, 2010.

ANEXO BB- Curso Ginásial, artigo 99, boletim, 1967

Nº 002

CURSO "JOHN KENNEDY - ARTIGO 99"

Campo Bom - RS
Cidade

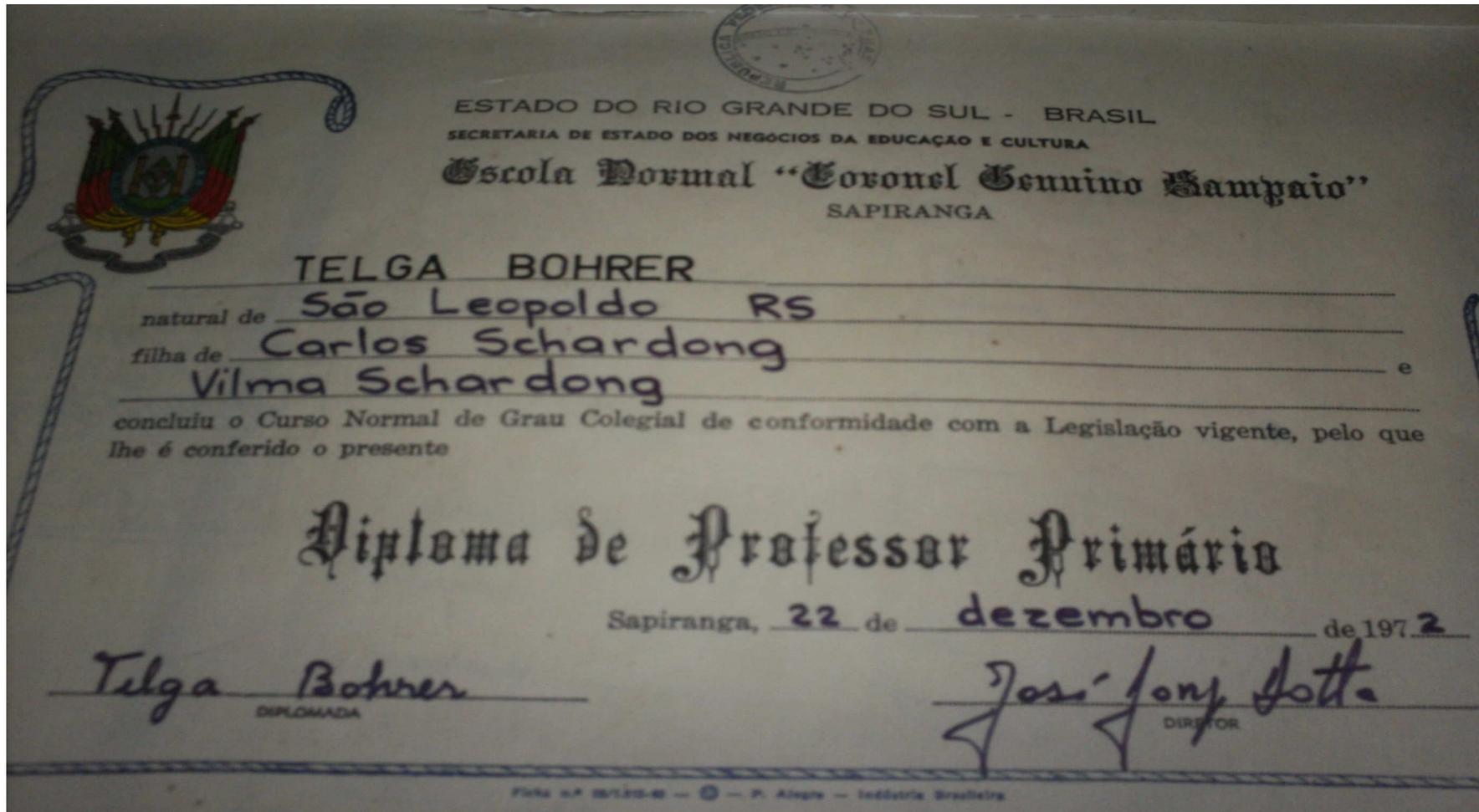
BOLETIM

Telga Bohrer
Nome do Aluno

Média Geral 8.7 Ano Gin. 1967

Fonte: Acervo pessoal da professora Telga Bohrer, 2010.

ANEXO BC- Diploma Curso de Magistério



ANEXO BD- Decreto Nº 16/24 e)



DECRETO Nº 16/24 e)

149

Designa uma professora.

O Prefeito Municipal de Novo Hamburgo, no uso das atribuições que lhe são conferidas em Lei,

R E S O L V E

Designar a senhorita MARIA GERSY HÜHER, em exercício nas AULAS REUNIDAS ESTADUAIS E MUNICIPAIS de Lomba Grande, para reger o Jardim de Infância Municipal "GETÚLIO VARGAS".

Registre-se e publique-se.

Gabinete do Prefeito Municipal de Novo Hamburgo, 19 de abril de 1942.

Odon Cavalcanti
Prefeito Municipal

ANEXO BE- Decreto Nº 16/24 d)



151

DECRETO Nº 16/24 d)

Crêa um Jardim de Infância.

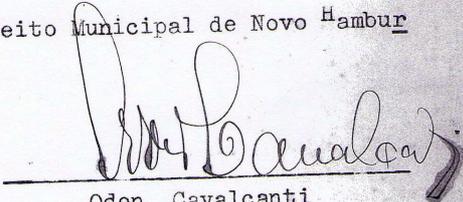
O Prefeito Municipal de Novo Hamburgo, no uso das atribuições que lhe são conferidas em Lei, em homenagem à data do aniversário natalício do senhor Presidente da República,

R E S O L V E

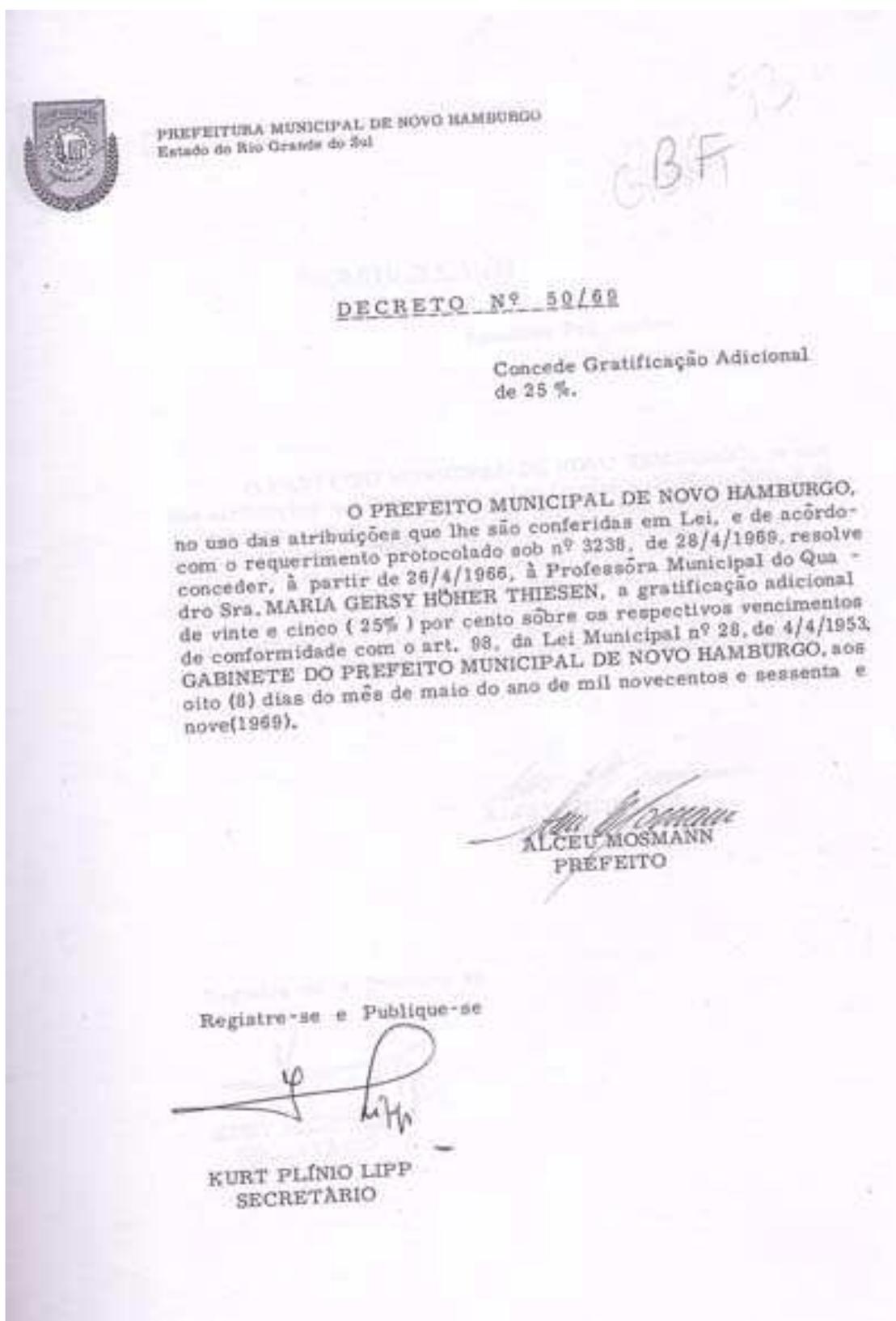
Crêar um Jardim de Infância com a designação "GETÚLIO VARGAS", e localiza-lo no salão disponível do prédio cedido à Secretaria da Educação para as AULAS REUNIDAS - MUNICIPAIS E ESTADUAIS da vila de Lomba Grande.

Registre-se e publique-se.

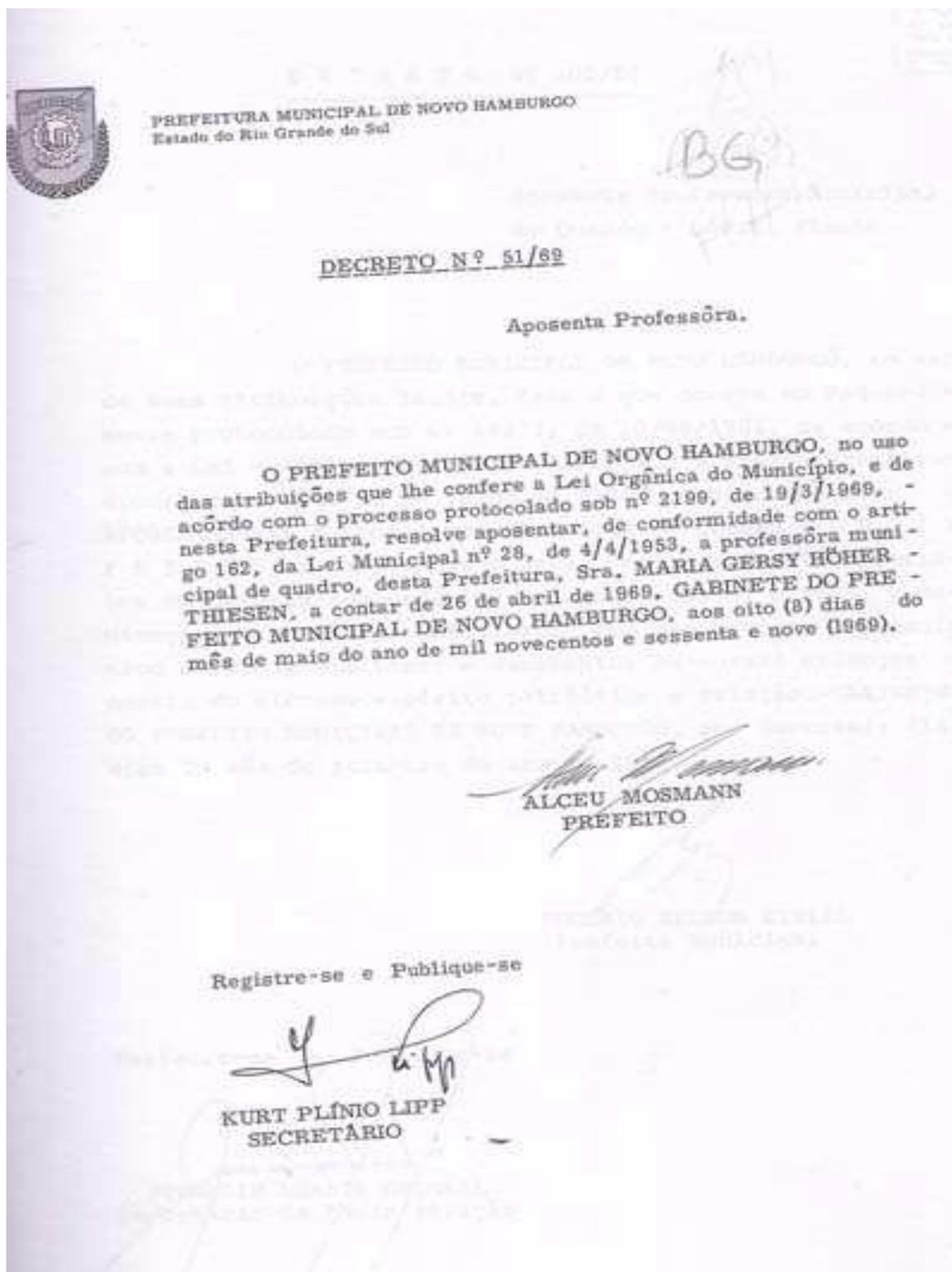
Gabinete do Prefeito Municipal de Novo Hamburgo, 19 de abril de 1942.


Odon Cavalcanti
Prefeito Municipal

ANEXO BF- Decreto N° 50/69 – concede gratificação adicional de 25%



ANEXO BG- Decreto Nº 51/69 – Aposenta professora



ANEXO BH- Livro ponto Nº 1 - Grupo Escolar de Lomba Grande, 1940

Nº 1 GRUPO ESCOLAR MADRE BENICIA
LOMBA GRANDE
1940

85

Dia 29 de Julho de 1940 Segunda-feira

Nº	hora de entrada	Nome do professor	Cargos	hora de saída	Observações
1	7,40	José Afonso Lobo	Regente	12,25	
2	7,30	Alfредия Corch	Profes. Mun.	12,14	
3	8	Pedro Alfredo Kunitz	Prof. Mun.	12,14	
4	8	Julietta M. Gerhardt	Prof. Estadual	12,14	
5	7,40	Leray M. Hoher	Auxiliar	12,25	
6		José Afonso Lobo	Regente	12,25	

Dia 30 de Julho de 1940 Terça-feira

1	7,40	José A. Lobo	Regente	12,25	
2	7,30	Alfредия Corch	Prof. Mun.	12,2	
3	8,5	Julietta M. Gerhardt	Prof. Estadual	12,2	
4	8,05	Pedro Alfredo Kunitz	Prof. Mun.	12,2	
5	8,5	Leray M. Hoher	Auxiliar	12,25	
6		José A. Lobo	Regente		

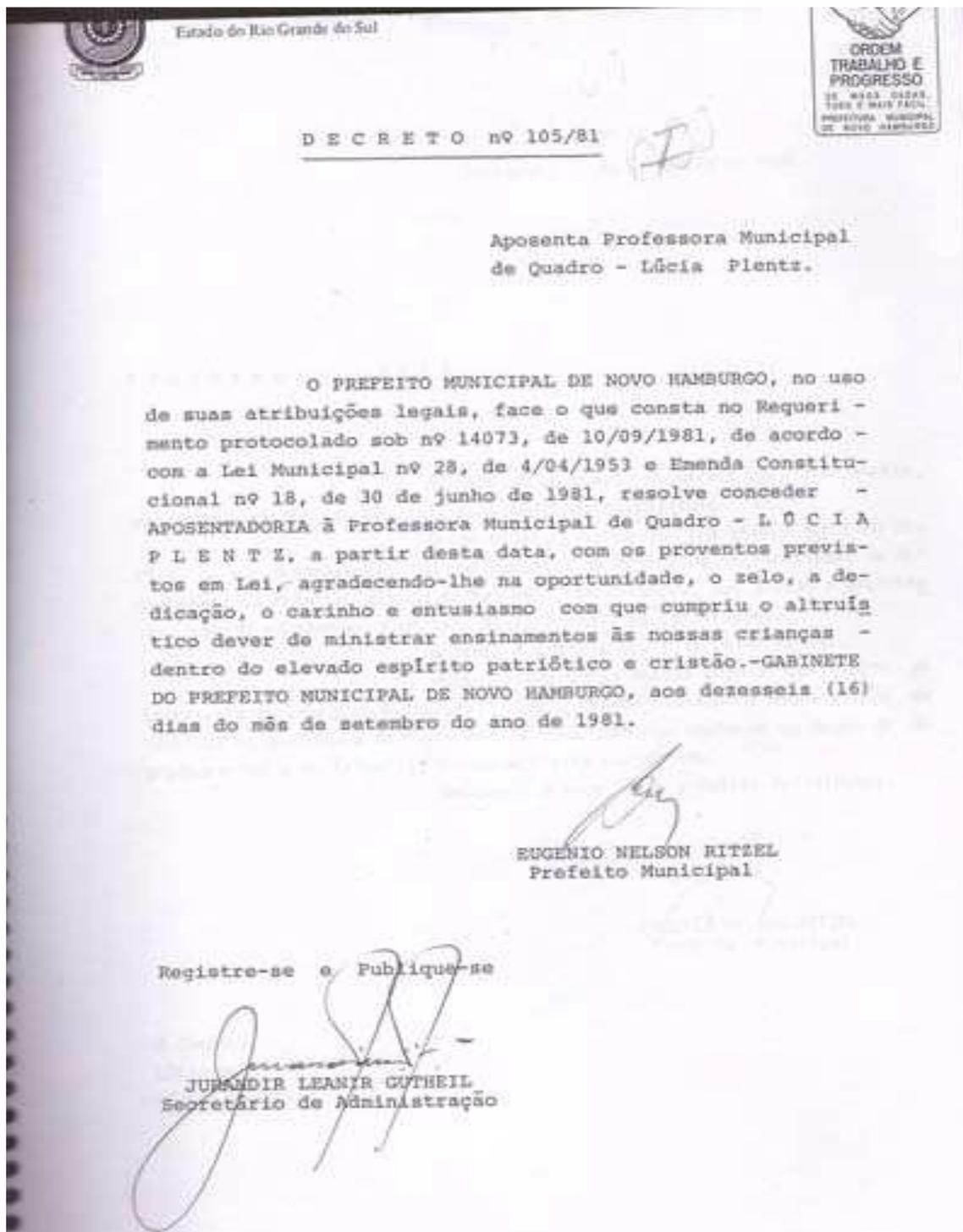
Dia 31 de Julho de 1940 Quarta-feira

1	7,45	José Afonso Lobo	Regente	12,25	
2	7,45	Alfредия Corch	Prof. Mun.	12,15	
3	8	Leray M. Hoher	Auxiliar	12,25	
4	8,05	Pedro Alf. Kunitz	Prof. Mun.	12,15	
5	8,15	Julietta M. Gerhardt	Prof. Est. 2ª cida	12,15	
6		José Afonso Lobo			7 Churras Prof. Churras

Dia 1º de Agosto de 1940 Quinta-feira

1	7,30	José Afonso Lobo	Regente	12,25	
2	7,30	Alfредия Corch	Prof. Mun.	12,25	
3					
4					Não comparecer. Churras torrencial
5	8,05	Pedro Alfredo Kunitz		12,25	
6		Leray M. Hoher	Auxiliar da escola	12,25	

ANEXO BI- Decreto Nº 105/81 – aposenta professora municipal de quadro, Lúcia Plentz,
16/09/1981



Novo Hamburgo, 16 de setembro de 1981.

Professora LÚCIA

Hã mais de um quarto de século que, diariamente, passamos a contar com sua valiosa e dedicada colaboração. Desde então, sabemos que sua missão tem sido difícil de ser desempenhada - houve momentos de desânimo, de incerteza, de desilusões. No entanto, quando trabalhamos com crianças, com jovens e professores, sempre existem as alegrias, as surpresas, as satisfações.

E temos a certeza que elas foram muitas. Hoje, quando deixa nossas escolas municipais da Secretaria de Educação e Cultura - SEMEC, quando abandona a nobre missão de "ensinar os escolares de nosso País", Novo Hamburgo sente-se no dever de agradecer-lhe a contribuição prestada a esta Comunidade.

Desejamos a você êxito e muitas felicidades.

EUGÊNIO NELSON RITZEL
Prefeito Municipal

À Senhora
LÚCIA PLENTZ
NOVO HAMBURGO-RS

ANEXO BJ- Lei Municipal N° 11/64

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO

BJ

LEI MUNICIPAL N° 11/64

Dá denominação a praça de Lomba Grande, 3º distrito de Novo Hamburgo.

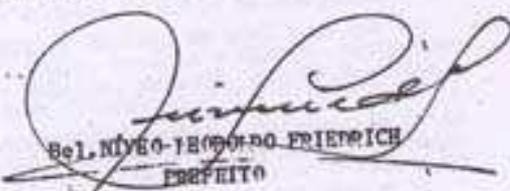
O PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO:

Faço saber que o Poder Legislativo decretou e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º - É denominada PRAÇA VEREADOR MÁRIO PEREIRA a Praça sem nome, situada ao lado da sede da Sub-Prefeitura de Lomba Grande, 3º Distrito do Município de Novo Hamburgo.

Art. 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, aos 18 dias do mês de julho do ano de 1964.


Hel. NIVEO-TEODORO FRIEßLICH
PREFEITO

Registre-se e Publique-se


GILBERTO MOSCHINI
SECRETÁRIO

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO

HISTÓRICO

Praça VEREADOR MÁRIO FERREIRA-LOMBA GRANDE

Taupay, subindo certa vez à alta tribuna do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que ele, como ativo membro e brilhante orador, tanto contribuiu para aumentar-lhe o lustre inconfundível, doutrinou que a consagração dos mortos dignifica a Humanidade, incitando os vivos a se voltarem para aqueles que já se foram e a buscarem na vida finds exemplos e ensinamentos, e, por isso, acentuou aquele culto deve ser todo de exaltação, de lhanesa e de veracidade.

Ajunta-se este conceito de nosso primoroso e inortal-compatriota, à lição do divino cantor da Ilíada, pontificando, mil anos antes de Cristo, que nada devemos poupar para honrar os nossos grandes mortos.

Da prática contínua e pura do culto pelo passado, nasce o conhecimento e a compreensão da Pátria e, como corolário, e o amor pela terra em que se nasce, forte, elevado e consciente.

Assim, não poderíamos nos partir de prestar uma homenagem de reconhecimento e de gratidão a um dos cidadãos mais ilustre e mais amigo de Novo Hamburgo e, muito especialmente do distrito de Lomba Grande; é ele o extinto político e ex vereador MÁRIO FERREIRA.

Filho do casal Manoel Jacintho Pereira, nasceu a 23 de dezembro de 1902, na cidade de São Sebastião do Cai, neste Estado. Estudou no Colégio Estadual Julio de Castilhos, na capital do Estado, onde já revelou e manifestou seu entusiástico e sua aguda inteligência e seu amor desinteressado pela coisa pública e pelo bem estar social.

Por alguns anos, trabalhou nos Correios e Telégrafos e, posteriormente, na Companhia Energia Elétrica, em Porto Alegre, onde exerceu as altas funções de Chefe da Contabilidade.

Foi casado com Da. Bedy Müller, da qual teve quatro filhos: Carlos Henrique, Cláudio, Cecília e Clovis. Enviuvando em 1959, convolveu segundas nupcias, em 1960, com Da. Rosalina Ferreira, com a qual não teve filhos.

Após prolongada enfermidade, veio a falecer, em 5 de outubro de 1961, no Hospital Centenário de São Leopoldo, sendo sepultado no Cemitério de Santa Maria do Butiá, no distrito de Lomba Grande, em cujo distrito residia por largos anos e no qual, ainda residem seus descendentes.

Como político, Mário Pereira sempre pertenceu às fileiras do Partido Libertador, sendo um dos seus mais prestígio dos líderes.

Homen bom, honesto, de gênio afável e alegre, de idéias arejadas e de espírito tolerante e compreensivo, Mário Pereira foi um dos elementos moderadores de seu Partido e um elo de ligação entre os demais, que o respeitavam como adversário e o admiravam como homem público, tanto assim, que apesar de evangélico convicto, por mais de uma vez foi festeiro da Comunidade Católica de Lomba Grande.

Por duas Legislaturas exerceu as funções de Vereador na Câmara Municipal de Novo Hamburgo, com expressiva votação, sempre honrando o mandato e dignificando esta Casa, sem nunca fazer

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO - fls. 2 -

Promneciamentos demagógicos ou eleitoreiros, tão comuns quanto pra :
judiciais.

Na sua sociedade, dedicou-se ao esporte ginecrista, sendo de um dos fundadores do Sport Clube Grusciro de Porto Alegre, em cujo Clube stoua por alguns anos.

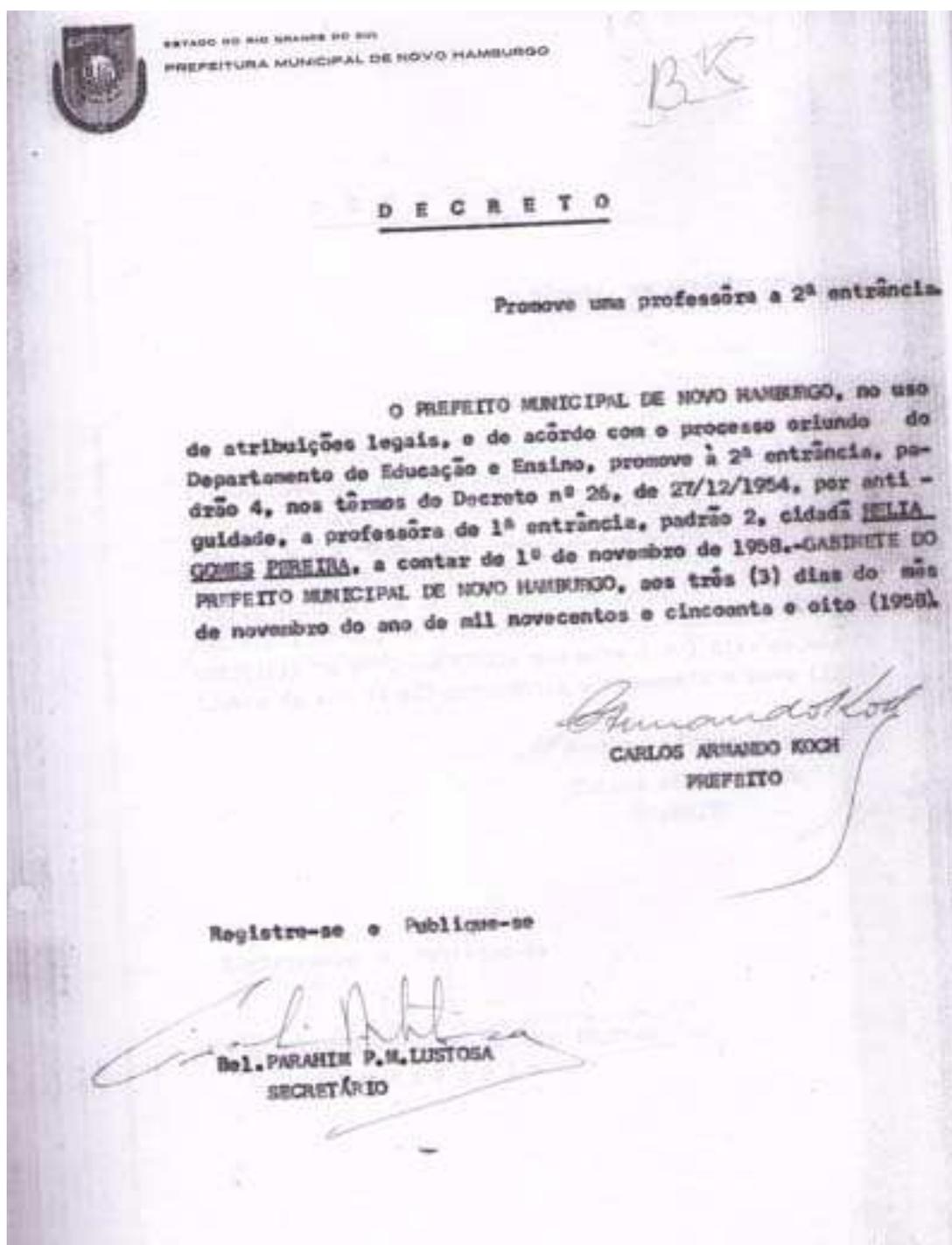
Mário Pereira, além de político respeitado e admirado por atuação serena, esclarecida e sempre visando o interesse público; além de exemplar chefe de família; além de amigo leal e sincero; além de esportista entusiasta; foi um homem que dedicou grande parte de sua vida, com prejuizos das próprias atividades particulares e profissionais, ao bem estar daqueles que menos possuíam e mais necessitavam. Estava sempre pronto para fazer o bem e auxiliar a quem lhe solicitasse um favor ou uma ajuda, a qualquer dia, a qualquer hora ou em qualquer lugar.

Lomba Grande deve-lhe inúmeros favores e grandes melhoramentos, sendo sido o pioneiro e o maior batalhador para a instalação de rede de iluminação pública naquele distrito.

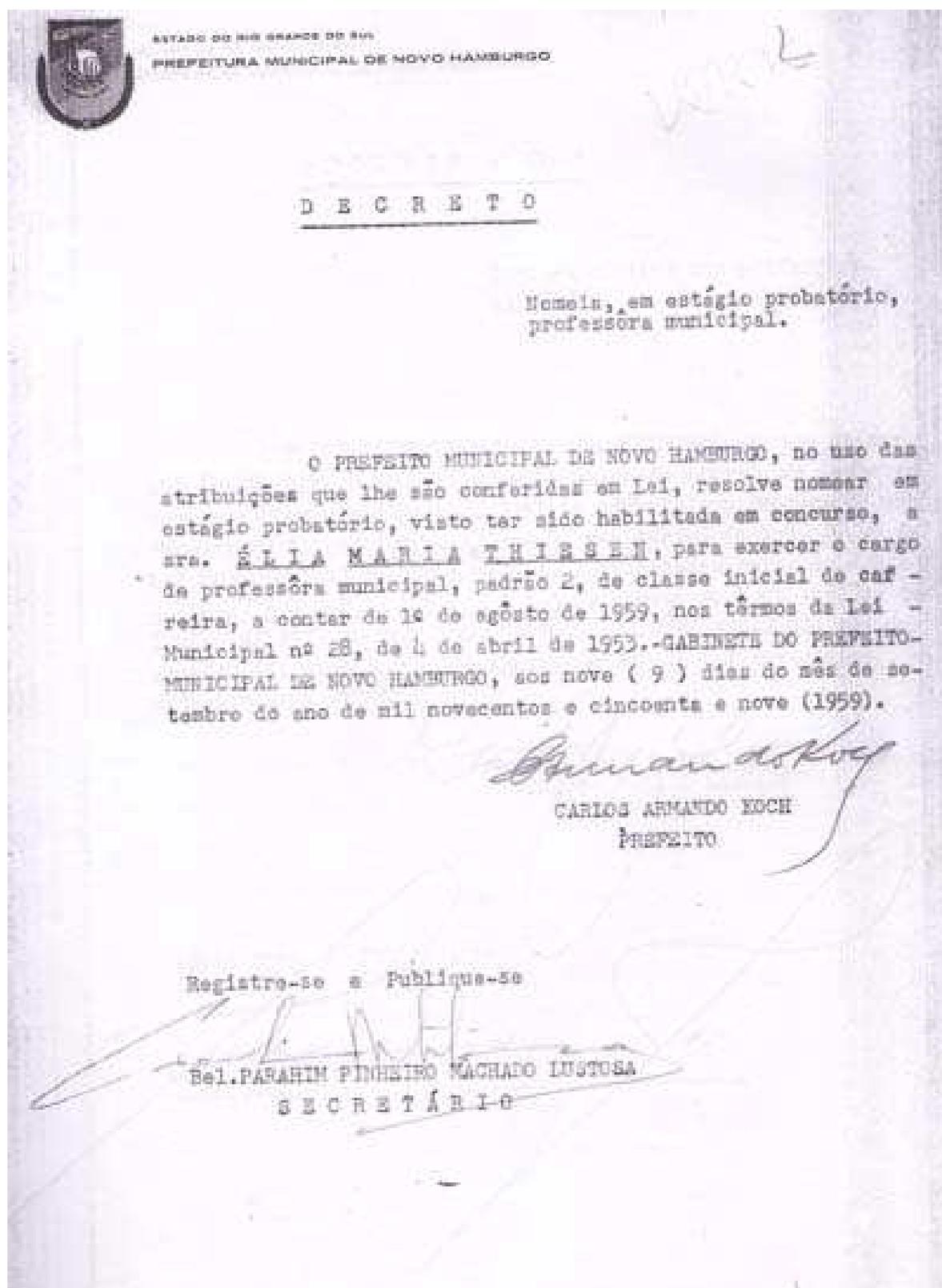
Por tudo isso, deve ser ressaltada, como exemplo, a figura do ex vereador Mário Pereira.

E, como preito de justa gratidão pelos relevantes serviços prestados a esta terra, temo a honra de apresentar o incluso Projeto de lei que dá o nome de VEREADOR MÁRIO PEREIRA à Praça, ainda sem denominação, junto à Sub-Prefeitura do distrito de Lomba Grande, onde ele, por longos anos viveu e tanto serviu.

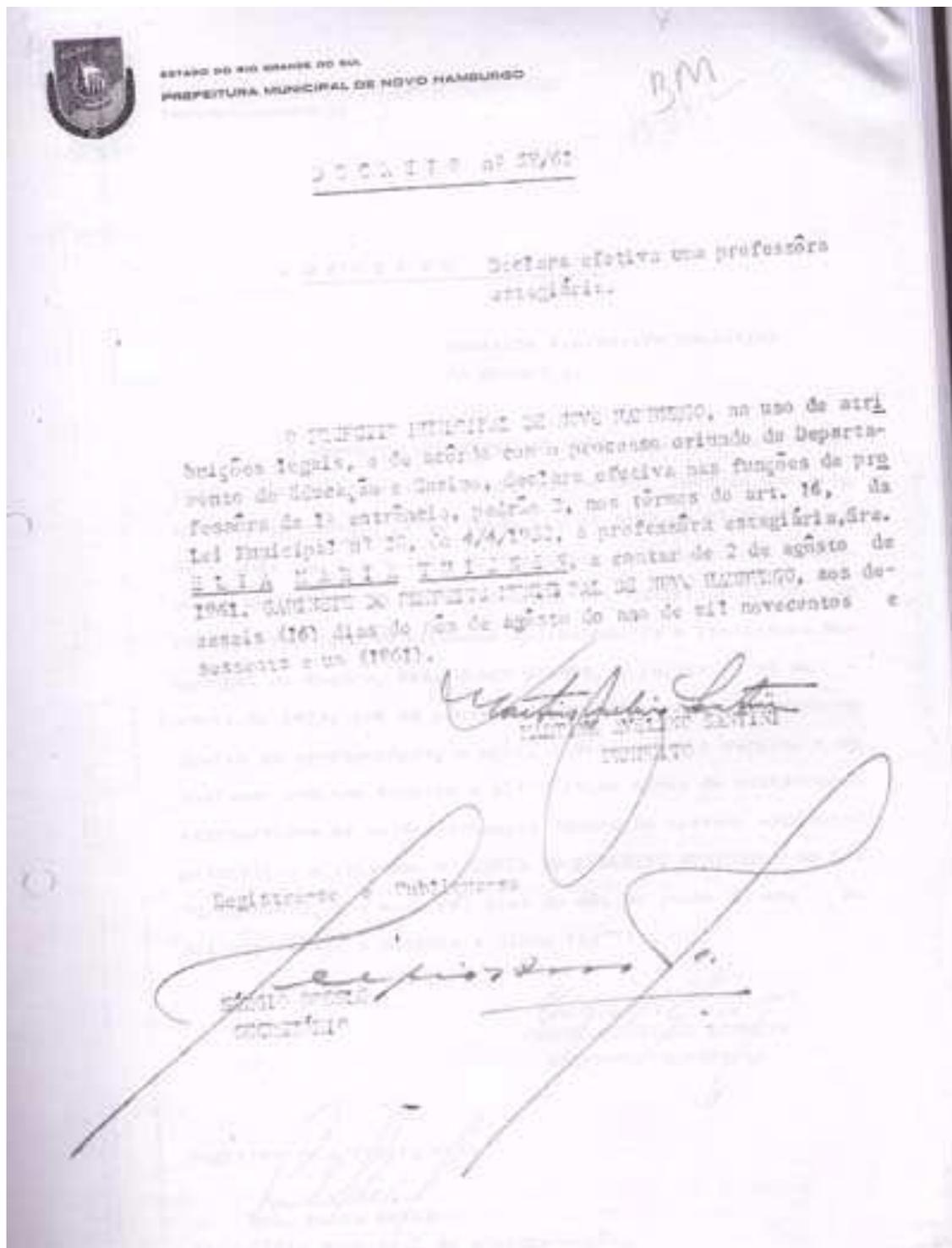
ANEXO BK- Decreto S/Nº Promove uma professora a 2ª entrância, 3/11/1958



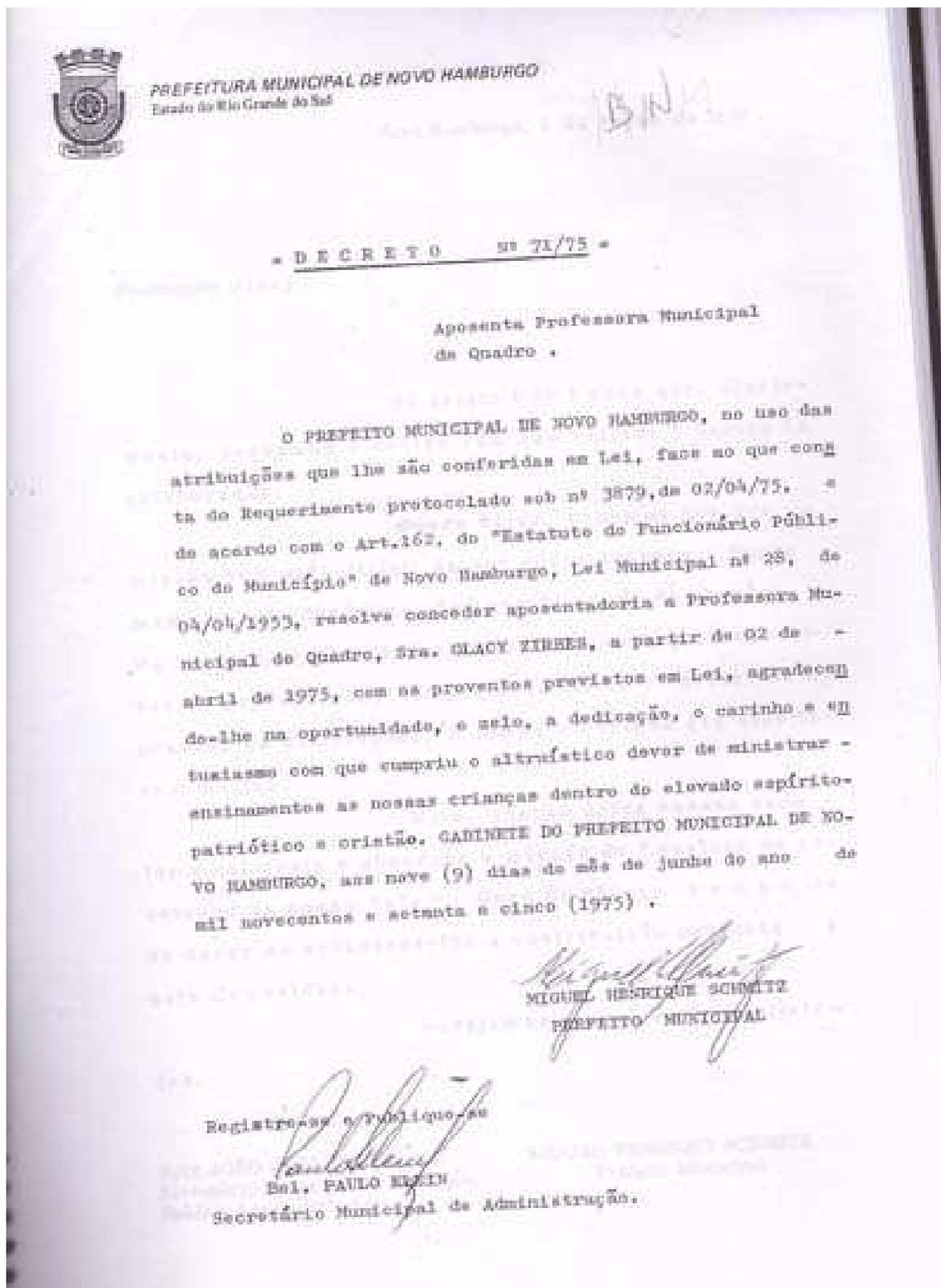
ANEXO BL- Decreto S/Nº Nomeia, em estágio probatório, professora municipal, 9/9/1959



ANEXO BM- Decreto Nº 59/61 – Declara efetiva uma professora estagiária, 16/08/1961



ANEXO BN- Decreto N° 71/75 – aposenta professora municipal de quadro, 9/06/1975





PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO
Estado do Rio Grande do Sul

Novo Hamburgo, 3 de julho de 1975.

Professora Glacy,

Há trinta (30) anos que, diariamente, passamos a contar com sua valiosa e dedicada colaboração.

Desde então, sabemos que sua missão tem sido difícil de ser desempenhada - houve momentos de desânimo, de incerteza, de desiluições. No entanto, quando trabalhamos com crianças, com jovens e professoras, sempre existem as alegrias, as surpresas, as satisfações. E temos a certeza que elas foram muitas.

Hoje, quando deixa nossas escolas municipais e abandona a missão de "ensinar os escolares de nosso País", Novo Hamburgo sente-se no dever de agradecer-lhe a contribuição prestada a esta Comunidade.

Desejamos a você êxito e felicidades.

Prof. JOÃO CARLOS SCHMITZ
Secretário Municipal de Educação,
Saúde e Assistência Social

MIGUEL HENRIQUE SCHMITZ
Prefeito Municipal

ANEXO BO- Decreto Nº 81/83 – aposenta professora municipal de quadro, Élia Maria Thiesen, 26/04/1983

BO



PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO
Estado do Rio Grande do Sul



DECRETO Nº 81/83

Aposenta Professora Municipal de Quadro - ÉLIA MARIA THIESEN.

O PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, no uso de suas atribuições legais, face o que consta no Requerimento protocolado sob nº 004749, de 05/04/83, de acordo com a Lei Municipal nº 28, de 04/04/53, e Emenda Constitucional nº 18, de 30 de junho de 1981, resolve conceder APOSENTADORIA à Professora Municipal de Quadro - ÉLIA MARIA THIESEN, a partir desta data, com os proventos previstos em Lei, agradecendo-lhe, na oportunidade, o zelo, a dedicação, o carinho e o entusiasmo com que cumpriu o árduo dever de ministrar ensinamentos às nossas crianças, dentro do elevado espírito patriótico e cristão. -GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, aos vinte e seis (26) dias do mês de abril do ano de 1983.

Atalício
ATALÍCIO ANTONIO POSCARINI
Prefeito Municipal

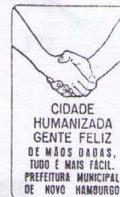
Registre-se e Publique-se.

Ruy
RUY BORGES DA FONSECA
Secretário da Administração



PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO
Estado do Rio Grande do Sul

NEXO HP - Cópia do Termo de Contrato, 1961, Telga Gobrer



Novo Hamburgo, 26 de abril de 1983.

P r o f e s s o r a É L I A

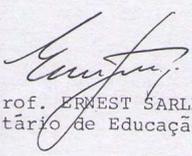
Há mais de um quarto de século que, diariamente, passamos a contar com a sua valiosa e dedicada colaboração.

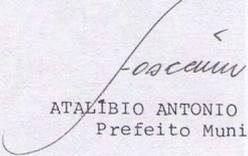
Desde então, sabemos que sua missão tem sido difícil de ser desempenhada - houve momentos de desânimo, de incertezas, de desilusões. No entanto, quando trabalhamos com crianças, com jovens e professores, sempre existem as alegrias, as surpresas e as satisfações.

E temos a certeza que elas foram muitas.

Hoje, quando deixa nossas escolas municipais da Secretaria de Educação e Cultura - SEMEC, quando abandona a nobre missão de "ensinar os escolares do nosso País", Novo Hamburgo sente-se no dever de agradecer-lhe a contribuição prestada a esta Comunidade.

Desejamos a você êxito e muitas felicidades.


Prof. ERNEST SARLET
Secretário de Educação e Cultura


ATALÍBIO ANTONIO FOSCARINI
Prefeito Municipal

A Senhora
Prof. ÉLIA MARIA THIESEN
NOVO HAMBURGO-RS

ANEXO BP- Cópia do Termo de Contrato, 1961, Telga Bohrer


TERMO DE CONTRATO

Térmo de contrato de locação de serviço que entra si fazem a Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo e a (a) TELGA BOHRER como contratada para e fim que nela se declara.

de mil novecentos e sessenta e um (1961), no Gabinete do Prefeito Municipal, nesta cidade de Novo Hamburgo, município do Estado do Rio Grande do Sul, entre a Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, neste ato representada pelo senhor MARTINS AVELINO SANTINI, Prefeito, denominada de ora em diante simplesmente "Contratante", e a (a) TELGA BOHRER denominada de ora em diante simplesmente "Contratada", ficou ajustado o presente termo, mediante as cláusulas e condições seguintes:

PRIMEIRA: O contratado, de acordo com o despacho do Sr. Prefeito Municipal, exarado no 11 de março de 1961, contratado, neste ato, a (a) TELGA BOHRER para exercer a função de professora primária, no magistério municipal, mediante o salário de RS 40,00 por aula e que por aes corresponderá a RS 4.000,00 (quatro mil cruzeiros), quantia fixada em razão da contratada permanecer a disposição da Municipalidade por quatro horas diárias, trabalhando em regime de horário reduzido; **SEGUNDA:** O contratado obriga-se, durante o prazo de contrato, e desempenhar a contento as atribuições relativas à função para cujo exercício foi admitido, bem como a sugerir todas as medidas que visem aperfeiçoar os serviços de seu cargo, bem como aperfeiçoar os métodos de ensino; **TERCEIRA:** O contratado obriga-se a respeitar e cumprir todas as disposições legais e regulamentares pertinentes ao serviço público, bem como acatar e cumprir as ordens baixadas por seus superiores hierárquicos e, de modo especial, as emanadas da contratante; **QUARTA:** A contratante concederá, ainda, ao contratado, licença para tratamento de própria saúde, trinta (30) dias por ano, com salário integral, mediante pedido de interessado e instruído com laudo médico fornecido pelo órgão oficial ou Junta Médica da Prefeitura; **QUINTA:** O presente contrato começará a vigorar na data em que for firmado, por ambas as partes, com vigência até o dia 15 de dezembro de ano em curso, não se responsabilizando a Contratante por registro; **SEXTA:** O contratado perderá, por hora de aula não ministrada a importância de RS 40,00, entendendo-se rescindido este contrato quando o contratado não ministrar aulas nos sábados ou quando não cumprir o horário que lhe for designado; **SÉTIMA:** É vedado ao contratado o exercício de qualquer outra atividade pública, durante a vigência deste contrato, sob pena de rescisão automática dos direitos e obrigações dele decorrentes; **OITAVA:** Dar-se-á a rescisão do presente contrato quando se verificar a violação de quaisquer cláusulas, não cabendo ao contratado reclamação ou indenização alguma; **NONA:** A contratada reconhece, neste ato, que nada lhe é devido seja a que título for, relativamente a contratos anteriores, mantidos com a Contratante, e que os pagamentos sempre foram feitos na base de aula, não obstante isso não tivesse ficado expresso. E, para firmeza e prova de que ficou ajustado e contratado, lavrou-se este termo em três (3) vias de igual teor, as quais, depois de lidas e achadas conforme vão assinadas pelas partes contratantes e pelas duas testemunhas abaixo nomeadas. Eu, Artur de Lencastre, escrivão-padrão 11, as datilografei e subscrevo.

Novo Hamburgo, 3 de abril de 1961.

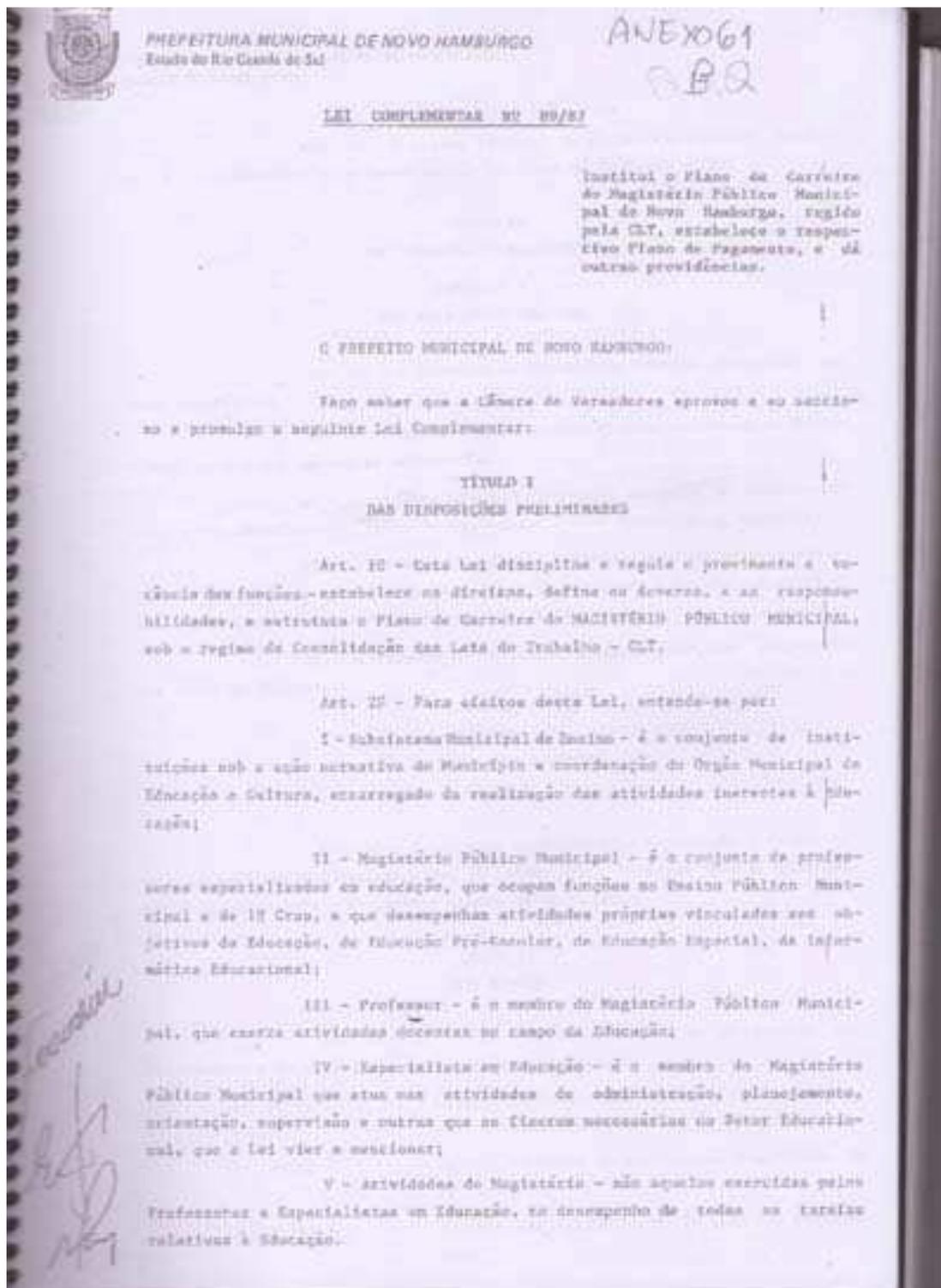
Martins Avelino Santini
Prefeito Municipal

Telga Bohrer
Contratada

Julietta C. da Silva
Testemunha

Paula M. G. Kook
Testemunha

ANEXO BQ- Lei Complementar Nº 89/87- Intitui o Plano de Carreira do Magistério Público Municipal de Novo Hamburgo



Art. 30 - O regime jurídico do Magistério Público Municipal é o estabelecido pela Consolidação das Leis do Trabalho - CLT.

TÍTULO II DA CARREIRA DO MAGISTÉRIO

CAPÍTULO I DOS PRINCÍPIOS BÁSICOS

Art. 40 - A carreira do Magistério Público Municipal tem como princípios:

I - profissionalização, entendida como dedicação ao Magistério, para o que se torna secundárias:

a) - qualidades pessoais, formação adequada e atualização constante, objetivando o êxito da educação e acesso sucessivo na carreira;

b) - remuneração condigna, segundo qualificação e especialização pessoal, possibilitando-lhes situação econômica e pessoal compatível com a dignidade, peculiaridade e importância da profissão.

II - progressão na carreira, mediante promoções alternadas por tempo de serviço.

CAPÍTULO II DA ENTIDADE DA CARREIRA SEÇÃO I

Art. 50 - A Carreira do Magistério compreende a (sua) nível de habilitação, estabelecidas de acordo com a formação pessoal do magistério, constituindo o respectivo quadro de Carreira.

SEÇÃO II DOS NÍVEIS

Art. 60 - Os níveis constituem a tabela de habilitação dos Professores e Especialistas em Educação, com os seguintes:

- | | |
|---------------|--|
| I - Nível 1 | - Letiga (professor sem habilitação específica para o Magistério); |
| II - Nível 2 | - Letiga com curso de habilitação específica de 10 Cíelot; |
| III - Nível 3 | - Habilitação específica de 20 grau com Magistério; |

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO
Estado do Rio Grande do Sul

- 3 -

- IV - Nível 4 - Habilitação Magistério, com Curso de Estudos Adicionais (720 horas) e/ou Curso de Especialização (220 horas);
- V - Nível 5 - Habilitação Licenciatura Curta, ligada à área de Educação;
- VI - Nível 6 - Habilitação Licenciatura Plena, ligada à área de Educação.

Art. 79 - A mudança de Nível é automática, e vigorará a partir do mês seguinte àquela em que o interessado apresentar o comprovante de nova habilitação.

TÍTULO III
DO PROVIMENTO E DA VACÂNCIA
CAPÍTULO I
DO PROVIMENTO
SEÇÃO I
DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 80 - As funções do Quadro de Cargos do Magistério Público Municipal são acessíveis a todos os brasileiros, preenchidos de acordo com os requisitos em Lei.

Art. 81 - A primeira investidura em emprego do Magistério Público Municipal depende da aprovação em Exame de Seleção para o Serviço Público Municipal.

SEÇÃO II
DO RECRUTAMENTO E DA SELEÇÃO

Art. 82 - Concorrerão ao Exame de Seleção para o Serviço Público Municipal os candidatos com Habilitação em Magistério de 1º Grau e/ou de Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia e/ou Habilitação Específica para a área e/ou disciplinas em que irá desempenhar, e/ou Habilitação Específica para atuar como Professor Assistente em Informática Educacional.

§ 10 - A validade do Exame de Seleção para o Serviço Público Municipal será de 2 (dois) anos a partir da data da homologação dos resultados.

§ 11 - Os testes de seleção serão elaborados e aplicados sob a responsabilidade do Órgão Municipal de Educação e Cultura, que poderá

Municipal, sendo que além da qualificação e devidamente habilitado para esta finalidade e reconhecido pelo Conselho Municipal de Educação.

§ 2º - as inscrições no Exame de Seleção para o Serviço Público Municipal deverão ser feitas através do Edital, amplamente divulgado no jornal local.

§ 3º - O resultado do Exame de Seleção para o Serviço Público Municipal deverá ser divulgado através do press. estabelecido no Edital.

Art. 11 - Condições exigidas para inscrição no Exame de Seleção para o Serviço Público Municipal:

- I - idade de 16 a 45 anos;
- II - ser brasileiro;
- III - não ter contrato de trabalho anterior com o Município, reconhecido por justa causa, por este;

IV - certificado de conclusão de Habilitação Específica de Magistério de 70 Crs e/ou de Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, Habilitação Específica para o 6º ano e/ou disciplinas em que irá desempenhar; certificado de conclusão de 20 Crs para o setor de Informática Educacional, e comprovação de 200 (duzentas) horas de experiência em Sistema LOMU Aplicado à Educação;

V - comprovante de residência em Novo Hamburgo de acordo com o Termo de Compromisso de que resultou, se contratado, sob pena de rescisão contratual;

VI - apresentar comprovação de conclusão e/ou estar cursando ou que irá cursar, um dos cursos abaixo relacionados:

- a) Curso de Estudos Avançados para Pós-Graduação;
- b) Curso de Estudos Avançados para Classe Especial;
- c) Curso de Estudos Avançados em Cerebralidade por Atividades, com enfoque em Alfabetização;
- d) Curso de formação em Linguagem LOMU Aplicado à Educação;
- e) Outros Cursos de Atualização relacionados à Educação para os demais níveis.

VII - atestado médico que comprove boas condições de saúde, em especial audição, visão e locomoção;

VIII - título eleitoral, comprovado estar em dia com a Jus-

IX - comprovação de estar quite com as obrigações militares, quando a elas sujeito;

X - apresentação de Carteira de Identidade, Carteira Profissional (MFP5) e CPF;

XI - declaração de compromisso formal de participar de cursos de Especialização e/ou atualização em Educação.

Art. 12 - A contratação do candidato aprovado dependerá da apresentação de boas condições de saúde, comprovada em inspeção médica realizada por Órgão Médico Oficial.

SEÇÃO III DO EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

Art. 13 - Exercício é o desempenho da função pelo Professor ou Especialista em Educação.

§ 10 - O exercício da função terá início dentro de 1 (um) dia a contar da data em que o Professor for contratado e ter apresentado a documentação exigida em Lei e aprovada pela Secretaria de Administração.

§ 11 - Não se apresentando o Professor para entrar em exercício no prazo previsto no § 10 deste artigo, será tornado sem efeito o ato de provimento, salvo se o interessado houver solicitado e obtido prerrogativa do prazo, que não poderá exceder a 3 (três) dias, ou justificadamente se encontrar impossibilitado de observar referido prazo.

§ 12 - Excetua-se, para a apuração do percentual estabelecido no "caput" do artigo 60 da Lei Municipal nº 87/80, de 17/12/80, a contratação, mediante competente aprovação em Exame de Seleção para o Serviço Público Municipal, de servidores para desempenharem atividades docentes junto à Rede Municipal de Ensino, limitado a um professor para cada sala e turno de aula.

SEÇÃO IV DA LOTAÇÃO

Art. 14 - Lotação é o ato mediante o qual o Secretário de Educação e Cultura determina a lotação do Professor ou do Especialista em Educação à Secretaria de Educação e Cultura - SEMEC.



- 4 -

SEÇÃO V
DA DESTINAÇÃO

Art. 13 - Designação é o ato mediante o qual o Órgão Municipal de Educação, por seu titular ou autoridade delegada, determina a inclusão de qualquer em órgão onde o Professor deverá exercer suas funções.

§ 1º - A designação poderá ser alterada a pedido fundamentado, em virtude da necessidade do ensino.

§ 2º - A transferência ao professor em época de férias escolares em qualquer época, por interesse do ensino.

Art. 14 - A designação a pedido deverá ser suprir legal, e o Professor deverá preencher os requisitos de habilitação para a escola pretendida.

SEÇÃO VI
DA CANCELAMENTO

Art. 17 - Cancelamento é o ato através do qual o Executivo Municipal extingue o professor, sem ônus para a Municipalidade, a disposição de vacâncias, instituições e órgãos públicos que exercem atividades no campo educacional.

Art. 18 - A cancelamento será concedido pelo prazo máximo de 1 (um) ano, renovável anualmente, se assim convier, às partes interessadas.

Art. 19 - O Professor em Especialidade em Educação, quando extinto, não sofrerá prejuízo em sua carreira.

Art. 20 - O Professor, quando extinto, perde a designação, continuando a ser lotado no Órgão Municipal de Educação.

Art. 21 - Terminado o período de vacância, o professor será designado para uma unidade escolar no órgão de jurisdição do Órgão Municipal de Educação, não havendo vacância, vaga em virtude do interesse e necessidade do ensino.

SEÇÃO VII
DA SUBSTITUIÇÃO

Art. 22 - Substituição é o ato mediante o qual a autoridade

Handwritten signatures and notes on the left margin.

de competente designa Professor ou Especialista em Educação para exercer, temporariamente, as funções de cargo, em suas faltas ou impedimentos.

Art. 23 - Sempre que a necessidade exigir, o Professor poderá ser designado para cumprir regime suplementar de trabalho, com carga horária de 44 horas semanais, cumpridas em 2 turnos, na unidade escolar em função.

TÍTULO IV DOS DIREITOS

CAPÍTULO I Das Disposições Gerais

Art. 24 - São direitos do pessoal do Magistério Público Municipal:

- I - ser respeitado e orientado no desempenho de suas funções;
- II - receber remuneração adequada de acordo com a legislação em vigor e com o Plano de Carreira vigente no Município de Novo Hamburgo;
- III - receber auxílio e/ou ajuda de custo para participar em cursos, feiras, congressos e jornadas de estudo, desde que autorizado pelo titular da SEMEC;
- IV - receber assistência e apoio didático-pedagógico para seu desempenho profissional;
- V - participar de todos os eventos sócio-culturais promovidos pela escola e SEMEC;
- VI - receber apoio em todo aquilo que vise seu próprio crescimento pessoal, social, cultural e espiritual;
- VII - comparecer ao órgão representativo dos Funcionários Públicos Municipais, à consolidação de seus interesses profissionais e pessoais.

Parágrafo Único - Os demais direitos e vantagens dos professores estão consubstanciados na legislação pertinente.

CAPÍTULO II Do Salário

Art. 25 - Salário é a contraprestação pecuniária ao Pro-

passar em Especialista em Educação pelo exercício da função correspondente ao nível de habilitação e gratificação.

Art. 12 - Os valores percentuais terão como referencial o salário básico e os níveis de habilitações, avançados das gratificações e vantagens previstas, fixadas em lei.

Art. 17 - O salário das Professoras Municipais, com gratificação e vantagens, será de acordo com o que segue:

I - Tratando: 10% (dez por cento) sobre o salário básico por título de Serviço Público Municipal, nos termos da Lei Municipal nº 27/80;

II - Gratificações:

- a) Professor Nível 1 - salário básico com gratificação;
- b) Professor Nível 2 - 32 (cinco por cento) sobre o valor do salário básico;
- c) Professor Nível 3 - 72 (sete por cento) sobre o valor do salário básico;
- d) Professor Nível 4 - 101 (dez por cento) sobre o valor do salário básico;
- e) Professor Nível 5 - 151 (quinze por cento) sobre o valor do salário básico;
- f) Professor Nível 6 - 201 (vinte por cento) sobre o valor do salário básico;
- g) 62 (sessenta e dois por cento) sobre o valor do salário básico pelo exercício da função de Diretor da Unidade Escolar correspondente à vinte e duas horas semanais;
- h) 81 (oitenta e um por cento) sobre o valor do salário básico pelo exercício da função de Diretor da Unidade Escolar, correspondente à trinta e três horas semanais;
- i) 120 (cento e vinte por cento) sobre o valor do salário básico pelo exercício da função de Diretor e/ou Vice-Diretor da Unidade Escolar, correspondente à quarenta horas semanais.

§ 12 - O regime de trabalho será de 12 horas semanais, observadas as exceções previstas em lei.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO
Estado do Rio Grande do Sul

- 9 -

§ 28 - O membro do Magistério para enquadrar-se no disposto nas letras b, c, d, e, f, item II, deste artigo, deverá comprovar ter concluído curso de Especialização específica para o nível.

§ 29 - As gratificações, previstas no item II, letras b, c, d, e, f, deste artigo, não são cumulativas.

Art. 28 - Para a concessão da Gratificação de Funções às Diretores de Escolas Municipais, com carga horária de 40 (quarenta) horas semanais, com percentual de 120% (cento e vinte por cento) sobre o salário básico do Magistério Municipal, são exigidas as seguintes condições:

- I - número mínimo de alunos: 450;
- II - funcionamento de dois turnos;
- III - número mínimo de turmas: 15.

Art. 29 - O salário dos Especialistas em Educação será de acordo com o que segue:

- I - Nível I - Inicial de Curso Superior.
20, 30 e 40 horas semanais;
- II - Nível II - Curso Superior incompleto com carga horária mínima de 400 horas.
20, 30 e 40 horas semanais;
- III - Nível III - Curso Superior incompleto com carga horária mínima de 1.200 horas.
20, 30 e 40 horas semanais;
- IV - Nível IV - Curso Superior incompleto com carga horária mínima de 1.800 horas.
20, 30 e 40 horas semanais;
- V - Nível V - Curso Superior completo - Licenciatura Plena.
20, 30 e 40 horas semanais.

Art. 30 - A remuneração do professor assistente de informática corresponderá aos níveis, gratificação e vantagens dos demais professores, estabelecidos no artigo 27 desta Lei.

Art. 31 - O membro do Magistério não sofrerá desconto no salário quando:

- I - em licença ou férias nos termos da Lei;

- II - exido, na forma estabelecida nesta Lei;
- III - participando em júri ou convocado para prestar qual-
quer outro serviço exigido por lei;
- IV - comparecer apenas durante três horas consecutivas ao
turno, de cada um 2 (dois) meses imediatamente seguintes ao término da licença à gestante, nos termos da Lei;
- V - afastar-se, para realização de estudos ou pesquisas
relacionadas com a educação, mediante autorização.

Art. 32 - O Membro do Magistério Público sofrerá desconto
em seu salário quando:

- I - não comparecer ao serviço, sem motivo legal;
- II - suspensão legalmente;
- III - demais hipóteses da lei.

CAPÍTULO III

DAS FÉRIAS

Art. 33 - As férias do Magistério Público Municipal terão
a duração de 30 (trinta) dias e serão concedidas após 1 (um) ano de exercício
profissional, conforme dispõe a legislação federal - CLT.

Parágrafo Único - Para o atendimento de suas necessidades
diárias e administrativas, poderá o Município elaborar calendário especial
para os períodos de recesso escolar.

CAPÍTULO IV

DA QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Art. 34 - Com vistas à melhoria do ensino, o Município fa-
vorcerá a seus Professores e Especialistas em Educação o acesso a cursos de
formação, aperfeiçoamento e especialização e a outras atividades de atualiza-
ção profissional, observadas as prioridades do Sistema Municipal
de Ensino, dando ênfase à Pré-Escola, Educação Especial, Alfabetização e In-
trodução à Informática pelo Sistema LOGO.

CAPÍTULO V

DA ASSISTÊNCIA AO MEMBRO DO MAGISTÉRIO PÚBLICO

Art. 35 - Os Membros do Magistério Público Municipal poder-

ção congregar-se ao órgão representativo dos Funcionários Públicos Municipais com objetivos específicos referentes à Educação, em defesa de seus interesses, para fins beneficentes, de economia, de cooperativismo e recreação.

TÍTULO V
CAPÍTULO I
DOS DEVERES E DAS RESPONSABILIDADES

Art. 36 - O membro do Magistério tem o dever constante de considerar a relevância social de suas atribuições, mantendo conduta moral e funcional adequada à dignidade profissional, em razão de que, deverá:

- I - planejar, executar, controlar e avaliar a programação pela qual é responsável, a partir do Plano Global da Escola;
- II - conhecer, cumprir e fazer cumprir as normas estabelecidas neste Plano de Carreira;
- III - orientar turmas, dirigir estudos e atividades dos alunos;
- IV - manter atualizados os diários de classe com anotações referentes à frequência dos alunos, conteúdos desenvolvidos, resultados de avaliação e outros;
- V - ser assíduo, pontual e manter conduta exemplar de modo a influenciar positivamente os alunos;
- VI - cooperar em todas as atividades curriculares em que vise a melhoria do processo educativo e a integração Escola - Família - Comunidade;
- VII - colaborar com a biracão e com todos os serviços e instituições da Escola;
- VIII - colaborar na disciplina geral da Escola;
- IX - integrar comissões, cumprindo tarefas decorrentes;
- X - ocupar integralmente o tempo destinado às aulas no desenvolvimento das tarefas inerentes ao processo ensino-aprendizagem;
- XI - respeitar as autoridades superiores, mantendo atitude cordial com a Direção, pais, alunos e funcionários da Escola;
- XII - guardar sigilo sobre os assuntos da Escola;
- XIII - zelar pelo patrimônio da Escola;
- XIV - participar da avaliação global da Escola;
- XV - comparecer a convite e/ou convocação para participar

de Cursos, Seminários, Seminários, Expositivos e atividades extra-classe promovidas por parte do órgão da RORU - Secretaria de Educação e Cultura e/ou Escola.

CAPÍTULO II DAS PROIBIÇÕES, DAS RESPONSABILIDADES E DAS PENALIDADES

Art. 17 - Aplicam-se, ao que couber, ao Magistério Público Municipal, as disposições da Constituição das Leis de Trabalho - C.T.

Art. 18 - Ao Magistério Público Municipal é vedado:

I - manifestar ou incentivar idéias que contrariem a filosofia pedagógica da Escola;

II - aplicar aos alunos penalidades que não sejam de sua competência;

III - levar ao conhecimento dos alunos informações que a Administração reserva para si;

IV - manter curso particular com o objetivo de orientar seus próprios alunos ou obter conhecimentos;

V - entrar com atraso em classe e dela sair antes do tempo devido, sem justificativa;

VI - ocupar-se, durante os horas de trabalho, em atividades ou assuntos estranhos aos serviços, bem como permanecer na Secretaria ou transitar pelas corredores da Escola, salvo em caso de extrema necessidade;

VII - infringir as normas gerais emanadas da autoridade municipal ou dos preceitos da legislação laborista consolidada.

CAPÍTULO III DA AÇÃO DISCIPLINAR

Art. 19 - Cabe ao chefe imediato do membro do Magistério a investigação sumária dos motivos das faltas ou infrações consecutivas ou frequentes deste, comunicando a fato à autoridade administrativa competente, bem como as providências cabíveis, na forma da lei.

TÍTULO VI
DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 40 - Aplica-se, em caso omissivo desta Lei, subsidiariamente, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT ou legislação Federal e estadual pertinente.

Art. 41 - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

CABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, aos dezesseis (16) dias do mês de novembro do ano de 1981.

Atalides Antonio Faccarelli
ATALIDES ANTONIO FACCARINI

Prefeito Municipal

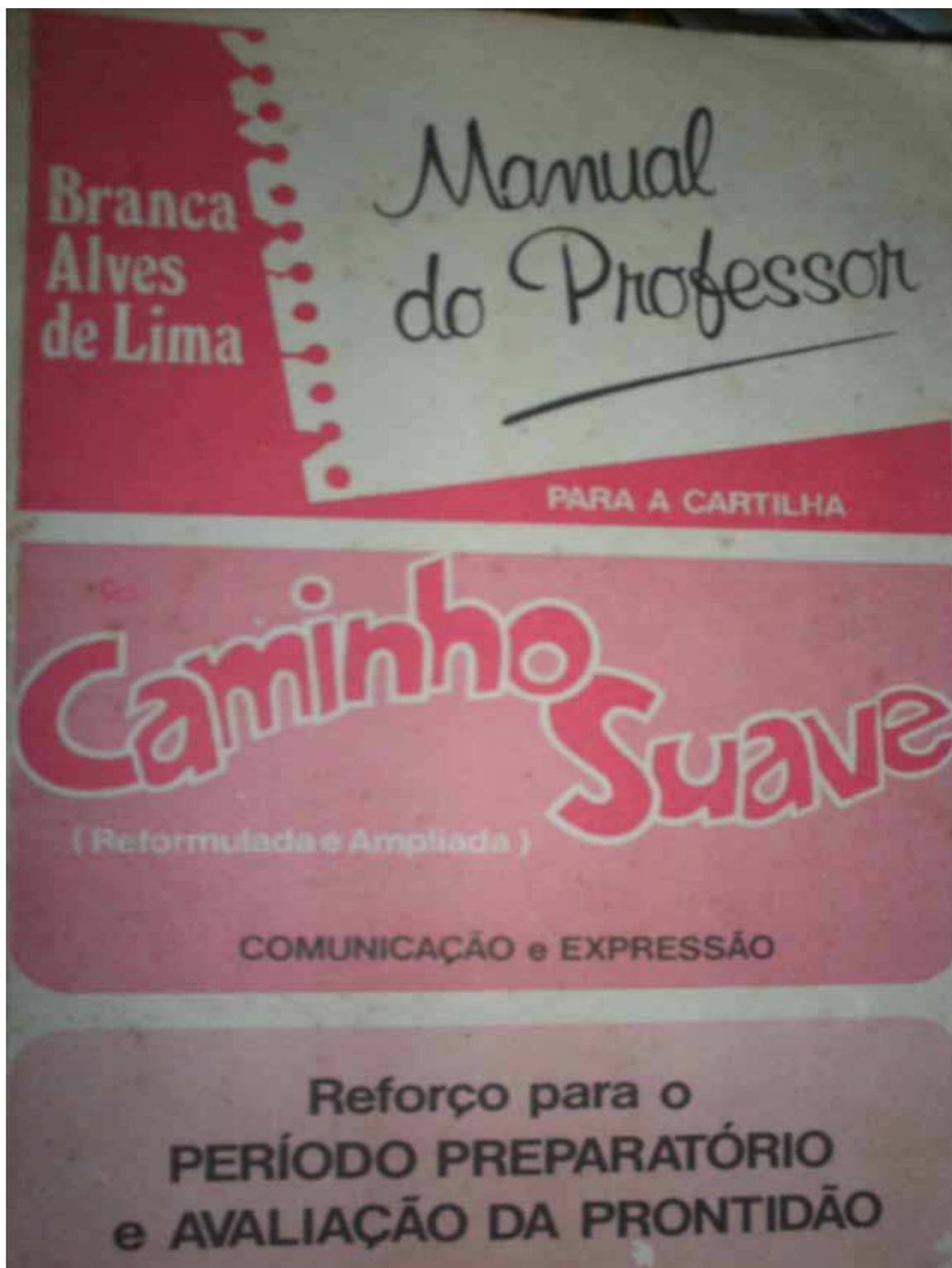
Prof. Edson Sarant
Prof. EDSON SARANT

Secretário de Educação e Cultura

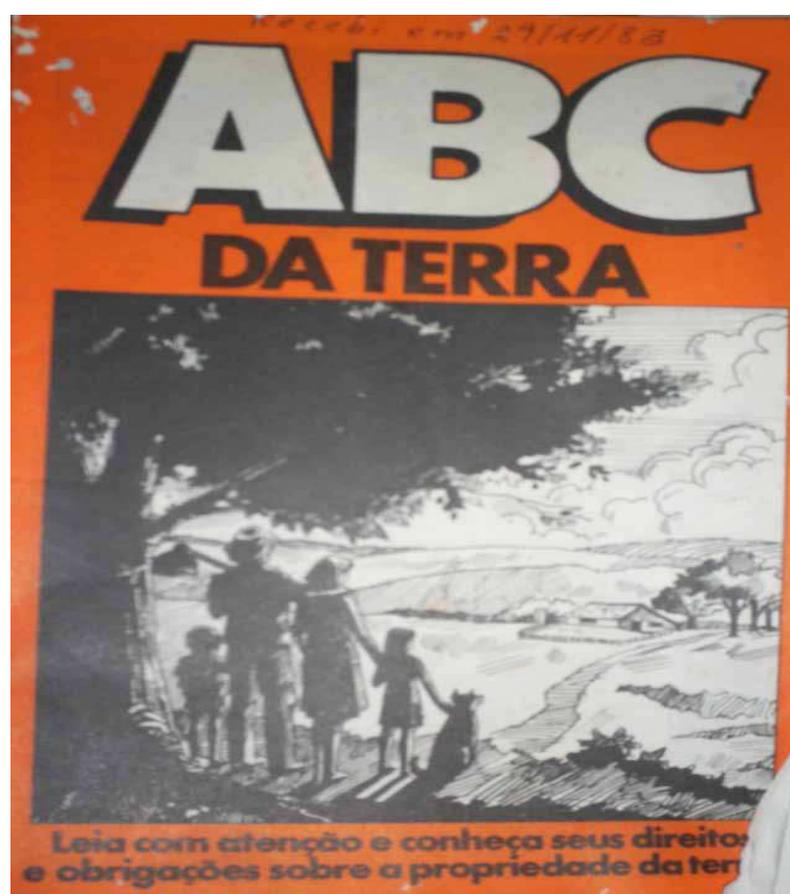
Registre-se e publique-se

Manoel Aurélio Sallati
MANOEL AURÉLIO SALLATI
Secretário de Administração
em exercício

ANEXO BR– Imagem capa – cartilha Caminho Suave



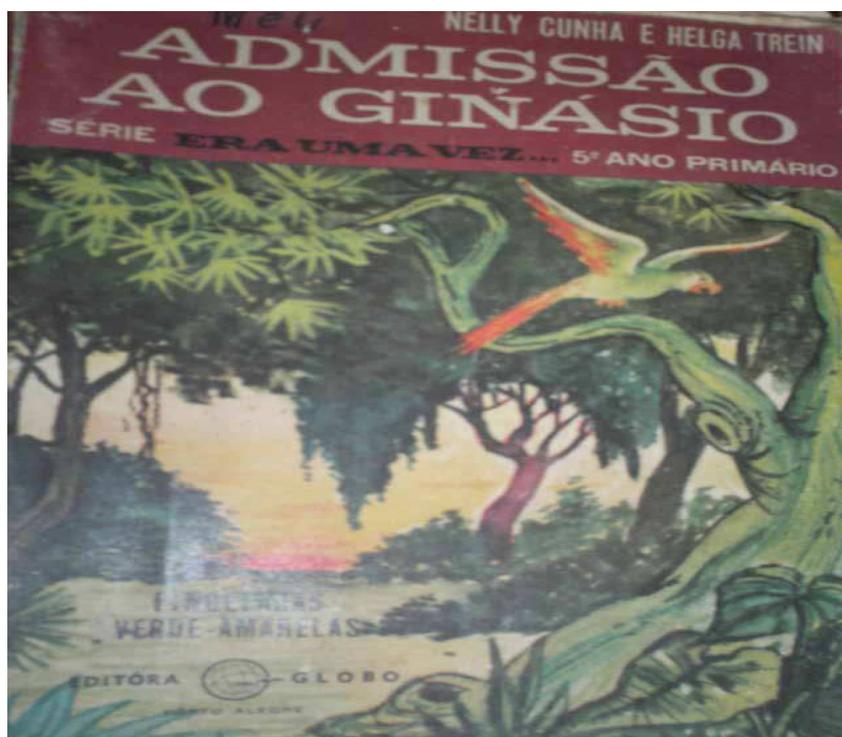
ANEXO BS– Imagem capa – cartilha ABC da Terra e Livro Aritmética



ANEXO BT- Imagem capa – cartilhas Meu Coração e Estrada Iluminada



ANEXO BU- Imagem capa – Admissão ao Ginásio



ANEXO BV- Lista de alunos EMEF Conde D'Eu 1961

Nome	Idade	Letras
3º ano		
Adelaide Rodrigues	22 - 9 - 1949	R6
Bani S. Ferreira	19 - 11 - 1948	R6
Mauro G. Schach	7 - 1 - 1952	A
Ricardo D. Mittelbach	17 - 4 - 1951	R3
Silvia H. Schach	7 - 3 - 1952	A
Melana S. Blaj	6 - 2 - 1952	A
Enedy Hochleche Milly	7 - 1 - 1952	A
5º ano		
Ricardo Rodrigues	15 - 12 - 1950	R7
Lucia S. Kancian	11 - 10 - 1949	R7
Yasi Kancian	23 - 5 - 1951	A
Luclí Sprunger	3 - 1 - 1948	R7
Basilene L. Schach	8 - 5 - 1950	R7
Mauro Yang Kutz	17 - 8 - 1950	R7
Harayuka Ferreira	19 - 9 - 1950	R7
Bica 4º ano		
Alí Kancian	12 - 9 - 1948	R7
Waldomiro Ferreira	15 - 5 - 1950	R7
Yeri H. Schach	4 - 10 - 1949	R7
2º 5º ano		
Loni Braitenbach	12 - 12 - 1949	A
Marli Lindemayer	17 - 7 - 1948	R6

Nome	idade	Sexo
Carla Valente V. Gallas X	27 - 6 - 1952	F
V. Adriano Bannardes X	28 - 2 - 1952	M
V. Rui Roman X	3 - 5 - 1952	M
V. Edgar L. Falcão	5 - 11 - 1953	M
Moisés Klancher	16 - 11 - 1952	M
Bacairio Rodrigues	2 - 3 - 1953	M
Yara V. Gallas	28 - 4 - 1954	F
Paula Klancher	22 - 7 - 1954	F
Pedro L. Bonsel X	21 - 6 - 1951	M
José L. Bonsel	30 - 1 - 1954	M
Fabrizio J. Dias	26 - 10 - 1952	M
<u>Alvaro J. Dias</u>	5 - 2 - 1954	M
V. Dêisi Klancher X	19 - 5 - 1952	F
V. Lolita Rodrigues	27 - 3 - 1951	F
V. <u>Lorena dos Passos</u>	19 - 11 - 1949	F
V. <u>Araceli dos Passos</u>	23 - 12 - 1951	F
V. Telci Spuncher	12 - 4 - 1950	F
Telci Fleck	29 - 10 - 1952	F
Luci Bonsel	29 - 11 - 1952	F
Helena Chittanch	4 - 7 - 1954	F
M. V. <u>Paulo Klancher</u>	23 - 3 - 1954	M
<u>Luiz Klancher</u>		